

QUANDO A RUA ENTRA EM CASA
Night Out e Time Out em Lisboa

Maria Manuel Rocha Benoliel Monteiro

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do
grau de

Doutor em Estudos Urbanos

(ISCTE-IUL e FCSH-UNL)

Realizado sob a orientação científica de

Doutora Graça Índias Cordeiro - Professora Auxiliar com Agregação

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientação

Doutor Paulo Almeida - Professor Auxiliar com Agregação

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

maio de 2018

QUANDO A RUA ENTRA EM CASA

Night Out e Time Out em Lisboa

Maria Manuel Rocha Benoliel Monteiro

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do
grau de

Doutor em Estudos Urbanos

(ISCTE-IUL e FCSH-UNL)

Júri

Presidente: Doutor Luís Antero Reto, Professor Catedrático do ISCTE – Instituto
Universitário de Lisboa

Vogais: Doutor Carlos José Cândido Guerreiro Fortuna, Professor Catedrático da
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Doutor José Luís Lopes Fernandes, Professor Associado na Faculdade de
Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Doutora Ana Patrícia Faria Pereira, Investigadora CICS.NOVA e
Professora Auxiliar Convidada na Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Doutor Daniel Malet Calvo, Investigador CIES-IUL e Professor Auxiliar
Convidado, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Maria João Fino Leote de Carvalho Eduardo, Investigadora
CICS.NOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade
Nova de Lisboa

Doutora Graça Índias Cordeiro, Professora Auxiliar com Agregação,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (Orientadora)

maio de 2018

A toda uma cidade,
livre, justa, solidária e igualitária.

RESUMO

Assim que anoitece, as cidades assistem gradualmente ao esvaziamento dos seus centros urbanos, quer de pessoas, quer de interações sociais e de atividades características do período diurno. Paralelamente à dissipação da dinâmica que caracteriza as cidades durante o dia, algumas zonas centrais, onde subsiste uma grande concentração de atividades económicas, quer ao nível da restauração e bebidas, quer ao nível de estabelecimentos de diversão noturna, e com uma oferta cultural diversificada, observam um aumento crescente de fenómenos normalmente associados a este período do dia. Os ruídos diurnos se dissipam, aumentando a perceção de ruídos normalmente impercetíveis durante o dia, a produção de lixo aumenta com a frequência densificada dos espaços públicos e assiste-se a um intensificar de comportamentos associados ao vandalismo decorrentes do consumo de bebidas alcoólicas e de outras substâncias.

Esta investigação tem como objeto de estudo os usos que são dados aos espaços públicos, durante os períodos noturnos e as controvérsias que se vão gerando entre quem dorme e quem se diverte, em zonas de diversão noturna, tendo como recorte territorial de observação o Bairro Alto e o Cais do Sodré. Como é que a cidade que dorme, lida com a vida noturna e como é que a cidade que se diverte, experiênci as suas vivências, durante a sua estada nos territórios da *noturnidade*.

Entre estas duas dimensões emerge uma cidade predatória que se funde na noite. A abordagem metodológica incide em compreender, através de três ângulos perspetivais, a cidade que dorme, a cidade que se diverte e a cidade predatória, e como é que cada uma destas dimensões age, reage e contrarreege na e contra a vida noturna da noite. Os territórios estudados surgem como lentes analisadoras da vida noturna em geral, enquanto fenómenos urbanos passíveis de análise da urbanidade e da inurbanidade.

PALAVRAS-CHAVE: jovens e vida noturna, áreas residenciais e espaço público, insegurança urbana e qualidade de vida.

ABSTRACT

As the night falls, cities gradually become empty of people, social interactions, and daytime activities in their urban centers. Whilst there is notable dissipation in the dynamics that characterize daytime city life, certain urban centers that concentrate economic activities such as restaurants, bars, clubs, discos, and with a diversified cultural offer, observe increasing occurrences of nightlife phenomena. The awareness of noises, imperceptible during the day, increases, as so garbage production. The human densification of these public spaces also intensifies and multiply behaviors associated with vandalism due to alcohol consumption and other substances. In this context, the object of this research focuses in the uses that are given to public spaces during night-time city life and the controversies generated between those who sleep in the city and those who come to enjoy, prowl, or lurk amongst these nocturnal spaces. Bairro Alto and Cais do Sodré are the territorial observational lenses of Lisbon's nightlife district, as urban phenomena that can be analyzed in urbanity and inurbanity.

How does the sleeping city deal with the nightlife and how do the revelers experience their stay in the night-time city realm? Between these two dimensions emerge a predatory city. In a methodological approach, one intends to depict it from three different perspectives and angles: the sleeping city, the city having fun and the predatory city, and how each of these dimensions acts, reacts and overreacts with and against the nocturnal nightlife.

KEYWORDS: youth and nightlife, residential places and public spaces, urban insecurity and quality of life.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar à minha orientadora, Doutora Graça Cordeiro, pela sabedoria, respeito, empenho, dedicação, colaboração, incentivo, estímulo constante e paciência. O facto de ter verificado que ela lê aquilo que eu escrevo e me faz reparos constantes no sentido de me fazer crescer e ser melhor. Obrigada por me ter acompanhado e não me ter deixado sozinha nesta digressão.

Quero agradecer igualmente ao meu coorientador, Doutor Paulo Almeida, pelo apoio na verificação e edição da tese, pela simpatia e disponibilidade, pela ajuda na disponibilização de dados.

Quero agradecer a todas as pessoas que colaboraram na minha investigação, através de entrevistas e questionários: ao Nuno Dias, à Isabel Saldanha, à Inês do Check!n Cais, ao Gonçalo Riscado, ao Comissário Alcides Rodrigues, à Dona Dorinda, à Dona Teresa, ao Hugo, à Andreia, ao André do Erasmus Life, aos moradores do Bairro Alto e Cais do Sodré que, não só responderam ao questionário, mas também deram o seu testemunho sobre como é viver em zonas de diversão nocturna.

Quero agradecer à PSP por me ter fornecido os dados criminais e à CML por me proporcionar o acesso aos dados do Na Minha Rua LX.

Quero agradecer aos meus colegas do curso de doutoramento em Estudos Urbanos pelas magníficas horas que passamos juntos, pelo incentivo e motivação: ao Zé Felisberto pela excelente ajuda na verificação dos erros e correção das gralhas, à Mariana, à Catarina, à Manuela De Vicenze, ao Redy e ao João Aires. Obrigada a todos!

Quero ainda agradecer ao júri que presidiu na minha prova de doutoramento: Professor Doutor Carlos Fortuna, Professor Doutor Luís Fernandes, Professora Doutora Patrícia Pereira, Professora Doutora Maria João Leote Carvalho e Professor Doutor Daniel Malet, pelos contributos valiosos que me foram dados e que procurei aproveitar o máximo que consegui.

Quero ainda agradecer à minha mãe e ao meu amigo Dr. Pina Pessoa Fernandes, que fizeram questão de assistir à minha prova, e, também, a quem ficou omitido nestes agradecimentos, mas não por esquecimento.

Por último, quero agradecer ao Paulo Benoliel por todo o apoio, carinho, amor, dedicação e tudo aquilo que me fez sentir durante os momentos em que a minha e nossa vida girava em torno da tese.

E às minhas filhas! Maria e Mariana, que são o meu projeto maior, por terem aturado as minhas ausências e omnipresenças. Obrigada por serem quem são! Espero ter sido um bom exemplo!

ÍNDICE

RESUMO	vii
ABSTRACT.....	ix
AGRADECIMENTOS	xi
ÍNDICE	xiii
LISTA DE ABREVIATURAS	xvii
GLOSSÁRIO.....	xix
INTRODUÇÃO.....	1
O despertar de uma curiosidade	1
Revelação de um objeto	4
Preferências metodológicas.....	9
Esboços dos capítulos.....	12
PARTE UM – MULTIPLICIDADES	19
Conceituais, territoriais e metodológicas	19
CAPÍTULO I. A NOITE NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO	21
1.1. Urbanização e <i>ludificação</i>	21
1.2. Lazer noturno	27
1.3. <i>Gentrificação</i> da noite	30
1.4. A experiência anglo-saxónica	33
1.5. <i>Noturnidade</i> contemporânea	39
CAPÍTULO II. LUGARES DE CONSUMO, CONSUMO DE LUGARES ..	43
2.1. Uma Lisboa eclética	43
2.2. Freguesia da Misericórdia	46
2.3. Bairro Alto: centro de criatividade e de cultura.....	50
2.4. O Cais do Sodré já não é só um lugar de passagem	54
CAPÍTULO III. REGULANDO E MEDIANDO A VIDA NOTURNA.....	61
3.1. <i>Pro et contra</i> a noite no Bairro Alto	61
3.2. <i>Pro et contra</i> a noite no Cais do Sodré	65
3.3. Da liberalização à <i>zonage</i>	67
3.4. Os protagonistas da mediação	71
CAPÍTULO IV. ÁXIS DE UMA METODOLOGIA HÍBRIDA	77
4.1. Atores sociais: o papel do investigador e dos <i>outros</i>	77
4.2. Espaços: <i>a rua é boa para pensar</i>	81
4.3. Temporalidades: errâncias e escritas das ruas da noite	86
4.4. Atividades: itinerário metodológico.....	98
PARTE DOIS - POLIRRITMICIDADE	101
CAPÍTULO V. CIDADE QUE DORME.....	103
5.1. Conflitualidades noturnas.....	103
5.2. Socio-demografia dos espaços residenciais noturnos.....	112
5.3. Os impactos da noite.....	114
5.3.1. Bem-estar	119
5.3.2. Incivilidades e inurbanidades	124
5.3.3. Insegurança e medo	129
5.3.4. Problemas sociais.....	134
5.3.5. A noturnidade nos discursos.....	135
5.4. Desconfiando da regulação.....	136

CAPÍTULO VI. CIDADE QUE SE DIVERTE.....	141
6.1. Os <i>donos</i> da noite.....	141
6.2. Os jovens e as centralidades	144
6.3. Entre a <i>Coutada</i> e o <i>Rio Cinza</i>	149
6.4. <i>Les Enfants Terribles</i> e a vida <i>loka</i>	155
6.5. Construção <i>predatória</i> da cidade	161
CAPÍTULO VII. CIDADE PREDATÓRIA	169
7.1. <i>Hot spots</i> da desordem.....	169
7.2. A noite e o crime.....	172
7.4. Os lugares do crime	178
7.5. Vítimas e suspeitos da noite	183
7.5.1. Special victims	187
NOTAS FINAIS	191
EPÍLOGO. CARPE NOCTEM.....	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	201
Bibliografia	201
Fontes de consulta	211
Aplicações tecnológicas	215
LISTA DE ILUSTRAÇÕES, GRÁFICOS E QUADROS	217
ANEXO I. Ilustração “La strada entra nella casa”	219
ANEXO II. Ilustração “O músico enraivecido”	220
ANEXO III. Questionário aplicado aos moradores do Bairro Alto e Cais do Sodré	221
ANEXO IV. Observações diretas em contexto natural	226

LISTA DE ABREVIATURAS

- ACBA – Associação de Comerciantes do Bairro Alto
ACS – Associação de Comerciantes do Cais do Sodré
ADL – Associação de Discotecas de Lisboa
AESP – Associação de Empresas de Segurança Privada
AHRESP – Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal
AMBA – Associação de Moradores do Bairro Alto
AML – Assembleia Municipal de Lisboa
APAV – Associação de Apoio à Vítima
APDES – Agência Piaget para o Desenvolvimento
ASAE – Autoridade de Segurança Alimentar e Económica
CMCS – Comissão de Moradores do Cais do Sodré
CPBP – Comissão para a Promoção de Boas Práticas
CPET – Comissão Permanente de Economia e Turismo
IGP – Instituto Geográfico Português
INE – Instituto Nacional de Estatística
PML – Polícia Municipal de Lisboa
PUNHBAB – Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica
PSP – Polícia de Segurança Pública
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OMS – Organização Mundial de Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas

GLOSSÁRIO

Carpe Noctem – Da mesma forma que *Carpe Diem* significa aproveitar o dia, *Carpem Noctem*, expressão batizada pela sociedade ocidental, assume o significado de aproveitar a noite, que é utilizada no sentido de aproveitar a vida e as suas oportunidades, ao máximo. Esta expressão foi adotada por pessoas que possuem hábitos noturnos e que também se acham no direito de *aproveitar a vida* todos os dias, mas não durante o dia, frequentando lugares como restaurantes, bares e discotecas. Nesta acepção, *Carpe Noctem* é associada à questão da vivência urbana, e do esplendor que esta vivência acarreta, sendo que deve ser vivida em todas as polirritmias da vida urbana.

Inurbanidade – Caracterização daquilo que não é urbano; descortesia, falta de urbanidade e de educação.

Multiplicidades – Caracteriza a complexidade, na amostragem das várias faces que a cidade adota, desde a sua concetualização, à sua territorialidade e ao modo como esta é apreendida pelo sujeito. A *multiplicidade* demonstra a diversidade da cidade em todas as suas perspectivas. Desde a sua caracterização enquanto cidade, à sua morfologia noturna, à sua característica *sócio-histórico-económico-espacial*, até à sua compreensão por parte do sujeito.

Night Out – Significa saídas à noite ou pela noite fora, noitada, noite longa. Normalmente associado ao entretenimento noturno.

Noturnidade – Caracterização de quem vive a noite; atividades desenvolvidas em período noturno.

Polirritmicidade – Uso simultâneo de duas ou mais estruturas rítmicas diferentes, que não são prontamente percebidas como derivando uma da outra, constituindo um conflito rítmico entre as várias partes. A polirritmia requer pelo menos dois ritmos para serem utilizados simultaneamente, um dos quais é tipicamente um ritmo irracional. Neste contexto é utilizado para demonstrar os vários ritmos da cidade, sendo que estes, muitas vezes, entram em conflito entre si.

Time Out – Associado à pausa, ao intervalo, ao sossego, ao repouso. Tempo para recarregar as baterias. *Time Out* está também associado a momentos de lazer.

Urbanidade – Qualidade do que é urbano; cumprimento das regras de boa educação no relacionamento entre os cidadãos.

INTRODUÇÃO

O despertar de uma curiosidade

Este estudo teve como ponto de partida uma conversa que tive com um comerciante da zona do Chiado, em Lisboa, na qual este, em jeito de desabafo/reclamação, me contou sobre um fenómeno que se tem verificado constantemente aos fins-de-semana de madrugada nesta zona da cidade: assim que os bares do Bairro Alto fecham, os seus clientes começam uma romaria ruidosa, colina abaixo, até ao Cais do Sodré e quando atravessam a zona do Chiado, para além do ruído que provocam, deixam atrás de si um rasto de detritos, desde garrafas, a copos de plástico e a beatas de cigarro. De manhã, quando os comerciantes abrem as lojas, deparam-se com um cenário que lhes desagrada. A partilha desta inquietude despertou em mim a curiosidade em estudar o fenómeno da vida noturna e os efeitos que as dinâmicas que lhe estão subjacentes têm, não só sobre os territórios, como também, na vivência das pessoas que neles dormem e trabalham. Ainda perante esta problemática, que foi denunciada por um utente assíduo deste espaço, surgia, em concomitância, a polémica dos efeitos que os estabelecimentos comerciais de diversão noturna têm nesta zona da cidade de Lisboa.

Paralelamente, no desenvolvimento da minha atividade profissional, estive em contacto com algumas realidades relacionadas com a vida noturna noutras cidades europeias. Neste contexto, e na sequência de uma visita à cidade de Milão, em outubro de 2014, para apresentação de um projeto que estava a desenvolver no âmbito da segurança urbana, entre conferências e outras atividades, tive a oportunidade de conhecer a vida noturna Milanese. Esta experiência fantástica despertou em mim a consciência dos problemas que aquela cidade também enfrenta em locais de diversão noturna. Problemas que se replicam em qualquer contexto noturno urbano: o lixo que se acumula em resultado dos consumos de álcool – garrafas, copos, beatas -, a densidade de pessoas que ocupam o espaço urbano público, os comportamentos de risco associados ao consumo excessivo de álcool, a satisfação das necessidades fisiológicas e os vomitados, assim como a deterioração voluntária e ou involuntária dos bens móveis dos moradores ou do mobiliário urbano, das zonas invadidas e ainda as provocações e

ou os desrespeitos aos moradores que se queixam ou mesmo não o fazendo são importunados.

De acordo com informação recolhida durante esta visita, soube-se que a autarquia de Milão iniciou em 2012, um processo de implementação de várias iniciativas para lidar com a vida noturna, respeitando quer os direitos daqueles que se querem divertir, quer os dos moradores, quer ainda e finalmente os dos operadores económicos. Estas iniciativas foram desenvolvidas nas áreas dedicadas à *movida* noturna, para evitar concentrações excessivas de pessoas no espaço público, combater a toxicodependência e promover uma cultura de legalidade. Para evitar o excesso de concentração que já se começava a verificar nas zonas de *Navigli* e de *Colonne de San Lorenzo*, locais esses privilegiados de diversão noturna em Milão e no sentido de aliviar a pressão que se começava a manifestar, a autarquia criou áreas orientadas para o entretenimento nocturno, nomeadamente em *La Darsena*, *Piazza Gae Aulenti* e na área de *Corso Como - Piazza XXV Aprile*. Em relação à política de repressão, a autarquia decretou um novo regulamento que proíbe consumo de bebidas alcoólicas na via pública, regulando assim a venda de álcool.

Paralelamente foram colocados dispositivos com material preventivo, dirigido aos frequentadores dos espaços de diversão noturna, em estreita colaboração com *Organizações Não Governamentais*, no sentido de os sensibilizar para os problemas decorrentes do consumo de álcool. Através desta colaboração, foi criada uma campanha de comunicação sobre as consequências do abuso de álcool e drogas, com a distribuição de testes de alcoolémia e realização de palestras. O Departamento de Higiene Urbana do município de Milão também esteve envolvido no projeto para promover a eliminação adequada dos resíduos.

Esta experiência de Milão teve impacto na minha forma de olhar para a vida noturna. Mas este impacto só começou a surtir efeitos mais palpáveis quando, em junho de 2015, estive em Paris, igualmente no âmbito de um projeto profissional, e visitei o Canal de *Saint-Martin*. Esta zona parisiense, que há pouco mais de 10 anos não era muito frequentada, foi revitalizada para se transformar num lugar destinado para as pessoas passearem e gozarem os seus momentos de lazer. Consequentemente, acabou por se transformar num dos bairros mais populares de Paris, pois passou a ser um lugar privilegiado para encontros de jovens e um espaço de festividade por excelência, especialmente durante a noite. Esta conjuntura acarretou, concomitantemente, os

mesmos problemas que os espaços de diversão noturna trazem: excesso de ruído, numa zona residencial, insalubridade, provocada pelo lixo deixado pelos frequentadores do espaço e finalmente comportamentos associados ao consumo de bebidas alcoólicas os quais podem pôr em risco a vida dos seus *habitués*, nomeadamente a queda destes para dentro do Canal. O 10.º *ARRONDISSEMENT* de Paris, que integra o *Quartier de La Porte de Saint-Martin*, estava a desenvolver um projeto de sensibilização, direcionado aos utentes daquele espaço, em especial em horário noturno, no sentido de os alertar para os comportamentos de risco associados ao consumo de álcool, assim como para a questão da insalubridade provocada pelos consumos associados. Para o efeito, foram envolvidos voluntários que distribuía sacos de papel, para que os frequentadores colocassem os recipientes vazios após a sua utilização. Por outro lado, eram feitas ações de sensibilização para o perigo de caírem para dentro do Canal e correrem risco de afogamento.

Esta experiência despertou, ainda mais, a minha curiosidade sobre a vida noturna nos centros urbanos e o impacto que este fenómeno tem nas cidades. Em simultâneo, e como à data desta descoberta trabalhava na Polícia Municipal de Lisboa, ia tendo conhecimento dos procedimentos que eram desenvolvidos por esta entidade sobre as denúncias que chegavam, relativamente aos horários de funcionamento dos estabelecimentos de diversão noturna, na zona do Bairro Alto e do Cais do Sodré. A partir desse momento passei a fazer pesquisas sobre este fenómeno.

Através da leitura de *blogs* e páginas das associações de moradores do Bairro Alto e do Cais do Sodré, pude constatar ainda que este fenómeno estaria a captar bastante a atenção da opinião pública, assim como das autoridades políticas e dos meios de comunicação social, por se tratar de uma questão que afeta o bem-estar, a qualidade de vida e o sentimento de segurança das pessoas que vivem em zonas de diversão noturna. Li e reli muitos *blogs*, páginas de Facebook, e artigos de jornal que incidiam sobre esta problemática da vida noturna e os seus impactos em zonas residenciais. A noite em Lisboa estava na Ordem dia nos discursos dos *Media*, nas produções académicas e nas preocupações dos moradores da cidade.

A página de Facebook da *Associação Aqui Mora Gente* foi uma das protagonistas nesta curiosidade despertada, através dos *posts* que ia colocando sobre a indignação que os efeitos da vida noturna provocam na qualidade dos moradores, e onde são denunciados os comportamentos adotados pelos frequentadores da vida noturna, que

resultam em toneladas de copos de plástico e garrafas deitados para o chão das ruas, vômitos e urina no chão e nas paredes, música que ecoa a noite toda, bandas a atuarem durante a madrugada, gritos e algazaras durante quase todas as noites, agressões, ofensas corporais, atentados ao pudor e até homicídios. Estava definido o tema da minha investigação e identificado o seu objeto nuclear. Como é que a cidade de Lisboa lida com a vida noturna?

Revelação de um objeto

Teoricamente este estudo está orientado para uma compreensão da cidade através de uma reflexão sobre a vida noturna nos seus territórios *chromossómicos*. A metodologia, por sua vez, remete para uma análise dos contrastes polirrítmicos que a vida noturna impõe, através da prática etnográfica e de uma abordagem situacional. Neste exercício teórico e empírico, a cidade surge como um espaço onde a ação, interação e coação na *noturnidade* e reação contra essa mesma *noturnidade* se desenrolam e ganham sentido na vida quotidiana dos seus habitantes. O espaço, a uma microescala, surge como um elemento chave e determinante para esclarecer o que é vivido pelos personagens, uns que nele habitam, outros que nele deambulam, usam e abusam. O espaço é o contexto de referência e de registo de identidades, que incorpora a representação espacial e a representação moral dos seus utilizadores (Agier, 2011). A *noturnidade* é a envolvente e *contexto estrutural dentro do qual as interações estão localizadas* (Agier, 2011:74). O contexto materializa as dinâmicas urbanas e as encruzilhadas das várias dimensões das cidades que, por sua vez, envolvem as situações de interação dos sujeitos, enquanto protagonistas do espaço urbano, na sua relação com os contextos em que estão inseridos, interações estas que se cruzam e entrecruzam, de forma conexas ou desconexas.

A *noturnidade* e as dinâmicas que esta encerra foram emergindo ao longo deste percurso e ganhando forma. Porque a vida noturna tem várias implicações nos territórios onde esta se desenvolve. A importância de estudar este fenómeno foi premente e a noção do conceito espaço-tempo noite foi-se materializando nas minhas pesquisas. Esta noção remete para uma questão fulcral quando se analisa os espaços

urbanos públicos, uma vez que, associados à ideia de movimento, de circulação e de acesso, aqueles deverão ser sempre aquilatados na ótica das pessoas que os usam. A noite emerge como um espaço-tempo interessante de ser explorado.

Na sua descrição fenomenológica ou antropológica, o período noturno está associado à descida da escuridão, à chegada do sono, do tempo de repouso, dos sonhos e à suspensão do trabalho, sendo um período do dia considerado como o tempo do medo, do crime, do desejo e um local de transgressão (Lovatt e O'Connor, 1995). A noite está relacionada com a ausência da luz do sol e à obscuridade, à sombra, penumbra, trevas, em oposição ao dia que pressupõe, claridade, luz.

Na perspectiva *historiográfica genealógica*, o conceito noite está patente na evolução das diversas representações que a noite teve no imaginário cristão ocidental, iniciando um percurso desde a época medieval, época durante a qual, esta tinha ainda uma conotação de *encantamento*; passando depois pela transformação dessa representação, que ocorreu com o advento da ciência moderna, época a partir da qual se iniciou um processo de *desencantamento da noite*; e culminando com a efetivação desse *desencantamento* com o advento da sociedade industrial capitalista (Soares, 1999). Assim, na Idade Média, e no imaginário cristão ocidental, a noite tinha uma conotação negativa, num contexto de *pecaminização da vida*, na medida em que era vista como um lugar do pecado, da desordem, do perigo, da insegurança, do prazer carnal e da imoralidade, e toda esta conotação, que girava em torno da noite, lhe conferia uma certa imagem de *encantamento* (Soares, 1999:47). Em contrapartida o dia significava a ordem, a segurança, o trabalho e a moralidade, sendo o período em que as pessoas se dedicavam às orações e à privação dos prazeres libidinosos.

Com o advento da ciência moderna, iniciou-se um processo gradual de *desencantamento* e do transgressor que a noite representava até então, quando se começou a conceber a natureza como sendo exterior ao homem, passível de ser quantificada e por isso materializada matematicamente. Foi neste contexto que se deu uma rotura ou corte epistemológico com a tradição qualitativa e organicista do conhecimento, passando-se para uma atitude mais quantitativa e mecanicista (Soares, 1999:51).

Esta atitude mais romantizada sobre a noite foi totalmente desmitificada com o desenvolvimento da sociedade industrial capitalista, a partir do momento em que a ideia dicotomizada de *trabalho/ócio*, contribuiu fortemente para um processo de total

desencantamento da noite, uma vez que esta passou a ser um momento de lazer e de descanso, após a jornada diária de trabalho. Deste modo, se iniciou todo um processo de *normatização e disciplina do lazer* (Soares, 1999:52) com a instituição de políticas de segurança pública que visavam o controlo do espaço social urbano e das atividades noturnas, com a implementação de medidas higienistas a par de medidas urbanísticas, de forma a melhorar os usos do espaço público, quando não, disciplinar os seus acessos.

Paralelamente, a invenção da eletricidade, que coincidiu com este período da industrialização, despoletou o surgimento de um novo paradigma nos usos dos espaços de trabalho, uma vez que a iluminação artificial passou a permitir que as fábricas pudessem continuar a funcionar, mesmo após o cair da noite (Almeida *et al.*, 2011). A descoberta da iluminação pública foi fundamental para a adoção de novas atitudes, em relação às vivências da noite urbana (Liemp, *et al.*, 2014).

No início do século XX, a noite passou a ser vista como um grande negócio e transformou-se num processo lucrativo com a intensificação da exploração das atividades noturnas. Deste modo, se deu início a um novo processo transformacional da noite, através da *glamourização e estetização* desta, o que contribuiu para reacender o seu *encantamento*, outrora perdido no imaginário coletivo, reconfigurado num *novo encantamento*, mas sem a magia que envolvia as antigas representações religiosas (Soares, 1999:53,54). Neste contexto, o tempo livre ganhou uma nova perspetiva no contexto das práticas sociais, emergindo como *um importante período de valorização pessoal* (Almeida *et al.*, 2011:46).

Assim, a noite é considerada como *um espaço no sentido territorial e espacial* (Almeida *et al.*, 2011:48) onde se desenrolam as práticas e atividades dos indivíduos e o analisar a dimensão temporal evidencia-se como um elemento revelador daquilo que pode ou não acontecer nos espaços públicos, na medida em que os acontecimentos que neles sucedem podem variar, em função do espaço temporal em que decorrem.

Quando a noite cai, uma variedade de práticas e emoções ganham força dentro de um espaço-tempo específico, as quais geram uma atmosfera especial, associada a atividades, experiências e possibilidades específicas, *sejam as que envolvam atos criminosos, um encontro para amantes, comportamentos não convencionais* (Liemp *et al.*, 2014:2). Apesar disso, e sabendo da importância de estudar todas as variantes da vida citadina, a literatura académica tem negligenciado o tempo noturno, sofrendo deste modo de *cegueira ou amnésia noturna* (Liemp *et al.*, 2014:1; Gwiazdzinski, 2005:20).

Alves (2011), ao refletir sobre o como as variações nos contextos de uso de tempo e de espaço e nas práticas sociais permitem uma melhor compreensão das dinâmicas de desenvolvimento dos territórios à noite, defende que *a noite não é um espaço-tempo igual ao dia* (Alves, 2009; 2011:4). No entanto, e apesar disso, a noite passou a integrar também atividades que outrora eram exclusivas do dia, tendo deixado de ser um espaço limitado a ser utilizado por grupos marginais e delinquentes. Esta autora foi mais longe ao tentar definir e delimitar o espaço-tempo noite, evidenciado as várias perspetivas sobre este conceito, desde a ótica astronómica que define noite como o intervalo de tempo que decorre entre o pôr-do-sol de um dia, e o nascer do sol do dia seguinte, ao ponto de vista económico e social que define a noite *em função da diminuição da intensidade das atividades económicas e das relações da vida social no espaço público e pelo crescimento das funções que se orientam para as esferas da vida privada* (Alves, 2009; 2011:4).

Estudar o espaço-tempo noite, implica distingui-lo do espaço-tempo dia, porquanto aquele detém características específicas e diferenciadoras que impactam de forma diferente nos territórios e nas pessoas. Em primeiro lugar, tem um impacto negativo de segregação socioespacial, isto é, territórios que durante o dia são bastante frequentados, durante a noite passam a ser evitados. A própria ausência de luz natural, o ruído que durante o dia é quase impercetível e a iluminação, permitem que esta segregação socioespacial seja mais evidente (Alves, 2009; 2011; Liemp *et al.*, 2014). A vida noturna urbana tem assim muito potencial, como um tempo de transações sociais, como um campo de jogo, como *o tempo de ninguém*, que é livre para o próprio desenvolvimento pessoal, sendo também um tempo de amizade, de amor e de conversa (Liemp *et al.*, 2014). O espaço-tempo noite, associado a um período do dia em que as atividades diminuem, confina-se a uma *tranche* que se situa entre a 1h 30 e as 4h30 da manhã (Gwiazdzinski, 2005).

No entanto, em algumas áreas das grandes cidades, a diminuição da intensidade das atividades económicas e das relações sociais não se verifica com o nascer da noite. Cada vez mais, os ritmos da vida citadina aumentam e se alteram para dar resposta às dinâmicas económicas e sociais das pessoas. As empresas, adotam horários por turnos, o que obriga por vezes a que muitos cidadãos trabalhem durante horários noturnos. O setor económico das grandes cidades procurou adaptar-se às novas dinâmicas laborais para fazer face às novas exigências horárias dos trabalhadores e às novas necessidades

de consumo: alguns supermercados, ginásios, lojas de conveniência, gasolinhas, passaram a laborar 24 horas por dia, 7 dias por semana e 365 dias por ano (Gwiadzinski, 2005). O contraste dia/noite deixou de existir em muitos centros urbanos, podendo-se dizer que o funcionamento da cidade, vinte e quatro, sobre vinte e quatro horas, configura a negação da noite. A noite assume-se como o prolongamento do dia.

A ausência deste contraste teve como consequência o surgimento de novas tensões e conflitos que põem em causa sobre quem tem o direito à cidade. As atividades que outrora eram exclusivamente desenvolvidas durante o horário diurno, passaram a colonizar progressivamente a noite urbana, estendendo para este horário os conflitos e tensões que pertenciam à esfera diurna e multiplicando-se durante a noite entre a *cidade que dorme*, *cidade que trabalha* e *cidade que se diverte* (Gwiadzinski, 2005:21). Estas três esferas de vida noturna, referidas por Gwiadzinski, não se conjugam harmoniosamente e essa sua conjugação tem efeitos negativos, separando grupos e indivíduos, porque a *cidade que dorme* não aceita bem a *cidade que se diverte*, rivalizando com esta. A *cidade que se diverte* fá-lo normalmente durante os horários noturnos, período no qual, a *cidade que dorme* quer dormir e descansar depois da sua jornada diária de trabalho ou estudo. Dos ritmos da cidade diurna, materializados nos tempos regulares, na simetria das atividades, das práticas e sociabilidades urbanas, emergem arritmias que caracterizam as tensões entre os personagens que produzem o quotidiano urbano noturno e os que sofrem com os efeitos destes ritmos produzidos por este quotidiano noturno. E são estes vários ritmos circadianos que entram em conflito.

Com base nestes pressupostos teóricos, o fenómeno da vida noturna emerge como o palco central para se estudar a relação das cidades com os seus visitantes, uma vez que, ao constituírem espaços privilegiados de atração para o entretenimento, podem ser considerados locais estruturantes da interação que se estabelece entre os seus utilizadores. Neste contexto importa saber que conflitos e tensões estão em jogo? Como é que a vida noturna impacta nos seus habitantes? Como equilibrar os ânimos existentes entre quem dorme e quem se diverte, na cidade? Qual o papel da regulação, neste contexto de tensões e conflitos? Quem são os protagonistas da noite e como se apropriam dos espaços e tempos noturnos?

Preferências metodológicas

Para estudar a *noturnidade* e fazer a análise das polirritmicidades noturnas, escolheu-se dois territórios, não só pela sua representatividade tradicionalmente histórica e geográfica, mas também por serem dois destinos de excelência para o lazer noturno na cidade de Lisboa. Optou-se por uma aproximação metodológica territorialmente comparativa, através da seleção das zonas emblemáticas do Bairro Alto e do Cais do Sodré, que têm como denominador comum e elemento articulador uma artéria que os une entre si, a Rua da Misericórdia com continuidade na Rua do Alecrim. O Bairro Alto tem um estatuto próprio de lazer e criatividade por excelência, o Cais do Sodré é um dos centros nevrálgicos da rede de transportes de Lisboa, onde chegam e partem os barcos cacilheiros para a margem Sul do Tejo e os comboios da Linha de Cascais, sendo um lugar de passagem que possibilita a ligação do rio Tejo a uma das mais famosas colinas de Lisboa, onde se localizam alguns bairros mais emblemáticos e característicos da cidade.

Estes dois territórios apresentam características idênticas, singulares e estruturantes na cidade, como uma grande concentração de pessoas, um aumento crescente do fluxo de visitantes, a existência de espaços de comércio e de diversão diurna e noturna e uma intensa convergência, quer automobilística, quer pedonal, englobando assim todas as componentes essenciais do espaço urbano preconizados por Louis Wirth (2008 (1938)), *dimensão, densidade e heterogeneidade*.

Após a seleção geográfica do estudo a realizar,urgia a necessidade de escolher a melhor metodologia de abordagem. A decisão sobre a adoção de uma perspetiva observacional dos dois territórios noturnos, foi desafiadora. Em primeiro lugar, porque desde logo me empolgou esta ideia, por ser a primeira vez que enveredo por uma aventura como esta: observar a cidade, a rua, à noite, sozinha. Em segundo lugar, porque o fenómeno em estudo requer uma observação que constate os dados históricos, geográficos, documentais, discursivos, empiricamente recolhidos. Logo, a leitura observacional do fenómeno da vida noturna, serve para corroborar outros métodos adotados ao longo desta pesquisa, porquanto estudar o lazer noturno urbano implica uma abordagem híbrida em termos metodológicos. Por outro lado, se a escolha da unidade de análise obedece a critérios históricos, físicos e sociodemográficos com a devida recolha documental, esta recolha deverá servir de alicerce à observação direta

em *contexto natural*¹ onde se desenvolvem os fenómenos da vida noturna. Finalmente, em terceiro lugar, a vida noturna na cidade, com todos os seus cambiantes espaciais e temporais, não pode ser estudada somente através da colheita de dados numerais ou discursivos.

A cidade noturna tem de ser observada, vivida, concebida e representada, porque dela emanam fenómenos sociais e urbanos que só se permitem observar através da lente do investigador (Fernandes, 1999). Daí a importância de observar, sentir, cheirar e ouvir a cidade que vive durante a noite. Porque a cidade é um espaço situacional e relacional que é *produzido pelo antropólogo a partir do ponto de vista das práticas, relações e representações dos cidadãos que ele próprio observa diretamente e em situação* (Agier, 2011:32). A problemática do objeto deve ser observada através do sujeito, procurando não explorar apenas o que é a cidade, mas sim o que faz a cidade, enquanto organismo vivo e complexo. Neste sentido, Agier (2011) propõe todos os aspetos que caracterizam a cidade viva, desde as redes de relações sociais, até às variadas apropriações do espaço, uma vez que as situações podem ser *plurissituacionais* em função do espaço-tempo em que estas se inserem.

Esta escolha criteriosa do campo de análise poderá ter sido a chave para o sucesso da investigação encetada, pois campo e objeto de estudo são indivisíveis, não existindo um *bom objeto* sem um *bom campo* de análise e vice-versa (Beaud e Weber, 2007 (1998)), na medida em que, a própria *...delimitação de um terreno de pesquisa que acaba por coincidir, em larga medida, com a delimitação do próprio objeto de estudo...* pode constituir um problema central no estudo dos espaços urbanos (Cordeiro, 2010:111).

Enquanto estudiosa do fenómeno urbano faço questão de seguir a tradição antropológica que, desde a segunda guerra mundial, se focalizou no estudo da cidade (Cordeiro, 2003b) *tratada como um objeto pluridimensional e plurifactual, cujos territórios interrelacionados, são apropriados e localizados socialmente* (Batista, 2003:35). Observar, sentir e ouvir a cidade, implica que o investigador encontre durante o seu processo de pesquisa uma fonte inextinguível de problemáticas híbridas e complexas (Agier, 2011). E tal como qualquer fenómeno urbano, a vida noturna é um objeto ambíguo, o que obriga a um exercício de reposicionamento constante do investigador. E como tal e para tal, uma abordagem híbrida aos fenómenos urbanos

¹ Contributo precioso dado pelo Professor Doutor Luís Fernandes.

noturnos permite ao investigador um exercício constante de reposicionamento perante o seu objeto de estudo.

Ainda antes de iniciar a digressão sobre os capítulos desta tese, gostaria também de revelar o porquê do título deste estudo. Quando resolvi debruçar-me sobre o tema da *noturnidade* e efeitos que os fenómenos que esta produz nos territórios onde esta mesma *noturnidade* se desenvolve, procurei perceber que antecedentes artísticos poderiam existir em relação às questões dos ruídos e movimentações da rua e sua repercussão ambiental dentro da casa das pessoas. Nesta procura, encontrei inspiração para o título da minha tese no quadro de *Umberto Boccioni, O Ruído da Rua Entra em Casa*, de 1911, onde este pintor procurou transmitir os movimentos gerados na rua e cuja energia se repercute dentro das casas.

Neste quadro (Anexo I), Boccioni procurou transpor para a tela o ruído que penetra dentro de casa e que, estando as pessoas em casa, debruçadas nas suas janelas, ouvem e visualizam o ruído proveniente da rua. A sensação que produz no leitor que olha para a tela é que está precisamente a visualizar os ruídos da rua, porque o próprio ruído transita ao longo desta. Sentimo-nos invadidos pelos movimentos, pelas cores e texturas, e entranhamos a vivência que a tela procura deitar cá para fora. O título: *Quando a rua entra em casa* foi inspirado no título do quadro de Boccioni.

No entanto, esta ilustração de Boccioni não reflete o significado que é dado neste meu trabalho, quando abordo as questões dos barulhos urbanos que invadem as casas das pessoas, provocando situações de incomodidade. Para tal, a obra de William Hogarth, *O músico enraivecido*² (Anexo II), ilustra sobremaneira este factor de incomodidade gerado pelos barulhos da rua e que aborrecem e desesperam um músico que assoma à janela. Os barulhos da cidade, da rua, da música, das crianças e dos vendedores enraivecem este músico, que quer concentrar-se no seu trabalho.

Mas, a escolha deste título não se ficou unicamente por estas duas inspirações. A obra de Roberto Da Matta, *A casa e a rua*, foi igualmente uma força inspiradora, de entusiasmo, de impulso e incentivo. Porque Da Matta revela muito da essência da rua e da sua oposição à casa, desvendando a oposição entre o público e o privado. A casa é o refúgio, a morada e moradia das pessoas, a muralha que preserva a privacidade do indivíduo do ambiente exterior; a rua, por seu lado, é acessível a todos, livre e

² Contributo dado pelo Professor Doutor Carlos Fortuna, bastante elucidatório da simbologia subjacente a esta investigação.

desimpedida e está sempre aberta à coletividade. Tanto a rua como a casa são subdivisões do espaço urbano, enquanto espaço totalitário que compreende vários espaços distintos. Por isso escolhi a rua como janela de observação dos fenômenos da vida noturna.

Uma quarta fonte de inspiração, que numa ordem cronológica foi a primeira, incide na obra de Luís Fernandes *O sítio das drogas*, autor este que, no seu percurso de investigação, aborda o fenómeno da droga no seu contexto natural, procurando estabelecer uma correlação entre o sentimento de segurança e os espaços chamados de *perigosos*. Nesta obra, o autor procura defender uma forma de conhecimento do mundo das drogas através de uma abordagem etnográfica dos territórios psicotrópicos, observando as categorias de sociabilidades que se revelam nos espaços, onde as interações, que se geram em torno das drogas, se manifestam. Para além disso, é o próprio carácter interdisciplinar com que o autor aborda o fenómeno das drogas e o seu olhar sobre os territórios psicotrópicos, que me permitiu ter uma visão mais aprofundada de como as várias disciplinas se interrelacionam e se complementam entre si, levando a concluir que os mesmos raciocínios e discursos científicos podem ser aplicados, *mutatis mutandis*, em qualquer disciplina.

Esboços dos capítulos

Partindo agora para o resumo dos capítulos deste estudo, começo por dizer que a tese está dividida em duas partes e sete capítulos. Apesar de não ser um estudo muito extenso, senti a necessidade desta divisão que, de certa forma, partiu de uma exigência quanto à própria natureza do objeto. A primeira parte, que se denomina *multiplicidades*, concetuais, territoriais e metodológicas, é o próprio título que revela do seu conteúdo. *Multiplicidades* porque, enquanto estudiosa dos Estudos Urbanos, não me consigo esquecer da cidade e das pluriformas como pode ser estudada e por isso ela está sempre subliminarmente ostensiva nos meus discursos, linguajares e enunciados. E *multiplicidades* porque as cidades encerram em si próprias, múltiplas particularidades, singularidades, características, atributos, aspetos, especificidades, especialidades, originalidades, individualidades e idiossincrasias. Dentro da cidade há uma série de

multiplicidades que merecem ser reconhecidas, exploradas e analisadas. E essas multiplicidades estão patentes nesta primeira parte. Desde a concetualização da cidade, enquanto contexto urbano onde se desenvolvem vários fenómenos e onde o fenómeno da *noturnidade* nasceu, cresceu e se transformou. À contextualidade territorial do estudo com todas as suas dinâmicas envolvidas. Até ao enfoque metodológico que foi desenvolvido.

Não é possível falar da vida noturna, dissociando-a do seu contexto territorial, estrutura e base, o espaço urbano. Assim, no primeiro capítulo desta pesquisa, a cidade surge como plataforma de lançamento dos fenómenos noturnos. Esta concetualização, adota uma multiplicidade de cambiantes e por isso a cidade é perspectivada através de várias lentes de análise: sociológica, antropológica, historiográfica, psicoambiental, urbanística e económica. A vida noturna emerge neste emaranhado de multiplicidades como acontecimento merecedor de ser analisado. A cidade notívaga aflora de um processo de mercantilização do lazer nas cidades, o lazer noturno como um elemento impulsionador da economia dos centros urbanos e revolucionador da questão urbana. A sociedade neoliberal, na sua busca incessante de novas alternativas, capazes de promover o desenvolvimento económico, associada aos processos de gentrificação e de promoção económica e cultural dos centros urbanos, foram os promotores do desenvolvimento do *nicho de mercado* a que chamamos atualmente de *vida noturna*. Juntamente com o fenómeno de gentrificação, os conflitos entre as comunidades diurnas (residentes, trabalhadores, comércio e coletividades diurnas) e as comunidades noturnas (proprietários, trabalhadores noturnos, utilizadores) surgiram como uma consequência das políticas de regeneração e de revitalização da cidade. A trajetória histórica deste fenómeno está bem patente na sua génese anglo-saxónica, cuja disseminação se verifica atualmente em várias cidades europeias.

No segundo capítulo, é feita a contextualização territorial deste estudo e a passagem pela cidade de Lisboa, enquanto contexto urbano que circunscreve vários bairros típicos, tidos como lugares de consumo e lugares que são consumidos. Uma Lisboa encantadora, cujos limites administrativos estão circunscritos nas freguesias a que pertencem. Neste capítulo é feita a caracterização sociodemográfica da freguesia da Misericórdia onde se inserem os dois territórios notívagos em estudo, passando aos elementos históricos e geográficos de cada um dos territórios, às dinâmicas espaço-temporais da vida nocturna que foram evoluindo ao longo dos últimos anos, até à

situação a que se assiste atualmente, em que estes espaços noturnos atingiram o seu clímax.

O terceiro capítulo surge em sequência concetual do segundo capítulo e versa a evolução dos problemas que se foram desenvolvendo no Bairro Alto e no Cais do Sodré, obrigando a uma readaptação constante por parte da autarquia local, no sentido de regular os fenómenos manifestados em contexto de diversão noturna. Esta primeira tentativa de regulação teve início no Bairro Alto, mas depressa se alastrou para o Cais do Sodré, na sequência do excesso de regulamentação implementado naquele primeiro território e das medidas emanadas do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica. Para além do sistema regulatório, estes territórios são alvo de interesse por parte de vários atores, desde associações de moradores, a associações de comerciantes, a organizações não-governamentais e a grupos de investigação académica, que se debruçam sobre o fenómeno da vida noturna em Lisboa e às transformações urbanas que esta provoca, nestes espaços essencialmente notívagos. Estes vários grupos, que se interessam por estes territórios, funcionam como eventuais mediadores da vida noturna.

O quarto capítulo incide na abordagem metodológica, recaindo esta em quatro elementos estruturantes: atores sociais, espaços, atividades e temporalidades. Aqui o papel do ator social revela-se como o fundador da interação e o polo interpretador e atuante, a partir de um ponto de vista que tem a sua particularidade (Fernandes, 1999). O ator social é aqui retratado enquanto objeto e protagonista, enquanto observador daquilo que é passível de ser observado e enquanto observando. O papel do ator social adota assim uma dupla perspetiva, a do investigador que pretende estudar os *outros*, e a dos *outros* que são observados pelo investigador. A observação direta em contexto natural, onde os fenómenos da vida noturna se manifestam, pode ser uma das fontes mais ricas para recolha de dados sobre como os *outros* experienciam a sua estada nestes territórios. Os *outros*, por sua vez, encarnam um papel dentro de um enredo, de uma trama de relações passíveis de serem observadas.

Os espaços, enquanto segundo elemento estruturante da abordagem metodológica encetada, são revelados através das ruas observadas, na medida em que todas as ações sociais só ganham significado, a partir do contexto em que se situam e ao mesmo tempo definem esse contexto (Fernandes, 1999). Porque na rua, os grupos se

manifestam, apropriam-se dos lugares. Os acontecimentos revolucionários, por norma, acontecem na rua (Lefebvre, 1999:30).

O terceiro elemento estruturante incide nas temporalidades, nos momentos passados no terreno, nas observações, nos tempos das observações, nas observações feitas *in loco*.

O último elemento estruturante revela as atividades desenvolvidas no âmbito deste estudo. A recolha de informação, as idas ao terreno, as entrevistas, o inquérito, análises de dados e, não menos importantes, as notas recolhidas durante o processo de observação.

À segunda parte deste estudo chamei de *polirritmicidades*. Mais uma vez a cidade surge subentendida no enunciado, porque as cidades, e neste caso as cidades notívagas, assumem esta polirritmia de vivências no espaço urbano. Tal como as polirritmias musicais, as cidades requerem pelo menos dois ritmos diferentes em simultâneo, um dos quais é tipicamente um ritmo irracional. A cidade, dentro das suas *multiplicidades* assume este cariz rítmico, não sendo estanque a forma como é vivida, apreendida, concebida e representada. Os atores que compõem o tecido urbano vivem a cidade de modo distinto, cada qual de acordo com os seus interesses. Nesta segunda parte do estudo são essas polirritmias que entram em jogo, as várias cidades numa só cidade: a cidade que dorme, a cidade que se diverte e a cidade predatória, e incide na exploração dos ritmos de cada uma das partes, assim como à forma como cada grupo social, de acordo com os seus interesses, age, interage, reage e contrarreege na vida noturna.

Neste contexto, o quinto capítulo aborda, em primeiro lugar, o outro lado da vida noturna, a cidade que dorme, aquela que não se vê, não está patente nos territórios noturnos, mas está lá, latente. É o lado da cidade que não consegue conviver com as dinâmicas noturnas do espaço urbano, porquanto estas impactam de forma negativa, não só no bem-estar dos seus moradores, mas também no seu próprio sentimento de segurança, relativamente ao território em que vivem. Este é o lado da cidade que se sente menosprezado, negligenciado, esquecido e ignorado pelas autoridades locais que devem zelar pela qualidade de vida dos seus habitantes. O problema do ruído noturno excessivo é o mais destacado pelos moradores como constituindo um fator de incomodidade difícil de se lidar. Mas outros emergem em simultaneidade, como a questão da insegurança, das incivildades, isto é, o problema da noite e dos fenómenos

que emergem com a vida noturna, encontram-se em destaque nos seus discursos, levando-os a uma situação de impotência perante a realidade com que têm de conviver e desconfiando do sistema regulatório, que nem sempre funciona eficazmente.

O sexto capítulo é precisamente o oposto da cidade que dorme, é a cidade que se diverte. Neste capítulo não podia deixar de fazer *jus* a quem por excelência se diverte na cidade: os jovens. São os jovens, os *donos* da noite, são eles que, dentro das suas dinâmicas peculiares de apropriação do espaço urbano noturno, invadem e são eles que se apoderam da cidade noturna. Nesta cidade, que se diverte, os jovens destacam-se pela forma como se relacionam com as centralidades, nas acessibilidades à cidade, ao centro urbano, à noite. Nesta deambulação pendular, centro urbano-casa, casa-centro urbano, são eles os *donos* da noite, aproveitando-a como espaço de vivências extraordinárias, como se fossem os últimos momentos das suas vidas. Por outro lado, assiste-se a uma segregação socioespacial nestes momentos de lazer, sendo esta segregação ostensivamente evidente na ocupação do espaço público. Alguns espaços são interditos a jovens menos empoderados, e mais depauperados. Mas os jovens, quer os empoderados quer os depauperados, vivem a noite, independentemente da sua condição social. A noite é longa e permite-lhes esse extravasamento. E assim, vai-se construindo uma cidade que ao olhar dos outros se torna predatória. Porque os jovens nos seus momentos de lazer adotam em simultâneo um duplo papel: o de transgressor, que transgride as regras coletivamente impostas pela sociedade, adotando comportamentos marginais, desafiadores e pouco organizados; e o de vítima, uma vez que, quando encontram-se em momentos de diversão noturna, estão mais vulneráveis, em virtude dos hábitos de consumo que desenvolvem, estando mais sujeitos a serem alvo de crimes. Isto porque, e nos interstícios espaciais dos territórios noturnos, alguns jovens também procuram *safar-se*.

O sétimo capítulo é o culminar de uma cidade polirrítmica. Porque a cidade polirrítmica exige não só a presença daqueles que se manifestam ostensivamente, mas também daqueles, cujas ações não são tão evidentes, e que, por tal razão, se manifestam de maneira subreptícia. Só quem conhece, sabe que eles lá estão com um propósito. É preciso conhecer a cidade para compreender estas dinâmicas invisíveis. É aqui nestas situações que se pode contemplar a coexistência de situações ritualizadas, que não se revelam manifestamente, mas sim através de ações intersticiais e fortuitas, associadas a fenómenos de insegurança, que reproduzidas regularmente, no mesmo espaço, implicam

uma relação estável entre o indivíduo, o espaço e a socialidade (Agier, 2011). É nesta articulação simbólica entre o espaço e o tempo da cidade de Lisboa (Firmino da Costa, 2008 (1999)) que se revela fundamental a compreensão das situações de passagem, que podem produzir efeitos nas representações sociais dos indivíduos. São estas situações que confirmam a coexistência de uma *multicefalia* utilitária dos espaços citadinos em estudo, uma vez que, estes tanto podem ser utilizados por identidades individuais e autónomas, como podem ser utilizados por identidades coletivas, ou mesmo por identidades individuais articuladas com identidades coletivas invisíveis. Porque *a cidade não é mero palco de delito, mas também seu produtor e multiplicador e é nas ruas da cidade onde se refletem as imagens distópicas mais agudas* (Fernandes, 2003, 54-56).

PARTE UM – MULTIPLICIDADES
Concetuais, territoriais e metodológicas

CAPÍTULO I. A NOITE NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

1.1. Urbanização e ludificação

A cidade como plataforma primária de lançamento para este estudo, emerge pela sua circunstância, de ser constituída por espaços, espaços estes que, por sua vez, concentram um grande número de pessoas que vivem e sobrevivem próximas umas das outras, mas cujos contactos sociais, que desenvolvem entre si, são formais, passageiros e pontuais (Park *et al.*, 1967 (1925)); Wirth, 2008 (1938)). Territórios onde as relações humanas são tendencialmente mais impessoais, são determinantes enquanto laboratórios privilegiados para a investigação do comportamento coletivo, por se encontrarem sempre em constante desequilíbrio, fruto das tensões e dos conflitos que se instalam entre os seus habitantes.

É nas cidades que se desenvolvem todas as tramas, sendo o palco ecuménico das atividades urbanas e das dinâmicas sociais, passíveis de serem estudadas em todas as suas perspetivas. Porque as cidades são lugares onde as pessoas se encontram, transformando-as assim em locais privilegiados para se observar os padrões de comportamento dos indivíduos na sua relação com o espaço público (Park *et al.*, 1967 (1925)); Wirth, 2008 (1938)). É ainda nas cidades que as várias dinâmicas de interação pessoas-pessoas, pessoas-espaço e pessoas-tempo podem inflamar conflitos. Enquanto espaços relacionais onde se produzem fenómenos significativos, o lugar, o indivíduo e a sociabilidade são imprescindíveis para compreender as situações e as interações que se estabelecem nas cidades (Agier, 2011).

Inicialmente, e na sociedade da Grécia antiga, a cidade tinha como centralidade um espaço vazio, a *Ágora*, uma praça, um lugar de reunião que representava o espaço público por excelência, onde se tomavam as decisões políticas (Balula, 2010); na cidade medieval incorporou os mercados e a troca de mercadorias, as pessoas e o produto, e por via disso a praça passou a desempenhar um papel de centro comercial de transações; posteriormente a cidade capitalista industrial criou o centro de consumo, *lugar de consumo e consumo do lugar, centro de lazer, lugares de prazeres, emergindo a centralidade lúdica, enquanto espaços de troca e de circulação* (Lefebvre, 2001:131-132).

Lefebvre (2001:28) distingue três períodos fulcrais no processo de industrialização e de urbanização: o primeiro período emerge com o próprio processo de industrialização em si, que surge como um poder negativo da realidade urbana, sendo o social urbano negado pelo económico urbano; o segundo período em que a urbanização se dilata e a realidade urbana passa a ser uma realidade socioeconómica; o terceiro período em que a realidade urbana se reencontra e se reinventa através da restituição da sua centralidade, em que os centros urbanos antigos são substituídos como centros de decisão. Esta nova era modernista caracterizou-se, deste modo, por um desenvolvimento urbano associado a uma experiência de crescimento explosivo das cidades, a forte migração rural-urbana, pela industrialização e mecanização, por um reordenamento massivo do ambiente construído e por movimentos sociais urbanos politizados (Harvey, 1989).

Diversas interpretações sobre o conceito de cidade foram emergindo ao longo do tempo, umas incidindo na dimensão e extensão espacial que uma cidade deverá ter, outras em termos da densidade populacional, outras ainda, na concentração de oferta de serviços e de infraestruturas de consumo, associados às dinâmicas e fluxos de pessoas, sendo que a definição de cidade varia de país para país, uma vez que, em alguns países preferem basear essa definição em critérios quantitativos, enquanto noutros, preferem fundamentar-se em critérios mais qualitativos. A cidade deve ser perspectivada de uma forma holística, uma vez que são espaços complexos que contêm elementos paradoxos, dentro da sua própria *logicidade*.³

Na perspetiva fenomenológica de Georg Simmel (2009 (1903)), este se interroga sobre a natureza da modernidade ao estabelecer uma comparação entre a cidade e o ambiente rural, através das representações sociais, da perceção e apropriação dos espaços da cidade e da análise das vivências, adotando, desta forma, uma visão espiritualizada na concetualização de metrópole. Esta concetualização teve como fundamento que o que distingue as cidades do ambiente rural se consubstancia na *intensificação da vida nervosa* e que há uma base psicológica que sustenta as transformações das cidades, materializada nessa intensificação da vida emocional do indivíduo. Para Simmel, o que muda é a experiência emocional que a cidade provoca nos indivíduos, através dos estímulos externos e internos. Essa intensificação emocional

³ Essência ou característica daquilo que pode ser determinado e conhecido a partir do conhecimento lógico ou através de uma utilização da lógica.

constitui um choque que é alimentado pela energia das imagens e pelo caráter inesperado dos estímulos que oferecem diferenças pronunciadas, decorrentes das ruas e em cada saída à rua, da intensificação e ritmos diversificados da vida social, económica e profissional e da oferta de entretenimento.

Considerando que os estímulos visuais e nervosos contrastam com o ambiente rural, para sobreviver na metrópole, o indivíduo cria aquilo que é uma reserva mental e produz aquilo que é a *indiferença*, desenvolvendo uma capacidade protetora contra a profunda influência dos estímulos externos. O indivíduo ganha, deste modo, uma capacidade de padronização do tempo, de lidar com a economia financeira e na despersonalização das relações. Esta reserva mental produz uma qualidade única que é o facto do anonimato e da despersonalização da vida na metrópole. Da atitude *blasé* o indivíduo converte como fonte de energia criativa que é o da liberdade individual e da sua independência (Simmel, 2009 (1903)).

Já a visão urbanística paisagista e psicoambiental de Kevin Lynch (1982 (1960)) sobre a cidade, integra as dimensões temporais e históricas no ambiente urbano. Assim, *a cidade pode ser vista como uma história, um padrão de relações entre grupos humanos, um espaço de produção e de distribuição, um campo de força física, um conjunto de decisões interligadas ou uma arena de conflitos* (Lynch, 1982:44 (1960)). De acordo com Lynch, a estrutura da imagem da cidade pode ser agrupada em cinco grandes tipos: caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos, elementos através dos quais as pessoas estruturam os seus mapas mentais. Os caminhos, consubstanciados nas ruas da cidade, destacam-se como sendo um dos elementos mais importantes nessa estruturação mental do ambiente urbano, na medida em que é através destas que as pessoas se deslocam. Desta forma, Lynch baseia a sua teoria da imagem mental das cidades sobre a forma através da qual os cidadãos percebem e organizam informações que vão captando, quando deambulam pelo espaço urbano.

Em Castells (1999), e numa perspetiva sociológica de consumo, a cidade emerge como uma parte integral dos processos de consumo coletivos, sendo que quem detém o poder, sobre o ambiente criado ou construído das cidades, são as forças de mercado, em consonância com o poder político. Paralelamente, este ambiente criado é afetado por problemas urbanos que, por sua vez, impulsionam diversos movimentos sociais de grupos que procuram melhorar as suas condições de vida. Quando o urbanismo passou a ser analisado à luz dos padrões de mudança política e económica que se operaram com a

expansão do capitalismo industrial (Harvey, 1989), as representações sociais, construídas em torno do conceito de cidade, foram-se alterando ao longo do tempo e transformando-se em função dos contextos socioeconômicos e políticos. Sendo assim, o fenômeno urbano passou a ser objeto de pensamento do mundo ocidental, a partir do processo de industrialização, que foi o ponto de partida para uma reflexão sobre a sociedade moderna e para o processo de construção da *ludificação* da vida urbana.

A industrialização teve como consequência um aumento da fragmentação da vida diária e social das pessoas, que resultou na diferenciação da relação entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho (Wyne, 1998). A ideia de *tempo livre* ou tempo de lazer começou a surgir, intimamente ligada ao prazer e à diversão, em contraste com o tempo dedicado ao trabalho, e à medida que esses novos conceitos de tempo livre e lazer se materializavam para a maioria da população nas sociedades industrializadas, em especial nas cidades, as pessoas começaram a sentir necessidade de dotá-los de significado e de organizá-los (Calafat *et al.*, 2003). Na obra *o Direito à Cidade*, Lefebvre (2001) refere que as cidades se transformaram em lugares privilegiados para a satisfação dos desejos e necessidades dos indivíduos. Esses novos desejos e necessidades das pessoas, a que Harvey (1989:83) chama de *necessidade esquizofrênica*, desempenharam um papel importante na estimulação do mercado imobiliário direcionado a um ambiente urbano construído e um estilo arquitetônico mais diversificado e adequado à satisfação desses desejos, passando a observar-se uma sociedade de lazer e de consumo.

Novos padrões de consumo emergiram face às novas necessidades e desejos dos indivíduos, provocando uma readaptação das cidades e, mais concretamente, dos grandes centros urbanos, que procuraram reajustar os processos de produção e de consumo, de forma a satisfazer as necessidades emergentes. Aliás, esta nova organização e formalização do trabalho e tempo de lazer das pessoas, foi considerada como uma característica fundamental do capitalismo industrial moderno e impulsionador do desenvolvimento de novos estilos de vida urbana (Jayne *et al.*, 2006).

O conceito de lazer, enquanto ocupação de um determinado espaço de tempo livre disponível entre a atividade laboral de um dia, até ao início da atividade laboral do dia seguinte, tem vindo a ser discutida por vários autores. Elias e Dunning (1992:144) problematizam esta questão, salientando a falta de uma *teoria central capaz de servir como um quadro comum de investigação* para toda a espécie de problemas específicos

que gravitam à volta do lazer, isto é, não existe, de facto, um quadro teórico que permita sustentar uma concetualização sólida do que é efetivamente o *lazer*.

Dumazedier (1979) problematiza o lazer dizendo que este não pode ser definido como tempo livre, na medida em que este pressupõe uma certa forma de ocupação do tempo livre. O que quer dizer que o tempo intermédio, entre uma atividade laboral e a atividade laboral seguinte, isto é, o tempo que é libertado do trabalho, não pode ser considerado lazer. Deste modo, *todas as atividades de lazer são atividades de tempo livre, mas nem todas as de tempo livre são de lazer* (Elias e Dunning, 1992:145). Nesta linha, Samuel e Romer (1984) salientam ainda que o tempo livre, enquanto categoria de análise da dimensão tempo, subdivide-se em várias subcategorias de atividades sociais desenvolvidas pelos indivíduos, desde as atividades familiares, religiosas, reuniões, visitas até ao tempo de lazer por excelência. Dumazedier (1979) vai mais longe na sua definição de tempo de lazer, estratificando este tempo em quatro categorias: na primeira categoria, o lazer pode ser classificado como um estilo de comportamento adotado dentro das horas de trabalho; na segunda, define qualquer atividade não-laboral, mas que pode incluir qualquer outra obrigação extra-laboral; na terceira, exclui as obrigações familiares e domésticas; na quarta e última categoria define o lazer como o conjunto de atividades em que os indivíduos se dedicam à autorrealização, ao crescimento pessoal à busca pela satisfação e prazer. Reduzido a um novo campo de consumo, o lazer para Dumazedier (1988), significa a libertação de sensações, de sentimentos, de desejos, de sonhos reprimidos e de identificação social mais espontânea. Trata-se assim da mudança de uma *ética de integração repressiva* por uma *ética de expressão livre*.

Parafrazeando os argumentos de Dumazedier (1979, 1988), Elias e Dunning (1992) e Samuel e Romer (1984), o lazer pode ser entendido como sendo o fruto das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, que procuram ocupar o seu tempo disponível, livre das obrigações profissionais, escolares e familiares, com atividades que lhes produzam satisfação, alegria e liberdade. Esta busca pela satisfação pessoal, constitui, por sua vez, um alicerce para a formação moral dos indivíduos, como forma de procurar alívio da repressão social, a que Elias e Dunning (1992) denominam de *busca pela excitação*.

Numa perspetiva crítica e analítica do lazer, Baudrillard (1969) faz ver que este conceito se traduz numa forma de consumo de um tempo não produtivo, que permite unicamente a promoção do estatuto social do indivíduo, isto é, produtivo em valor

simbólico, mas não produtivo para sobreviver. Ao que Elias e Dunning (1992) associam à inutilidade, à futilidade, em contraponto com o trabalho, que significa utilidade e valor. Na verdade, a definição, dada por Baudrillard (1969), caracteriza o consumo de um tempo vazio como uma forma de *potlatch*⁴. Baudrillard (1969), e numa definição análoga, refere que o homem contemporâneo, tal como este povo norte-americano, procura desesperadamente lazer, não existindo uma necessidade específica que explique o porquê dessa procura, isto é, permite-se a si próprio não fazer nada, ou pelo menos nada de útil, desde que o que faça lhe permita distinguir-se socialmente. Assim, o indivíduo procura ocupar o seu tempo livre em atividades que lhe possibilitem projetar uma imagem de prestígio social perante os seus pares, frequentando determinado tipo de meios ou adquirindo determinado tipo de bens, que lhe deem alguma satisfação pessoal e prestígio social.

Rolim (1989) considera que o lazer ou a experiência de lazer implicam sempre duas dimensões: uma dimensão objetiva, que se consubstancia no *tempo* que o indivíduo dispõe para usufruir, e uma dimensão subjetiva, materializada no *prazer* que deverá ser sentido durante esse tempo disponível. Para esta autora, o lazer, para além destas duas dimensões estanques, implica quatro dimensões analíticas: económica, sociológica, psicológica e psicossociológica. Na dimensão económica, o lazer opõe-se ao trabalho, considerando que o trabalho é um fator produtivo e o lazer um fator improdutivo; na dimensão sociológica, o lazer é o tempo libertado do trabalho e das obrigações domésticas; a dimensão psicológica pressupõe que o lazer deve ser entendido como um estilo de vida e da disposição do indivíduo como vivência do lazer; a dimensão psicossociológica entende que o lazer depende de um processo de escolha do indivíduo, onde deverão coexistir simultaneamente um tempo e uma intencionalidade, uma vez que o lazer é o tempo livre empregue para a realização pessoal do indivíduo.

Parafraseando os vários autores enunciados, o lazer pode ser definido como um espaço temporal em que as pessoas experienciam a troca de experiências pessoais, na medida em que, sendo o ser humano naturalmente gregário, procura a sua identidade no outro como forma de se afirmar, de se expressar e de se estimular socialmente. No entanto, definir o lazer, enquanto conceito, é uma tarefa complexa. Não sendo um

⁴ Cerimónia praticada entre os *Kwakiutl* da América do Norte, caracterizada por um ritual em que o homenageado oferece bens e distribui a sua riqueza pelos familiares e amigos, sendo que quanto mais valioso e melhor a qualidade dos bens ofertados, maior é o prestígio do homenageado.

conceito estático, a sua definição implica a convergência de vários elementos, sendo o tempo um dos fatores principais que converge para uma melhor definição deste conceito. Definir o lazer, implica muito mais do que o envolvimento do *tempo* ou *espaço-tempo* enquanto ambiente regulador. O lazer implica a combinação entre o tempo, a atividade, os comportamentos e as atitudes que os indivíduos desenvolvem face ao tempo livre de que dispõem para experienciar as suas atividades livres de obrigações, deveres e incumbências. Mas essa experiência é sempre relativa e difere de indivíduo para indivíduo. Ou seja, o lazer implica tempo livre disponível para vivê-lo. No entanto, o tempo livre disponível nem sempre é indicador de tempo de lazer. O lazer noturno enforma-se como uma das várias dimensões que o lazer adota. Por isso importa compreender a importância deste tipo de lazer nas sociedades contemporâneas.

1.2.Lazer noturno

Normalmente associado ao conceito de lazer, o lazer noturno passou a fazer parte da vida urbana nas sociedades pós-industriais, como uma forma de escape e descompressão, face à jornada diária de trabalho. Considerando que o tempo de lazer é o produto da revolução industrial, associado à sociedade de consumo (Dumazedier, 1979), na medida em que é um tempo vazio, suscetível de ser ocupado com atividades de consumo, a questão da vida noturna, com especial incidência nas grandes cidades, começou a captar a atenção dos decisores políticos como sendo uma mais-valia para a renovação dos centros urbanos, não só ao nível da reconfiguração da morfologia urbana e respetivo impacto na estrutura urbanística, mas também ao nível do tecido socioeconómico.

As pressões coletivas exercidas pelo poder público do Estado, paralelamente com o exercício do poder económico do mercado dominante, passaram a afetar as dinâmicas do processo capitalista, não só através do controlo dos preços dos bens disponibilizados para consumo, mas também, e mais indiretamente, através do uso de publicidade subliminar que, inconscientemente, passaram a moldar o conceito que os indivíduos têm sobre como devem gerir as suas necessidades e desejos básicos (Harvey,

1989). O tempo de lazer, assim como o tempo de consumo em geral, transformaram-se num tempo social passível de ser transacionado.

Na obra *Cidades e Consumo*, Jayne (2006) realça como é que a relação entre o consumo e a vida urbana têm sido uma componente central para o desenvolvimento de uma sociedade de consumo, salientando que, sendo o consumo o cruzamento de diferentes esferas da vida quotidiana - entre o público e o privado, o político e o pessoal, o coletivo e o indivíduo - deve ser entendido como um meio e motor de mudança económica e social e um constituinte ativo na construção do espaço e do lugar, porque desempenha um papel vital na construção das identidades e estilos de vida dos indivíduos. Sendo assim, o espaço por excelência da atividade de consumo e, conseqüentemente, da metamorfose constante dos estilos de vida dos indivíduos, é a cidade. E o consumidor é, por excelência, a figura central da cidade e sociedade pós-moderna.

Neste contexto oportuno, emerge o conceito de economia noturna, que, associado a uma crescente importância do consumo e do lazer, especialmente em relação à segmentação do mercado capitalista, à *gentrificação*, bem como ao aumento da globalização e das corporações empresariais com interesse em investir nos centros urbanos, passou a integrar um dos impulsores de desenvolvimento e regeneração das cidades e dos seus núcleos urbanos (Lovatt e O'Connor, 1995; Jayne *et al.*, 2006; Hae, 2011; Liemp *et al.*, 2014). Aliás, é salientado por Hollands e Chatertton (2002) o facto de o desenvolvimento da vida noturna constituir uma ferramenta essencial para o processo de transformação e regeneração dos centros urbanos, por ser um excelente indicador do *estado de saúde* da economia de qualquer cidade.

Nesta conjuntura transformacional da paisagem morfológica dos centros urbanos, consubstanciada em novas formas de organização social, de lazer e de consumo cultural, surge uma nova dinâmica da vida noturna e conseqüentemente de apropriação do espaço urbano. Almeida *et al.*, (2011) sugerem que a dimensão noturna e respetiva instrumentalização da iluminação artificial passaram a estar presentes no planeamento e usos dos espaços públicos, associadas às questões de segurança e criminalidade. A iluminação moderna transformou a experiência urbana noturna, produzindo paisagens urbanas de regulação, seletividade hierárquica, consumo, fantasia e imaginação (Liemp *et al.*, 2014). A iluminação das ruas embeleza as cidades, proporciona conveniência e reflete uma nova vontade de usar a cidade à noite. As

sucessivas tecnologias de iluminação artificial abriram à noite práticas sociais e espaciais mais amplas, e a fronteira da escuridão foi progressivamente empurrada para trás. Como tal, a iluminação elétrica teve um impacto decisivo na *psicogeografia* do espaço urbano, em especial no espaço urbano noturno (Liemp *et al.*, 2014).

O lazer noturno passou a ser considerado um elemento organizador das práticas sociais contemporâneas, um produto para ser consumido, que transformou os centros urbanos em autênticas *catedrais de consumo* por excelência (Nofre, 2013) e verdadeiras *máquinas de entretenimento* (Ocejo, 2014). O papel da cultura na regeneração das cidades surge em termos da sua contribuição para o ambiente construído, não só no que diz respeito aos benefícios económicos do setor das artes e das indústrias culturais, pelo que as questões que andam à volta da indústria do lazer e das políticas culturais são basilares para o processo transformacional das cidades (Lovatt e O'Connor, 1995; Pereira e Nofre, 2011). O comércio, a cultura e o consumo formam o conjunto tríplice e os elementos chave para este processo de transformação.

Paralelamente, a indústria do álcool, que impulsiona uma onda crescente de procura para o seu consumo (Jayne *et al.*, 2006), associada aos novos hábitos de consumo, na sua relação com os espaços urbanos, provocam mudanças nas dinâmicas urbanas (Crivello, 2011) que, por sua vez, estimulam as políticas de revitalização e regeneração das cidades que procuram criar riqueza através do entretenimento noturno (Jayne *et al.*, 2006).

Os estabelecimentos de diversão noturna, enquanto acessórios nos bairros onde se inserem, são verdadeiras instituições urbanas, repositórias de memória e fontes locais de identidade, que têm um grande impacto no aumento da vida noturna na cidade pós-industrial, transformando-se em símbolos da mudança dos bairros e das relações de vizinhança, onde os diferentes grupos destes ecossistemas sociais experimentam, interpretam e atuam de maneiras e diferentes (Ocejo, 2014).

O espaço tempo noite, lugar de consumo e de consumo de lugares (Lefebvre, 2001), surge como uma oportunidade de capitalizar a economia das cidades, na medida em que os centros urbanos estão em constante processo de reinvenção e de solidificação da paisagem da cidade enquanto um todo. Por isso importa compreender a génese destes processos de revitalização e de renovação dos centros urbanos através da economia noturna.

1.3.Gentrificação da noite

O processo de valorização da vida noturna, como motor impulsionador da economia das cidades, está associado ao fenómeno da *gentrificação* e, concomitantemente, à reconfiguração socioeconómica e espacial dos centros urbanos. Os estabelecimentos comerciais, associados à vida noturna, passaram a constituir uma base essencial para a revitalização de mercados imobiliários instalados em bairros residenciais abandonados, contribuindo para o reavivamento da sociabilidade urbana.

Distanciando-se do conceito que foi dado inicialmente ao processo de *gentrificação* por Ruth Glass (1964:7), que refere que a *gentrificação* se consubstancia na substituição residencial de uma zona urbana maioritariamente ocupada por operários, por uma classe social média e alta, definindo este processo como um movimento social que trouxe as classes mais endinheiradas para os centros urbanos e afastou as classes operárias para as periferias; Smith e Williams (1986) salientam que a reabilitação urbana residencial é só um dos múltiplos aspetos da *gentrificação*, pois este fenómeno está circunscrito num processo de transformação social, económico e espacial dos centros urbanos que, para além da função residencial, desempenham outras funções que permeabilizam igualmente a requalificação urbana, tais como, a instalação de complexos de hotéis, centros de escritórios, zonas de restauração, de lazer e recreativas. Por outro lado, Smith (1984) argumenta que a *gentrificação* é um processo que implica não só uma mudança social, mas também uma mudança física, no que diz respeito ao ambiente construído e uma mudança económica resultante das alterações verificadas no mercado habitacional; mas é a concomitância dessas mudanças que identifica e distingue a *gentrificação*, como um processo ou conjunto de processos.

Esta aceção vai na mesma linha de pensamento de Zukin (1987:220) que defende a tese da *gentrificação* como um processo claramente *resultante das relações estabelecidas entre o sistema de produção e o sistema de consumo*. Para Zukin (1987) o conceito de *gentrificação* assente nos meios de produção e nos meios de consumo, reafirma que, tanto a cultura como o capital financeiro isoladamente, não contribuem para a transformação social e espacial dos centros urbanos, pois só a conjugação destes

dois fatores - interação dos produtores de cultura com os consumidores de cultura - permite essa transformação.

Beauregard (1986:11), debruçando-se sobre as várias perspectivas epistemológicas que a *gentrificação* pode assumir, começa por defender que os primeiros agentes da *gentrificação* foram os *pioneiros urbanos* que se arriscaram para transformar um espaço residencial degradado e indesejável, num *lugar bom para viver*, assumindo deste modo um novo estilo de vida urbano dedicado à prática do consumo. Apelando para uma ideologia de *gentrificação*, Beauregard (1986:11), considera que os *pioneiros urbanos* procuraram reforçar o seu estatuto social através de um estilo de vida civilizado, que transmitisse a ideia de conforto e bem-estar, retratando a forma como a imagem da cidade e dos seus residentes pode ser manipulada, de forma a reduzir a percepção do risco e a encorajar o investimento, ancorados numa política de gestão e desenvolvimento da imagem das cidades.

Smith (1979; 1984; 1987) também procura explicar que a renovação do espaço urbano é o resultado do processo de reestruturação da economia capitalista e dos ciclos macroeconómicos, quando aplica a lógica do princípio *rent gap*, referindo que o desenvolvimento espacial desigual e a desvalorização cíclica do ambiente construído, são produzidos, intencionalmente, para garantir o futuro investimento de capital. Nesta sequência, as zonas das cidades que outrora apresentavam sinais de degradação e de declínio acentuado, foram-se alterando em consequência dos processos de *gentrificação*, concretizados através da *reativação* (Rodrigues, 1992) e da *reciclagem urbana* (Giddens, 2008).

A alteração do tecido social com a exclusão de setores sociomarginais, teve como consequências o aumento dos enclaves *gentrificados*, o incremento da estetização da vida quotidiana e a alteração da paisagem morfológica urbana. Os efeitos da magnetização de novos estilos de vida, associados a atividades artísticas e culturais, na reabilitação de zonas tradicionalmente históricas e com um património arquitetónico significativo (Rodrigues, 1992), provocaram um processo de transformação das sociedades pós-modernas, que passaram a estar organizadas em torno de relações e interações sociais, onde alguns são *empoderados* e outros *depauperados* (Jayne, 2006:52), acentuando por sua vez a segregação do tecido social das cidades.

Hae (2011) ao analisar o processo de *gentrificação* das cidades através da vida noturna, observa que, face às exigências impostas pela economia pós-industrial, as

idades, quer ocidentais, quer orientais, passaram a promover as identidades estéticas e culturais dos centros urbanos como sendo passíveis de serem mercantilizadas como atrações turísticas únicas e que os estabelecimentos de diversão noturna, normalmente associados a subculturas musicais que se instalaram nos centros urbanos, adicionaram uma aura especial aos bairros, associada à gentrificação a que alguns autores chamam de *gentrificação marginal*. Desenvolvido por Rose (1984), o conceito de *gentrifier marginal*, refere-se a um processo de *gentrificação marginal* que envolve indivíduos das novas classes médias que, sendo menos privilegiados que os potenciais agentes de *gentrificação* definidos por Beauregard (1986), porque apresentam uma diferença significativa entre os seus elevados níveis de cultura educacional e o seu baixo nível de capital económico, preferem viver nas áreas centrais urbanas, atraídos pelo estilo de vida não-conformista e meio ambiente tolerante e misto, dos pontos de vista social e étnico, num movimento social direcionado para a diversidade da cidade e que consolida um corte com o subúrbio (Zukin, 1987).

Os *gentrifiers*, ao valorizarem a ocupação do centro da cidade, refutam a ideia amplamente difundida da *morte da cidade*, afirmando a sua oposição crítica à tendência para as *exurbs* e os subúrbios produzidos em massa, que são vistos como *antidade*, e reforçando a sua oposição ao modo de vida reproduzido nesses espaços, cujo desenvolvimento massificado reflete a *antítese da cidade* (Mendes, 2013). Deste modo assumem um estilo de vida alternativo, direcionado para a atividade artística, considerando vantajosa a exposição à diversidade social, cultural e étnica que os centros urbanos oferecem.

Nesta nova era pós-modernista, Harvey (1989) considera que, pela compressão do tempo e do espaço, a propensão psicológica e social das pessoas para o individualismo, a procura pelo *status*, respeito, segurança e identidade coletiva, contribuem para moldar os modos de consumo e estilos de vida. Importa, no entanto, conhecer a génese de todo o processo de gentrificação da vida noturna, que teve o seu início nas sociedades anglo-saxónicas.

1.4.A experiência anglo-saxónica

Tinha-se já adiantado que a vida noturna passou a ser instrumentalizada pelos órgãos decisores das cidades como uma ferramenta útil para a regeneração dos centros urbanos, não só como forma de atrair o investimento de capital, mas também de catalisar novas dinâmicas de apropriação do espaço urbano. Ou seja, o fenómeno da vida noturna transformou-se numa janela de oportunidade da sociedade pós-industrial, quando a sociedade ocidental assistiu a um processo gradual de desindustrialização e consequente desertificação dos seus centros urbanos, pelo que deve ser contextualizado nas profundas transformações económicas que têm decorrido nos países ocidentais, desde os finais dos anos sessenta do século XX. A experiência anglo-saxónica constituiu um pilar estruturante para o desenvolvimento deste estudo, uma vez que a literatura existente sobre os fenómenos associados à vida noturna, tanto nos Estados Unidos da América como na Inglaterra, tem já uma base bastante consolidada.

Os Estados Unidos da América e, mais concretamente, a cidade de Nova Iorque, foram um exemplo da instrumentalização da economia noturna para revitalização do centro da cidade. Na década de setenta do século XX, a vida noturna em Nova Iorque, que começou a florescer em bairros outrora abandonados da cidade, por força do processo de desindustrialização que se havia verificado nos anos cinquenta e sessenta, projetava uma imagem de desordem, de declínio e de liberalismo cultural (Hae, 2011). Os processos de regulamentação da vida noturna eram, até então, escassos, uma vez que a sociedade vivia uma era de recessão económica que não permitia a alocação de meios e de recursos para fazer face aos problemas existentes.

Hae (2011) refere que a vida noturna em bairros como *SoHo* e *NoHo* em Nova Iorque beneficiavam deste relaxamento regulatório (ver quadro 1), o que levou a um processo de ocupação ilegal dos edifícios abandonados, por parte de uma classe de artistas pobres que se fixaram nestas zonas. A presença destes artistas ajudou, no entanto, a revalorizar o mercado imobiliário local, que por sua vez, e mais tarde, atraiu o capital imobiliário nacional, que converteu muitos edifícios industriais em residências de luxo, com a utilização de subsídios do estado através de benefícios fiscais municipais (Zukin, 1987; Hae, 2011). Desconstrução e demolição, expropriação e rápidas mudanças nos usos como resultado da especulação imobiliária, foram uma das faces mais visíveis das novas dinâmicas urbanas (Harvey, 1989).

Por detrás deste *boom* empresarial e de investimento imobiliário formou-se uma nova classe cultural de yuppies - *Young Urban Professional* -, com poder aquisitivo e consequentemente padrões e estilos de vida elevados (Harvey, 1989). Como é sublinhado por Zukin (1987), esta nova classe de yuppies dedicava-se a profissões de colarinho branco. Com esta reformulação da paisagem urbanística, a transformação do tecido socioeconómico e consequente aumento exponencial dos valores do mercado imobiliário, muitos artistas que se haviam fixado nestes bairros foram obrigados a se deslocarem para bairros periféricos. A fixação destes novos moradores com maior poder de compra, e consequentemente com uma capacidade *reclamatória* mais acentuada, obrigou a que as autoridades locais dessem início a um processo de regulamentação dos excessos que caracterizavam o comércio noturno, normalmente associado ao consumo de drogas e ao excesso de ruído (Hae, 2011b).

No entanto, a vida noturna não foi completamente descartada por parte das autoridades locais, uma vez que se verificou, nessa mesma época, um *boom* de discotecas que passaram a ser consideradas como motores da economia das cidades pós-industriais, na medida em que as empresas relacionadas com a prestação de serviços de entretenimento e consumo encontraram um *nicho* de mercado para fazer face à recessão económica, focalizando-se numa estratégia de marketing que passou a promover a vida noturna que floresceu nos centros urbanos (Hae, 2011).

A década de oitenta, do século XX, assistiu assim ao ressurgimento de uma nova preocupação com os centros da cidade Nova-Iorquina, aparentemente esquecidos na década de setenta, como pontos focais e simbólicos de um modo de vida especificamente urbano, recriando-os como espaços de uma nova urbanidade centrada no lazer, no mercado de consumo e numa vida residencial de prestígio, e destinada a sinalizar o reconhecimento gradual do papel da cultura na mudança dos centros urbanos (Lovatt e Connor, 1995). A vida noturna tornou-se num dos temas mais debatidos pelos residentes nos bairros mais afetados, que se insurgiam negativamente contra os efeitos nocivos dos estabelecimentos de diversão noturna, como o barulho excessivo, o excesso de tráfego automóvel e o vandalismo (Hae, 2011b).

Face aos problemas que foram surgindo decorrentes da aglomeração de pessoas que provocavam ruído, as autoridades locais iniciaram um processo de regulamentação dos estabelecimentos de diversão noturna, através de estratégias de *zonificação*, em especial dos cabarets, e de limitação do ruído. A atmosfera até então permissiva, que

caracterizou os anos setenta, foi diminuindo nos anos oitenta. Os empresários que se dedicavam à economia noturna viram as suas rendas serem aumentadas exponencialmente, uma vez que, as políticas de restrição adotadas passaram a privilegiar o desenvolvimento residencial que atraía jovens americanos novos-ricos (Hae, 2011).

Na década de noventa do século XX, Nova Iorque assistiu a um excesso de regulamentação e repressão da vida noturna (regulamentação essa que se estendeu para além das discotecas), em zonas centrais da cidade, por forma a mitigar os conflitos que se tinham instalado na comunidade residente contra os problemas decorrentes da instalação de estabelecimentos noturnos. Este processo de regulamentação foi acompanhado, no entanto, com campanhas governamentais de marketing turístico que visavam promover a cidade através do entretenimento nocturno que, na ótica de Hae (2011), assumiu padrões localmente idiossincráticos e contraditórios de *gentrificação pró e contra a vida noturna*, uma vez que envolveu conflitos de interesses assentes no binário *grupos anti vida noturna e grupos pró-vida noturna*.

Liam Hae (2011) fala de uma *gentrificação pró e contra a vida noturna* porque, se por um lado, privilegia o desenvolvimento de atividades vocacionadas para a economia do entretenimento e da cultura, como forma de revitalizar zonas da cidade, até então moribundas, apelando para que sejam frequentadas por pessoas de classe média, média alta, como forma de impulsionar a indústria turística; por outro lado, e por força dos constrangimentos originados pela excessiva frequência de pessoas durante os períodos noturnos (ruído, alcoolismo, desordem e vandalismo, conspurcação do espaço público), os decisores políticos viram-se obrigados a aplicar medidas restritivas e disciplinadoras, por forma a regular a própria atividade noturna. Em resposta, surgiram dois grupos ativistas pró-vida noturna, o *New York Nightlife Association* (NYNA), que se envolveu em campanhas para a proteção da vida noturna como indústria e como um negócio e o *Legalize Dancing in New York City* (LDNYC), que se concentrou em lutar contra a lei que regulava as regras de *zonificação* e licenciamento que se aplicavam aos estabelecimentos de diversão noturna, com atividades de dança, como os cabarets (Hae, 2011b).

No caso de Nova Iorque, observou-se que a *gentrificação da vida noturna* produziu uma nova classe de empreendedores que beneficiou do desenvolvimento económico emergente na vida noturna, transformando-a sob uma forma industrializada

e padronizada, em detrimento das incubações subculturais mediadas pela *noturnidade* alternativa (Hae, 2011b).

Quadro 1. Evolução histórica da regulamentação da vida noturna em Nova Iorque

<i>Partes interessadas</i>	<i>Pré 1990</i>	<i>Pós 1990</i>
Leis e instituições	Aumento dos pedidos para regulamentar e fiscalizar a vida noturna	Novas correções legais e institucionais sobre os problemas de vida noturna: zonificação da legalização de bares; discursos sobre controlo e fiscalização da vida noturna
Alvos da regulamentação	Concentração em megadiscotecas	Expansão para outros estabelecimentos
Comunidades residenciais	Aumento dos protestos	Poder para intervir no processo de licenciamento
Proprietários dos estabelecimentos	Reações individualizadas sobre a regulamentação	Mobilização dos atores da vida noturna; conflitos entre estes
Culturas da vida noturna 'Gentrificação com e contra a vida noturna'	Replicação em cada bairro	

Fonte: Hae, Lam (2011), "Dilemmas of the Nightlife Fix: Post-industrialization and the Gentrification of Nightlife in New York City", *Urban Studies*, (16), 48, pp. 3449-3465.

Apesar de todas as medidas e restrições impostas no cenário da vida noturna em Nova Iorque, os problemas têm vindo a persistir. De acordo com um estudo⁵ conduzido por um grupo de estudantes de pós-graduação do *Hunter College's Department of Urban Policy & Planning*, hoje em dia, assistimos a uma sobrelotação dos espaços de diversão noturna, principalmente no distrito do sudeste de *Manhattan*, que aparentemente está a causar efeitos nocivos para o bairro e para os seus habitantes locais. Esta sobrelotação é o resultado de uma política que, ao agilizar a aprovação dos pedidos de licenciamento dos estabelecimentos de venda de bebidas alcoólicas, demonstra pouca consideração pela comunidade residente, favorecendo o lucro dos estabelecimentos, em grande parte bares, clubes e restaurantes.

As questões mais abordadas neste estudo foram o crime, as perceções dos residentes sobre a segurança pública e o impacto que a política de licenciamento de estabelecimentos de venda de bebidas alcoólicas têm na qualidade de vida dos residentes. Os efeitos visíveis e mensuráveis incluem o aumento do crime, graves problemas de saúde pública e segurança e uma diminuição geral da qualidade de vida

⁵ *Over-Saturation of Nightlife is Toxic to the LES* in <https://www.scribd.com/document/350580016/Over-Saturation-of-Nightlife-is-Toxic-to-the-LES>

dos seus residentes. Em relação ao crime, por exemplo, este estudo permitiu descobrir que os crimes de assalto e de violação aumentaram quase 45% e 14%, respectivamente, comparativamente a outros bairros de Nova Iorque. Relativamente ao sentimento de segurança, os residentes demonstraram que se sentem mais inseguros e que a qualidade de vida diminuiu significativamente com o ruído excessivo que os estabelecimentos de diversão noturna produzem e com o aumento das rendas, que por sua vez contribuem para o aceleração da rotatividade residencial. Este estudo, apesar de exploratório, permitiu concluir que existe uma correlação direta entre a densidade espacial dos estabelecimentos de diversão noturna e o aumento do crime, a diminuição do sentimento de segurança e, conseqüentemente, a diminuição da qualidade de vida da comunidade residente.

Apesar de nas cidades Norte Americanas a implementação da ideia de *cidades criativas*, como solução para reestruturação dos bairros com espaços predominantemente vocacionados para a diversão noturna, ter sido popular, esta iniciativa foi, contudo, mais proeminente na Inglaterra (Hae, 2011; Lovatt e O'Connor, 1995). Desde a década de setenta do século XX, que muitos centros metropolitanos britânicos, à semelhança do que aconteceu na América do Norte e na Europa Ocidental, assistiram ao despovoamento dos núcleos urbanos, por força da suburbanização do emprego e, conseqüentemente, dos espaços residenciais. O resultado foi o desemprego generalizado, a decadência física e social dos centros urbanos, o crime, a presença de pessoas em situação de sem-abrigo e o abandono das cidades. Neste contexto, foram desenvolvidos esforços para transformar e reestruturar os centros urbanos, então desertificados, em resposta aos problemas identificados (Chatterton e Hollands, 2002).

O modelo norte-americano influenciou fortemente as políticas urbanas britânicas, sobretudo nos anos de governação de Thatcher, pela implicação do capital privado nos negócios urbanos, a favor de uma mudança empresarial na governança urbana e do uso de incentivos fiscais para atrair investimento (Hollands e Chatterton, 2002; Compans, 2004). Essa influência atuou na promoção de uma nova identidade nas cidades britânicas e na ideia de que as economias noturnas e culturais da cidade, através de estabelecimentos de diversão e entretenimento como os bares, pubs e clubes de música, desempenhavam um papel impulsionador nas reformas da economia urbanística e regeneração dos centros urbanos com recurso a este tipo de vascularização económica e social. O discurso e a estratégia da *cidade 24 horas* (Lovatt e O'Connor, 1995), foram

uma resposta direta ao rápido crescimento das atividades fora da cidade, impulsionadas pela suburbanização. Esta estratégia foi aplicada nos centros urbanos que sofriam de falta de segurança e que estavam em declínio, porque se tornaram espaços de transição diurna, onde as pessoas trabalhavam e faziam compras, entre as nove e as dezassete horas, e depois iam para casa (Liemp, *et al.*, 2014). A repercussão sentiu-se quando os recentes focos de atração noturna seduziram novos grupos de profissionais urbanos que, atraídos por um novo estilo de vida requintado, dispararam por sua vez a oferta de bens e serviços culturais e catalisaram o crescimento da atividade cultural e da vida noturna (Hollands e Chatterton, 2002; Talbot, 2007). O discurso do movimento *Night Time Economy* que surgiu no Reino Unido, na década de noventa do século XX, representava a noite urbana como uma janela de oportunidade que permitia o impulsionamento da economia da cidade (Liemp *et al.*, 2014).

A nova dinâmica promovida pela economia noturna, apesar de ter sido aplaudida pelas autoridades locais como sendo um mecanismo útil que promoveu a mudança e a regeneração urbana, suscitou, no entanto, e face às situações de desordem e anarquia que começaram a emergir, receios relativos à questão da regulação dos licenciamentos dos estabelecimentos de diversão noturna e da fiscalização do espaço público (Hollands e Chatterton, 2002; Talbot, 2007). Os grupos de pessoas residentes passaram a desempenhar um papel importante na regulamentação da cidade, principalmente quando começaram a surgir os primeiros conflitos com os novos atores e protagonistas da noite. A regulamentação encetada pelas autoridades locais suscitou algumas controvérsias, uma vez que os discursos e os resultados demonstraram ser contraditórios e discriminatórios. Em primeiro lugar, porque a lei de licenciamento, na prática, distinguiu os tipos de entretenimento que poderiam ser associados às diversas e pretensas classes sociais. Em segundo lugar, porque se diferenciava, entre os estabelecimentos de venda comercial de álcool e de atividades de entretenimento, aqueles sobre os quais as cervejeiras tinham pouco controle (Talbot, 2007).

As políticas de licenciamento tiveram um impacto negativo pela fraca intervenção do Estado neste processo, que, consistente com uma ideologia neoliberal, foi permitindo que os bares vendessem grandes quantidades de álcool a preços baixos, o que, por sua vez, incentivou o seu consumo excessivo (Hae, 2011b). Como resultado, e com a instalação de vários conflitos de interesses, a vida noturna urbana transformou-se numa arena de negociações complexas em que, de um lado, estavam os interesses dos

aparelhos tradicionais - judiciário e policial -, preocupados com a ordem social e a segurança pública, do outro lado, grupos com interesses comerciais e com o objetivo de acumulação de capital, e finalmente o governo local com interesse em expandir a economia cultural e noturna (Chatterton, 2002).

Com o desenvolvimento do *Licensing Act 2003*⁶, um Ato do Parlamento Britânico, que tinha como objetivos prevenir o crime e a desordem, garantir a segurança pública, prevenir incómodos públicos e proteger as jovens contra os danos, concentrou num único diploma um esquema integrado para licenciamento dos estabelecimentos de venda de bebidas alcoólicas, substituindo desta forma vários diplomas que se encontravam dispersos. Esta Lei promoveu igualmente mudanças importantes, uma das quais a criminalização de venda de bebidas alcoólicas a jovens.

Hoje em dia assistimos a uma disseminação dos exemplos anglo-saxónicos por todo o mundo ocidental e oriental. Apesar da divergência de realidades culturais, económicas e sociais, os problemas continuam a ser os mesmos. Iremos ver seguidamente como é que as cidades europeias têm lidado com a vida noturna.

1.5. Noturnidade contemporânea

O Relatório do Fórum Europeu para a Segurança Urbana, de 2013, *Safer Drinking Scenes Alcohol, City and Nightlife*, no âmbito de um projeto de partilha de boas práticas para a gestão da vida noturna e dos espaços públicos, abordou os riscos da vida noturna contemporânea, decorrentes da alcoolização excessiva, conseqüente aumento da violência, dos comportamentos desviantes, e da vitimização acrescida pela vulnerabilização que o consumo do álcool provoca nos seus consumidores. Aos riscos acrescidos para os consumidores, decorrentes de intoxicações, acidentes, situações de violência e mortes, estes comportamentos impactam negativamente nos residentes, constituindo uma fonte de tensão social para estes. Se por um lado os jovens se sentem mais seguros quando se divertem nas zonas centrais das cidades, por outro lado, os residentes desenvolvem um forte sentimento de insegurança decorrente destes focos de diversão. Para além do ruído, a grande preocupação dos residentes recai sobre os

⁶ http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2003/17/pdfs/ukpga_20030017_en.pdf

comportamentos de violência que o consumo excessivo de álcool e a grande concentração de pessoas no espaço público podem despoletar.

Neste relatório do FESU é espelhado o processo de apropriação do espaço público por parte dos jovens que frequentam a noite, associando o consumo de bebidas alcoólicas à relação que estes desenvolvem com os espaços públicos, sendo estes absorvidos por completo pela dinâmica e movimentação dos jovens. A maior parte dos eventos festivos noturnos, associados à organização de festivais de verão, em algumas cidades europeias, representam também um fenómeno de concentração massiva de frequentadores notívagos no espaço público. A prática do *binge drinking* antes dos jovens saírem para se divertirem, foi identificado como um fenómeno igualmente preocupante, na medida em que este comportamento é um indicador de que estes querem acelerar o processo de alcoolização, pois o álcool estimula e acelera os ritmos da noite, a sociabilização e a convivialidade (FESU, 2013).

Enquadrado neste projeto foram desenvolvidas uma série de boas práticas para fazer face ao fenómeno da vida noturna e identificados os padrões comportamentais dos jovens. Cidades como Estugarda, Roterdão, Brest, La Rochelle, Reggio Emilia, Bordeus, Nantes, Antuérpia, Liége e Kingston na Inglaterra, estiveram envolvidas neste projeto. Neste âmbito foram identificados alguns fatores chave que despoletam o processo de vivência da vida noturna. Em algumas cidades francesas o consumo de álcool no espaço público deve-se em grande parte à necessidade de sair à noite com os amigos e à própria conveniência oferecida pelos espaços escolhidos para diversão. Em La Rochelle, França, os jovens sentem-se seguros em se divertirem nesses espaços centrais da cidade porque estes oferecem uma atmosfera amigável e diferente. A sensação de liberdade e ausência de controlo é um outro fator que apela à convivência dos jovens no espaço público, uma vez que os espaços fechados são mais limitados.

Concomitantemente, os problemas mais identificados como sendo comuns em todas as cidades abrangidas foram a densidade de atividades económicas noturnas, ou seja, uma grande concentração geográfica de locais de diversão noturna, o acesso ao álcool barato e sem supervisão ou controlo, por parte das autoridades, a utilização de parques e espaços públicos para encontros e consumo de álcool, as situações de violência após o consumo excessivo, o ruído elevado e os conflitos com os moradores decorrentes dos comportamentos dos visitantes, nomeadamente em relação ao estacionamento ilegal.

Em Portugal, a situação não é muito diferente. Num estudo realizado por Cláudia Rodrigues (2016), através de uma compreensão ritmográfica na produção da cidade notívaga, que incidiu numa *party district* na Baixa cidade do Porto, é abordado o processo de transformação de um espaço urbano noturno, conjugando três elementos essenciais: *lazer, boémia e festa*. Esta autora procurou enfatizar a emergência de um *novo tempo, o tempo notívago*, que configurou um *novo espaço urbano* nesta zona da cidade do Porto, imprimindo, por sua vez, ritmos de mudança e de fragmentação social nos usos e contra-usos do espaço no quotidiano da vida urbana. E é precisamente da ressonância dos vários ritmos que a própria vida noturna impõe nos espaços urbanos, que emergem as tensões e conflitos entre os vários personagens que nela habitam. Tensões e conflitos que se encontram replicados em vários territórios notívagos, em especial aqueles que pertencem à cidade de Lisboa.

CAPÍTULO II. LUGARES DE CONSUMO, CONSUMO DE LUGARES

2.1. Uma Lisboa eclética

Nos últimos anos Lisboa ganhou protagonismo no mercado turístico internacional e transformou-se numa cidade turística por excelência. Uma cidade agradável para os seus habitantes, tornou-se ainda mais aprazível para os seus visitantes. Cidade charmosa, pitoresca, encantadora, considerada pelo *site Urban City Guides* como uma das mais belas cidades para se visitar, definida como possuidora *de uma beleza sedutora e por polir e uma cidade deliciosamente decadente* (<https://www.acityguides.com/lisbon/>). Lisboa é uma cidade única, onde a modernidade e a tradição histórica coabitam no mesmo espaço. Numa lista divulgada no *Time Out City Index*, e através de um questionário, ao qual responderam 20 000 pessoas de 18 cidades, no qual é avaliado o índice de atratividade e de vibração de uma cidade e do que podemos fazer, para tirar partido dela, nas seguintes dimensões: comer e beber, inspiração, dinamismo, comunidade, acessibilidade de preços e sociabilidade, Lisboa, surge em terceiro lugar, sendo a cidade europeia mais bem classificada do *Índex*. Nesta lista, Lisboa foi ainda considerada uma cidade sociável, boa para fazer amigos e apaixonar-se, o sítio onde é mais provável as pessoas se relacionarem com alguém que conhecem na rua e onde é mais provável conhecerem bem os seus vizinhos. Os contactos pessoais são ainda mais privilegiados em contraponto com os contactos virtuais tão privilegiados noutras cidades (<https://www.timeout.pt/lisboa/pt/blog/time-out-city-index-lisboa-eleita-a-cidade-mais-vibrante-da-europa-112616>).

Enquanto macrocosmo territorial e palco fundamental dos fenómenos essencialmente urbanos, Lisboa compreende os seus bairros onde os fenómenos urbanos ganham vida e uma identidade própria, e tornam-se atrativas para os visitantes, porque incorpora *uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca*⁷ (Cordeiro, 2003).

Lynch (1982 (1960)) caracteriza o *bairro* como uma área relativamente homogénea em relação ao resto da cidade, possuindo deste modo determinadas características que permitem diferenciá-la do resto do tecido urbano: texturas, espaços, formas, detalhes, símbolos, tipos de edificação, usos, atividades, habitantes, grau de

⁷ Título de um artigo de Graça Índias Cordeiro.

conservação. Como partes importantes do viver da cidade, os bairros não são limitados administrativamente, pois apesar de alguns terem fronteiras fortes, outros não possuem fronteiras visíveis sendo por vezes muito indefinidos os seus limites. O bairro (Cordeiro, 1997:13-14; Noschis, 2011), enquanto *entidade social e espacial mais limitada que a cidade*, deve ser analisado através da sua definição territorial, dos seus atributos económico-sociais e pelas suas imagens culturais.

Os bairros ideais são classificados, como os que devem reunir uma série de requisitos que permitam identificá-los (Urban Villages Group e Aldous, 1992; Balula, 2010: 48-49): *i. uma dimensão razoavelmente pequena, para que a distância entre os diversos lugares seja facilmente percorrida a pé, possibilitando que as pessoas se conheçam, mas suficientemente grande para facilitar a diversificação de actividades; ii. um serviço de transportes públicos; iii. uma concentração de actividades cívicas, culturais e institucionais e comerciais, que ofereçam uma diversidade de pontos de encontro, formais e informais; iv. uma multiplicidade de usos no bairro em geral e em cada quarteirão; v. uma malha densa de ruas interligadas, formando quarteirões de dimensões pequenas, que facilitem a escolha de percursos pedestres alternativos; vi. um ambiente confortável e seguro para os peões, que permite o automóvel sem, no entanto, privilegiar o seu uso; vii. uma combinação de edifícios de diferentes tipos e dimensões com um elevado número de edifícios de usos mistos; viii. uma concentração de edifícios robustos que se adaptem a diferentes usos de acordo com as necessidades de épocas diferentes; ix. uma relação equilibrada entre o número de empregos que oferece e o número de unidades residenciais; x. uma atividade diversificada, a diferentes horas do dia, assim como uma economia noturna que proporcione espaços de lazer, encontro e entretenimento.*

Os bairros na cidade de Lisboa têm estas características pois *são bairros antigos, perto do centro da cidade, inseridos numa continuidade urbanizada com séculos de história, sem qualquer espécie de visibilidade de fronteiras* (Cordeiro, 1997:39). Contudo *...têm nomes que os distinguem e, em certas situações, constituem-se como referências localizadas, com corpos coletivos de dimensões variáveis que assumem comportamentos de rivalidade territorializada* (idem, ibidem), pelo que se assiste na cidade de Lisboa a um *picotado de lugares que fazem dela uma cidade de bairros remetendo-nos para uma ideia de fragmentação de espaços com características históricas, arquitetónicas, sociais e vivenciais próprias, como para construções*

pictóricas e romantizadas de formas de vida urbana supostamente cristalizadas (Gato, Ramalhete e Soares, 2011:1-2).

É nesta sequência que Cordeiro (2001:127), se questiona sobre as escalas de observação e análise adequadas para a identificação e conhecimento dos bairros, *assumindo estes bairros como lugares, no verdadeiro sentido antropológico do termo e ressaltando a sua identidade própria, história, memórias e sociabilidades partilhadas, atividades delimitadoras de fronteiras territoriais emic bem visíveis durante certas festividades cíclicas* (idem, ibidem). Neste sentido Cordeiro (2001: 139) refere *que os bairros podem, pois, ser considerados parte de uma cidade, lugares urbanos de tamanho e configuração variáveis, ou seja, unidades socio espaciais problemáticas em si próprias*.

Balula (2010: 43,48), por sua vez, afirma que *determinadas áreas urbanas centrais se distinguem enquanto espaços de referência para a cidade dos lugares*, destacando-se o Bairro Alto como um desses lugares, por possuir um conjunto de características únicas que o distingue e cujo caráter histórico não o impediu de se transformar, quer através da assimilação de novos usos, quer através das dinâmicas sociais diferentes e inovadoras que foram emergindo. Como todos estes autores defendem, as cidades são divididas por bairros que fortalecem a sua identidade e os seus aspetos culturais, simbólicos e arquitetónicos. Caracterizando-se como sendo uma subdivisão das cidades, os bairros têm uma identidade própria onde subsiste um sentimento de pertença por parte dos seus habitantes.

Os bairros desempenham um papel fundamental na construção da imagem da cidade. Nos guias e roteiros turísticos encontramos uma cidade editada, construída através dos seus bairros. Uma cidade onde, por um lado, há determinadas características e determinados elementos que são exacerbados, elevados à categoria de “imperdíveis” e, por outro lado, há uma cidade onde há uma série de outros elementos que são simplesmente excluídos e, dessa forma, como já foi dito anteriormente, os guias e roteiros turísticos acabam por construir uma cidade de papel que se sobrepõe à cidade do quotidiano (Gomes, 2013:261).

O centro histórico de Lisboa é constituído por vários bairros com características próprias que constituem espaços de referência na cidade: Bairro Alto, Baixa-Chiado, Alfama, Mouraria, Bica, Castelo, Graça, São Vicente, Madragoa, mas como nenhum desses bairros - com exceção de São Vicente que é uma freguesia -, constitui uma unidade administrativa, devem a sua existência ao modo como as memórias populares *multifacetaram* identidades coletivas muito específicas.

Não estando definido o seu estatuto de bairro, o Cais do Sodré tem vindo a ganhar uma posição diferenciada dentro da cidade de Lisboa. A sua delimitação geográfica é igualmente pouco perceptível, porque na verdadeira acepção, a sua delimitação confinar-se-ia unicamente pela Praça Duque da Terceira, pelo Jardim de Roque Gameiro e pela Rua dos Remolares. As suas fronteiras são artificiais e a sua designação enquanto *bairro* deve-se em grande parte pelo prolongamento da vida noturna nos seus espaços públicos e pela percepção e imagem construída pelos seus residentes e frequentadores. Tendo sido uma zona portuária transformada para lazer noturno, as suas características urbanísticas são diferentes do Bairro Alto.

2.2.Freguesia da Misericórdia

...na Lisboa dos anos 20, os bairros eram, designações topográficas populares, sem consagração oficial, realidade esta que perdurou até aos dias de hoje... na medida em que ...em termos rigorosos, apenas podemos contar com as freguesias – unidades mínimas territoriais e administrativas – e uma rede precisa de artérias e locais da cidade – avenidas, ruas, praças, largos, edifícios (Silva, 1930:6; Cordeiro, 2001:126).

A contextualização administrativa dos recortes territoriais em estudo é fundamental para a compreensão das dinâmicas que os envolvem, até porque se situam ambos no centro histórico da cidade. Tanto o Bairro Alto como o Cais do Sodré pertencem à mesma freguesia, a Misericórdia. Esta nova freguesia, cujo nome se deve à presença da sede da Santa Casa da Misericórdia, é o resultado da fusão das anteriores freguesias: Encarnação, Santa Catarina, São Paulo e Mercês, promulgada na Lei n.º

56/2012, 8 de novembro, que procede à reorganização administrativa da cidade de Lisboa. Esta Lei, tem como objetivo a implementação de uma nova estratégia de governação e consequente descentralização de poderes, estabelecendo um novo mapa da cidade (artigo 1.º, n.º 1 e n.º 2).

Neste contexto, foram estabelecidos os limites fronteiriços da nova freguesia, a Misericórdia: *a sul - talvegue do rio Tejo; a nascente - Largo do Corpo Santo, Rua do Arsenal, Travessa do Ferragial, Calçada do Ferragial, Rua de Victor Cordon, Rua de António Maria Cardoso, Rua da Misericórdia, Calçada do Duque, Estação do Rossio; a norte - Rua das Taipas, Rua de D. Pedro V, Praça do Príncipe Real, Rua da Escola Politécnica, Rua de Cecílio de Sousa, Rua do Prof. Branco Rodrigues, Rua de Marcos Portugal, Rua da Imprensa Nacional; a poente - Rua de São Bento, Calçada da Estrela, Rua de Correia Garção, Avenida de D. Carlos I* (artigo 9.º, alínea m)).

Em termos da sua dimensão territorial, e de acordo com os dados dos censos de 2011 (INE), conjugados com os dados da Carta Administrativa Oficial de Portugal do Instituto Geográfico Português (IGEO), a freguesia da Misericórdia tem um peso de cerca de 2% em toda a cidade de Lisboa, com uma área de 2,19 km². No entanto, concentra perto de 4% dos edifícios da cidade e 2% de população, estimando-se desta forma que a densidade populacional em relação ao resto da cidade é o dobro. Para além disso, é a área da cidade de Lisboa onde existe uma maior concentração de edifícios mistos, - ocupação residencial partilhada com outros tipos de ocupação funcional, e onde o edificado antigo - 65% anterior a 1919, é predominante.

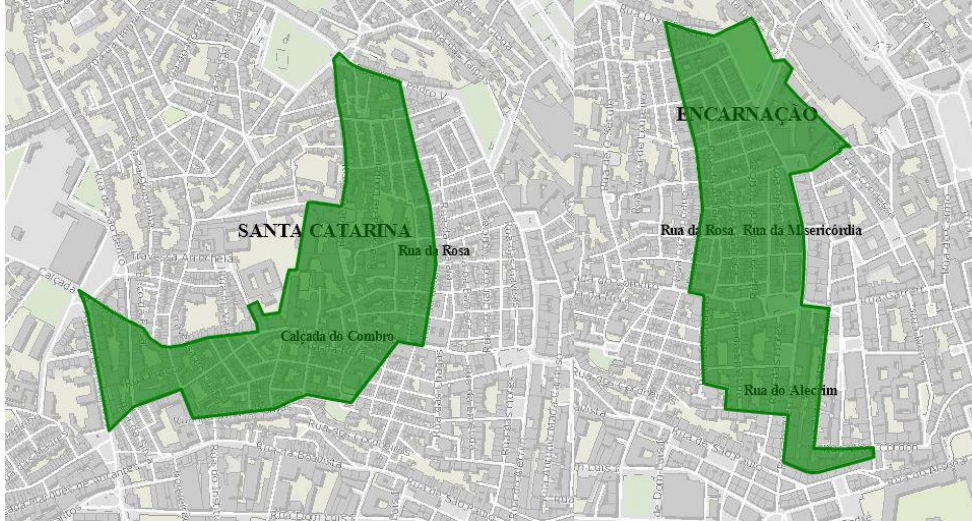
Em termos populacionais, a freguesia da Misericórdia tem 13.043 indivíduos residentes. O número de indivíduos com mais de 64 anos tem um peso de 31,7% relativamente à restante população e de quase 20% relativamente à camada etária que se situa entre os 0 e os 24 anos. A população do Bairro Alto tem um peso de 45,7% sobre o total da população da freguesia⁸ e a do Cais do Sodré⁹ um peso de 20,9%. A restante percentagem de população pertence à anterior freguesia das Mercês que engloba a zona do Príncipe Real e áreas adjacentes. Nas ilustrações seguintes pode-se observar como estavam divididas as antigas freguesias. As freguesias da Encarnação e de Santa

⁸ Neste cômputo foram abrangidas as antigas freguesias da Encarnação e de Santa Catarina de acordo com o mapa <http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi/> A minha freguesia.

⁹ De acordo com o mapa da antiga freguesia de São Paulo onde a zona do Cais do Sodré ficou circunscrita neste estudo, como se pode ver no mapa da <http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi/> A minha freguesia.

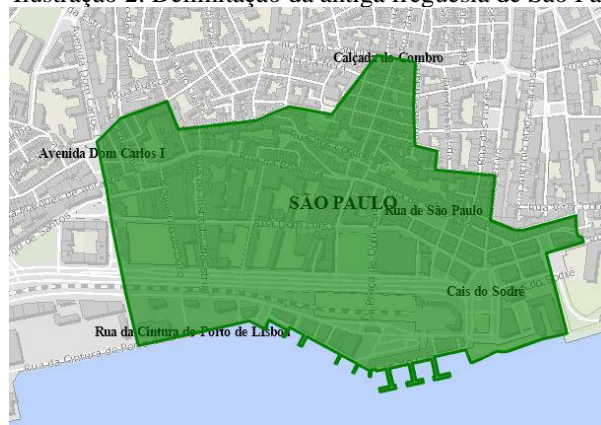
Catarina englobavam o Bairro Alto. A freguesia de São Paulo circunscrevia a zona do Cais do Sodré.

Ilustração 1. Delimitação das antigas freguesias da Encarnação e Santa Catarina



Fonte: <http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi/> - 11 de outubro de 2017

Ilustração 2. Delimitação da antiga freguesia de São Paulo

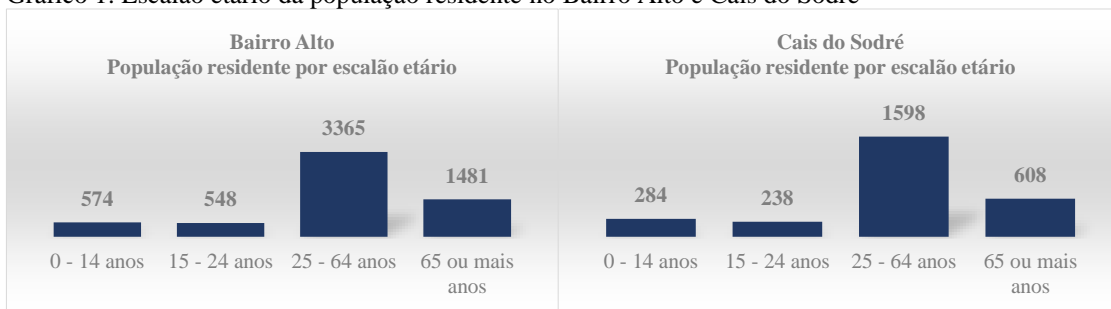


Fonte: <http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi/> - 11 de outubro de 2017

Fazendo um paralelo demográfico entre os dois territórios em estudo, Bairro Alto e Cais do Sodré, estes apresentam a seguinte composição demográfica, que coincide com a composição demográfica da própria freguesia da Misericórdia. O gráfico 1 mostra que, em termos comparativos, tanto o Bairro Alto como o Cais do Sodré, apresentam a mesma composição etária, isto é, os indivíduos com idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos estão em maioria, apesar de ser um hiato temporal demasiado extenso, e o número de indivíduos com 65 ou mais anos sobrepõem-se aos que se

encontram na faixa etária mais jovem, entre os 0 e os 24 anos, constituindo pouco menos de metade dos indivíduos que se encontram na considerada faixa etária ativa, entre os 25 e os 64 anos. Este dado indica que estamos perante dois territórios cuja população apresenta um elevado índice de envelhecimento.

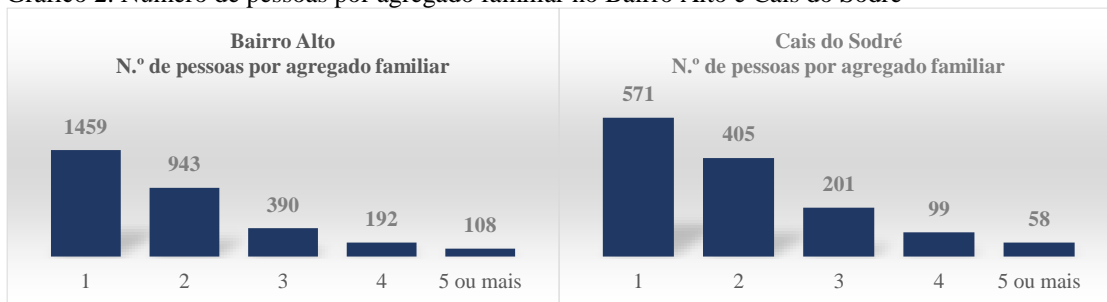
Gráfico 1. Escalão etário da população residente no Bairro Alto e Cais do Sodré



Fonte: www.ine.pt -15 de dezembro de 2015

Já o gráfico 2 mostra que a maioria dos agregados familiares dos dois territórios são compostos por pessoas isoladas, estando as famílias com 3 ou mais elementos em minoria. Esta análise pode ser também um indicador da estrutura envelhecida da população.

Gráfico 2. Número de pessoas por agregado familiar no Bairro Alto e Cais do Sodré

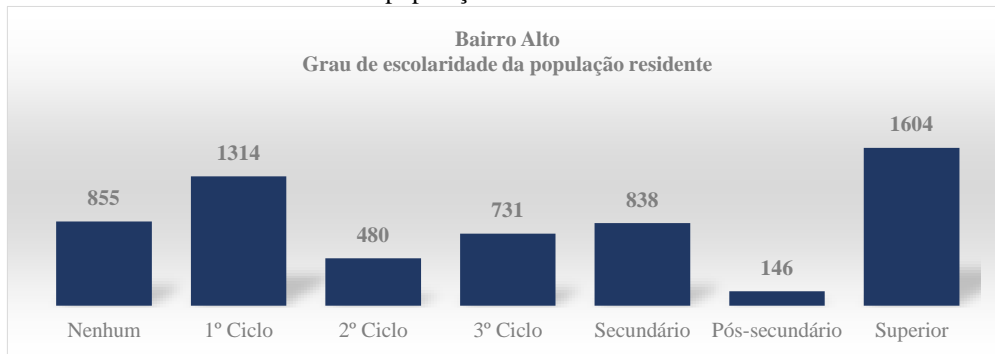


Fonte: www.ine.pt -15 de dezembro de 2015

Curiosamente, e apesar de os dois territórios apresentarem uma tendência demográfica similar relativamente à sua estrutura etária e à composição do agregado familiar, já em relação ao grau de escolaridade isso não se verifica. Enquanto no Bairro Alto, os indivíduos com um grau de escolaridade superior constituem 26,8% do total da população e os indivíduos com o 1º ciclo, 22%, no Cais Sodré, a situação inverte-se, pois, os indivíduos com o 1º ciclo de escolaridade constituem 24,5% e os indivíduos

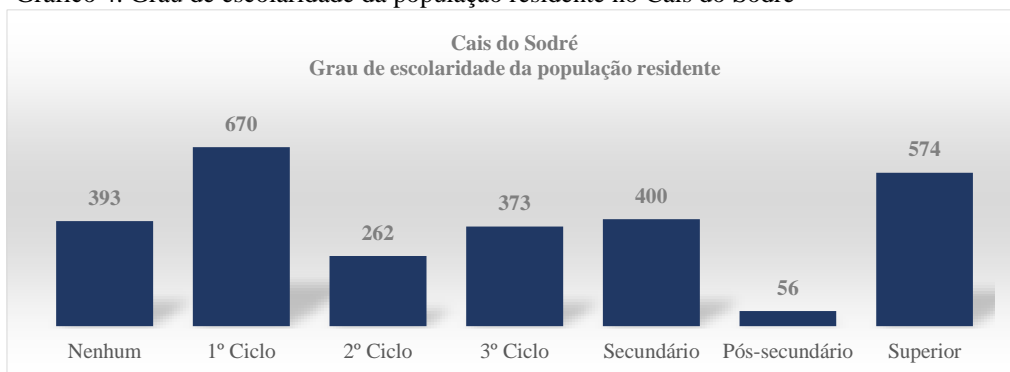
com escolaridade superior, 21% sobre o total da população residente. Em relação aos restantes graus de escolaridade não se verificam divergências entre os dois territórios (ver gráficos 3 e 4).

Gráfico 3. Grau de escolaridade da população residente no Bairro Alto



Fonte: www.ine.pt -15 de dezembro de 2015

Gráfico 4. Grau de escolaridade da população residente no Cais do Sodré



Fonte: www.ine.pt -15 de dezembro de 2015

A análise destes indicadores servirão de base para uma posterior análise mais fina ao inquérito que foi aplicado aos residentes em ambos os bairros, relativamente às dinâmicas dos territórios em horário noturno.

2.3. Bairro Alto: centro de criatividade e de cultura

Territorialmente o Bairro Alto é delimitado a sul pela Praça Luís de Camões, Rua do Loreto, Largo do Calhariz e Calçada do Combro, a leste pela Rua do Século, a

norte pela Rua Dom Pedro V, e a oeste, pela Rua de São Pedro de Alcântara e Rua da Misericórdia (Carita, 1994; Frúgoli, 2013; 2014), como se pode verificar na ilustração 3.

Ilustração 3. Mapa do Bairro Alto de acordo com Carita (1994)



Fonte: <http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi/> - Elaborado pela autora em setembro de 2017

Considerado um espaço privilegiado de diversão noturna e de criatividade na cidade de Lisboa, o Bairro Alto é, urbanisticamente, uma consequência da materialização de um conjunto de regras urbanísticas e arquitetónicas estabelecidas por D. Manuel I, no início do século XVI, que, assumindo uma nova atitude perante a cidade, lançou os alicerces dos novos princípios de ordem urbana em Lisboa, criando nesta zona da cidade *um centro irradiador de cultura e de novos comportamentos* (Carita, 1994:25) e conferindo-lhe assim uma identidade própria. Esta nova identidade, fruto da influência direta que os jesuítas tiveram na educação da jovem aristocracia, constituiu um *fator determinante na divulgação de uma arquitetura racionalista de linhas maneiristas sólidas e depuradas* pois os palácios e grandes casas senhoriais confinavam-se ao loteamento inicial sem criar irregularidades, pairando em toda a

zona uma ordem contrária a um espírito urbanista português até então pouco programático (Carita, 1994:27-29).

Apesar de no século XVII se ter observado um período de consolidação urbanística e arquitetónica do Bairro Alto, e, de o terramoto de 1755, já no século XVIII, não ter tido um impacto expressivo nesta zona da cidade de Lisboa, as grandes obras pombalinas de alargamento das ruas da Misericórdia, Camões e Século, transformaram a forma como o Bairro Alto se relacionava com a cidade envolvente (Carita, 1994). Estas ruas passaram a funcionar como uma cintura de ligação fronteiriça entre o bairro e a cidade. Esta integração do Bairro Alto na cidade pombalina baseou-se num duplo movimento, tanto de proteção da malha ortogonal antiga, como de alargamento e construção de grandes conjuntos populacionais, que favoreceram o fechamento do bairro numa *espécie de uma ilha no meio da cidade* (Carita, 1994:37). Este fechamento reforçou o espírito comunitário nos seus moradores, acentuou as suas características de centralidade e de privacidade e intensificou o carácter popular do bairro, determinando uma forte descontinuidade entre a cidade e este. Estas características despoletaram o clima artístico e de marginalidade que surgem então em finais do século XVIII e que se perpetuaram ao longo dos séculos XIX e XX (Carita, 1994).

Na época em que se assiste à destruição da cidade de Lisboa, decorrente do terramoto de 1755, com a consequente alteração na reconstrução dos edifícios, presencia-se o declínio do Bairro Alto, enquanto zona privilegiadamente aristocrática, ganhando este uma nova vivência burguesa, consequência da proteção que o Marquês de Pombal deu a esta classe emergente neste território. Adquirindo progressivamente características de *centralidade face ao crescimento da cidade*, associadas as *qualidades de intimidade e privacidade*, o Bairro Alto transformou-se num centro de intelectuais e artistas (Carita, 1994:35-36).

O Bairro Alto que existe na atualidade é o reflexo de uma política urbanística e arquitetónica que se pautou pela preservação das particularidades e qualidades que ao longo de vários séculos o caracterizaram: centralidade, privacidade e intimidade. Localizado no centro da cidade de Lisboa, caracterizou-se sempre ao longo da sua história como um lugar boémio, principalmente a partir de meados do século XIX, por estar associado ao fado, à prostituição e à marginalidade, tornando-se também um ponto visível da imprensa local, por nele estarem sediadas as redações dos principais jornais

da época (Carita, 1994; Frugóli, 2013;2014). Nos anos oitenta do século XX, o Bairro Alto serviu novamente como foco central para um novo movimento boémio, a *movida lisboeta*, inspirando-se no movimento espanhol *la movida madrileña* (pós-franquista), que lhe serviu de modelo (Frugóli, 2013; 2014), ganhando uma nova vida, sobretudo de deambulação noturna, com a abertura de bares, discotecas, lojas de decoração e *design*.

No final dos anos noventa, o Bairro Alto assistiu a uma escalada crescente no fluxo de frequentadores noturnos, incluindo turistas europeus e estudantes ligados ao Programa Erasmus, passando a ser na cidade de Lisboa, a zona mais movimentada durante o período noturno. *O Bairro Alto hoje em dia é muito diferente do que era nos anos sessenta e setenta do século XX, um lugar considerado pela maioria da população do resto da cidade pobre e duvidoso, marcado por alguma desconfiança pública, apenas aberto à curiosidade dos turistas e a um certo espírito boémio* (Pavel, 2011:5). Ainda que constitua um recetáculo de antigas tradições culturais enraizadas, o Bairro Alto tem registado nos últimos anos profundas alterações na sua textura social com a chegada de novos moradores, portadores de um estilo de vida próprio, adeptos de conceitos culturais alternativos e com a introdução de novos espaços comerciais direcionados para novos públicos, *designadas novas classes médias*, população que é protagonista de um *movimento de recentralização e que redescobre no valor histórico e/ou arquitetónico dos bairros a capacidade de se reinventar social e culturalmente* (Mendes, 2008:14).

Pode-se dizer que é um território que sempre desempenhou um papel relevante na vida cultural da cidade, porque integra espaços socialmente diversificados, de pertença heterogénea, dada a diversidade dos seus utilizadores e frequentadores, metamorfoseando-se economicamente, socialmente e culturalmente em função da hora do dia (Costa, 2009). Ao longo das últimas décadas tem-se caracterizado como um território a que é difícil de resistir, na medida em que está situado no coração da cidade de Lisboa, sendo um dos centros nevrálgicos da atividade noturna da capital. Com o passar dos anos, o Bairro Alto deixou de se situar numa zona periférica, ganhando uma maior densidade populacional e adquirindo uma grande autonomia dentro da cidade (Lopes, 2014). As atividades criativas desenvolveram-se neste local, *articuladas no eixo Chiado-Bairro Alto, explorando a relação de complementaridade entre a parte institucional do Chiado (dentro das antigas muralhas) e a parte mais marginal e alternativa do Bairro Alto (fora das antigas muralhas)*, transformando-o num bairro

cultural e criativo da cidade e o *palco da maior diversidade de atividades culturais em Lisboa* (Costa, 2009; Lopes, 2014:83).

Em termos espaciais pode-se dizer que o espaço público no Bairro Alto é muito reduzido, as ruas assumindo a função de *sala de estar do bairro* para os frequentadores *que andejam e cavaqueiam durante o período diurno e igualmente para os que visitam o bairro à noite, permanecendo de pé ou sentados ao longo das ruas* (Costa e Lopes, 2012; Lopes, 2014:82). Esta característica acentuou-se ainda mais quando, em 2007, entrou em vigor a *Lei n.º 37/2007, de 2 de agosto*, que aprovou a proibição de fumar em determinados locais, nomeadamente em recintos fechados de acesso ao público.

As características deste território converteram-no num dos espaços urbanos mais movimentados da noite lisboeta, local de passagem de muitos jovens residentes em Lisboa, concelhos limítrofes, turistas e estudantes estrangeiros, que encontram aqui muitos dos típicos espaços de convivialidade e sociabilidade, característicos das culturas juvenis urbanas. A sua particularidade está bem marcada no espaço urbano, que se metamorfoseia constantemente, ao sabor de novas tendências estéticas e sociais, afirmando-se como um local privilegiado de peregrinação juvenil notívaga, concentrando um número considerável de estabelecimentos de restauração, bares e discotecas, para além do desenvolvimento de um comércio baseado tendencialmente em atributos estéticos e simbólicos, relacionadas com a arte, cultura ou moda (Costa, 2013).

2.4.O Cais do Sodré já não é só um lugar de passagem

Cais do Sodré had upstaged Bairro Alto as Lisbon's most happening nightlife district (Nofre, Jordi, 2013:111).

Tal como o Bairro Alto, a importância do Cais do Sodré no contexto da cidade de Lisboa é, *não só urbana, mas também profundamente social, pois o cruzar de pessoas que chegam e vão para os mais diversos pontos da cidade e arredores, é aqui particularmente intenso*, conjugando em simultâneo uma dupla vocação: humana e comercial, desde épocas antigas (Gama e Miranda, 1997:209). Este lugar é considerado um dos centros nevrálgicos da cidade de Lisboa, por nele se concentrarem as principais

estações fluviais e terrestres - estação ferroviária, paragens de táxis, elétricos, autocarros e a proximidade da estação fluvial do Cais do Sodré. A construção da Estação Ferroviária do Cais do Sodré, inaugurada em agosto de 1928 (<http://restosdecolecao.blogspot.pt/2011/12/estacao-do-cais-do-sodre.html>), constituiu um marco importante para a transformação e renovação deste território, para a sua correta integração no contexto urbano envolvente, impondo, no entanto, uma identidade, visível na *gramática decorativa* estampada na obra de Pardal Monteiro (Gama e Miranda, 1997:212). A construção da estação ferroviária permitiu que o centro da cidade passasse a estar ligado às praias, o que tornou este lugar essencialmente de passagem e desviando a sua lateralidade cada vez mais para o centro (Mangorrinha, 1997).

Para se falar no território do Cais do Sodré e a sua importância na cidade de Lisboa, importa enquadrar e posicionar a cidade que teve o Tejo como referencial para a sua evolução e cuja intensa e contínua relação com o rio, se materializa nas constantes transformações que se foram verificando ao longo da frente ribeirinha, considerada *uma das áreas da cidade onde as mudanças nos modos de utilização do espaço têm sido mais frequentes* (Alves e Ramos, 1997:365). O Tejo e os seus espaços foram valorizados desde épocas remotas pela implantação de funções essencialmente económicas, pelo que esta valorização obrigou a transformações que permitissem modificar a forma de contacto entre as águas e as terras. Considerado como um elemento fundamental da imagem da cidade, o Tejo tem uma interrelação especial com as vivências urbanas e com as formas de apropriação do espaço, constituindo uma componente determinante no crescimento e na dinâmica da cidade de Lisboa.

Ilustração 4. Mapa do Cais do Sodré – designação *emic*¹⁰ pelo alargamento da vida noturna

Fonte: <http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi/> - Elaborado pela autora em setembro de 2017

Grande parte da área que hoje em dia define a zona do Cais do Sodré situa-se em terrenos conquistados ao rio desde o terramoto de Lisboa de 1755 (Castilho, 1893). A Rua do Conde, atual Rua do Alecrim, fazia a ligação entre a parte alta da cidade, Bairro Alto, e a zona da frente de água, que ficou sempre associada à construção naval e ao tráfego marítimo, pela fixação dos *grandes armadores* na zona dos Remolares (Castilho, 1893:522-523). No século XIX foram inúmeras as estalagens, pensões e casas de pasto que passaram a ocupar o então Largo dos Remolares, que hoje em dia corresponde à Praça Duque da Terceira, Cais do Sodré, frequentada essencialmente pelos negociantes e homens do mar, em consequência da sua posição à beira Tejo. Este lugar era marcadamente masculino dado ter sido um lugar de convívio e de encontros de marinheiros, capitães mercantes e barqueiros, *estigmatizado por meetings habituais de marítimos* (Cordeiro, 1997:51).

À semelhança do Bairro Alto, o Cais do Sodré também esteve sempre associado a marginalidade, que serviu de mote à criação de espaços de convívio, – dinâmica que se manteve vincada até mais tarde que no Bairro Alto, – na medida em que se manteve sempre ligada à prostituição, a lugares boémios, de encontros e *onde a transgressão era uma constante* (Lopes, 2014: 84). No século XX, esta zona entrou num processo de degradação e de redução gradual da sua vitalidade, em que as várias atividades económicas ali sediadas, desde bares, pensões e cabarés, a transformaram num espaço

¹⁰ Termo sugerido pelo linguísta Kennet Pike (1954) que estabelece a distinção entre as abordagens que a antropologia pode adotar aquando da análise de um mesmo objeto.

mal-afamado (Recomendação sobre a zona do Cais do Sodré, REC/7/CPBP/GAT-CPBP/13, 2013).

O "velho" Cais do Sodré deu lugar ao "novo" Cais. O que por muitas décadas foi um bairro inundado de álcool, comida barata, peep shows, música de fado, marinheiros bêbedos, episódios de violência nas ruas, drogas e prostituição, começou a mudar em meados da década de 1970, quando algumas lojas e várias empresas do Cais do Sodré foram convertidas em pequenos locais de diversão noturna, dando origem a locais ainda abertos ao público, como a Discoteca Jamaica, o Bar Europa, o Bar Tokyo e o Viking. Além disso, muitos outros bares foram abertos ou ficaram conhecidos como os portos comerciais mais famosos do mundo (Porto de Filadélfia, Shangri-La, Tóquio, Roterdão, Copenhague, Liverpool, Oslo, etc). A tudo isto devemos acrescentar a Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974, que levou à queda do regime fascista de Salazar e, no campo da vida noturna, marcou o início do processo de "democratização" da noite de Lisboa. É por isso que o Cais do Sodré foi então reapropriado por jovens das classes médias da cidade, estudantes universitários, boêmios, intelectuais e jornalistas locais. No entanto, tal "democratização", e com uma perspectiva de longo prazo, levaram a um "deslocamento espacial" da prostituição marginal (Nofre, Jordi, 2013:6-7).

Não sendo considerado um local de massas, pois era frequentado por um público essencialmente *alternativo*, atualmente este fenómeno sofreu alterações, na medida em que passou a estar *na moda* frequentar o *Cais* (Lopes, 2014: 84), proporcionando uma nova tipologia de diversão noturna, baseada no consumo do *vintage*, do *boémio* e do *decadente*, como forma de distinção social (Nofre, 2013). O lendário Cais do Sodré dos tempos de marinheiros e cabarés, dos conflitos e das rixas ligadas ao fenómeno da prostituição, passou a remeter para uma imagem já ultrapassada. *Não tendo deixado de ter uma conotação boémia, esta zona evoluiu, e desde há cerca de uma década tem sido palco de manifestações de natureza cultural, de novos movimentos artísticos e com uma população de frequentadores de nível social, étário e especialmente cultural, muito diferente daqueles que eram nos anos 60 e 70* (CPET, 2014:2). Verificou-se um processo sincrónico de abertura de novos espaços e de transformação de outros -

nomeadamente o bar *Pensão Amor*, que anteriormente era ocupado por uma pensão ligada à prostituição, o *Bar Sol e Pesca* que era uma antiga loja de venda de apetrechos de pesca, - que se reinventaram e se adaptaram aos novos movimentos e novas formas de consumo, transformando o Cais de Sodré num lugar obrigatório de passagem e fruição da noite lisboeta, nomeadamente por turistas e estudantes estrangeiros.

Desde finais de 2011, e com a revitalização da Rua Nova do Carvalho, o Cais do Sodré transformou-se, passando a oferecer um aglomerado de atividades ligadas ao setor criativo, em repercussão das transformações que alteraram a imagem do Bairro Alto nos anos oitenta do século XX. Após um intervalo que durou alguns meses, a zona do Cais do Sodré foi reconvertida e os espaços de diversão noturna até então existentes, Europa, Tokyo e Jamaica, foram reabertos com uma nova dinâmica, reforçada pelo apoio dado pela Associação dos Comerciantes e Amigos do Cais do Sodré. Estas transformações visavam *reafirmar* esta zona como um lugar de animação noturna por excelência, através do encerramento da Rua Nova do Carvalho ao trânsito automóvel, popularizada como *Rua Cor-de-Rosa*, pela nova cor do pavimento, o que fez aumentar os seus frequentadores.

A transformação do espaço público em espaço comercial foi um trabalho desenvolvido por artistas *artbuilding*, o que possibilitou a apropriação do espaço público por parte das pessoas que a frequentam, transformando-se no epicentro da vida noturna no Cais do Sodré (Lopes, 2014). A Rua Nova do Carvalho ou atual Rua Cor-de-Rosa, considerada pelo jornal norte-americano *The New York Times*, uma das doze ruas europeias preferidas, é um projeto de intervenção urbana da autoria do arquiteto José Adrião, promovido pela Câmara Municipal de Lisboa e pela Associação Cais do Sodré e patrocinado pela *Absolut Vodka* (<http://joseadriao.com/portfolio/rua-cor-de-rosa>). Este projeto, numa estratégia de reabilitação do bairro, tinha como objetivos recuperar e limpar a rua, facilitar a ordenação das esplanadas, melhorar a iluminação, estimular novas valências comerciais em diferentes horários do dia, e reforçar a importância das atividades culturais e criativas (www.agendalx.pt/evento/rua-cor-de-rosa).

Toda a memória, vivência social e histórica do Cais do Sodré impactaram no aceleração do seu processo de gentrificação, dada a sua herança histórica com um passado de vivência noturna, constituindo o coração hedonista da cidade de Lisboa. *Se no Bairro Alto o processo de gentrificação foi sendo travado por diversas restrições e conflitos de uso, tão importantes para a sustentabilidade deste tipo de dinâmicas*

informais, no Cais do Sodré essa situação não se tem constatado, estando a assistir-se a uma recomposição urbana, social e económica bastante veloz (Costa e Lopes, 2012; Costa, 2013; Lopes, 2014:86).

Considerado como o *nó de convivialidade*, tem-se vindo a reafirmar como sempre foi, um local de encontros de pessoas por excelência (Lopes, 2014). *A movida de Lisboa tem os seus pontos mais altos e populares no Bairro Alto e Cais do Sodré, havendo como que um movimento que se inicia no Bairro Alto e termina já depois do dia nascer no Cais do Sodré* (CPET, 2014:2). É considerada ainda como uma *zona trashy e cool onde todas as culturas atracam* pela *Home Hunting* (<https://www.homehunting.pt/>), pela presença de um público muito diferenciado, desde hipsters, retro, *graffiters*, *emos* e alternativos. A estas características acresce o facto de ter melhores acessos automobilísticos, o que levou à sua reafirmação na vida noturna da cidade, na medida em que sempre foi um local de encontro de pessoas.

CAPÍTULO III. REGULANDO E MEDIANDO A VIDA NOTURNA

3.1. *Pro et contra* a noite no Bairro Alto

Diferentes interesses e motivações, geram os tradicionais conflitos de uso verificados nestas áreas, a vários níveis, entre utilizadores e residentes, utentes diurnos/noturnos, residentes tradicionais/recentes (incluindo new gentrifiers), atividades culturais tradicionais/novas, mas também, naturalmente, os decorrentes da atividade criativa em si mesma, transgressora por natureza (Costa e Lopes, 2016).

As características dos dois territórios em análise, polaridade nos usos entre o dia e a noite, entre os dias de semana e os fins-de-semana, originam conflitos entre os vários atores que coabitam nestas áreas da cidade. A proliferação de estabelecimentos de diversão noturna (bares, pubs e discotecas) que se foram instalando nos últimos anos, tem vindo a agravar ainda mais os conflitos já instalados, aumentando a discórdia dos moradores relativamente à dinâmica destes territórios em horário noturno. Dos problemas que mais afetam os moradores, o ruído noturno é o mais relevante, fruto da concentração de pessoas em torno dos estabelecimentos de diversão noturna e do não cumprimento dos horários estipulados por lei, por parte desses estabelecimentos. O excesso de pessoas nas ruas do Bairro Alto ter-se-á agudizado ainda mais quando, em 2002, foi restringida a circulação automóvel no núcleo central deste bairro e, em 2008, foi introduzida a lei que proíbe fumar no interior dos estabelecimentos.

Em 2009 a imprensa debruça-se sobre a vida noturna no Bairro Alto e sobre os problemas que daí resultam, relatando situações de ruído, da existência de bares em excesso, de toxicodpendência nas ruas e mesmo dos conflitos de interesses entre os vários atores que ali já se concentravam e relacionavam. A mistura entre residentes, comércio, animação noturna, frequentadores e restauração, gerou um processo de desequilíbrio na, até então, coexistência pacífica que subsistiu nas décadas de oitenta e noventa do século XX, assente no mau relacionamento que se instalou entre as várias partes interessadas deste processo. Até ao momento da sua transformação, momento em que o poder político da Câmara Municipal de Lisboa sentiu necessidade de impor

algumas limitações nos horários que eram praticados pelos bares, o Bairro Alto mantinha um *sistema de autorregulação, fruto de uma multiplicidade de mecanismos intrínsecos ao seu próprio funcionamento* (Belanciano, 27 de fevereiro 2009).

As tensões são múltiplas, seja entre residentes e frequentadores, entre moradores tradicionais e novos residentes, entre comércio tradicional e novas atividades, entre utilizadores diurnos e noturnos ou entre agentes culturais e reguladores públicos das suas atividades (Belanciano, 27 de fevereiro de 2009).

Mas estes problemas foram o resultado de uma legislação que se preocupou pouco com a questão da necessidade de conjugar fatores urbanísticos importantes para a plena harmonização das cidades, bem como para uma fusão harmoniosa entre a estrutura habitacional e a estrutura comercial, levando a que os interesses de quem dorme na cidade entrassem em conflito com os interesses de quem pretende usufruir economicamente dos benefícios que as zonas de atração turística e de animação cultural que estes locais proporcionam.

A legislação até então existente sobre a regulação do funcionamento dos estabelecimentos comerciais na cidade de Lisboa é o reflexo disso. Em 1996, o *Decreto-lei n.º 48/96, de 15 de maio* introduz um novo regime dos horários de funcionamento dos estabelecimentos comerciais, com a fundamentação de corrigir os desequilíbrios concorrenciais, com vista à promoção de uma política de fortalecimento das pequenas e médias empresas, concomitantemente com a necessidade de preservar os hábitos de consumo para melhor satisfazer as necessidades dos consumidores. Assim, cafés, cervejarias, casas de chá, snack-bares, restaurantes e self-services, poderiam laborar todos os dias da semana até às 2 horas da madrugada; lojas de conveniência (introduzidas pela primeira vez na lei), todos os dias até às 2 horas da manhã; clubes, cabarets, dancings, *boîtes* e casas de fado, até às 4 horas da manhã.

Este diploma preconizava ainda que os municípios poderiam aplicar restrições aos horários fixados, por motivos de segurança e ordem pública, e caso houvesse necessidade de promover a proteção da qualidade de vida dos cidadãos. Nesta sequência, e em 1997, o município de Lisboa aprovou o *Regulamento dos Períodos de Abertura e Funcionamento dos Estabelecimentos de Venda ao Público e de Prestação*

de Serviços do Concelho de Lisboa, através da *Deliberação n.º 87/AM/97 de 14 de outubro*. Este regulamento obedeceu à mesma linha do *Decreto-lei n.º 48/96, de 15 de maio*, com a exceção de que os *cabarets, dancings*, clubes e estabelecimentos similares fechariam às 2 horas da manhã. No entanto, foi deixada em aberto a possibilidade de alargamento dos horários permitidos, de forma a adequar estes mesmos horários às diversas zonas da cidade e às suas características intrínsecas. Assim, o alargamento dos horários dos estabelecimentos poderia ser aplicado em zonas de animação cultural, de espetáculos e de atração turística, desde que fossem respeitadas as características socioculturais e ambientais e a densidade populacional residente, a estrutura originária dos edifícios, as condições de circulação e estacionamento e os níveis de ruído impostos por lei, salvaguardando ainda, as questões de segurança e de proteção da tranquilidade e repouso dos habitantes da cidade (*Deliberação n.º 87/AM/97 de 14 de outubro*).

Neste contexto, e face às reclamações que começaram a surgir relativamente à atividade noturna no Bairro Alto, foi fixado novo horário de funcionamento dos estabelecimentos comerciais de restauração e bebidas nesta zona da cidade de Lisboa, através do *Despacho n.º 151/P/2008 de 16 de outubro*. Este despacho foi proferido sob o argumento que, *dadas as características arquitetónicas do Bairro Alto, e o facto de ser um território que conjugava estruturas habitacionais e estruturas comerciais, concomitantemente com a atividade noturna que sempre o caracterizou*, e que a permanência de pessoas nas ruas gerava focos de ruído afetando o repouso dos residentes, imperava a necessidade de limitar em quase todas as artérias e quase totalidade de números de polícia, o horário de funcionamento dos estabelecimentos de restauração e bebidas. Assim, a restauração em geral, passou a ser limitada para o horário de fecho até às 2 da manhã, todos os dias da semana; os cafés, casas de chá e estabelecimentos similares, até às 24 horas, todos os dias da semana; os *pubs*, bares e afins até às 2 horas da manhã, todos os dias da semana, salvaguardando que, mediante requerimento, poderiam alargar o horário para as 3 horas da manhã, às sextas, sábados e vésperas de feriado, facto este que se consolidou no *Despacho n.º 113/P/2009 de 6 de agosto*; os *dancings*, clubes, *boîtes* e casas de fado, poderiam laborar todos os dias da semana até às 2 horas da manhã, e sextas, sábados e vésperas de feriado, até às 4 da manhã.

O *Despacho 138/P/2011 de 17 de novembro*, por sua vez, veio regulamentar o horário de funcionamento das lojas de conveniência, que, perante a limitação imposta à

instalação de novos estabelecimentos de restauração e bebidas, por força do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico do Bairro Alto e Bica (PUNHBAB), republicado no aviso n.º 5508/2014, de 30 de abril, começaram a florescer de uma forma desenfreada. Estas lojas de conveniência, não eram designadas como estabelecimentos de restauração e bebidas, porque não dispunham de alvará sanitário, licença de abertura e autorização de utilização para efeitos de restauração e bebidas, mas procediam, no entanto, à venda de bebidas alcoólicas. O surgimento destas lojas de conveniência veio desvirtuar o argumento que levou à limitação de instalação de novos estabelecimentos de restauração e bebidas que estava previsto no Plano de Urbanização aplicável, o que por sua vez originou um novo desconforto que se instalou entre os habitantes do Bairro Alto, nomeadamente entre os comerciantes.

Inicialmente, a abertura destas lojas tinha, como principal objetivo, suprir as necessidades de bens alimentares e de primeira necessidade à população residente e visitante. Mas, em simultâneo, vendiam bebidas alcoólicas a retalho, isto é, praticavam preços mais baratos do que aqueles que eram praticados pelos bares e estabelecimentos similares, fazendo-o em garrafas de vidro, que os frequentadores da vida noturna consumiam na via pública, o que gerava a proliferação de detritos cortantes que se espalhavam nas ruas. A abertura das lojas de conveniência passou a contribuir para a degradação da qualidade ambiental deste território, para além de que os comportamentos adotados pelos frequentadores da vida noturna potenciavam o sentimento de insegurança das pessoas que ali viviam e circulavam, em concomitância com a degradação do espaço público, não obstante a questão da saúde pública dos residentes. Assim, o *Despacho 138/P/2011* reduziu o horário de laboração destas lojas, que inicialmente tinham de estar abertas 18 horas por dia para suprir os bens necessários aos moradores e visitantes, para 12 horas, isto é, passaram a ter de abrir às 8 da manhã e fechar às 20 horas, em quase todas as artérias e totalidade dos números de polícia do Bairro Alto.

Paralelamente aos problemas relacionados com a sua dinâmica durante o período noturno, o Bairro Alto ficou também associado à ideia de insegurança e criminalidade: desacatos, assaltos, esfaqueamentos, cenas de pancadaria, tráfico de droga, relatados pela Associação de Moradores do Bairro Alto (<http://ocorvo.pt/inseguranca-e-trafico-de-droga-continuam-a-marcas-o-quotidiano-do-bairro-alto/>). Perante este cenário que se repetia praticamente todos os fins-de-semana, foi instalado um sistema de

videovigilância em 2014, com câmaras estrategicamente posicionadas em 27 pontos do Bairro Alto (ver ilustração 5)¹¹, cujo alargamento para a zona do Cais do Sodré se prevê para 2019.

Ilustração 5. Sistema de videovigilância do Bairro Alto



Fonte: <http://lx2.cm-lisboa.pt/lxi/> - setembro de 2017

3.2. Pro et contra a noite no Cais do Sodré

No Cais do Sodré, os problemas relacionados com os usos e contra-usos do espaço público por parte dos frequentadores da vida noturna, começaram a ressoar em 2011, com o surgimento de uma nova dinâmica, decorrente do nascimento de estabelecimentos com novas valências, que intensificaram, ainda mais, a frequência dos consumidores na via pública. Estes novos hábitos de consumo, em especial no espaço público, despoletaram, por sua vez, uma série de reclamações por parte dos moradores,

¹¹ Por defeito do mapa extraído, não estão identificadas duas câmaras de videovigilância.

que passaram a recear pela sua segurança. Com estas transformações, o Cais do Sodré passou a ter os mesmos problemas que o Bairro Alto: os moradores começaram a queixar-se, com mais frequência, que não conseguiam dormir, dos gritos das pessoas, das corridas de caixotes do lixo a meio da noite, dos *graffitis*, dos carros vandalizados, do lixo e do mau cheiro nas manhãs de fim-de-semana.

Em 2012 começaram a sair as primeiras notícias das consequências da transformação do Cais do Sodré, com a reabertura das discotecas *Tokyo*, *Jamaica* e *Europa*, o surgimento de novos bares como a *Pensão Amor*, o *Povo* e a *Velha Senhora*, e o fecho e pintura da Rua Nova do Carvalho ao trânsito em finais de 2011 (Sobral, 4 de abril de 2012). Até então, o Cais do Sodré era uma zona pacífica da cidade, onde a vida noturna funcionava, mas à porta fechada. O único problema, mas que não era visto como tal pelos seus moradores, era a existência de prostituição. Para alguns moradores as prostitutas até serviam como agentes de controlo das ruas, o que significava uma mais-valia para quem ali vivia. Mas estas também se queixavam sobre esta transformação do Cais do Sodré, que começou a ser frequentado por grupos de jovens que não respeitam as mulheres, sendo estas muitas vezes incomodadas por estes grupos (Sobral, 4 de abril de 2012). Perante este cenário emergente nesta zona da cidade e motivado pelas inúmeras queixas e reclamações que começaram a chegar, o município de Lisboa resolveu proferir novo despacho que incidisse em especial na zona do Cais do Sodré. O *Despacho n.º 100/P/2012 de 3 de janeiro*, veio restringir os horários de funcionamento dos clubes, cabarets, *boîtes*, dancings, pubs, bares, casas de fado e estabelecimentos análogos, com ênfase nos estabelecimentos que praticavam os chamados *afterhours*, uma vez que eram estes os estabelecimentos que geravam maior incomodidade nos residentes, porque fechavam às quatro e reabriam às seis da manhã, horário este que estavam autorizados a fazer. Paralelamente, a atividade destes estabelecimentos gerava um *efeito de rede* (*Despacho n.º 100/P/2012 de 3 de janeiro*), porque atraíam um grande volume de consumidores, que passaram a estabelecer-se na via pública, junto dos equipamentos que lhes eram disponibilizados, contribuindo deste modo para a diminuição da qualidade de vida e bem-estar dos moradores desta zona da cidade de Lisboa.

De facto, a nova dinâmica que surgiu no Cais do Sodré foi também o resultado de uma série de imposições que foram feitas no Bairro Alto, nomeadamente as limitações aos horários de funcionamento dos estabelecimentos de restauração e

bebidas, a proibição de instalação de novos estabelecimentos e consequente intensificação da fiscalização aos estabelecimentos que não dispunham de licença e alvará de abertura e a própria limitação aos horários de funcionamento das lojas de conveniência, que entretanto tinham começado a proliferar por força das limitações anteriormente descritas. Assim, os frequentadores assíduos do Bairro Alto passaram a deslocar-se para as zonas limítrofes, o que veio alterar os hábitos de consumo ao nível dos estabelecimentos de restauração e bebidas no Cais do Sodré.

Os horários de funcionamento dos estabelecimentos situados no Cais do Sodré, Bica e Santos, foram posteriormente limitados através do *Despacho n.º 140/P/2014 de 18 de dezembro*. Neste despacho, foi decidida ainda a proibição de venda de bebidas alcoólicas (independentemente da natureza do material do recipiente) para o exterior dos estabelecimentos, a partir da 1 hora da manhã. As lojas de conveniência destas zonas viram também os seus horários restringidos, pelo que só poderiam laborar até às 22 horas. Este despacho foi aplicado em quase todas as artérias do Cais do Sodré e em quase todos os números de polícia.

3.3. Da liberalização à zonage

Os problemas decorrentes da vida noturna nos dois territórios voltaram a intensificar-se quando, em 2015, sai um decreto-lei que liberaliza o horário de funcionamento dos estabelecimentos comerciais. O novo regime de acesso e exercício de atividades de comércio, serviços e restauração, *Decreto-Lei n.º 10/2015, de 16 de janeiro*, que altera o *Decreto-Lei n.º 48/96, de 15 de maio*, e que entra em vigor no dia 1 de março de 2015, consolida num único diploma as regras de acesso e exercício de um amplo conjunto de atividades, cuja regulamentação se encontrava até à data dispersa. Ao mesmo tempo, introduz procedimentos padrão, inovações e alterações, dentro dos quais se destaca a *liberalização dos horários de funcionamentos dos estabelecimentos comerciais*, tendo apenas de ser cumprido o estipulado em Regulamento Municipal.

Enquanto não foi adaptado o novo regulamento dos horários de funcionamento dos estabelecimentos pela Câmara Municipal de Lisboa, e por *Deliberação n.º 96/CM/2015 de 27 de fevereiro*, vigorou o *Regulamento dos Horários de*

Funcionamento dos Estabelecimentos de Venda ao Público e de Prestação de Serviços no Concelho de Lisboa aprovado pela *Deliberação 87/CM/97 de 14 de outubro*. No entanto, e atendendo às particularidades arquitetónicas do Bairro Alto, continuaram a vigorar os limites de horários especificados nos *Despachos Municipais n.º 151/P/2008, de 16 de outubro, n.º 165/P/2008, de 6 de novembro, n.º 113/P/2009, de 6 de agosto e n.º 138/P/2011, de 18 de novembro*. Igualmente nas zonas do Cais do Sodré, Santos e Bica continuaram a vigorar os *Despachos n.º 100/P/2012, de 3 de janeiro, n.º 140/P/2014, de 18 dezembro e n.º 142/P/2014, de 31 de dezembro, alterado pelo despacho 9/P/2015, de 3 de fevereiro*, dadas as particularidades destas zonas residenciais. As ações de fiscalização continuaram a ser feitas com base nestes despachos.

De forma a contornar os problemas que advieram da liberalização dos horários de funcionamento dos estabelecimentos, preconizada no *Decreto-Lei n.º 10/2015, de 16 de janeiro*, e no sentido de minimizar as situações de incomodidade provocadas pela laboração dos estabelecimentos de diversão noturna em algumas zonas da cidade, o Município de Lisboa reviu o regulamento de horários de funcionamento dos estabelecimentos de venda ao público e de prestação de serviços no concelho de Lisboa, tendo criado novo regulamento, publicado no *Aviso n.º 13367/2016 de 28 de outubro*. Este novo regulamento introduziu uma série de alterações inovadoras, sendo a mais significativa a divisão da cidade, no que diz respeito à existência de estabelecimentos de restauração e bebidas, em duas áreas geográficas distintas: zona A, com limites nos horários de funcionamento dos estabelecimentos; zona B, sem restrições nos horários de funcionamento. Na zona B, que abrange essencialmente a zona ribeirinha da cidade, o horário dos estabelecimentos é livre, aplicando-se o *Decreto-lei 48/96, de 15 de maio (art.º 1, n.º 1)*, podendo estar abertos 24 horas, todos os dias da semana.

Para além da introdução desta divisão da cidade em duas zonas distintas, o novo regulamento introduziu algumas alterações significativas: os estabelecimentos passaram a ser classificados de acordo com o horário de funcionamento; os horários de funcionamento destes foram alterados em função do tipo de atividade desenvolvida por cada estabelecimento; os períodos de funcionamento dos estabelecimentos passaram a estar adequados em função dos usos urbanísticos da zona envolvente; e foram estabelecidas uma série de requisitos que garantam que o ruído da música no interior dos estabelecimentos não se propague para o exterior dos mesmos (insonorização,

limitadores de som, funcionamento com as janelas e portas fechadas), como também requisitos que assegurem a segurança dos consumidores aquando no interior dos estabelecimentos (existência de antecâmara na porta de entrada, segurança privada, sistema de videovigilância, equipamento de deteção de armas, segurança privada com especialidade de porteiro). Os estabelecimentos com pista de dança passaram a ter de reabrir somente às 12 horas, terminando de uma vez por todas com as *afterhours*, cujos estabelecimentos fechavam às 4 horas e reabriam às 6 horas da manhã. Ainda, e no âmbito destas alterações que foram feitas, ficou em aberto a possibilidade de o município de Lisboa voltar a restringir a comercialização de bebidas e comida para fora dos estabelecimentos depois da 1 hora da manhã.

Este regulamento entrou em vigor no dia 28 de novembro de 2016, tendo sido estabelecido um prazo limite de 120 dias para o cumprimento das regras de funcionamento específicas previstas no art.º 6º do novo regulamento: insonorização dos espaços, colocação de limitadores de som, avaliação acústica e funcionamento dos estabelecimentos com as janelas e portas fechadas; regras essas que passaram a ser alvo de fiscalização, a partir do dia 8 de março de 2017.

Paralelamente a todos os esforços feitos ao longo destes anos para minimizar os efeitos da vida noturna nestas duas zonas da cidade, a Assembleia Municipal de Lisboa tem vindo a promover anualmente um *Debate Sobre o Estado da Cidade*, onde as questões relacionadas com a vida noturna, nomeadamente nos territórios do Bairro Alto e Cais do Sodré, são discutidas. Os vários pontos enunciados pelas partes interessadas já previam, em 2014, a criação de casas-de-banho públicas, especiais para os utilizadores noturnos, que fazem da rua o prolongamento dos estabelecimentos. A isto acrescia a necessidade de uma fiscalização mais apertada aos estabelecimentos nestas zonas que não têm espaço interior suficiente para acolher os clientes.

Em 2015 debateu-se a questão do conflito que se instalou na vida da cidade, em especial nas zonas residenciais, ao nível do ruído e da poluição, decorrentes da vida noturna, que colocam em causa o direito à tranquilidade, ao descanso e ao silêncio, direitos fundamentais de todos aqueles que habitam e que residem na cidade. Para o efeito, foi igualmente solicitada a deslocalização dos estabelecimentos comerciais de entretenimento nocturno produtores de maior ruído e com venda de álcool para o consumo

no exterior para as zonas não residenciais, o fim do licenciamento zero¹² no centro histórico e a sensibilização dos operadores económicos dedicados à diversão noturna, para a sua responsabilização pelo controlo dos clientes que consomem fora do estabelecimento e pela limpeza do espaço público à frente dos seus estabelecimentos.

Inclusivamente a necessidade de responsabilizar as empresas fornecedoras de bebidas alcoólicas para o pagamento dos prejuízos patrimoniais, quer públicos quer privados, decorrentes da utilização de camiões de grande porte nas ruas estreitas dos bairros históricos e pelo lixo provocado pelos milhares de copos e garrafas abandonados na rua. Neste debate de 2015 focou-se essencialmente a questão da dificuldade em gerir interesses, mas também de gerir conflitos dentro de uma cidade.

Foi neste debate que o Presidente da Câmara de Lisboa apresentou a proposta do novo *Regulamento dos Horários de Funcionamento dos Estabelecimentos de Venda ao Público e de Prestação de Serviços no concelho de Lisboa*, onde consta uma das principais mudanças na regulamentação, mudança esta que já foi implementada em várias cidades europeias: *zonificação* do funcionamento dos estabelecimentos da cidade – com maior liberdade para o funcionamento dos estabelecimentos que se encontram na zona ribeirinha e restrições mais apertadas ao funcionamento dos estabelecimentos que estão implantados em zonas residenciais. Para o efeito, foi solicitado igualmente que a aplicação deste novo regulamento implicasse o reforço do papel das juntas de freguesia, no apoio à regulamentação desta importante área de gestão da cidade de Lisboa.

Mas para além destes atores reguladores, outros são os que emergem nestes territórios e que se interessam pelas suas dinâmicas noturnas. A preocupação demonstrada, em relação aos territórios noturnos em estudo, não se tem circunscrito unicamente às autoridades locais. Esta é uma preocupação de muitos atores que se têm debruçado sobre os aspetos contraproducentes da noite e do entretenimento noturno, no sentido de alertarem para os problemas que foram proliferando com a abertura sistemática de estabelecimentos de entretenimento noturno no Bairro Alto e Cais do Sodré.

¹² Iniciativa integrada no *Programa Simplex* que procura tornar mais fácil a abertura de alguns negócios através da eliminação de pareceres prévios, licenças e vistorias.

3.4. Os protagonistas da mediação

No relatório da Comissão Permanente da Economia e do Turismo (CPET), que tinha como objetivo analisar a situação destas duas zonas de Lisboa e promover iniciativas com vista a resolver ou a minimizar os problemas e conflitos de interesse que desde há muito se verificam entre comerciantes e moradores, assim como melhorar a utilização dos espaços públicos noturnos e potenciar o seu interesse turístico e económico, foram declaradas várias situações por parte das três entidades envolvidas: Associação de Comerciantes do Cais do Sodré (ACS), Comissão de Moradores do Cais do Sodré (CMCS) e Associação de Comerciantes do Bairro Alto (ACBA).

A Associação de Comerciantes do Cais do Sodré, defendeu o êxito da implementação de novos estabelecimentos comerciais que, por sua vez, se reflete no movimento turístico nestes territórios, mas que este êxito tem os seus custos, nomeadamente os problemas que daí se repercutem. Esta associação refere o problema da intrusão de comerciantes que muitas vezes abrem estabelecimentos sem o mínimo de condições, denominando este tipo de intrusão de *comércio oportunista, que apenas visa utilizar um diminuto espaço comercial, antes uma mercearia ou papelaria, para venda de bebidas alcoólicas para a rua, prejudicando a imagem do Bairro e a própria atividade dos comerciantes mais interessados em defenderem o seu bom nome e o seu futuro. Abrem todos os dias novos estabelecimentos de pequenas dimensões, mas com música voltada para a rua em alto volume, para satisfação dos seus clientes, pois é na rua que se consome o que estes estabelecimentos vendem. Verifica-se ainda falta de policiamento e fiscalização, pois tudo é permitido e nada acontece para verdadeiramente atenuar o massacre dia a dia, semana a semana, durante todo o ano* (CPET, 2014:2).

No Bairro Alto foi acentuada a diferença profunda entre a frequência deste território durante o dia e a frequência durante o período noturno, considerando o Bairro Alto uma zona quase deserta durante o dia, sem atividade comercial significativa. Também se referiu à existência de atividades comerciais de grande prestígio nacional e internacional no Bairro. Um dos aspetos focados por todos foi a necessidade absoluta de melhorar as atitudes de muitos dos comerciantes e em especial dos serviços da CML, das autoridades policiais e da fiscalização de atividades económicas, sob pena de se perder o principal ativo do bairro, a sua população. Questões como os barulhos noturnos

que perturbam o repouso dos moradores, o sentimento de insegurança, falta de limpeza do espaço público, o cheiro a urina e outros dejetos, são também, a par do ruído, as mais discutidas nesta visita feita pela CPET aos dois territórios em estudo.

Já na Moção *Bairro Alto 2012 – Por um Bairro Habitável* foram identificadas questões que afetam o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas que vivem nestas zonas como: o ruído e o direito ao descanso, ao sono, à tranquilidade e ao sossego dos moradores, com especial atenção à ineficácia da Lei do Ruído¹³ e ao consumo continuado de bebidas alcoólicas na via pública, decorrendo destes comportamentos a questão da insalubridade, pela falta de civismo dos utentes que urinam e defecam na rua.

A segurança e a liberdade dos moradores foram também pontos abordados, desde rixas entre gangues; assalto a habitações e estabelecimentos comerciais; vandalismo a automóveis riscados, vidros partidos, pneus furados, danificados; portas, janelas e fachadas sujas, danificadas e/ou com *grafittis*; património público vandalizado; agressões verbais e físicas por parte de indivíduos alcoolizados ou sob o efeito de estupefacientes; tráfico e consumo de estupefacientes e criminalidade violenta associada.

As questões da mobilidade e do estacionamento foram abordadas como um dos maiores problemas do Bairro Alto, sendo esta uma das zonas mais fustigadas, na medida em que, para além do trânsito diurno da cidade, têm de enfrentar o fenómeno noturno. A isto acresce o problema do crescimento, descontrolado e ilegal, das esplanadas e conseqüente ocupação dos espaços dos moradores por parte destas; o estacionamento em cima de passeios e a ausência de fiscalização noturna aos frequentadores noturnos, *abusadores ocasionais* (Moção *Bairro Alto 2012*), que prejudicam os residentes; o bloqueio, cometido pelos frequentadores em diversas ruas, às entradas de veículos prioritários como as ambulâncias, que impede o acesso atempado a situações de emergência.

Perante os problemas denunciados, as várias associações de moradores e de comerciantes solicitam a responsabilização das entidades responsáveis pela regulação destes espaços noturnos, nomeadamente a fiscalização dos estabelecimentos e das licenças atribuídas, com especial incidência no nivelamento do som da música e no horário de encerramento dos mesmos, que deverá ser mais apertado; a fiscalização e

¹³ Regulamento Geral do Ruído, Decreto-lei n.º 9/2007, de 17 de janeiro.

controlo das pessoas que provocam ruído quando *andejam* pelos espaços públicos, entre os vários equipamentos que lhes estão disponíveis; a fiscalização dos eventos e espectáculos que não devem ultrapassar o horário legalmente exigido no Decreto-Lei n.º 9/2007, de 17 de janeiro, Regulamento Geral do Ruído; a proibição de venda, circulação e consumo de álcool na via pública, uma vez que, o consumo e venda de bebidas alcoólicas na rua constitui uma prática que pode agravar os problemas de higiene na via pública; e a permanência prolongada de pessoas no espaço público para além das horas de fecho dos estabelecimentos.

As propostas avançadas para a resolução destes problemas, tanto no Relatório da CPET, como na Moção *Bairro Alto 2012 – Por um Bairro Habitável*, consideram acima de tudo, a importância económica e cultural significativa que os territórios do Bairro Alto e do Cais do Sodré têm na cidade, dada a sua atratividade turística, mas não colocando de parte que esta atratividade potencia largamente uma ocupação permanente do espaço público, sendo este fator aliado ao facto de o ser durante os períodos noturnos e ao consumo desregrado de bebidas alcoólicas. Por este motivo a força destes mediadores consiste essencialmente nos pedidos de reforço do licenciamento e de limitação dos horários de abertura e fecho dos estabelecimentos; limitação dos sons e respetivo isolamento acústico nos estabelecimentos com aparelhos sonoros que emitam som para fora do espaço comercial; a dotação de vigilância policial para a segurança dos moradores e comerciantes e a limitação ao licenciamento de novos estabelecimentos.

Ilustração 6. Rua dos Remolares depois da noite



Fonte: Fotos da autora – 3 de julho de 2016

Paralelamente aos esforços desenvolvidos pelas várias associações que pertencem a ambos os territórios, a Agência *Piaget para o Desenvolvimento*, desenvolveu um projeto denominado *Safe!n Cais*, no âmbito do programa BIP ZIP da CML, em parceria com a rede europeia *Party+*, a Associação de Comerciantes do Cais do Sodré e o grupo de investigação *LxNights*, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa, com o objetivo de implementar a certificação noite segura no Cais do Sodré, nomeadamente no Cais do Sodré *party district*.

A prossecução deste objetivo é operacionalizada através de três eixos fundamentais: *capacitação*, dirigida aos proprietários dos espaços de diversão noturna no sentido de responsabilizá-los para as condições de segurança desses espaços, através do desenvolvimento de um modelo de certificação *Noite Segura*, a implementar em pelo menos cinco bares/discotecas; *prevenção*, dirigida aos frequentadores no sentido de os sensibilizar para os riscos decorrentes dos comportamentos adotados em contextos festivos, como o consumo de álcool e de substâncias psicotrópicas, sexualidade e violência; e *empoderamento* da comunidade local, residentes e trabalhadores, para promover a articulação entre os diferentes atores-chave que se movem no Cais do Sodré, orientada para a resolução participada dos problemas relacionados com os estabelecimentos de diversão noturna e consequente ocupação dos espaços públicos envolventes (APDES, 2015).

O *LxNights*, grupo de investigação académica sobre a noite de Lisboa e as transformações urbanas decorrentes das suas dinâmicas, explora como é que as novas paisagens urbanas da cidade produzem e são o resultado dos processos de *gentrificação*, de *studentificação* e de *turistificação*¹⁴. No âmbito deste projeto, este grupo de académicos ressalta a questão dos impactos, não só espaciais, mas também económicos, sociais e culturais da nova paisagem urbana noturna e como é que os diferentes atores da noite urbana em Lisboa, negociam os seus interesses comuns e abordam os conflitos que emergem desta nova dinâmica.

A vida noturna lisboeta tem vindo a ser alvo de curiosidade por parte de várias entidades que se têm debruçado sobre este fenómeno na cidade. No entanto, este atingiu proporções maiores quando a comunicação social, com a respetiva propagação nas redes sociais, se debruçou sobre os últimos acontecimentos relacionados com a atividade notívaga, nomeadamente o *espancamento* de dois indivíduos no parque de

¹⁴ <http://lxnights.hypotheses.org/>

estacionamento da discoteca *Urban Beach*, por parte de seguranças daquele estabelecimento, no dia 1 de novembro de 2017; e a morte de um segurança no parque de estacionamento da discoteca *Barrio Latino*, no dia 8 de dezembro de 2017. O primeiro acontecimento foi o despoletar de toda uma consciencialização sobre as dinâmicas da vida noturna e do impacto que esta tem na vida urbana. O segundo acontecimento veio reforçar essa tomada de consciência. Assim, em dezembro de 2017 a Assembleia Municipal de Lisboa, lançou duas sessões para debater a *Segurança e Qualidade da Vida Noturna na Cidade de Lisboa*.

A primeira sessão, que decorreu no dia 5 de dezembro de 2017, incidiu sobre a segurança da vida noturna, na qual foram abordadas várias questões pelos diversos intervenientes em cena, como a falta de policiamento, a afetação desproporcional dos recursos humanos policiais e a má gestão desse efetivo; a necessidade de aumentar o policiamento nos eixos estratégicos de circulação pedestre das pessoas que se deslocam em espaços de diversão noturna; a necessidade de ser clarificado o papel dos seguranças; a necessidade de videovigilância nos territórios notívagos; uma maior fiscalização e responsabilização dos operadores económicos; uma igualmente maior fiscalização à atividade de venda ambulante; e, finalmente, a questão da dimensão de sentimento de insegurança e do pânico moral perante *epifenómenos* que acontecem entre as pessoas que interagem no espaço público.

A segunda sessão, que teve lugar no dia 12 de dezembro de 2017, incidiu sobre o ruído e qualidade da vida noturna, onde foi salvaguardada a necessidade da vida noturna para a economia da cidade. Foi igualmente abordada a questão dos comportamentos de risco adotados pelos jovens em contexto de diversão noturna; a representação social positiva que estes desenvolvem em relação ao consumo de álcool e à baixa perceção que têm sobre os riscos existentes. Uma das intervenções que trouxe um dado importante e que poucas vezes é abordado relevou a importância do papel dos estudantes na dinamização da cidade e como estes também devem ser ouvidos pelas autoridades locais, porquanto são os que menos ligações têm ao plano de decisão municipal. Esta abordagem defendeu ainda que os estudantes devem ter não só, acesso às medidas adotadas para a cidade, mas também uma ligação mais estreita entre os estudantes e os órgãos de decisão, no sentido de contribuírem para o desenvolvimento de estratégias de melhoria da qualidade da vida noturna, em conjunto com todas as partes interessadas.

Sobre esta questão, e incidindo na problemática que gravita em torno da vida noturna, Hollands e Chatterton (2002) concluem que as cidades devem apostar numa estratégia de equilíbrio e de inclusão mais sensível aos fatores culturais locais, através da criação de sinergias entre as necessidades dos residentes e os interesses do capital corporativo. No entanto, defendem que, no processo de gestão das atividades notívagas, as opiniões dos próprios consumidores são muitas vezes omissas, ou apenas debilmente consideradas, nos discursos sobre a vida noturna. São estes consumidores que, em última análise devem ser ouvidos pelas instituições reguladoras, para que, em conjunto, encontrem as melhores soluções que permitam colmatar os impactos negativos da *night life* nas zonas residenciais da cidade, sendo que os consumidores da dimensão lúdica noturna da cidade deveriam ser vistos como os principais mediadores da cidade notívaga.

CAPÍTULO IV. ÁXIS DE UMA METODOLOGIA HÍBRIDA

4.1. Atores sociais: o papel do investigador e dos *outros*

Começo este capítulo para dizer que, como qualquer outra pessoa, considero a vida noturna e os momentos de lazer noturno como momentos que nos permitem relaxar, descontrair, divertir, distrair, descomprimir e sociabilizar. Por isso considero que a vida noturna é um espaço-tempo de interação social privilegiado. Como espaço privilegiado da vivência urbana, a minha preferência metodológica principal incidu sobre uma análise *observacional em contexto natural* dos territórios noturnos. Em primeiro lugar porque se trata de uma abordagem que se distingue das restantes metodologias de abordagem aos fenómenos sociais, uma vez que: (1) o principal instrumento de investigação é o investigador que observa, interroga, seleciona, coordena, interpreta e trata os dados; (2) incide em pequenas unidades espaciais de estudo; (3) exige a flexibilidade do investigador na utilização de vários recursos, ordenando o método, em função do real e não o real em função do método; (4) e, o impacto da sua presença no contexto de observação deve ser mínimo de modo a não interferir com o objeto de estudo (Fernandes, 1999).

Todos estes aspetos conferem à pesquisa observacional a plasticidade necessária para que o investigador, através da sua permeabilização no contexto da pesquisa, possa recolher toda a informação sobre os fenómenos analisados, nas múltiplas interações que os indivíduos estabelecem com a unidade de análise. A presença do investigador no contexto social em estudo, permite ainda a construção da sua identidade e da adoção de um conjunto de papéis sociais nesse contexto, que podem viabilizar ou inviabilizar a pesquisa, podendo condicioná-la ou não em muitos aspetos (Firmino da Costa, 1986). O investigador deverá, pois, saber posicionar-se nas suas investigações em função do contexto social em estudo, entre a familiarização e o distanciamento, familiarizando o que é estranho e estranhando o que é familiar (Beaud e Weber, 2007; Firmino da Costa, 1986). Perfilhando também uma dupla perspetiva entre o *estar de fora* procurando entrar (Da Matta, 1974; Velho e Viveiros, 1978) e o *estar de dentro* procurando distanciar-se. Desta forma um trabalho de pesquisa implica um envolvimento do

investigador numa viagem por terrenos que, por vezes conhece e por terrenos que muitas vezes desconhece.

Como peça fundamental para esta investigação relevo a importância do ator social, uma vez que a ação é um comportamento produzido pelo ator e os espaços topográficos que definem os espaços sociais, só existem como construção social porque são ativados e apropriados pelos próprios sujeitos (Fernandes, 1999:59), uma vez que esta pesquisa requer a observação daquilo que os atores têm para dizer através das suas ações e interações, condutas e práticas que imprimem nos territórios. Sabendo que as metrópoles se cristalizam nas figuras e contextos sociais, produzindo personalidades psicológicas e figuras morais ou relacionais (Bourdieu, 2005:21), o indivíduo, como *agente empírico, aparece cada vez mais como indivíduo-sujeito moral, unidade mínima da vida social, em termos de representações e práticas sociais* (Velho, 2000:18-19).

A manifestação do comportamento dos atores sociais que é capturada através da lente observacional tem por vezes um carácter mais expressivo, significativo, fidedigno, fiável e aproximado da realidade, do que os factos narrados nos discursos. Assim, a obtenção visual e sensitiva de informação, pode ser tão significativa como a obtenção verbal dessa mesma informação. Estas duas abordagens metodológicas retroalimentam-se. Porque um aspeto que pode interferir com a pesquisa são os danos causados pelo próprio alvo da pesquisa, pelo que compete ao investigador detetar os enviesamentos. Se por um lado a existência de informantes ou intermediários privilegiados pode trazer vantagens para uma investigação, porquanto estes detêm eventualmente informação útil e mais aprofundada sobre a realidade que se pretende estudar, existem desvantagens na utilização destes agentes, decorrentes da visão particularizada e reducionista que estes podem ter do objeto de estudo, podendo enviesar os dados recolhidos. Algumas interpretações defendem que se os intermediários privilegiados podem abrir algumas portas, também podem fechar outras, pelo que é necessário gerir esse relacionamento, de forma a não criar laços demasiado unilaterais (Firmino da Costa, 1986).

Na conceção fenomenológica do espaço urbano social de Lefebvre (1974), o espaço vivido é diferente do espaço percebido, e o espaço percebido só o é, se for previamente concebido em pensamento, porque a perceção de um espaço depende daquilo que se apresenta aos cinco sentidos do sistema sensorial, não se prendendo somente na visão. Enquanto o investigador tiver presente em pensamento somente aquilo que lhe é transmitido pelos seus interlocutores, nunca terá a noção *in loco* da

realidade. Tem de experienciar essa vivência. Impera a sua presença e percepção da realidade.

A informação sobre os comportamentos que se manifestam nos espaços de diversão noturna e dos efeitos que estes geram nas comunidades locais foi validada mediante a observação, captação, apreensão e percepção *in situ* dos movimentos, dos usos e contra-usos dos espaços, das cores, dos sons, dos odores e dos personagens que deambulam e frequentam estes espaços. Este exercício de observação, mesmo sendo uma observação direta e não participativa, traduz-se também num processo facilitador no acesso ao contexto onde se desenrolam as práticas de territorialização dos notívagos, que despoletam um sentimento de desterritorialização nas comunidades locais residentes. É por isso que Fernandes (1999) revela a crise de outros métodos de investigação, insistindo que é o método de investigação que deverá ser ordenado, em função da realidade que é observada e não o inverso, uma vez que esta ordenação invertida, entre o método e a realidade estudada, garante um maior grau de fiabilidade nos resultados alcançados. É a realidade que deve determinar a escolha de um método de pesquisa, e a realidade da vida noturna exige esta inversão metodológica.

Entre as metodologias disponíveis nas ciências sociais, a abordagem observacional em contexto natural permite o reconhecimento de três pressupostos fundamentais que se interrelacionam entre si: (1) os dados são criados pelo esforço humano pelo que, a forma como a informação é recolhida, afeta o conteúdo dos dados em si; (2) os estudiosos que *produzem dados são criaturas complexas cujas* percepções e informações podem ser moldadas de acordo com o seu contexto social, económico e cultural e o nível de conforto ou desconforto que experimentam no contexto de análise; (3) e, a qualidade do conteúdo dos dados que um pesquisador reúne, é moldada tanto pelo investigador, como pelos informantes ou participantes da pesquisa (Gottlieb, 2006:48). O contexto espacial e a percepção do investigador, considerando todo o seu *background*, desempenham um papel dialético na construção da realidade estudada.

Essa realidade estudada é apresentada de acordo com as representações sociais que são projetadas pelo investigador e de acordo com o seu sistema de valores pré-concebidos. Sendo o investigador simultaneamente objeto e recetor da investigação, a sua constante interação com o contexto da sociedade em que está inserido e o seu enquadramento cultural, económico, social e profissional, deverão ser considerados durante qualquer processo de investigação. Em todo o processo da pesquisa científica

devem subsistir os seguintes pressupostos numa perspectiva tridimensional: a dimensão do *eu*, enquanto investigador, a respetiva interação com o *outro*, enquanto objeto de investigação e a dimensão da relação entre o *eu* e o *outro* (Santos, 2004:631). Por isso a observação que é feita pelo investigador poderá ser tão rica e cheia de significados porosos. A nossa perspectiva sobre o objeto de estudo está demasiado condicionada às nossas vivências.

Por outro lado, a incompetência ou imaturidade do investigador podem constituir um fator constrangedor na pesquisa, na medida em que estes fatores podem provocar danos indiretos na investigação. Qualquer processo de investigação científica na área das ciências sociais implica em primeiro lugar um corte epistemológico com as evidências do senso comum que podem ou constituem um obstáculo ao processo de conhecimento, uma construção do objeto de análise e das teorias explicativas e uma verificação da legitimidade dessas teorias através da informação empírica (Santos Silva, 1986:52). A inexperiência do investigador nos métodos que está a aplicar pode condicionar a própria investigação. Por isso a dificuldade surge no momento em que o observador tem de filtrar a informação que lhe chega. Muitas vezes é difícil filtrar essa informação. Neste caso, por exemplo, estavam patentes três dimensões da vida noturna: quem são as pessoas que dormem na cidade, quase invisíveis no momento de observação, mas que estão lá, dentro das suas casas; quem são as pessoas que se divertem; e quem são as pessoas que aproveitam os espaços intersticiais da cidade? Entrar e sair de cada uma das dimensões, desta tríade observacional não foi um processo fácil. Requereu algum distanciamento do observador, assim como de uma lucidez e neutralidade perante os factos observados.

Outro conceito importante a debater prende-se com a questão da invisibilidade do investigador. O conceito de *invisibilidade social* surgiu pela primeira vez no ramo da psicologia quando Clifford (1963; Tomás, 2010:1) o definiu no sentido em que o sujeito ocupa um espaço, mas que é percebido pelos outros como uma mera presença e não como um ator, que contribui para o jogo social. Posteriormente, e já no ramo da sociologia Barel (1982:7; Tomás, 2010:1-2), comparou o conceito de *invisibilidade social* com o conceito de *marginalidade social* definindo-o como uma realidade difícil de estudar e de interpretar; tal como o fenómeno da droga e dos espaços de interação e das relações sociais que se geram em torno deste fenómeno, que são de difícil penetração, quer por parte dos investigadores, quer por parte da sociedade em geral, e

que segundo Fernandes (1999:34), se consubstanciam num ...*conjunto de populações ocultas criadas pelos processos de estigmatização, que resistem a serem penetradas pelos métodos clássicos de inquérito epidemiológico e sociológico*. Conceitos como imigração, racismo, discriminação, exploração, trabalho doméstico feminino com caráter impositivo, desigual ou violentador, entre outros, são igualmente dimensões da realidade social consideradas invisíveis, pelo que devem ser exploradas e estudadas através de métodos não clássicos de investigação que requerem uma análise mais aprofundada e um contacto mais próximo com a realidade.

A vida noturna apesar de não se enquadrar neste tipo de dimensões, porquanto se realiza no espaço público, não havendo restrições a quem queira *estar*, requereu alguma invisibilidade por parte do investigador, no sentido em que este se sentia como uma presença inserida, mas desintegrada. Porque se encontrava num espaço público onde se considerava uma pessoa anónima, mas ao mesmo tempo desenquadrada, pois não se encontrava a interagir com ninguém no local de observação, apesar de a sua presença ter sido detetada pelos observandos. Foi uma sensação de *estar dentro* do espaço observado, mas *fora* do contexto, uma espécie de *outsider*, completamente descontextualizado. Esta experiência não foi pacífica nem fácil de colocar em prática, facto que voltarei a mencionar na terceira secção deste capítulo.

4.2.Espaços: a rua é boa para pensar ¹⁵

A rua contém as funções negligenciadas por Le Corbusier: a função informativa, a função simbólica, a função lúdica. Nela joga-se, nela aprende-se (Lefebvre, 1999:28).

A rua, como espaço e contexto privilegiado de análise, foi sempre alvo de estudos etnográficos e utilizada como ponto estratégico para observação dos fenómenos sociais urbanos. Whyte (1943) em *Street Corner Society* estudou a comparação entre um grupo de jovens que desenvolviam atividades criminosas e um grupo de estudantes

¹⁵ Retirado do texto de José Magnani (1993), “Rua, símbolo e suporte da experiência urbana”, A rua e a evolução da sociabilidade, *Revista Digital de Antropologia Urbana*, em que este parafraseia Lévi-Strauss (1975).

que, para além de não terem muito tempo para pairar na esquina da rua, sentiam-se descontextualizados e até desprotegidos para gastar o seu precioso e escasso tempo, preferindo socializar num clube privado. Anderson (1978) analisou um bairro da zona sul de Chicago tendo como objeto de estudo os jovens que frequentavam o bar *Jelly's Corner*, que sociabilizavam à frente e dentro deste bar, uma vez que, segundo o mesmo observador, a frequência da rua estaria associada a escapes para os pobres e para as pessoas de classe baixa. Fernandes (1999), um psicólogo português estudioso dos territórios psicotrópicos em meio urbano, encetou um estudo de etnografia urbana sobre o fenómeno das drogas e dos territórios onde as interações e relações de sociabilidade se manifestam em torno deste fenómeno, classificando-os de territórios psicotrópicos por concentrarem um grande número de atores sociais das drogas e por se localizarem morfologicamente nas margens urbanas da cidade do Porto.

Todas estas observações foram possíveis e permitidas porque a rua é um espaço público e, como espaço público que é, opõe-se ao espaço privado. Por ser um espaço público é simultaneamente de todos, mas não pertence a ninguém, enquanto no espaço privado o acesso está condicionado porque pertence e é propriedade de alguém. A rua, pelo seu carácter público, está aberta a todos, possibilitando interações com desconhecidos, especificidade esta que se distingue dos espaços privados, restritos aos familiares e aos conhecidos. Esta abertura e possibilidade de interação com estranhos convergem para uma relativa imprevisibilidade das interações que podem gerar conflito (Andrade *et al.*, 2015), porque sendo o espaço público na cidade moderna carregado de significados simbólicos, de controvérsias e um lugar onde os cidadãos procuram afirmar as suas reivindicações, a vulnerabilidade urbana surge desses encontros omnipresentes e descontrolados de pessoas e grupos, especialmente nas ruas (Goheen, 1998).

Em casa, o indivíduo permite-se fazer coisas que na rua são condenadas. Em casa o indivíduo é um *supercidadão*, na rua transforma-se num *subcidadão*: *limpamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimónia ou pejo... Não somos efetivamente capazes de projetar a casa na rua de modo sistemático e coerente, a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar* (Da Matta, 1997:19). Na rua, o indivíduo transforma-se *num anónimo e desgarrado*, e por isso o comportamento diverge, sendo negativo, *porque a vergonha da desordem deixa de lhe pertencer sendo um problema do Estado* (Da Matta, 1997:19). Em casa tudo é confortável, na rua reina a lei da selva, a confusão, a desordem, a competição, o

anonimato e *onde as nossas vontades estão a ser constantemente contrariadas* (Da Matta, 1997).

As ruas são órgãos vitais de uma cidade, permitem a integração e a convivência entre os personagens que nelas deambulam, mas também os conflitos, quer positivos, quer negativos, resultantes desta interrelação, especialmente dos indivíduos na sua interação com o espaço urbano (Jacobs, 2000 (1961)).

Considerando este enquadramento, a rua foi a janela de observação deste estudo porque estudar a vida noturna requer este exercício de observação, uma relação dialética com os fenómenos sociais que se manifestam na rua, assim como com os comportamentos que divergem dos comportamentos caseiros. Também os trajetos e os circuitos são observáveis no espaço público, sendo os primeiros a distância ou o espaço que precisa ser percorrido para se chegar de um lugar a outro e os segundos traduzem-se por um caminho percorrido para atingir um lugar fixo, pressupondo um itinerário organizado (Magnani, 2005). Aliás, quando pensamos em cidades e metrópoles, as ruas sobressaem como elementos nucleares e estruturais, pois estas encerram em si múltiplos aspetos, como as práticas quotidianas, os sistemas de valores e representações sociais, as proximidades e os distanciamentos.

Como elemento articulador dos lugares e catalisador das práticas sociais e da mobilidade territorial, sendo o suporte das movimentações e das deslocações, a rua não só *desperta o interesse do olhar antropológico* (Magnani, 1993:2) como é *o lugar antropológico* (Augé, 1994). Constituindo o pilar formativo da estrutura urbana e o local principal em que se forma a imagem da cidade, é na rua que as pessoas circulam e têm a oportunidade de observá-la e apreendê-la (Lynch, 1982, (1960)), identificando e dotando-a de significados.

No entanto, e associada a características morfológicas com contextos sociais muito abertos e sempre em movimento, criam insegurança, com repercussões nas pessoas e bens (Bourdin 2005), já que é no espaço público que as coisas acontecem e é no espaço público que aos sujeitos lhes é permitido materializar as suas ações e interações públicas. Na interpretação de Bole-Richard (2008: 19-20), a rua é o lugar, por excelência, de encontro com o *outro*, de convivência e de troca, e *os peões são os glóbulos vermelhos da cidade, que caso deixem de percorrer e irrigar uma rua, ela entra em dificuldades, degradando-a, tornando-a insegura, gangrenando-a e finalmente morrendo*. Apesar desta democratização do espaço público aberto a todos, persistem

ainda *restrições sociais que emergem no processo de interação e que fazem com que os diferentes grupos sociais não frequentem todo e qualquer espaço público de um mesmo modo* (Andrade *et al.*, 2015:131).

Como o medo do crime foi emergindo nas conversas que se foi fazendo a algumas pessoas entrevistadas ao longo desta investigação, sentiu-se necessidade de fazer um estudo sobre a criminalidade nas duas zonas da cidade em estudo, no sentido de tentar perceber se o índice do crime estaria associado não só à vida noturna, mas também à concentração de pessoas no espaço público. Em primeiro lugar, e em termos metodológicos, porque o espaço público é permeável a uma observação mais aproximada dos fenómenos sociais, sem interferir ou os condicionar na sua manifestação. Em segundo lugar, porque o crime e a desordem são mais fáceis de observar através dos lugares do que através de indivíduos, pois os lugares criminosos são mais previsíveis do que as pessoas criminosas (Sherman, 1995). Em terceiro lugar, porque todos os estudos efetuados à volta do conceito de *hot spots*, incluem a suposição de que os perpetradores do crime são mais ativos nos espaços públicos (Buerger, 1995).

O espaço público é aqui estudado na sua dimensão noturna por excelência, emergindo paralelamente uma dimensão predatória associada à noite, à vida noturna, às ruas notívagas. A noite que, desde sempre, foi associada a um conjunto de representações duvidosas, ao perigo, à transgressão, aos comportamentos desviantes, ao momento do medo, ao lugar dos criminosos. Noite que se opõe ao dia, associado à regra, à ordem, à segurança.

A rua e as interações sociais públicas que nela se desenvolvem têm significados concetuais e simbólicos que atraem a atenção dos analistas do urbanismo contemporâneo, porque é um lugar dentro da cidade que pode revelar o caráter e qualidade da vida urbana de uma cidade, sendo uma janela de observação da cultura urbana (Sieber, 2008). É o lugar, *topia* do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares como os cafés, bares, espaços privados de acesso ao público para encontros sociais (Lefebvre, 1999). É o elemento que articula os vários lugares que existem na cidade, desde os lugares públicos aos lugares privados. Alguns lugares privados, como os equipamentos de diversão noturna, animam a rua e são favorecidos pela animação da rua, sem a qual deixam de existir. Na rua, somos espetáculo, espetadores e atores que beneficiamos com os movimentos e a mistura, sem

os quais, não há vida urbana, mas sim separação, segregação estipulada e imobilizada (Lefebvre, 1999).

Deste modo, a rua é a consagração do direito à urbanidade e do direito à cidade. A produção do espaço urbano tem a rua como suporte físico porque a rua *não só é o símbolo, como o sustentáculo da vivência urbana* (Magnani, 1993). Por outro lado, os atores sociais utilizam o espaço para se reconstituírem a si próprios, na fita do tempo. Daí a importância da leitura dos fenómenos em função do contexto ou do espaço onde estes se inserem. O espaço é uma dimensão importante não só para os indivíduos em estudo, mas também para o investigador na medida em que pode ser problematizado, assumindo várias perspectivas: *espaço físico ou social, pessoal ou transacional, habitado e oco, público e privado, que normaliza e que marginaliza, que gera poder ou gera desviância, aquele que potencia o controlo social ou a associação diferencial de grupos desviantes* (Fernandes, 1999:60).

O espaço urbano, ao gerar dinâmicas de diferenciação sócio espacial, carrega uma espécie de determinismo social, conduzindo a comportamentos problemáticos que provocam entropia, em relação à cidade normativa, regulada, ordenada e valorizada. A centralidade urbana é um produto da configuração da rede de rua, tendo sido identificada como um indicador significativo da capacidade das cidades em apoiarem o desenvolvimento, ao longo do tempo, da diversidade e intensidade dos usos dados pelos seus utilizadores, reforçando assim a autovigilância e capacitação da comunidade. Por isso, a serventia das cidades consiste no facto de estas proporcionarem espaços de contato para os seus habitantes e visitantes, as ruas e os caminhos, devendo-se formar uma relação de confiança entre aqueles e a rua, através de pequenos contatos públicos nas vias de circulação pedonal, uma vez que o espaço fundamental onde a diversidade e intensidade de usos ocorre é nas ruas que *...constituem a pequena mudança a partir da qual pode florescer a vida pública exuberante da cidade* (Jacobs, 2000:78, (1961)).

Salienta-se aqui a importância da circunscrição da unidade de estudo, através de uma definição de recortes no tecido urbano, que, intrincados com a sua envolvente, constituem condição *sine qua non* para o bom exercício e alicerce da observação em contexto natural e para a compreensão da *malha de relações* que se estabelecem entre ambos (Magnani, 1993; 2002). Foram estes recortes territoriais que permitiram a observação dos fenómenos tão falados sobre os efeitos que a vida noturna produz na cidade. Na questão da *noturnalização* do espaço público, este acaba por ser uma

continuidade do espaço privado, onde as pessoas só entram para aquisição da bebida que pretendem consumir, regressando depois imediatamente para o espaço público que lhes permite estarem mais à vontade para conversar sem o barulho excessivo da música do interior dos bares, para fumarem e sociabilizarem descontraidamente. E é este movimento pendular entre os espaços de dentro e os espaços de fora que geram conflitos em quem reside, porque mesmo ao estarem de fora, os barulhos, os movimentos, os circuitos e as interações que se estabelecem: pessoas-pessoas, pessoas-espaço público, entram dentro dos espaços privados, dentro das casas, de quem dorme na cidade.

4.3.Temporalidades: errâncias e escritas das ruas da noite

Para além do investigador, funcionando como elo entre a realidade apreendida e a construção teórica de qualquer objeto de estudo, e a rua, como espaço por excelência de observação da vida urbana, a recolha daquilo que é observado, enquanto técnica de recolha dos dados observados situacionalmente, é igualmente importante durante todo o processo de investigação, porque esta permite uma melhor ordenação dos factos observados.

Esta minha experiência prática de observação, de recolha de dados e de registo, teve início em julho de 2016, tendo-se prolongado por um ano, período durante o qual procurei alternar as entrevistas a interlocutores privilegiados, com as observações de campo direcionadas aos recortes de análise previamente selecionados. A primeira observação de campo foi realizada numa manhã domingueira de verão. Tratou-se de uma pesquisa exploratória para abrir caminho para futuras observações noturnas. Esta primeira abordagem permitiu-me em primeiro lugar explorar melhor o território que iria observar no período noturno, pois há muito tempo que não tinha contacto com os territórios em estudo, desconhecendo o que poderia encontrar durante a pesquisa.

Ao invés de incidir esta observação de campo num só local ou ponto de observação, esta primeira pesquisa de campo teve, como principal objetivo, um reconhecimento do território e de todas as artérias que foram previamente sinalizadas, como passíveis de observação. Isto é, esta pesquisa permitiu-me construir um

laboratório de observação, num espaço urbano mais alargado, numa experiência de deambulação ou *trajetividade* urbana (Durão, 2008). Por outro lado, o dia e o horário escolhido, foram definidos considerando a necessidade de melhor observar estes territórios com pouca circulação pedonal e permanência de pessoas, de modo a permitir uma melhor visualização dos espaços passíveis de uma observação mais detalhada e aprofundada. Durante a primeira observação verifiquei que os territórios em análise são diferentes quando passamos para o período noturno. Uma das observações mais interessantes foi feita quando transpus os limites que dividem o interior ou núcleo do Bairro Alto, das zonas onde se registava um maior fluxo de circulação. Entre este território nuclear e a Rua Dom Pedro V, e após esta transposição, tive a sensação de ter atravessado um portal que divide dois espaços urbanos completamente distintos um do outro, de ter saído de um espaço interior, secreto e intimista para um espaço exterior, aberto e movimentado. Esta apreensão dos espaços públicos do Bairro Alto, no horário diurno, esbate-se quando atravessamos para o horário noturno, uma vez que, no horário noturno, existe uma continuidade nos circuitos, nos movimentos e nos sons, sendo esta distinção muito menos perceptível do que no horário diurno.

No dia 14 de julho de 2016, dei continuação à minha pesquisa de campo através da observação direta. Tratou-se novamente de uma pesquisa exploratória para abrir caminho para futuras observações mais aprofundadas. Chegando à Rua Nova do Carvalho (Rua Cor de Rosa) resolvi permanecer nesta artéria. Sentei-me numa esplanada, a única que se encontrava aberta a esta hora do dia, “*Sol e Pesca*”.

Para além de mim, a esplanada estava ocupada por um casal de turistas numa mesa e duas mulheres noutra mesa. Ao fundo e mais junto ao arco encontrava-se uma mulher acompanhada de uma criança que teria cerca de 5 anos. A mulher lavava e limpava um tapete na rua utilizando um balde e um esfregão e, a criança, *brincava que ajudava*. Ao que tudo indicava esta mulher seria funcionária de limpeza de um dos estabelecimentos desta artéria, restaurante “*O Povo*”, uma vez que, de vez em quando, dirigia-se ao seu interior. Deste estabelecimento saiu um indivíduo afrodescendente que foi abordado por um conjunto de transeuntes que percorriam a artéria e, que, seriam conhecidos, pois ficaram durante algum tempo em amena cavaqueira. A Rua Nova do Carvalho, apesar de ser uma rua muito movimentada durante o período noturno, é, no período diurno, uma rua calma.

No entanto, e tal como é palco de interações sociais à noite, na medida em que as pessoas nela permanecem para conviver e consumir, no período diurno é igualmente uma plataforma de interações sociais. A diferença que se pode verificar no tipo de interações sociais nos dois períodos do dia consubstancia-se no facto de que, à noite, as interações sociais assumem um cariz cultural e de lazer, enquanto, que, durante o dia, as relações sociais são mais familiares e de vizinhança. Verifiquei ainda, que as pessoas que circulavam na Rua do Alecrim, olhavam com curiosidade para o que se passava na Rua Cor-de-rosa, em especial turistas ou pessoas que passeiam pela cidade. Um grupo de turistas parou para tirar fotos ao arco sobre a Rua Nova do Carvalho. Esta rua é de facto alvo de curiosidade principalmente pelas pessoas que visitam a cidade pois manifestam uma atenção mais perscrutadora, que difere da atitude *blasé*, tão ao jeito de Simmel, mostrada pelos seus utilizadores habituais.

À primeira observação foram-se acumulando outras que foram feitas em período noturno. Procurei, durante esta pesquisa, observar as dinâmicas noturnas em vários dias da semana para melhor compreender a variação do fenómeno noturno. Constatei que os dias mais críticos são a quinta-feira, a sexta-feira e o sábado à noite. A quinta-feira porque é a noite escolhida pelos estudantes para se divertirem e por isso as ruas do Bairro Alto e do Cais do Sodré enchem-se de jovens, a maioria estudantes de Erasmus.

Iniciei a observação dos circuitos de lazer noturno, no Bairro Alto e Cais do Sodré, numa noite de verão, no dia 21 de julho de 2016. Tinha combinado com o Nuno para me ajudar nesta deambulação. Foi a única vez que aconteceu estar acompanhada.

Já não se tratando de uma pesquisa exploratória, uma vez que as primeiras observações permitiram-me definir melhor o meu objeto de estudo, esta observação incidiu mais sobre os circuitos de lazer noturno. O primeiro território de observação foi a “Rua Cor de Rosa” e o segundo a Rua da Atalaia. A “Rua Cor de Rosa” foi selecionada por se tratar de uma rua que há relativamente pouco tempo foi alvo de um processo de revitalização no âmbito de um processo de renovação urbana. A Rua da Atalaia, porque as evidências empíricas apontavam para o facto de ser a artéria do Bairro Alto que apresentava maior densidade de circulação no espaço público num dia da semana (quinta-feira). A Rua dos Remolares, por ter sido identificada pelos meus interlocutores privilegiados como a rua mais insegura. Todas estas artérias selecionadas, foram também aquelas que apresentaram um maior volume de ocorrências reportadas pelos cidadãos na aplicação de Gestão de Ocorrências da Câmara Municipal de Lisboa,

relativamente às ocorrências relacionadas com a segurança pública e ruído. Estes fatores, conjugados, levaram-me a refletir sobre a necessidade de voltar a investir numa análise mais aprofundada dos dados estatísticos existentes, sobretudo numa análise dos conteúdos das queixas que foram feitas em ambas as artérias mas também, que necessitava de fazer mais uma observação destes dois espaços em horário diurno, uma vez que, e ao afunilar a observação para os espaços públicos de lazer noturno, precisava de fazer um levantamento dos espaços de diversão noturna e de comércio existentes de acesso ao público que existem nestas duas artérias. Apesar de ter insistido na observação destas duas ruas, o percurso entre um território e outro permitiu-me observar alguns fenómenos igualmente importantes para este estudo e que serão expostos no capítulo VI deste estudo.

Reparei num casal jovem que se encontrava sentado no chão encostado a um dos edifícios da Rua Nova do Carvalho. Ela usava uma minissaia e tinha um ar andrajoso. Ele também tinha o mesmo ar andrajoso. Pensei que fossem pedintes, mas depois vi que estavam a preparar alguma coisa pois ela tinha dois paus pequenos na mão e um líquido e um pano na outra. Só quando ela se dirigiu para o meio da rua e acendeu um dos paus e começou a girá-lo no outro pau, a fazer malabarismo, é que percebi que deviam fazer parte daqueles grupos que fazem espetáculos de rua ou as chamadas “artes circenses”. De repente, aconteceu uma coisa que eu não estava à espera, a jovem passou o pano pela boca e levou o pau com aceso também à boca, e cuspiu fogo. Confesso que foi a primeira vez que vi alguém a cuspir fogo mesmo ao meu lado. Naquele momento pensei, o quão perigoso deve ser fazer aquele espetáculo, não só para ela, a jovem que cuspiu o fogo, mas também para as pessoas que estavam em seu redor, pois estas afastavam-se cada vez que ela cuspiu. Depois vi um homem jovem a afastar-se, meio amedrontado e a dizer que devia ser proibido ela estar a fazer aquilo. O acompanhante da mulher que cuspiu fogo, também jovem, andava a recolher dinheiro junto das pessoas, mas estas não estavam dispostas a retribuir. Quando ela terminou foi ter com este e saíram juntos da Rua Cor-de-rosa.

Permaneci no mesmo lugar, em frente ao Restaurante “O Povo”. Reparei num grupo de seguranças que estavam no meio da rua. Eram uns quatro ou cinco e pareceme que pertenciam todos a este restaurante. Estavam todos fardados e formavam uma *bolha humana* no meio da rua. Observavam quem ia passando e ao mesmo tempo conversavam entre si. Também vi vários grupos de jovens que olhavam para o

telemóvel. Só passado algum tempo percebi que, há alguns dias, tinha estalado a febre dos pókemons. Estavam todos a ver quem apanhava um pókemon.

Não me alonguei muito com esta observação porque, entretanto, o Nuno chegou. Este estava nervoso pois queria muito assistir ao concerto do Nerve. Neste momento estávamos por baixo do Arco da Rua Cor-de-rosa. O Nuno foi cumprimentar o Nerve (Tiago) e disse-lhe que era seu fã. Resolvi ir para o Music Box assistir ao concerto. À entrada fomos revistados. Dada a conjuntura que estávamos a passar, consequência dos vários atos terroristas que aconteceram em alguns países europeus como a França e a Bélgica, achei normal esta atitude por parte do segurança, pois estávamos a entrar num espaço privado. Depois de entrar no Music Box quis parar a minha observação por ter transposto para um espaço privado. No entanto, não deixei de observar que de vez em quando os jovens que estavam no interior do Music Box, saíam a correr olhando para os telemóveis. Um deles disse: “Consegui apanhar um pókemon aqui dentro, e é dos bons!”. Os jovens que saíam para a rua procuravam que a rede dos telemóveis funcionasse para poderem caçar os pókemons. O prolongamento do espaço privado para o espaço público é evidente nesta deambulação.

Há 1:30 o concerto acabou e resolvemos que estava na hora de rumar para o Bairro Alto para iniciar uma breve navegação urbana. Subimos a Rua do Alecrim e já havia muita gente a dirigir-se para o Bairro Alto. Chegamos ao Largo de Camões e entramos pela Rua do Norte. Viramos para a Rua do Diário de Notícias. Apesar de ter observado alguma agitação, o Nuno adiantou-me que estava uma noite calma para o padrão de circulação que o Bairro Alto apresenta durante os fins-de-semana (noites de sexta e sábado e vésperas de feriado). Quando chegamos à Rua das Salgadeiras o Nuno disse-me que nesta rua, normalmente, os jovens não permanecem, dado que não tem qualquer estabelecimento de diversão noturna, mas que é muito utilizada para as pessoas urinarem. Verifiquei ainda que é uma rua com pouca iluminação. Passamos para a Rua do Trombeta onde existe um bar que serve cerveja a 1 euro. O Nuno disse que este bar é muito frequentado pelos jovens por servir a *jola* barata. Havia um grupo de jovens sentados na rua em frente ao bar que conversavam alegremente. Apesar de ser um bar muito concorrido estava calmo. Viramos para a Travessa dos Fiéis de Deus e chegamos à interseção com a Rua da Atalaia. Ao contrário das outras ruas que apresentavam um movimento bastante calmo, a Rua da Atalaia evidenciava muita frequência. Foi neste momento que eu decidi que a Rua da Atalaia seria um dos meus

recortes de observação paralelamente à Rua Cor-de-rosa. Era uma quinta-feira de madrugada e o movimento que presenciei nesta rua contrastava com o movimento das restantes.

A densidade de ocupação desta via pública era intensa e não deu para observar nada em concreto para além de grupos de jovens que estavam sentados nas esplanadas dos bares. Percorremos a Rua no sentido sul-norte e o movimento de pessoas dissolvia-se à medida que atingíamos o seu topo, extinguindo-se por completo quando viramos à esquerda para sair da rua.

Descemos pela Rua da Rosa e chegamos à Calçada do Combro. Nesta rua verifiquei que muita gente desembocava da Rua da Atalaia. Esta observação levou-me a uma conclusão muito interessante: afinal a Rua do Alecrim não é a rua mais utilizada pelos jovens para descerem do Bairro Alto para o Cais do Sodré. Esta trajetória de circulação pedonal é muitas vezes feita pela Rua da Atalaia. Mais uma vez fiquei com a sensação de que a Rua da Atalaia seria um território a desbravar e que me iria fornecer dados relevantes para o estudo. Descemos pela Rua do Alecrim e atingimos o Cais do Sodré. Terminei esta observação às 2:30 da madrugada.

A observação de um território lúdico, nos meses de verão, difere da observação desse mesmo território nos meses de inverno, em especial em dias chuvosos. Resolvi experimentar. No dia 15 de fevereiro de 2017, combinei previamente encontrar-me com a equipa do projeto *Check!n*. O projeto *Check!n*, no âmbito das também atividades desenvolvidas pela APDES, tem como principal objetivo, promover a saúde e segurança dos utilizadores notívagos, especialmente em contextos festivos, com especial enfoque nos consumidores de substâncias psicoativas. Através da criação de espaços nas festas em bares, discotecas e eventos académicos, este projeto disponibiliza informação sobre substâncias psicoativas e sexualidade, preservativos, tampões auditivos, *kits* para quem *sniffa*, testes de alcoolemia e *drug checking*. Paralelamente, investe ao nível informativo, em *sites* e plataformas de internet, *blogs*, *Facebook*, *emails*. No sentido de dar continuidade ao trabalho de terreno, o projeto trabalha em estreita sinergia com vários parceiros na comunidade, como universidades, escolas, associações de jovens, câmaras municipais, juntas de freguesia, entre outras.¹⁶

Cheguei por volta das 22:20, toquei e abriram-me a porta. Até às 23:00, hora em que saímos para a rua, estivemos a conversar e a Inês explicou o que faziam

¹⁶ <http://www.apdes.pt/servi%C3%A7os/saude-reducao-riscos-direitos-humanos/check!n.html>

concretamente, bem como as atividades que desenvolvem. Quando saímos, percorremos várias ruas do Bairro Alto. Pouca gente se encontrava na rua. À exceção do *spot Erasmus Corner*, onde se concentram jovens estudantes de Erasmus, o restante Bairro Alto estava quase deserto, inclusive a Rua da Atalaia. Constatei que num dia frio e chuvoso de inverno e ainda mais numa quinta-feira, pouca ou quase nenhuma informação poderia recolher. No entanto, deu para observar alguns grupos que se agrupavam à volta de uma espécie de guia turístico. A Inês explicou-me que era um *Pub Crawl*, grupos de jovens que se organizam e que levam os turistas ou estudantes de bar em bar. São como se fossem visitas guiadas à cidade, mas pela noite de Lisboa. Normalmente é vendido um cartão ou compram um pacote de bebidas, e em cada bar têm uma bebida gratuita. No final da noite entram nas discotecas parceiras, como o *Place* e o *Main*. Cada vez há mais destes grupos, é uma tendência europeia e a associação de estudantes do Erasmus Life também eles próprios fazem e combinam com os turistas num ponto e levam-nos aos bares. O *pub crawl* está muito associado ao consumo de bebidas alcoólicas. *Estes aqui, por exemplo, os “monkey”, que andam de amarelo, têm uns sacos com umas seringas com álcool e o jogo é à medida que vão andando, vão despejando uma bebida alcoólica para a boca de quem participa*, disse-me a Inês. *Há sempre esta questão, a ingestão de álcool associada à euforia. E toda a publicidade anda muito há volta do álcool e da euforia. O Erasmus tem um slogan “A vida são dois dias e o Erasmus são três” por isso aproveita ao máximo, transcende-te ao máximo, sempre associado ao consumo e rapidez. O logo deles é “sem limites”*, continuou a Inês.

Apesar desta observação que foi bastante enriquecedora, este dia não foi propriamente o melhor dia para fazer a observação de campo que pretendia fazer pois o meu interesse centrava-se nas dinâmicas de ocupação do espaço público e da interação que os clientes da vida noturna estabelecem entre si e com o próprio espaço público. Pensei em como nesses dias os moradores devem ficar felizes e desejar que esteja sempre frio e a chover. A dinâmica que praticamente era inexistente nesse dia, contrastava drasticamente com o dia da observação de campo que tinha feito numa quinta-feira do mês de julho, numa noite quente de verão. Após estas considerações acabamos por descer rumo ao Cais do Sodré e estacionamos na Rua Cor-de-Rosa. A Inês e o colega iriam iniciar mais uma intervenção de medição da taxa de álcool dos frequentadores da vida noturna. Esta intervenção é feita através da utilização de um

alcoólímetro e com a aplicação prévia de um questionário. Um rapaz foi abordado para fazer o teste do álcool e aceitou em jeito de troça. Depois de fazer o teste, que não acusou nada, este afirmou que só tinha bebido uma cerveja.

Noutra observação ia determinada a permanecer num único local, de forma a poder observar o comportamento dos frequentadores da noite. No dia 27 de fevereiro, apesar de ser uma segunda-feira, mas véspera de carnaval, resolvi fazer mais uma pesquisa de campo. Estava um dia frio e bastante húmido, mas mesmo assim consegui que fosse bastante proveitoso para a minha pesquisa. Fui diretamente para a Rua da Atalaia. Apesar de não haver muita gente nas ruas, a Rua da Atalaia respirava a festividade. Era o epicentro da festa em especial, entre os bares Copacabana, *Kitsch*, Maria Lisboa e Portas Estreitas. A funcionária do Bar *Kitsch* adiantou-me que os bares mais populares são o Copacabana e o Portas Estreitas porque vendem as bebidas mais baratas e são mais frequentados por estudantes de Erasmus.

Para além de ser uma das ruas mais movimentadas do Bairro Alto, a escolha deste epicentro na Rua da Atalaia, como ponto estratégico de observação, prendeu-me pelo facto de ser o lugar escolhido pela Dona Dorinda para vender rissóis. Senti-me segura. Esta senhora vive no prédio do Bar Maria Lisboa e normalmente desce à rua quando esta se começa a adensar de pessoas. Ela conhece a dinâmica do seu bairro. Gosta das pessoas que frequentam o Bairro Alto e sabe que normalmente, os problemas se intensificam quando estas estão alcoolizadas, mas ela relativiza o comportamento dos jovens, *são como se fossem crianças*, disse. No prédio onde ela vive foi tudo arrendado aos turistas. Restou ela, um sobrinho e um vizinho. Aliás neste quarteirão da Rua da Atalaia não vive mais ninguém. A Dona Dorinda não se sente insegura no Bairro Alto. Já vive aqui há mais de 50 anos. Disse que o bairro foi mudando ao longo do tempo, que antigamente havia muitas mercearias e venda ambulante e que a dinâmica era muito mais engraçada do que à que se assiste hoje em dia. Era um bairro popular e existia uma ligação bairrista entre as pessoas. Entretanto foi tudo vendido e entregue ao turismo.

Para além das observações estacionárias, ia deambulando, de vez em quando, por outros locais. A Travessa da Cara fez parte deste itinerário espacial por ser um *spot* muito frequentado por jovens estudantes estrangeiros, pois situa-se aqui nesta esquina o *Erasmus Corner*, um bar que labora a par com o *Erasmus Life Lisbon*, que tem como objetivo principal, tratar de todas as questões extracurriculares dos alunos em mobilidade, como orientação para aluguer de alojamento, acessos a transportes públicos

e de todas as questões burocráticas relevantes. Quando contactei o presidente do *Erasmus Life* este avançou que a maior parte dos problemas que são reportadas pelos jovens, em regime de mobilidade, se referem a descuidos que estes têm quando estão nos bares, deixando os telemóveis em cima da mesa e as malas e mochilas penduradas nas cadeiras.

De facto, existem alguns *spots* de concentração de jovens no Bairro Alto que poderiam ter sido mais aprofundados, mas para recorte de observação foi escolhida a Rua da Atalaia porque nesta artéria foram identificadas várias condições que possibilitaram, não só a permanência da investigadora neste local, mas também porque evidencia maior aglomeração de pessoas diversificadas, em dias diferentes, que permitiram fazer uma observação mais rica.

Da minha observação concluo que este espírito bairrista, intimista e familiar e acolhedor continua visível e persiste mesmo na vida noturna. Existe um sentimento de pertença e de comunidade entre as pessoas que trabalham nos bares e as que vivem neste quarteirão. A Dona Dorinda é cumprimentada por muitas pessoas que vão passando e que já a conhecem e compram os seus salgados, é tratada por tia. O sobrinho ajuda-a a vender os salgados, posicionando-se no centro da rua, virado para o lado de baixo e vai acenando para as pessoas que passam. É um negócio familiar paralelo. Alguém a avisa que se aproxima a polícia da Câmara, nome dado aos polícias municipais, e ela levanta-se com a caixa dos salgados na mão. Fica à porta de casa a controlar a aproximação da polícia, regressando ao seu posto de venda, quando esta vira para outra rua.

Por haver uma grande concentração de pessoas, a sensação de segurança é muito grande. Como refere Jacobs (2000 (1961)) a sensação de segurança aumenta com o aumento da frequência de pessoas na rua, com os movimentos, as deslocações, a vivência da rua, enquanto órgão vital de uma cidade. A própria relação de confiança entre as pessoas que frequentam estes espaços, fomenta uma aproximação entre os habitués e os *outros*.

Desci para o Cais do Sodré e a Rua dos Remolares apresentava já uma ocupação populacional do espaço público mais densa do que o Bairro Alto. Parei um pouco e fui abordada por um indivíduo, que aparentava estar alcoolizado, pediu-me um cigarro. Expliquei que estava a fazer um estudo sobre a vida noturna e aproveitei para lhe perguntar qual a sua opinião sobre a vida noturna naquela zona da cidade. Este

respondeu-me: *Olhe, isto é ridículo!* Eu perguntei-lhe porque é que ele dizia isso, mas ele não me soube argumentar sobre a afirmação que tinha feito. A única coisa que disse é que *Não há gajas! É só chungaria!* Tratava-se de um homem entre os 30 e os 40 anos, que se sentia desenquadrado das vivências noturnas neste espaço, dado que, o usufruto das atividades lúdicas e recreativas nestes espaços é maioritariamente feito pelas camadas mais jovens.

No dia 10 de março, estacionei o carro em Santos e desloquei-me a pé para o Cais do Sodré. Caminhei pela Avenida 24 de Julho e algumas pessoas passeavam naquela avenida. O trânsito estava caótico, o estacionamento no Mercado da Ribeira estava completo e os carros faziam fila na Praça D. Luís I para entrarem no estacionamento. A cidade já fervilhava ou ainda fervilhava?

Um grupo de cerca de 30 jovens estudantes estrangeiros concentrava-se na praça. Outros grupos mais pequenos salpicavam também este espaço. Uma das jovens que pertencia ao grupo de 30 estudantes tinha um telemóvel de onde se ouvia música muito alta, que se repercutia pela praça fora. Quando passei por esta pensei ser uma coluna de som tal era o nível alto do som que saía do telemóvel.

Ao analisarmos os jovens enquanto atores sociais pretende-se também analisar os seus circuitos de lazer, as interações sociais que estes estabelecem entre si em determinados espaços e as suas deslocações no espaço urbano: como se deslocam de um lugar para outro, (em grupo ou isolados), porque se deslocam e o que fazem quando se deslocam, numa perspetiva dos comportamentos que adotam durante este processo deambulatório. José Magnani (2005) caracterizou os espaços urbanos onde os jovens se deslocam em quatro categorias, consoante o grau de permanência dos jovens nos lugares: o pedaço, caracterizado por ser um espaço intermediário entre o privado e o público, onde os jovens desenvolvem a sociabilidade básica, sendo esta mais densa, mais estável e mais carregado significado, sendo espaços de encontro e de permanência onde os jovens se identificam; as manchas, áreas interligadas do espaço urbano munidas de equipamentos que viabilizam uma atividade ou prática predominante, indo ao encontro do padrão de preferência de quem frequenta esses equipamentos; o trajeto, que se refere aos usos que são dados ao espaço urbano, aos fluxos dos jovens, fluxos esses que se manifestam num espaço mais abrangente da cidade mas no interior das manchas; e o circuito, categoria que descreve o exercício de práticas viabilizadas pelos equipamentos e serviços que disponibilizados reconhecidos no seu conjunto pelos seus

utilizadores habituais. Assim, o circuito consubstancia-se no uso do espaço urbano e dos seus equipamentos, mas de forma independente do espaço, não havendo entre si uma relação de contiguidade espacial.

As zonas que se encontram entre o Bairro Alto, Cais do Sodré e Santos constituem manchas de lazer noturno, porque se estendem ao longo destes três territórios, fruto da implementação desenfreada de equipamentos que oferecem tipologias de consumo lúdicas e recreativas que vão brotando e que permitem esta interligação espacial. Pode-se dizer que se assiste a um processo de *conurbação* da vida noturna nesta zona da cidade de Lisboa, pois os fluxos de circulação dos seus frequentadores imprimem uma mancha contínua nos três territórios.

Nos dias 8 e 22 de abril fiz nova digressão pelas ruas do Bairro Alto. As situações com as quais me deparei não se diferenciavam muito daquelas que já tinha observado noutros dias. A vida noturna faz parte do quotidiano urbano de quem usufrui dela. As situações atípicas que mais se destacaram nestas duas observações serão, no entanto, descritas nos capítulos VI e VIII.

No dia 9 de maio resolvi mudar a estratégia de observação. Resolvi alterar a metodologia de trabalho, encurtando o tempo de permanência no território de estudo, mas tentando observá-lo durante o período em que as atividades no Cais do Sodré se intensificam. Como normalmente procuro apanhar os dois territórios vou sempre mais cedo e acabo por ficar muitas horas em observação, o que se torna cansativo. Assim, resolvi incidir a minha observação apenas no Cais do Sodré, mas à hora em que esta zona tem mais movimento, decorrente do fecho dos bares no Bairro Alto: a partir das 2:30. Deitei-me mais cedo, para poder acordar às 2 da manhã. Levantei-me e saí de casa por volta das 2:15. Às 3:00 já estava no Cais. Foi ótimo chegar a esta hora porque consegui estacionar nas traseiras do Mercado da Ribeira. Normalmente é quase impossível estacionar-se nesta zona, principalmente quando chego à hora em que a maioria das pessoas está a jantar. Saí do carro muito satisfeita sabendo que não teria de andar muito a pé para chegar ao meu local de observação, nem me sentir insegura à hora de ir embora, considerando que o fluxo de pessoas poderia diminuir drasticamente a partir de determinada hora.

Deviam estar umas boas centenas de pessoas nas ruas, espalhavam-se por todo o lado. Os aglomerados maiores registavam-se junto dos bares, mas, de modo geral, as ruas estavam todas apinhadas. Pensei logo nos atentados terroristas que têm sido

divulgados pela imprensa, e que o Cais do Sodré é um alvo fácil para quem quiser praticar um ato terrorista, uma vez que seria impossível parar um carro de grande envergadura, em poucos segundos. Nem a polícia se via àquela hora. Ao contrário do Bairro Alto, no Cais do Sodré, os carros podem circular livremente, com exceção da Rua Nova do Carvalho (Rua Cor-de-Rosa). A reação das pessoas quando passa um carro é diferente, da reação das pessoas no Bairro Alto, pois praticamente ignoram os automobilistas. Eram 3 da manhã, e apesar de não se ouvir a música que era emitida dentro dos bares, o sincronismo do som das vozes, dos gritos e das risadas das pessoas que se encontravam na rua, com o som dos carros que iam passando de vez em quando, produziam um ruído quase ensurdecedor. As pessoas ainda bebiam nas ruas e os bares continuavam a vender para fora do estabelecimento. Os carros já apresentavam sinais visíveis de que estavam a ser utilizados como tabuleiros para depósito de copos, garrafas e latas. Um dos carros, que estava em frente ao bar Solar da Ribeira, tinha o tejadilho cheio, parecia uma bandeja pousada num qualquer bar.

Fui para a Praça de São Paulo. Encontrei um polícia municipal com quem encetei conversa. Este disse-me que estavam ali para prevenir a venda de minis de cerveja por parte dos vendedores de rua. A Praça de São Paulo estava cheia de garrafas de cerveja mini vazias. Durante o dia a utilização desta praça é completamente diferente da utilização que é dada durante a noite, pois veem-se mais turistas sentados nas esplanadas e na zona da estátua. À noite este espaço é apoderado pelos jovens.

Apesar de todas as proibições e limitações, os vendedores de rua são a prova viva de que há sempre uma maneira de as pessoas contornarem a lei. A proibição de venda de bebidas alcoólicas em recipientes de vidro tinha por objetivo evitar que as ruas ficassem cheias de garrafas de vidro espalhadas, e para prevenir a sua utilização como arma de ataque caso surgisse alguma situação de conflito entre os frequentadores da vida nocturna, o que gera insegurança nos transeuntes e nos residentes.

O que posso dizer em relação ao meu posicionamento em relação a estes dois territórios de observação? Que no Bairro Alto a minha presença era, mentalmente, e na minha percepção, questionada pelos personagens habituais da rua da Atalaia: *habitués*, *seguranças* e *bartenders*. O controlo social feito por estes é maior. Toda a gente se conhece e estes conhecem toda a gente. São sempre os mesmos. Por causa desse questionamento constante por parte dos *habitués* deste lugar senti-me em casa. Um

lugar onde se questiona a presença de alguém que está lá por estar, é um lugar seguro, isso na minha percepção, enquanto investigadora.

No Cais do Sodré senti-me desenquadrada. Era mais uma que ali estava. Desgarrada do contexto, mas mesmo assim não era estranhada por ninguém. Uma anónima no meio de tantos anónimos. Apesar de estranhada, era entranhada involuntariamente. E não foi um estranhamento como aquele que eu tinha experienciado no Bairro Alto. Esse carácter incógnito que eu espelhava para os *habitués* do Cais do Sodré desenvolveu em mim um sentimento de insegurança. E porquê este sentimento? Em primeiro lugar porque lembro-me, há mais de vinte anos, quando frequentava a universidade na Rua da Boavista, o Cais do Sodré era considerado uma zona insegura. Um lugar esvaziado de qualquer interação social, de movimento e vida. Para além das esquinas, onde por vezes me cruzava com algumas mulheres que se dedicavam à prostituição, o Cais do Sodré era um lugar ermo, a vida noturna confinava-se na Rua Nova do Carvalho, entre as discotecas Tokio, Jamaica e Europa, dentro destes espaços. Eu tinha medo de cruzar a Praça de São Paulo quando me dirigia para a estação de comboios. Esse sentimento prevaleceu até hoje apesar do movimento, da atividade, do fluxo de pessoas, da animação, do tumulto, do burburinho das pessoas, dos gritos e da algazarra, que hoje em dia caracterizam este lugar. Em segundo lugar, e por ser um espaço cuja *noturnalização* do espaço público é mais recente, é menos escrutinado pelas autoridades locais. Por último, porque a densidade de pessoas residentes é menor o que leva a que o controlo social exercido por estes seja mais enfraquecido do que o controlo social exercido pelos moradores do Bairro Alto.

4.4. Atividades: itinerário metodológico

O caminho metodológico deste estudo teve início com a decisão de enveredar por uma pesquisa etnográfica. Fiz questão desta abordagem ser o foco central de toda a investigação. Paralelamente foram desenvolvidos outros esforços no sentido de obter informação compatível com o objeto de estudo, porque o objeto deste estudo revelava por si próprio a necessidade de uma metodologia híbrida e esta necessidade durante o percurso metodológico foi sempre uma constante.

A observação dos comportamentos dos frequentadores da vida noturna incidiu em especial nas ruas da Atalaia, Nova do Carvalho e dos Remolares, sendo estas as ruas que concomitantemente têm o maior número de ocorrências policiais e não policiais, maior concentração de estabelecimentos de diversão noturna e maior densidade de ocupação do espaço público por pessoas. Durante as observações que realizei, foram adotados três *modus operandi*: as primeiras observações foram meramente *exploratórias*, de forma a reconhecer os territórios durante o período diurno antes de avançar para o período noturno; as segundas foram *estacionárias*, nos locais selecionados para análise, e, finalmente as terceiras, as *deambulatórias*, nos locais de transição entre um território e outro.

Em termos documentais foi feita a análise de textos oficiais sobre os territórios noturnos em estudo, com conteúdos que relatam as problemáticas sentidas pelos moradores, nomeadamente documentos emanados pelas próprias associações de moradores e pela Comissão Permanente de Economia e Turismo (CPET). Alguns conteúdos foram aproveitados para fazer a caracterização histórica e territorial. A análise documental incidiu igualmente na leitura de notícias de imprensa, *blogs* e páginas de Facebook, Leis, Decretos-lei, Portarias, Despachos, Avisos e Regulamentos Municipais.

Paralelamente, participei em ações de sensibilização relativamente ao novo regulamento dos horários de encerramento dos bares e discotecas das zonas em estudo, em reuniões, *Forum+* e seminário *Safe!n* Cais do Sodré, onde o fenómeno da vida noturna foi debatido entre vários dos interlocutores presentes, desde moradores, associações de moradores, associações de comerciantes, representantes do executivo da Câmara Municipal de Lisboa e da Junta de Freguesia da Misericórdia, investigadores académicos até à Agência *Piaget para o Desenvolvimento*, através do Projeto *Check!n* Lisboa. Foi igualmente recolhida informação nos dois debates temáticos sobre Segurança e Qualidade de Vida Noturna, na cidade de Lisboa, promovidos pela Assembleia Municipal de Lisboa, intitulados *Segurança na vida noturna em Lisboa - ponto de situação, comportamentos de risco, vulnerabilidades, mecanismos e ações de prevenção*; e *Ruído e qualidade de vida noturna em Lisboa - ponto de situação, principais fatores de risco, avaliação do regulamento de horários e boas práticas*. Estes dois debates temáticos contaram com a presença de diversos atores-chave desde as associações de moradores e de comerciantes, PSP, Polícia Municipal, Associação

Crescer na Maior, APAV, Associação de Empresas de Segurança Privada, Associação de Discotecas de Lisboa, AHRESP - Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal e forças políticas que integram a Assembleia Municipal de Lisboa.

Foram realizadas várias entrevistas a interlocutores chave nos territórios do Bairro Alto e do Cais do Sodré, nomeadamente: à Associação Cais do Sodré, Aqui Mora Gente Associação de Moradores, APDES - Projeto *Safe!n* Cais, *Erasmus Life Lisbon*, Polícia Municipal de Lisboa e taxistas. Para além disso, e para complementar as entrevistas e os testemunhos dados pelos residentes na página do Facebook da *Associação Aqui Mora Gente*, foi aplicado um inquérito por questionário através do Google Formulário. Foram igualmente realizadas entrevistas a jovens e moradores através da utilização de guiões de entrevista previamente construídos utilizando a gravação por voz, com posterior transcrição dos textos. Pela dificuldade em contactar a Associação de *Bartenders* de Lisboa, estes não puderam ser ouvidos no âmbito deste estudo.

As narrativas do trabalho de campo foram efetuadas com recurso a gravação de voz, à medida que ia fazendo as observações mais pertinentes, sendo estas também transcritas, de acordo com as várias temáticas abordadas. Em simultâneo, recolhi imagens e vídeos dos territórios, posteriormente compiladas em pastas identificadas de acordo com o dia e hora em que foram feitas as observações de campo.

No que diz respeito aos dados recolhidos e posteriormente tratados e analisados, este trabalho incidiu: em dados das ocorrências registadas pelos cidadãos na Plataforma Na Minha Rua da CML, em dados registados no Sistema Estratégico de Informação da PSP e dados do Censo de 2011 (INE). Todos estes dados foram tratados estatisticamente através da aplicação *SPSS for Statistical Analysis 24* e os registos dos discursos que acompanham as ocorrências Na Minha Rua, analisados através da aplicação *MAXQDA Qualitative Data Analysis Software*, utilizando a técnica de análise lexical.

Em termos metodológicos, posso dizer que esta pesquisa me permitiu não só trabalhar com várias fontes de dados, que por sua vez se complementaram entre si, dada a exigência do objeto, mas também de consolidar a minha experiência metodológica, pela necessidade de, através de um contínuo questionamento ao objeto de estudo, desenvolver um processo constante de vai e vem, entre os dados recolhidos nas várias fontes de informação e os dados observados no terreno.

PARTE DOIS - POLIRRITMICIDADE

CAPÍTULO V. CIDADE QUE DORME

5.1. Conflitualidades noturnas

The city makes certain demands on its residents and they respond by making certain demands on each other and on the environment, itself in an endless cycle (Krupat, 1985:15).

Sendo a cidade um lugar de múltiplas e contrastantes realidades, Krupat (1985) afirma que entender estas várias realidades, implica compreendê-las em termos do que é *bom* e do que é *mau* nas cidades, e não em termos do que é *bom versus* o que é *mau*. Esta dualidade, que existe entre o que é bom e o que é mau nas cidades, consubstancia-se em várias situações que se antagonizam, uma vez que as cidades podem ser boas para algumas pessoas, mas podem ser más para outras; podem ser melhores, em determinadas unidades espaço-tempo e piores noutras; podem ser boas para servir determinados propósitos e não tão boas, para outros (Krupat, 1985).

Estes dois princípios antagónicos e irreduzíveis, em que as cidades assumem duas realidades contrárias entre si, na vida quotidiana dos seus habitantes, permite enquadrar a questão da qualidade de vida nas cidades, interrogando o que é preciso para que uma cidade seja boa para viver. Krupat (1985) menciona que a perceção do que é bom ou mau na cidade, varia em função da relação que os indivíduos estabelecem com o meio ambiente e não em função das características que o meio ambiente detém. Assim sendo, a relação que o visitante e o morador estabelecem com a cidade é diferente, uma vez que uma coisa é a ideia que fazemos da cidade, a construção mental sobre a cidade e o efeito *blasé* que esta produz nos seus visitantes (Simmel, 2009 (1903)) e outra coisa é viver e dormir nela.

Se, por um lado, a vida urbana produz entropias tais como a ocupação desordenada, a poluição atmosférica, a poluição sonora e a poluição visual do ambiente construído, por outro lado, essas entropias têm repercussões no sentimento de bem-estar e de segurança dos seus moradores. Assim, a forma como a cidade é experienciada pelos indivíduos, é o resultado da conjugação entre as características objetivas do meio ambiente em que vivem e as características subjetivas dos indivíduos e como resultado

dessa conjugação, a cidade acaba por se transformar num *ambiente que produz stress* nos seus habitantes (Krupat, 1985:95).

Os sentimentos de bem-estar e de segurança são por isso dois conceitos subjetivos, na medida em que dependem da forma como as pessoas, tendo em conta os seus sistemas de valores sociais e culturais, interagem com o meio ambiente. A qualidade ambiental é uma dimensão chave para o bem-estar das pessoas, uma vez que a qualidade de vida é fortemente afetada pela saúde do ambiente físico que as rodeia (OCDE, 2011:212). Esta preocupação aplica-se igualmente na segurança física dos indivíduos, no que concerne ao sentimento de segurança/insegurança. Este sentimento é caracterizado por uma manifestação de inquietação ou de medo sobre o crime, quer individual, quer coletiva, na medida em que este pode afetar o corpo, violar o domicílio e a privacidade dos indivíduos (Roché, 1995; Lourenço 2012). Sendo igualmente uma construção social do risco baseada na experiência das pessoas sobre a realidade vivida (Lourenço, 2012). Se por um lado, a segurança dos cidadãos é na sociedade moderna uma questão de Estado, uma vez que é este que tem por função assegurar o clima de segurança e de ordem social, o sentimento de insegurança é um fenómeno essencialmente urbano, porquanto *o espaço urbanizado é o campo preferido da atividade criminosa* (Clemente, 2012:101), ocupando deste modo uma posição significativa, na preocupação dos cidadãos e da vivência democrática, impactando na qualidade de vida e na saúde física e mental dos indivíduos (Lourenço, 2012).

A abordagem sobre a *qualidade de vida* dos habitantes de uma cidade não tem sido consensual, pois existem várias pesquisas feitas à volta deste conceito, cada qual utilizando indicadores diferentes nos instrumentos de medida. A Organização Mundial de Saúde define a qualidade de vida como a *perceção que um indivíduo tem sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e do sistema de valores em que vivem, e em relação com seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações; pelo que medir a qualidade de vida, implica saber se as pessoas estão satisfeitas ou incomodadas em aspetos importantes das suas vidas, e se essa interpretação que fazem é estritamente individual* (World Health Organization, 2004:299). No sentido de parametrizar este conceito, a Organização Mundial de Saúde desenvolveu um instrumento de avaliação, em colaboração com cerca de quinze países de todo o mundo, onde são identificados quatro domínios básicos para avaliar a qualidade de vida: *domínio da saúde física,*

domínio psicológico, domínio das relações sociais e domínio ambiental. Estes domínios incluem os itens identificados no quadro 2.

Quadro 2. Domínios de avaliação da qualidade de vida

Domínios	Itens
Saúde física	Dor e desconforto; energia e fadiga; repouso e descanso; dependência de medicamentos; mobilidade; atividades da vida diária e capacidade de trabalho.
Psicológico	Sentimentos positivos; sentimentos negativos; autoestima; capacidade de aprendizagem, de memória e de concentração; imagem corporal; espiritualidade, religião e crenças pessoais.
Relações sociais	Relações pessoais; sexo e apoio das estruturas sociais.
Ambiental	Recursos financeiros; informação e qualificação; acesso à saúde e cuidados sociais; segurança e proteção física; ambiente físico.

Fonte: WHO (World Health Organization) (2004), “The World Health Organization’s WHOQOL-BREF quality of life assessment: Psychometric properties and results of the international field trial, A Report from the WHOQOL Group”, *Quality of Life Research*, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 13, 299–310.

Já a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), indica que o bem-estar é um fenómeno complexo de definir, e que a sua definição pressupõe a construção de uma estrutura de componentes ou de itens que se interrelacionem entre si e que moldem como é que deve ser uma *vida boa* para as pessoas (OCDE, 2011). Na sequência deste princípio elenca onze domínios, cada qual com as suas componentes, que concorrem para o bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos: *rendimento e riqueza; trabalho e proveitos; condições de alojamento; saúde; equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal; educação e qualificações; relações sociais; envolvimento cívico; qualidade ambiental; segurança pessoal; e bem-estar subjetivo* (OCDE, 2011).

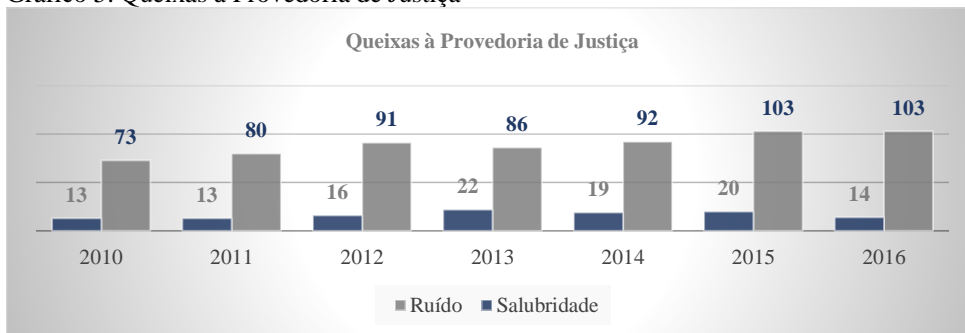
Craveiro (1994) argumenta que existe uma correlação direta entre os níveis de poluição ambiental e os ritmos da atividade social, e que essa correlação acentua os fenómenos de segregação residencial. Nesta sequência, este autor avança para a tese que *a cidade de Lisboa é uma cidade social e ambientalmente inigualitária e injusta, porque morar numa área residencial com pouco trânsito e inserida numa estrutura verde da cidade não é a mesma coisa que morar em áreas ambientalmente sujeitas a agressões, desde a poluição atmosférica à poluição sonora* (1994:116). Um dos exemplos desta desigualdade residencial, face ao meio ambiente envolvente, são os bairros com usos

urbanísticos mistos, contendo estruturas residenciais e estruturas comerciais, onde as atividades de diversão noturna são predominantes, na medida em que estas atividades afetam o bem-estar e o descanso das pessoas que vivem nestas zonas.

Ocejo (2014) realizou um estudo sobre a vida noturna utilizando os bares como janelas de observação, para uma melhor compreensão do papel e impacto do aumento da vida noturna nas cidades pós-industriais. Neste estudo, o autor identifica os bares como fazendo parte de um *ecossistema social maior*, que se materializa num contexto urbano composto por grupos de atores, cuja interação afeta o próprio *biossistema* dos bairros onde se inserem, despoletando tensões e conflitos e provocando transformações sociais, políticas e comunitárias nos mesmos. Os conflitos sociais entre os vários grupos de atores estão, por sua vez, na origem dos movimentos sociais que, ao externalizarem factos sociais que consideram injustos, desenvolvem uma ação social no sentido de corrigirem esses factos, lutando pela democratização das relações sociais e pela lógica da ordem (Touraine, 2003).

As queixas sobre o barulho proveniente dos bares e discotecas, dos gritos das pessoas que se aglomeram no espaço público, da sujidade das ruas ao amanhecer, dos danos provocados no património público e privado, têm vindo a aumentar gradualmente na cidade de Lisboa. Os dados retirados da Provedoria da Justiça, entre 2010 e 2016, assinalam que as queixas relativas às questões ambientais, como o ruído e a salubridade, são uma preocupação crescente dos cidadãos.

Gráfico 5. Queixas à Provedoria de Justiça



Fonte: Relatórios da Provedoria de Justiça – 2010 a 2016

Analisando o gráfico 5, observa-se que o ruído é a problemática que mais afeta os cidadãos. Em 2012, o *Relatório Anual de Atividades do Provedor de Justiça* incorpora a primeira chamada de atenção sobre a necessidade dos serviços ambientais

da Câmara Municipal de Lisboa dispensarem um cuidado especial, relativamente às queixas sobre o ruído, destacando-se destas queixas, os eventos noturnos ruidosos em bairros históricos com elevada concentração de multidões na via pública, nomeadamente no Bairro Alto, Bica e Cais do Sodré. O *Relatório Anual de Atividades de 2013* sublinha que quase 50% das queixas sobre ruído incidem sobre o ruído proveniente de cafés, bares e discotecas, instalados em edifícios multifamiliares, com fracas condições de isolamento ou concentrados em zonas históricas e que 15% são provenientes de espetáculos na via pública, compreendendo festas académicas, arraiais e festivais com música amplificada e horários noturnos dilatados. Em 2014, este relatório elogia as medidas restritivas do ruído adotadas nas zonas históricas onde se concentram bares e discotecas, com a redução dos horários e a proibição da venda de bebidas alcoólicas para consumo na via pública, em especial no Cais do Sodré, Bairro Alto e Santos-o-Velho. Neste relatório de 2014, é igualmente referido que muitos destes estabelecimentos funcionam como simples postos de abastecimento de cerveja e de outras bebidas e que, não tendo lotação para mais de uma dúzia de consumidores, praticam um aviamento de clientes, acima das capacidades dos espaços interiores, graças ao uso da via pública que prolonga a área útil destes espaços. No *Relatório Anual de Atividades de 2016* é feita uma menção sobre o prejuízo que o ruído provoca na qualidade de vida e bem-estar das pessoas, sendo uma problemática que se prende com o ordenamento do território, uma vez que é mais evidente em ambiente urbano, por via da proliferação das iniciativas de lazer. Os discursos enunciados nestes relatórios denunciam uma preocupação que nasceu e que se manteve, em relação às consequências que a vida noturna tem nas zonas residenciais da cidade. O ruído continua a ser o fator principal desta preocupação.

Para Glass e Singer (1972), o ruído é definido como qualquer som de intensidade suficientemente alta para infligir danos físicos, e que mesmo níveis mais baixos de som também podem ser considerados ruídos, especialmente quando os sons são especialmente desagradáveis e incontrolláveis, constituindo deste modo uma fonte de perturbação, quer física, quer psicológica. Estes dois autores relatam, com base em estudos de várias pesquisas académicas, que as pessoas que vivem em bairros ruidosos tendem a cometer mais erros em tarefas simples, como esquecer coisas comuns e até a deixar cair coisas com mais frequência. Neste sentido, declaram que o ruído é uma fonte de *stress* e que o *stress* sem controlo leva a uma sensação de desamparo, sugerindo

ainda que a interpretação psicológica dos *estressores* ambientais, como o ruído e grandes aglomerações de pessoas, desempenham um papel importante na forma como os indivíduos reagem.

A escala elaborada pela Organização Mundial de Saúde sobre os níveis de decibéis e o seu impacto nas pessoas, medida em sensação, consoante o tipo de atividade, identifica que as atividades relacionadas com a laboração de restaurantes e com ruas animadas, assim como o facto de se ter uma janela sobre uma rua, geram uma sensação de incómodo nas pessoas. Já um *walkman* com o volume no máximo ou o alarme de uma viatura chega a ser fatigante (quadro 3).

Quadro 3. Efeitos do ruído nas pessoas

dB	Sensação	Atividade
140	Doloroso	Descolagem de avião
130	Doloroso	Motor de avião nas proximidades
120	Doloroso	Passagem de F1 ouvido na bancada
110	Perigoso	Martelo pneumático
100	Perigoso	Passagem de comboio numa estação
90	Fatigante	Alarme de viatura
80	Fatigante	<i>Walkman</i> volume máximo
70	Incomodativo	Chegada de comboio numa estação
60	Incomodativo	Restaurante barulhento/rua animada
50	Incomodativo	Janela sobre a rua/supermercado
40	Repousante	Escritório
30	Repousante	Sala de estar calma/quarto
20	Repousante	Deserto
10	Repousante	Câmara acústica perfeita

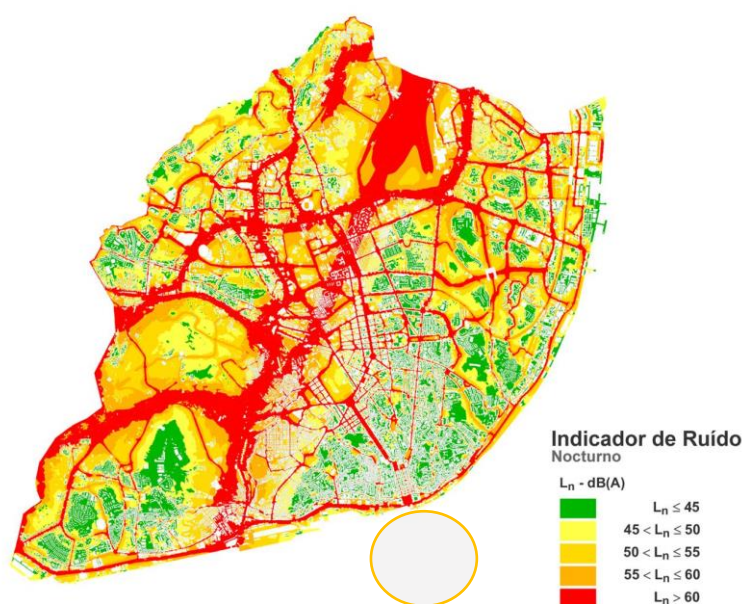
Fonte: WHO (World Health Organization) (1980), “Environmental Health Criteria 12. Noise”, *American Journal of Industrial Medicine*, 1, pp. 229-232.

Ainda relativamente à questão do ruído, a Organização Mundial de Saúde fez um estudo sobre os efeitos do ruído ambiental na saúde do Homem e concluiu que há uma série de problemas que se despoletam quando as pessoas estão sob o efeito de ruído continuado, dos quais se destacam: o nervosismo, irritabilidade e consequente aceleração da pulsação; o aumento da pressão sanguínea, estreitamento dos vasos sanguíneos, tensões musculares e secreções anormais de hormônios causados pela sobrecarga do coração; a fadiga mental; o prejuízo no desempenho no trabalho, provocando também altas taxas de absentismo laboral e os conflitos sociais que surgem como consequência da acumulação de *stress* (WHO, 1980).

A par do ruído que é identificado como um fator incomodativo, as ruas das duas zonas em estudo, Bairro Alto e Cais do Sodré, vibram durante a noite, fruto do fluxo constante de pessoas que se deslocam de um lado para o outro. Na ilustração seguinte é apresentado o *Mapa de Ruído Global* para o período noturno na cidade de Lisboa, que representa os níveis sonoros resultantes do somatório da contribuição de todas as fontes de ruído, para o período noturno, entre as 23h00 e as 07h00, representado pelo indicador L_n (CML, 2017).

As zonas sinalizadas a cor verde são aquelas onde os níveis toleráveis de ruído noturno estão abaixo de 45 dB. O que significa que são zonas de densidade residencial mais elevada. Nestas zonas, e tal como está sinalizado no mapa, inserem-se os territórios de diversão noturna Bairro Alto e Cais do Sodré. Comparando com os dados do quadro 3, e de acordo com a escala de decibéis, os níveis de ruído a partir dos 50 dB produzem efeitos que vão do incomodativo ao doloroso, quando este atinge o nível máximo. Deste modo, uma janela aberta para a rua, uma rua animada, o barulho proveniente de um estabelecimento comercial, a música alta, têm efeitos incomodativos e fatigantes nas pessoas. Estes efeitos têm repercussões na qualidade de vida das comunidades residentes que despoletam consequentemente os conflitos e as tensões entre a cidade que dorme e a cidade que se diverte.

Ilustração 7. Mapa de Ruído Global para o período noturno



Fonte: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/ruído/mapas-de-ruído> - 6 de novembro de 2017

O caso dos moradores do Bairro Alto e Cais do Sodré é um exemplo disso. Ao estarem inseridos num meio ambiente que prejudica o seu bem-estar, afetando a sua qualidade de vida, principalmente em termos de saúde física e mental, estão em constante conflito com os restantes grupos de atores que colonizam a vida noturna, no sentido de reafirmarem a sua identidade e sentimento de pertença ao bairro onde vivem.

Paralelamente à questão da qualidade de vida, a dimensão sentimento de segurança/insegurança, percecionado pelos moradores, é igualmente uma preocupação das pessoas que vivem e dormem em territórios notívagos. Nesta dimensão importa mencionar que o sentimento de segurança das pessoas depende da sua perceção em relação ao espaço construído e à forma como este espaço lhes é percecionado, em termos da ordem ou desordem que apresentam. A teoria dos vidros partidos de Wilson e Kelling (1982) fundamenta essa correlação baseada na relação entre o sentimento de segurança e a probabilidade de ocorrência de comportamentos desviantes associados à criminalidade. Estes dois autores correlacionaram a probabilidade de ocorrência do fenómeno da criminalidade com a aparência de desordem que um determinado território pode apresentar. Isto é, quando um determinado território apresenta sinais de degradação e de desleixo por parte das entidades responsáveis pela sua manutenção, tem mais probabilidade de ser alvo e palco de crimes, do que um território que apresente sinais de organização e um maior grau de cuidado e de controlo por parte das entidades competentes.

A aglomeração de pessoas na via pública pode também incorrer numa perceção negativa para os moradores de determinado território, uma vez que essa perceção advém da probabilidade dos problemas poderem ser despoletados ou não. Glass e Singer (1972) fundamentam este receio afirmando que num determinado ambiente urbano, se o crime é um comportamento dominante, a aglomeração de pessoas no mesmo espaço aumenta o nível de criminalidade. Mas, se os comportamentos sociais positivos predominam, essa mesma aglomeração produz efeitos benéficos. Esta incerteza, relativamente ao que pode vir a acontecer, depende das perceções criadas pelas pessoas sobre o ambiente residencial em que vivem (Kupart, 1985). Zigmunt Bauman (2001:16) afirma que *a incerteza do futuro...que acompanha a vida na modernidade líquida...tende a convergir para objetivos mais próximos e a assumir a forma de questões referentes à segurança pessoal: situações desse tipo transformam-se*

facilmente em incitações à segregação exclusão que levam - é inevitável - a guerras urbanas.

Estudos há, que indicam que o medo à cidade não está intimamente ligado ao índice de criminalidade, mas sim relacionado com o sistema de valores e percepções desenvolvidos pelos indivíduos, ao apreenderem os espaços. Aliás no excerto seguinte o autor sublinha o facto de o sentimento de segurança das pessoas nem sempre corroborar com a realidade dos factos criminais.

... o atlas do medo numa cidade não coincide necessariamente com a criminalidade real, ou seja, os sítios onde as pessoas têm mais medo de ir ou de permanecer não são, normalmente, os sítios onde se manifesta mais criminalidade no dia a dia; o período mais insegurizante é o noturno, que é também aquele em que ocorrem menos delitos; temos grande receio de sermos vítimas de ofensas corporais – mas a grande maioria dos delitos é contra a propriedade e não contra as pessoas; alguns dos indivíduos que foram vitimados em delitos de rua exibem menos medo do que outros que nunca o foram; algumas das figuras de que temos mais medo têm uma presença discreta nos números que compõem o panorama criminal; e aqueles que as estatísticas oficiais do crime dizem ser os agressores (por exemplo, os jovens de periferia urbana desqualificada, herdeiros dos “delinquentes da working class”) são, afinal, os mais vitimizados. (Fernandes e Rego, 2011:171).

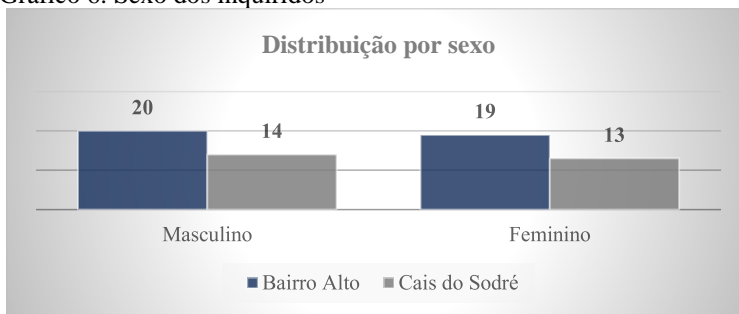
Para melhor aferir quais os problemas que afetam as pessoas nestas duas zonas residenciais, foi aplicado um inquérito por questionário aos seus residentes, através de um formulário do *Google Drive*, lançado na página do Facebook da *Associação de Moradores Aqui Mora Gente*, durante o mês de fevereiro de 2017. A aplicação deste questionário teve por objetivo compreender a perceção que os residentes têm sobre se determinados factores ocorrem mais ou menos frequentemente na sua zona residencial e em que medida estes factores afetam a qualidade de vida e o sentimento de segurança dos seus residentes. Na aplicação do questionário foram igualmente solicitados dados que permitissem fazer uma caracterização sociodemográfica dos inquiridos. No total

foram obtidas 66 respostas. Na secção seguinte é feito o retrato de quem se preocupa com os problemas que se repercutem nos territórios notívagos.

5.2.Socio-demografia dos espaços residenciais noturnos

Do total de respostas obtidas no questionário aplicado, verifica-se que o número de indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino que responderam é quase equitativo, no entanto, as pessoas de ambos os sexos que responderam, são na sua maioria residentes no Bairro Alto, como se pode confirmar pelo gráfico 6.

Gráfico 6. Sexo dos inquiridos

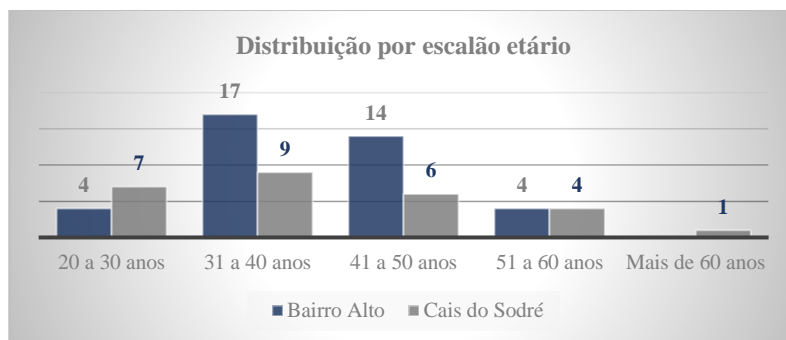


Fonte: Questionário aplicado aos moradores – fevereiro de 2017

Este dado significa que, em termos de densidade populacional, e como já foi confirmado no capítulo II deste estudo, o Bairro Alto apresenta uma população residente maior do que o Cais do Sodré, chegando a duplicar essa densidade. No entanto, e apesar desta disparidade, não se verifica a mesma amplitude diferencial da realidade populacional que respondeu ao questionário, uma vez que as respostas dos residentes no Cais do Sodré constituem cerca de 40,9% do total de respostas dadas ao questionário. O que significa que, apesar da totalidade da população residente no Bairro Alto quase duplicar o número de residentes no Cais do Sodré, o grau de resposta destes últimos tem um peso significativo no cômputo total das respostas dadas. Este facto é uma evidência do grau de manifestação negativa dos residentes do Cais do Sodré, em relação ao seu bairro, em períodos de diversão noturna, o que contrasta com os manifestos proferidos pelos residentes no Bairro Alto.

Relativamente ao escalão etário dos inquiridos, e após ter sido feita uma escala de idades que varia de 10 em 10 anos, sendo a idade mínima de 20 anos, pode-se observar pelo gráfico 7 que a maioria dos inquiridos tem idades compreendidas entre os 31 e os 50 anos, faixa esta em que os indivíduos se encontram na idade ativa em termos profissionais.

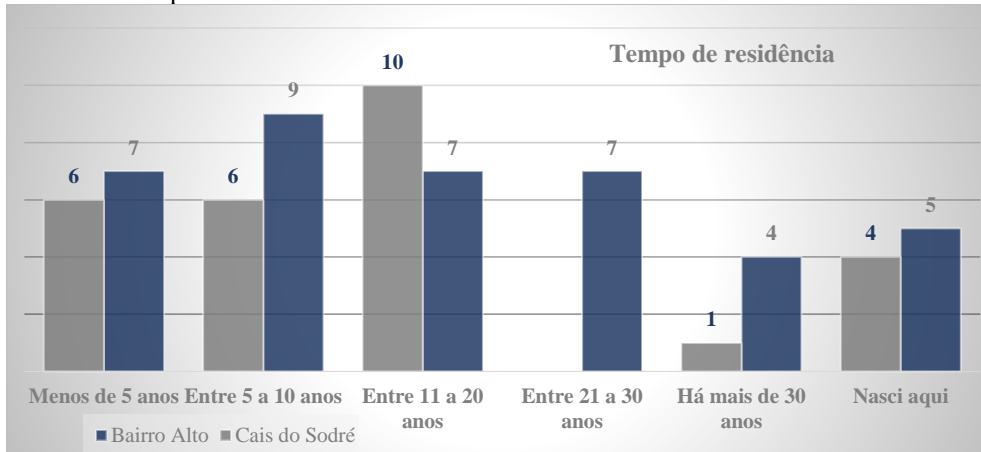
Gráfico 7. Escalão etário dos inquiridos



Fonte: Questionário aplicado aos moradores – fevereiro de 2017

De ressaltar que este questionário foi feito através de formulário *online*, pelo que as pessoas mais velhas têm mais dificuldade de acesso às novas tecnologias do que as pessoas mais jovens. Quanto ao tempo de residência na zona, um facto interessante que ressalta e que se pode observar no gráfico 8, é que a maioria dos inquiridos com tempo de residência entre 11 e 20 anos, vive na zona do Cais do Sodré, não se tendo registado nenhuma resposta por parte de pessoas residentes nesta área no período compreendido entre 21 e 30 anos. Este facto poderá ser explicado pela especulação imobiliária que estalou nesta zona da cidade há sensivelmente pouco mais de 10 anos.

Gráfico 8. Tempo de residência



Fonte: Questionário aplicado aos moradores – fevereiro de 2017

Na próxima secção vamos ver como é que estes moradores se relacionam com a cidade e com as condições que esta oferece, em zonas de diversão noturna.

5.3. Os impactos da noite

Sendo a saúde de todas as pessoas fundamental para a realização da paz, tranquilidade e da segurança dos indivíduos (WHO, 1946), efetuou-se uma conjugação dos dois instrumentos de avaliação da qualidade de vida e bem-estar desenvolvidos pela OMS e pela OCDE e identificadas duas perspetivas/dimensões de análise para avaliar a qualidade de vida dos moradores do Bairro Alto e Cais do Sodré: *sensação de bem-estar* e *sentimento de segurança*. Estas duas dimensões de análise foram selecionadas no âmbito do domínio saúde física e do domínio ambiental, reconhecidos pela OMS e pela OCDE, que contêm os itens: repouso e descanso; segurança e proteção e características do ambiente físico. Como pano de fundo surgem os sentimentos negativos manifestados pelos moradores e que se inserem no domínio psicológico.

Estes itens permitem fazer uma análise da (in) satisfação dos moradores do Bairro Alto e do Cais do Sodré face à *movida noturna*, que se manifesta nestas duas zonas residenciais, porque são as dimensões de análise que fazem sentido neste estudo. Assim, e relativamente a cada uma das dimensões de análise, solicitou-se aos moradores destas zonas que, em primeiro lugar, fosse identificada a frequência com que as

situações, enumeradas em cada uma das dimensões, acontecem na sua zona residencial. Em segundo lugar foi solicitado, para cada uma das dimensões, que se pronunciassem em que medida as situações identificadas como acontecendo regularmente, afetam o seu bem-estar e o seu sentimento de segurança. Para dissecar as duas dimensões, sensação de bem-estar e sentimento de segurança, foram enumeradas várias categorias de análise extraídas dos discursos constantes nas queixas feitas pelos moradores na aplicação *Na Minha Rua da CML*, conjugadas com os dados dos registos criminais fornecidos pela Polícia de Segurança Pública (PSP).

Para analisar a frequência com que estas situações acontecem, utilizou-se a escala de 1 a 5 de *Likert* em que, 1. *Nunca acontecem*; 2. *Raramente acontecem*; 3. *Acontecem algumas vezes (uma vez por mês)*; 4. *Acontecem muitas vezes (todas as semanas)*; 5. *Acontecem sempre (todos os dias)*, permitindo deste modo obter uma resposta positiva ou negativa. Os resultados foram posteriormente agrupados em três blocos: 1. *Nunca e raramente acontecem*; 2. *Acontecem algumas vezes*; e 3. *Acontecem muitas vezes e sempre*. Para analisar em que medida a ocorrência destas situações na sua zona residencial afeta o bem-estar e sentimento de segurança dos seus residentes, foi igualmente utilizada a escala de 1 a 5 de *Likert* em que, 1. *Não afeta nada*; 2. *Afeta pouco*; 3. *É indiferente*; 4. *Afeta*; e 5. *Afeta muito*. Também aqui os resultados foram posteriormente agrupados em três blocos: 1. *Não afeta nada e afeta pouco*; 2. *Afeta e afeta muito*; 3. *É indiferente*.

Quadro 4. Categorias de análise de Bem-Estar e Sentimento de Segurança

Dimensão Sensação de Bem-Estar	Dimensão Sentimento de Segurança
Atividade comercial noturna	Estacionamento caótico (em cima dos passeios; em segunda fila)
Música/karaoke	Atividades suspeitas
Tráfego automóvel/Buzinas	Presença de pessoas suspeitas
Ruído noturno	Roubos; arrombamentos de portas e janelas
Presença de frequentadores do lazer noturno	Furtos
Odores desagradáveis	Venda de substâncias ilícitas
Urina/Vómito	Violações
Cheiro de comida dos restaurantes	Presença de indivíduos sem-abrigo
Lixo no espaço público	Vandalismo (danos no património público e privado)
Fumo de cigarro	Lutas e rixas; distúrbios na via pública
Consumo de álcool no espaço público	Pessoas alcoolizadas
Consumo de drogas no espaço público	Pessoas sob a influência de drogas
Permanência de pessoas nas esplanadas e varandas dos estabelecimentos comerciais	Prostituição

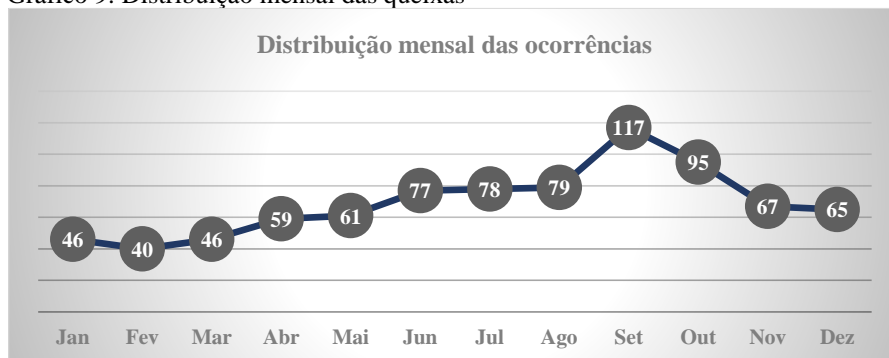
	Permanência de pessoas em frente a prédios residenciais
	Patrulhamento policial

Fonte: A autora com base em dados da aplicação naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2106 e da PSP de jan 2011 a out 2016

Em concomitância com esta análise aos resultados do questionário aplicado, são encadeados dados dos discursos, recolhidos na plataforma na *Minha Rua da Câmara Municipal de Lisboa*, relacionados diretamente com a problemática da vida noturna na freguesia da Misericórdia. Esta análise incide sobre as ocorrências reportadas pelos moradores das duas zonas em estudo, e dizem respeito à área de intervenção *Segurança Pública e Ruído*. Os dados recolhidos, num total de 830, reportam-se a queixas efetuadas pelos moradores entre 2012 e 2016 e referem-se às ocorrências de fiscalização de *estabelecimentos comerciais, insegurança na via pública, medições acústicas, ocupação ilegal de edificado, ocupação ilegal da via pública, ruído em habitações e via pública, sem-abrigo, toxicodependência e prostituição*.

Assim, e após a análise dos resultados obtidos, no gráfico 9 verifica-se que o mês de setembro é o período com maior número de registos de ocorrências reportadas pelos moradores e o mês de fevereiro com o menor número de registos. O que significa que, a partir de fevereiro, a tendência para reportar ocorrências começa a aumentar gradualmente, mantendo-se nivelada nos meses de verão, atingindo o seu pico máximo em setembro, momento este em que começam a diminuir gradualmente até atingirem o seu pico mínimo em fevereiro.

Gráfico 9. Distribuição mensal das queixas



Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2016

Esta observação é um ótimo indicador da intensificação da vida noturna durante o mês de setembro. Essa intensificação pode estar correlacionada com a chegada de estudantes em regime de mobilidade internacional, Erasmus, e respetiva intensificação da frequência destes espaços pelos estudantes portugueses, ou pelo facto de ser o mês em que a maioria das pessoas retornam das férias de verão, quer os frequentadores habituais, quer os próprios moradores.

Relativamente à distribuição territorial das ocorrências evidencia que a maior parte destas se situam em zonas com edifícios residenciais. O gráfico 10 espelha as ruas onde foram reportadas 10 ou mais ocorrências e, pelo que se pode observar, o local com maior número de ocorrências é a Rua da Atalaia com mais de 50 ocorrências, seguida da Rua Nova do Carvalho, com mais de 40 ocorrências reportadas.

Estas duas ruas são também as que apresentam maior movimento noturno, dadas as suas características urbanísticas, isto é, são compostas na sua maioria por espaços comerciais. No entanto, e pela distribuição numérica das ocorrências reportadas podemos concluir que a zona do Bairro Alto é que revela uma maior concentração de problemas reportados pelos seus moradores, o que corrobora o facto de ser o bairro residencial com maior número de habitantes, comparativamente ao Cais do Sodré. Estes dados orientaram o trabalho de pesquisa para este estudo no sentido em que as observações de campo foram sendo redirecionadas de acordo com evidências estatísticas.

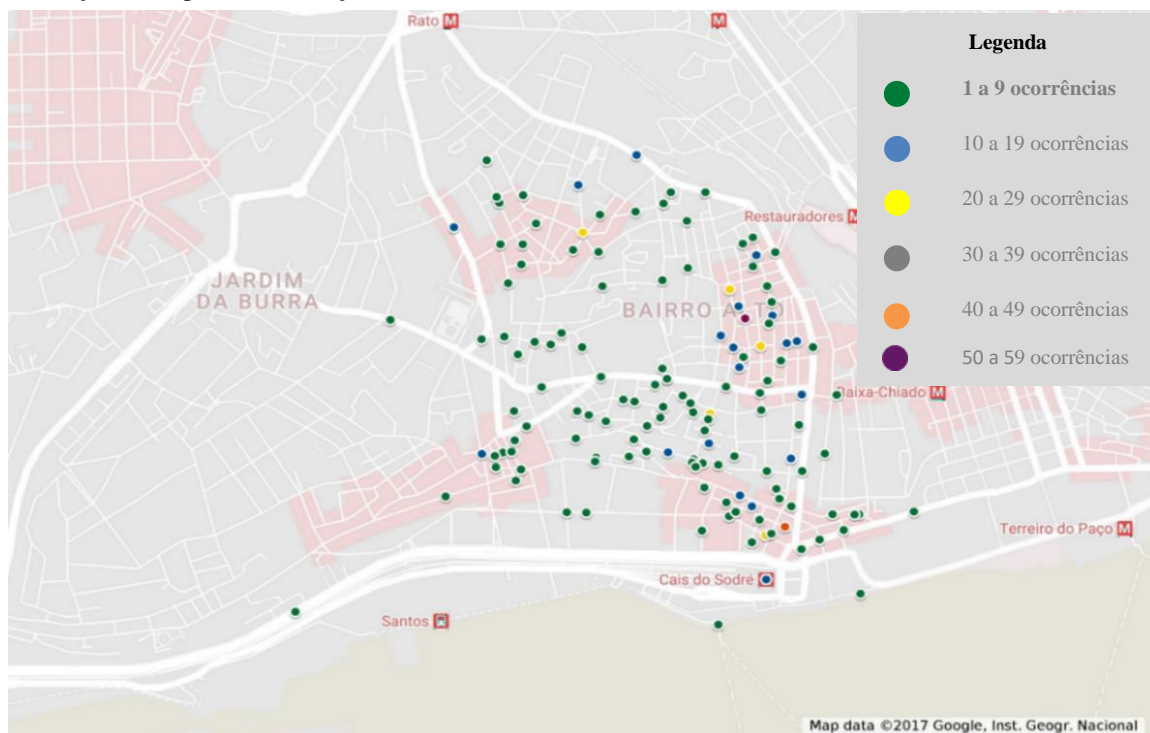
Gráfico 10. Ruas com maior número de ocorrências reportadas das ocorrências reportadas



Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2016

Olhando para o mapa da ilustração 8 podemos ainda ter uma percepção da distribuição das ocorrências no território. Os pontos verdes, que estão em maior número, revelam que a maior parte das ocorrências reportadas não excedem as nove ocorrências. A sua distribuição no território não é uniforme, estendendo-se por quase toda a área territorial em estudo.

Ilustração 8. Mapa da distribuição das ocorrências no território



Fonte: Mapa construído pela autora com base nos dados extraídos do Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt de mai 2012 a dez 2016 e num *layout* construído através do *Google maps*

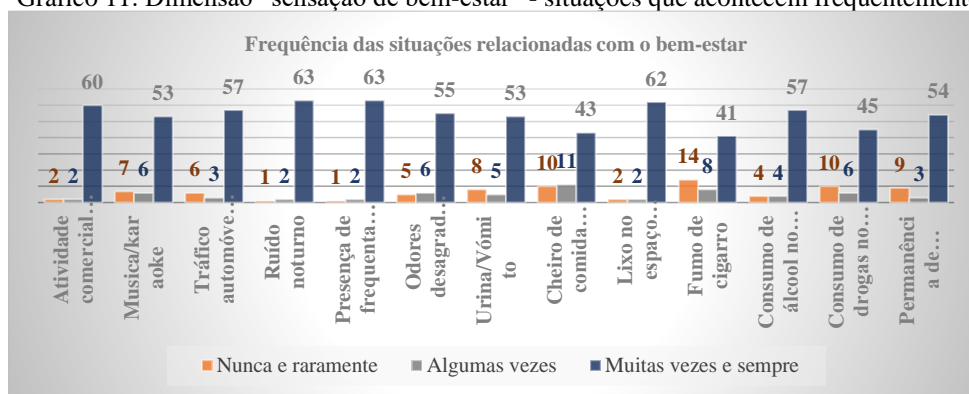
Para uma análise mais fina, as ocorrências reportadas foram categorizadas previamente de acordo com o objeto de estudo: relação entre a *cidade que dorme* e a *cidade que se diverte*; e posteriormente aferidas as subcategorias de análise que estavam subjacentes nos discursos dos moradores, através da utilização do software de análise de conteúdo MAXQDA 12. Da análise lexical feita, foram identificadas 5 subcategorias de análise na categoria *cidade que dorme*, que circunscrevem as maiores preocupações dos moradores face às problemáticas reportadas: preocupação com o bem-estar dos moradores e das suas famílias; preocupação com as incivildades cometidas no e contra o espaço público; preocupação com os fenómenos que geram insegurança; preocupação

com os problemas sociais que se evidenciam nestes territórios e preocupação com a questão da noturnidade. Em cada uma destas subcategorias foram identificados ainda as palavras mais mencionadas no âmbito da subcategoria de análise em questão. De seguida passo a descrever como é que a cidade que dorme se relaciona com a cidade que se diverte.

5.3.1. Bem-estar

Com base nos dados recolhidos sobre o número de ocorrências nos territórios selecionados para o estudo, e quando questionados sobre a perceção que têm sobre a frequência com que as situações enumeradas acontecem na sua zona residencial, os residentes foram unânimes nas respostas. Da análise ao gráfico seguinte pode-se observar que a maior parte dos inquiridos respondeu que todas as situações enumeradas acontecem muitas vezes, isto é, todas as semanas, e sempre todos os dias. As situações que estão relacionadas com o ruído noturno, a presença de frequentadores do lazer noturno e o lixo no espaço público, são as que, na perceção dos moradores, acontecem mais frequentemente, nos dois territórios em análise.

Gráfico 11. Dimensão “sensação de bem-estar” - situações que acontecem frequentemente



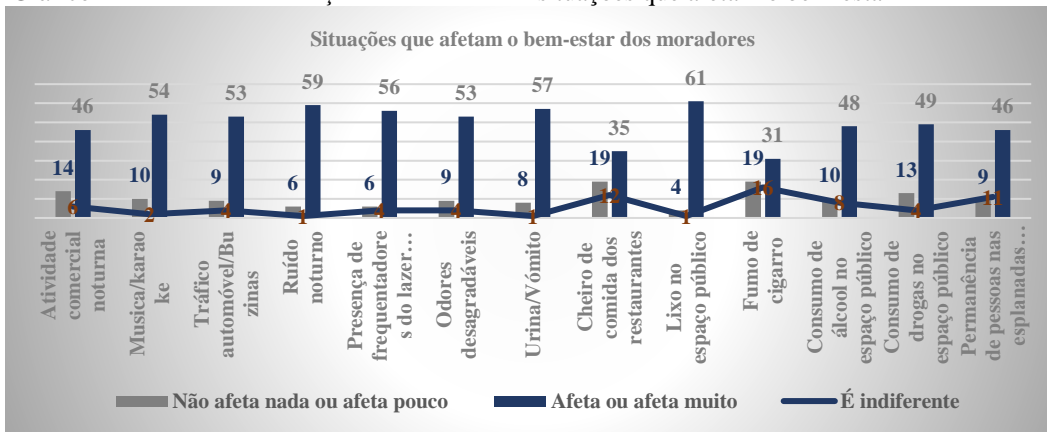
Fonte: Questionário aplicado aos moradores – fevereiro de 2017

As pessoas que responderam *raramente* e *algumas vezes* são uma minoria em relação às que responderam *muitas vezes* e *sempre*. Isto pode ser explicado pelo facto de

essas pessoas terem menos percepção do que acontece nos seus bairros, em virtude da sua habitação não ser muito próxima dos locais mais *quentes* da vida noturna nestas duas zonas. As buzinas dos automóveis e o consumo de álcool na via pública, são também duas categorias perceptíveis de acontecerem *muitas vezes e sempre*.

Quando questionados em que medida, o facto de estas situações acontecerem frequentemente, afeta o seu bem-estar, a maior parte dos inquiridos respondeu que as ocorrências destas situações nas suas zonas residenciais *afetam e afetam muito* o seu bem-estar. Assim, no gráfico 12 pode-se observar o descontentamento dos residentes nestas duas zonas de diversão noturna relativamente às atividades relacionadas com a economia noturna.

Gráfico 12. Dimensão “sensação de bem-estar” - situações que afetam o bem-estar

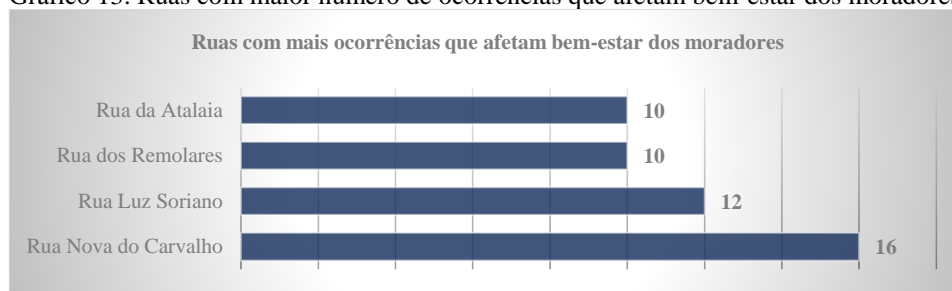


Fonte: Questionário aplicado aos moradores – fevereiro de 2017

Aqui, e mais uma vez, a presença de lixo no espaço público e o ruído noturno são as categorias mais escolhidas como sendo incómodas para estas pessoas. Nesta questão das situações que afetam o bem-estar dos residentes salienta-se ainda a presença de urina e vômito nas ruas.

Na dimensão de análise *Bem-Estar*, as ruas com maior número de ocorrências reportadas são a Rua Nova do Carvalho e a Rua Luz Soriano, como se pode ver no gráfico 13, seguidas da Rua dos Remolares e Rua da Atalaia. Estas ruas são as que tiveram 10 ou mais ocorrências reportadas, a assinalarem o problema do descanso dos moradores, embora esta problemática seja generalizada a quase todas as ruas.

Gráfico 13. Ruas com maior número de ocorrências que afetam bem-estar dos moradores



Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2016

Na sequência do apuramento dos dados recolhidos, foi feita a seguinte análise ao discurso das pessoas relativamente à categoria de análise *cidade que dorme*, e as palavras mais proferidas pelos moradores relacionam-se com a questão da saúde pública e saúde mental.

Quadro 5. Indicadores sobre bem-estar (afetam)

Categoria de análise	Subcategoria de análise	Indicadores	N.º de registos
Cidade que dorme	Bem-estar	Saúde pública Saúde mental	195

Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2016

Nesta subcategoria de análise, os moradores queixam-se frequentemente de não conseguirem dormir e descansar durante a noite, dada a existência de barulho extremo e de música muito alta proveniente não só dos bares, mas também da rua. O excesso de ruído afeta o bem-estar e o descanso das pessoas que residem nestas zonas da cidade. Os residentes apelam ainda que têm o direito a descansar, e muitos afirmam que é insuportável viver nestas condições. Muitos destes moradores apelam ainda para o *slogan* da Associação de Moradores *Aqui Mora Gente*, dizendo que é impossível para as famílias viverem nestes locais. As palavras *incomodidade*, *insuportável*, *perturbação*, *saúde pública* e *saúde mental* aparecem várias vezes repetidas nas queixas dos moradores, o que revela uma atitude de indignação perante o cenário que apresentam nas suas queixas. A questão da saúde pública de quem reside nestas zonas de diversão noturna é uma constante e salienta-se no âmbito das queixas feitas, na medida em que

esta palavra aparece 195 vezes num universo de 830 registos. O ruído é aqui identificado como constituindo uma ameaça para o bem-estar e saúde pública dos residentes.

A propósito desta questão foi avançado por um elemento da Associação *Aqui Mora Gente* que *o barulho dos carros e dos aviões é um barulho que as pessoas se habituam. Mas o barulho das pessoas, o facto de não ser continuado acaba por afetar as pessoas e acorda mesmo. Isto afeta profundamente a vida psíquica das pessoas.*

A aglomeração de pessoas num determinado espaço por exemplo, intensifica o *stress*, sendo por isso um sentimento psicológico, na medida em que existe uma correlação direta entre a dimensão física da densidade espacial, definida como a área física disponível para um número dado de indivíduos presentes, e o sentimento psicológico de aglomeração de não ter espaço suficiente disponível (Smith e Stansfeld, 1986; Smith, 1990). Mesmo que exista uma clara separação entre o contexto rua, espaço público onde os frequentadores da vida noturna se aglomeram, e o contexto casa, espaço privado onde os moradores vivem, o sentimento de enclausuramento por parte dos moradores, sensação esta que se desenvolve no domínio psicológico, intensifica-se com esta dupla realidade que se antagoniza, encontrando-se em constante confronto.

Parafrazeando Fernandes (1999:129,133) as cidades são o palco privilegiado da divisão que se estabelece entre o público e o privado, *enquanto esferas reguladoras de papéis e de momentos diferenciados*. No entanto este autor *reproblematiza* esta relação entre o público e o privado no estudo que enceta sobre dois bairros situados na periferia da cidade do Porto, constatando que nestes bairros subsistem espaços sociais paralelos que se refletem no prolongamento do espaço doméstico no espaço público.

Com base nos depoimentos que se foi recolhendo ao longo deste estudo fui confrontada com esta necessidade de *reproblematizar* sobre a *reproblematização* já iniciada por Fernandes (1999), relativamente à divisão entre a esfera pública e a esfera privada. Para além do facto de os frequentadores dos espaços lúdicos e recreativos fazerem da rua o prolongamento desses mesmos espaços, isto é, há uma ténue divisão entre o espaço privado e o espaço público, o efeito que estes provocam durante a sua estada no espaço público ecoam dentro das casas de quem vive e dorme nestes territórios. Neste caso, e tratando-se de territórios cuja maior expressividade atinge o seu auge em períodos noturnos, apesar de haver uma divisão física entre a rua e as

habitações dos edifícios, não impede, no entanto, que os barulhos da rua entrem dentro de casa das pessoas.

Se para Fernandes, a ligação, entre a esfera pública e a esfera privada, é feita através de espaços sociais de interligação, isto é, são as interações sociais que os indivíduos estabelecem entre si que permitem que estas se interliguem, no caso deste estudo em especial, essa interligação assume um cariz ambiental, na medida em que o ruído passa a ser *visível*, através da audição, quando entra dentro da casa das pessoas.

Esta constatação implica também que, não é só a qualidade de vida das pessoas residentes que está em causa, mas também que este fenómeno de invasão do espaço público que rodeia os edifícios residenciais constitui uma ameaça, ao sentimento de identidade e pertença ao bairro em que as pessoas vivem e consequentemente um sentimento de perda de posse relativamente à casa em que residem. Este sentimento de esvaziamento de pertença e de posse, conjugado com o sentimento de aprisionamento dentro das suas próprias casas é bem visível no discurso dos moradores do Cais do Sodré:

Eu aqui há tempos já tenho dito para a polícia e já tenho feito mandar canecos de água para cima das pessoas e eles, - “ah se a senhora fizer isso é multada”. Eu que vivo aqui e não posso dormir e estou com um esgotamento cerebral e problemas nos ouvidos porque não consigo dormir. Pago a minha renda, tenho o direito estou na minha casa, e o verão passado estava um calor enorme e eu não podia ter a janela aberta durante a noite e estava enclausurada na minha própria casa! Põem uma espécie de discos que parecem bombardeamentos e trovoada! As pessoas têm medo de falar, mas eu não”! As pessoas dizem, - “deixe estar que eu já fui uma vez a uma reunião e eles não fazem nada”. “Deixe estar que eu já não durmo no meu quarto, agora tenho um quartinho que era a despensa onde já consigo dormir”. Há aqui muita gente que já optou por fazer do seu quarto a despensa porque ficam mais resguardadas do ruído. De manhã uma pessoa acorda e é um tapete completo de beatas, é só copos e copos e depois vem a Junta de Freguesia a fazer um barulho aos domingos de manhã fazer a limpeza, às 8 da manhã. Não conseguimos dormir até às 5, 6 da manhã e depois às 8 já estão com um barulho enorme (Entrevista a moradora na Rua dos Remolares, 23 de janeiro de 2017).

Há uma senhora que dorme com auscultadores daqueles das obras e ela diz que a vibração da música vem pelas paredes e lhe afeta o coração (Entrevista a moradora na Praça de São Paulo, 13 de janeiro de 2017).

A dicotomia espaço privado/espaço público, espaço público/espaço privado, assume aqui um *efeito de ressonância contínua*, da casa para a rua e da rua para a casa.

5.3.2. *Incivilidades e inurbanidades*

A subcategoria de análise, *incivilidades*, remete para a definição do que é que se entende por *incivilidade*. Várias são as concepções desenvolvidas sobre o conceito de *incivilidade*, podendo-se dizer que este tem sido normalmente associado ao conceito de *inurbanidade*, na medida em que se manifesta através de condutas impróprias que podem dificultar a consolidação do exercício de cidadania e potenciar o caos urbano.

Para Franz Vanderschueren (1994), a vida urbana está muitas vezes associada, não só à criminalidade violenta, mas também a atos de vandalismo caracterizados como incivilidades, que, embora não sejam sancionados, porque muitas vezes não são denunciados, constituem pequenos delitos que se refletem negativamente na qualidade de vida dos cidadãos. Também Neto (2006) caracterizou *incivilidades*, como os comportamentos desviantes ou impróprios que ocorrem no espaço público, que acabam por se repercutir na qualidade de vida dos cidadãos e consequentemente na disseminação do sentimento de insegurança. Este autor defendeu ainda que o território urbano é constituído por uma multiplicidade de manifestações de insegurança e de expectativas de segurança, e por isso o conceito de incivilidade acaba por estar intimamente associado ao próprio conceito de insegurança urbana.

Besma Loukil (2009) definiu, no seu artigo sobre as incivilidades e delitos que ocorrem nos jardins públicos, que *incivilidade* é um conjunto de atitudes e comportamentos contra as normas estabelecidas, que se manifestam no espaço público, caracterizando-se pela ausência de respeito pelos costumes sociais e pela falta de regras de bom senso e de cortesia. Deste modo, as *incivilidades* são normalmente associadas ao conceito de espaço público ou coletivo, caracterizado como um espaço de exercício da cidadania, do civismo e da civilidade, *La notion de incivilité peut être définie par*

rapport aux conséquences sociales sur la cohésion d'un espace collectif publique, d'augmentation du sentiment de insécurité et elle favorise autant des comportements qui favorisent ou peuvent favoriser la multiplication des vols e agressions (S. Roché citado por Loukil, 2009:12).

Incivilidade, como o próprio nome indica, é o contrário de civilidade, que por sua vez significa urbanidade, qualidade daquilo que respeita as normas de convivência entre os membros de uma sociedade organizada ou o respeito pelas convenções sociais. Deste modo, um comportamento incivil implica o não respeito pelas normas de convivência com o outro, que, mesmo não sendo sancionado por lei como crime, repercute no sentimento de insegurança das pessoas, podendo mesmo dar origem, se não for controlado, a situações de violência e de criminalidade. Assim, incivilidade pressupõe ausência de sensibilidade para com o bem-estar coletivo, a quebra das regras tácitas de boa convivência em sociedade, nomeadamente quando ocorridas no espaço público, provocando uma disrupção nas expectativas do coletivo sobre como deve ser uma boa cidade para se viver. Tal como é referida na dedicatória feita no início deste estudo, *a toda uma cidade, livre, justa, solidária e igualitária*, a incivilidade é o rompimento ou rutura com todos estes princípios: a *incivilidade* impõe a falta de solidariedade para com o próximo, a desigualdade nos usos do espaço público, que por sua vez compromete o direito à cidade, colocando uns reféns dos outros.

Neste contexto, e para a análise dos problemas relacionados com *incivilidades* foram extraídos três indicadores que espelham sobremaneira as preocupações dos moradores face às problemáticas reportadas: o indicador estacionamento, que se prende com a questão da ocupação do espaço público e com o estacionamento caótico e abusivo; o indicador lixo/insalubridade, que é uma consequência da vida noturna e da ocupação do espaço público por pessoas que nele pernoitam; o indicador ruído/barulho, normalmente associado aos gritos e música alta fora das horas estipuladas por lei, que reflete a preocupação principal dos moradores face às atividades de diversão noturna.

Quadro 6. Indicadores sobre incivilidades

Categoria de análise	Subcategoria de análise	Indicadores	N.º de registos
Cidade que dorme	Incivilidades	Estacionamento caótico/ocupação da via pública	72
		Lixo/Insalubridade	42
		Ruído/Barulho	304

Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2016

O primeiro indicador refere-se ao estacionamento e ocupação da via pública como sendo dois problemas que afetam as pessoas que moram nestas duas zonas de diversão noturna. Em particular a ocupação da via pública é identificada como uma barreira e dificuldade à circulação no espaço público para os cidadãos em geral e em especial para os moradores e respetivas famílias, para além de dificultarem a circulação de pessoas idosas e de carrinhos de bebé. A falta de lugares de estacionamento para os moradores, assim como o estacionamento caótico e selvagem, são também as abordagens mais frequentes.

O indicador lixo/insalubridade espelha os registos em que os moradores revelam o seu desagrado não só pelo lixo que é consequente das atividades de diversão noturna (copos, garrafas e latas), mas também o lixo que é o resultado da permanência de indivíduos sem-abrigo em algumas ruas e portas de prédios residenciais e comerciais. Para além disso, o próprio sistema de deposição de lixo nas ruas por parte de alguns moradores e comerciantes, nomeadamente proprietários de restaurantes, é aqui abordado frequentemente, uma vez que não respeitam os horários de deposição do lixo, fazendo-o de forma desordenada e fora das horas definidas.

A questão do ruído e do barulho excessivo nestas duas zonas da cidade de Lisboa é a mais problemática no âmbito da análise às ocorrências reportadas pelos moradores. As palavras - *ruído* e *barulho* - registaram 304 entradas no universo das queixas feitas. As queixas que incidem sobre o ruído são, na sua maioria, provenientes do funcionamento dos bares durante a noite, sobre os níveis da música que ultrapassam os limites aceitáveis, dos frequentadores que gritam e berram a altas horas da noite, das colunas de som que são muitas vezes colocadas na via pública ou voltadas para as portas de entrada dos bares, acabando por ecoar pelas ruas. Para além destas queixas existem também queixas de ruído de vizinhança, ruído de obras à noite, ruído

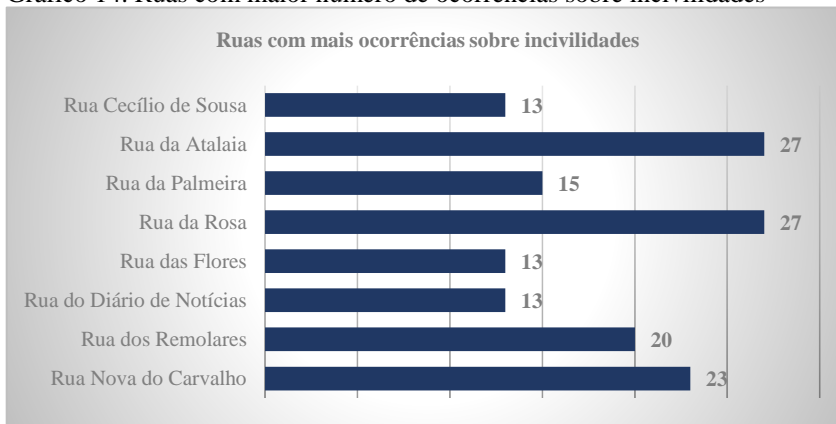
provocado pelos serviços que fazem a recolha do lixo e pelos serviços que fazem a limpeza das ruas a seguir ao horário de atividade noturna por excelência.

A poluição sonora, por ter um dos efeitos mais incomodativos no bem-estar das populações e produzir um efeito perturbativo no quotidiano dos moradores locais, é objeto de regulamentação através do Regulamento Geral do Ruído¹⁷. Este regulamento é aplicado às atividades ruidosas permanentes e temporárias suscetíveis de causar incomodidade, incluindo espetáculos, diversões, manifestações desportivas, feiras e mercados, preconiza no n.º 1 do art.º 32º que, só é permitida *a realização de festividades, de divertimentos públicos e de espetáculos ruidosos nas vias públicas e demais lugares públicos nas proximidades de edifícios de habitação, escolares durante o horário de funcionamento, hospitalares ou similares, bem como estabelecimentos hoteleiros e meios complementares de alojamento quando, cumulativamente: a) circunstâncias excepcionais o justifiquem; b) seja emitida, pelo presidente da câmara municipal, licença especial de ruído; c) respeite o disposto no n.º 5 do artigo 15.º do Regulamento Geral do Ruído, quando a licença é concedida por período superior a um mês*. As fontes de ruído incluem, por sua vez, o ruído de vizinhança, associado ao *uso habitacional e às atividades que lhe são inerentes, produzido diretamente por alguém ou por intermédio de outrem* (art.º 3º, alínea r)) e o ruído ambiente, *observado numa dada circunstância num determinado instante, devido ao conjunto das fontes sonoras que fazem parte da vizinhança próxima ou longínqua do local considerado* (art.º 3º, alínea s)).

Estas duas fontes de ruído são das que mais incomodam os moradores do Bairro Alto e Cais do Sodré. Deste modo, as ruas com maior número de ocorrências em que os problemas relacionados com as incivildades foram mais vezes mencionados (ver gráfico 14), nomeadamente sobre os problemas de ruído, são a Rua da Atalaia e a Rua da Rosa, sendo que a Rua Nova do Carvalho ficou em terceiro lugar no *ranking* das incivildades. Neste ranking foram igualmente selecionadas as ruas com 10 ou mais ocorrências reportadas.

¹⁷ Decreto-Lei n.º 9/2007, de 17 de janeiro.

Gráfico 14. Ruas com maior número de ocorrências sobre incivildades



Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2016

A ilustração seguinte (9) demonstra o descontentamento dos moradores face aos comportamentos relacionados com as *incivildades* cometidas pelos frequentadores da vida noturna. O vômito nas portas e paredes dos edifícios residenciais, resultantes do excesso de consumo de bebidas alcoólicas; a urina em qualquer canto mais escondido, também fruto do excessivo consumo de bebidas alcoólicas, mas pelo prolongamento que os frequentadores fazem dos estabelecimentos de diversão noturna, que, muitas vezes, não têm espaço para albergar a quantidade de pessoas que os frequentam; a palavra latrina utilizada para ilustrar o espaço público como lugar para as dejeções, excrementos, urina e fezes humanas, sendo o reflexo da falta de pudor em utilizar a via pública para o efeito; a lixeira, que ilustra o desrespeito dos frequentadores da vida noturna, para com os espaços de convivência comum. Como diz Da Matta (1997), não conseguimos projetar a rua em casa, porque na rua o comportamento dos indivíduos extrapola os contornos da regulação, da ordem e da limpeza, a rua é terra de ninguém, e por isso os comportamentos divergem dos comportamentos caseiros. A rua é o lugar de encontros, mas também de evasão, de liberdade e de libertinagem. Na rua o indivíduo tende à imoralidade, em casa tende à moralidade.

Ilustração 9. Imagens das incivildades denunciadas



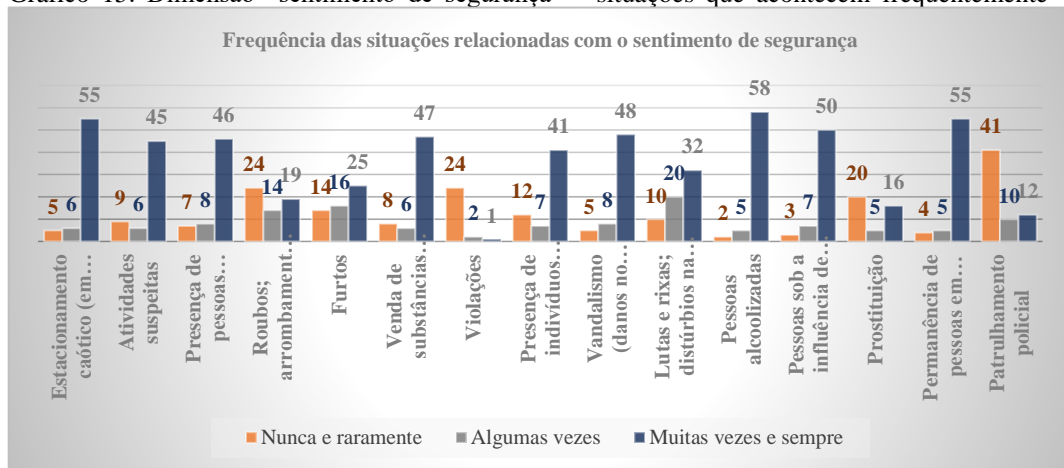
Fonte: Página de Facebook da Associação Aqui Mora Gente: publicação de 30 de julho de 2017

5.3.3. Insegurança e medo

A subcategoria insegurança é aqui mencionada, na medida em que foram reportadas ocorrências relacionadas com a sensação de insegurança sentida pelos moradores. Esta subcategoria de análise tem, no entanto, pouca expressividade comparativamente com a questão do ruído.

Quanto à frequência com que as situações relacionadas com a dimensão sentimento de segurança acontecem na sua zona residencial, grande parte dos inquiridos respondeu que acontecem *muitas vezes* e *sempre*, com exceção das categorias patrulhamento policial, roubos e arrombamentos de portas e janelas, violações e prostituição em que acontecem *nunca* e *raramente*. Como se pode ver no gráfico 15, nas categorias violações e patrulhamento policial, o número de pessoas que responderam *nunca* e *raramente*, é predominantemente superior ao número de pessoas que responderam *algumas vezes* ou *muitas vezes* e *sempre*. Os resultados relativos à categoria patrulhamento policial evidencia e vem corroborar os testemunhos dados pelos residentes, quando referem que raras vezes vêm a polícia a patrulhar estes bairros durante o período noturno. O gráfico 15 mostra ainda que as situações relacionadas com a permanência de pessoas alcoolizadas na via pública, a permanência de pessoas em frente aos prédios residenciais e o estacionamento caótico, foram consideradas pelos inquiridos como sendo as que mais frequentemente acontecem.

Gráfico 15. Dimensão “sentimento de segurança” - situações que acontecem frequentemente



Fonte: Questionário aplicado aos moradores – fevereiro de 2017

Outro receio manifestado pelos moradores são as situações relativas à presença de pessoas sob o efeito de drogas e à venda de substâncias ilícitas. Isto é, a questão das drogas e da sua transação nos espaços notívagos é a segunda preocupação dos residentes a par com os problemas consequentes da vida noturna. Quando confrontadas em que medida as situações que acontecem mais frequentemente afetam o seu sentimento de segurança, isto é, sentem-se mais inseguros, a maioria dos inquiridos respondeu que *afeta e afeta muito* (ver gráfico 16).

Gráfico 16. Dimensão “sentimento de segurança” - situações que afetam o sentimento de segurança



Fonte: Questionário aplicado aos moradores – fevereiro de 2017

Uma realidade é que os traficantes de drogas também fizeram destes espaços noturnos a sua residência habitual. Estes atuam em espaços e tempos intersticiais como refere Fernandes (1999). A analogia feita pelo autor relativamente ao conceito de interstício de espaço, reflete-se na dificuldade em localizar o lugar concreto das interações em torno da droga e no seu esvaziamento temporal. A relação ao conceito de interstício de tempo surge pela verificação de encontros fortuitos e rápidos em torno deste fenómeno. É o caso de a expressão *dar à fuga* utilizada por Chaves (2000) na sua pesquisa encetada no Bairro do Casal Ventoso entre 1993 e 1996, que reflete bem a conjugação de ambos os termos *interstício de lugar e interstício de tempo* referidos por Fernandes, isto é, não estar em lugar nenhum e em tempo nenhum. Mesmo não estando em lado nenhum e em tempo nenhum, revelam-se, sem se revelarem manifestamente, através de ações intersticiais e fortuitas associadas a fenómenos de insegurança, que reproduzidas regularmente no mesmo espaço e tempo, produzem um efeito insegurizante nas comunidades locais.

A droga no âmbito das queixas feitas pelos moradores encontra-se associada à venda de substâncias ilícitas que é praticada por grupos de indivíduos, quer durante o dia, quer durante a noite. A prática desta atividade por parte destes grupos gera nos moradores um sentimento de insegurança, uma vez que, são retratados como indivíduos perigosos, que chegam a ameaçar quem os confronta com o que estão a fazer. A palavra - *toxicodependentes* - aparece também mencionada na preocupação com as drogas e o seu consumo.

O discurso constante nas ocorrências reportadas pelos moradores é o reflexo uma preocupação constante com a imagem do espaço público nas noites de diversão, que influencia o sentimento de segurança das pessoas que vivem nestes territórios.

Quadro 7. Indicadores sobre insegurança

Categoria de análise	Subcategoria de análise	Indicadores	N.º de registos
Cidade que dorme	Insegurança	Distúrbios/vandalismo	12
		Drogas	10
		Insegurança	16

Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2016

São múltiplos os aspetos que podem contribuir para que determinados territórios tenham um impacto negativo nas representações sociais, refletindo uma imagem

insegura dos territórios urbanos: a falta de manutenção do espaço público, a ausência de pólos geradores de atividade, o isolamento face aos territórios centrais, a ausência de circulação de pessoas, a fraca iluminação e uma inadequada apropriação dos espaços.

No entanto, a questão da segurança é abordada pelos moradores como estando associada a situações que estes visualizam ou ouvem durante os períodos de diversão noturna, como agressões e atos de vandalismo a carros, motas e portas dos edifícios, para além de partirem copos e garrafas que deixam espalhados pelo chão. Alguns distúrbios na via pública são também apontados. As categorias que mais potenciam o sentimento de insegurança dos inquiridos são as que se referem a situações de vandalismo - danos no património público e privado -, furtos, lutas, rixas e distúrbios na via pública, roubos e arrombamentos de portas e janelas e violações. No entanto, e comparativamente às situações que mais acontecem frequentemente, as opiniões divergem, isto é, apesar de não ser perceptível pelos inquiridos, a frequência com que acontecem os roubos, os arrombamentos de portas e janelas, os furtos, as lutas, as rixas e os distúrbios e as violações, estas situações são as que mais afetam o sentimento de segurança dos mesmos, ou seja, sentem-se mais inseguros com estas situações do que com as situações que são uma consequência natural da vida noturna.

No entanto, é importante ressaltar nesta análise, que o medo que os inquiridos revelaram ao responderem que se sentem inseguros relativamente às categorias identificadas poderá estar correlacionado com o próprio facto de serem categorias que são puramente criminais e estarem associadas a situações de violência, e nem tanto por serem categorias que reflitam acontecimentos que ocorram na realidade. Isto é, o problema aqui não subsistirá pela perceção de que estas situações aconteçam frequentemente, nem pela perceção que os indivíduos têm do espaço físico, mas sim por estarem previamente influenciados pela informação que é veiculada não só pelos meios de comunicação social, mas também pela forma como sentem que determinada ação poderá ter efeitos na sua segurança e consequentemente fazê-los sentirem-se inseguros.

As cidades, que ao mesmo tempo atraem as pessoas e também as repelem, transformaram-se em lugares que fazem pensar mais no perigo do que na segurança, inevitavelmente este pensamento obsessivo sobre o que afeta a segurança das pessoas leva ao sentimento de insegurança que por vez gera medo (Bauman, 2001). É nesta linha que Fernandes e Ximenes Rego (2011:52) enunciam as *falas do medo*, sugerindo

que o medo à cidade assentaria na relação que o urbanita estabelece e define constantemente com os ambientes implicados no seu quotidiano.

A palavra *insegurança* surge 16 vezes e associada a casos diversos como existência de sem-abrigo, de prostituição, de venda de substâncias ilícitas, de comportamentos desviantes por parte dos frequentadores da vida noturna e mesmo a própria insalubridade que as ruas apresentam após as noites de diversão.

A presença de pessoas sem-abrigo, da prostituição, de patrulhamento policial e mesmo do estacionamento caótico, são as categorias de situações que menos afetam o sentimento de segurança das pessoas que residem nestes espaços de diversão noturna.

Nem todos os casos apresentados são questões de segurança, podem ser sim de bem-estar ou higiene. Por exemplo os sem-abrigo não afetam a minha segurança, nem a prostituição (Resposta ao questionário).

Já em relação ao patrulhamento policial pode nesta análise ter sido distorcida pela não compreensão do objetivo pretendido com a identificação deste indicador. Julga-se que para alguns dos inquiridos, a presença de patrulhamento policial poderá afetar o seu sentimento de segurança, mas na positiva e não na negativa, uma vez que, e de acordo com os testemunhos de alguns, sentem a necessidade de ter mais presença e ação policial nestes territórios. Apesar de estar intimamente ligado à vida noturna, as situações geradoras de insegurança, não são as que mais preocupam as pessoas, uma vez que para os residentes, o seu bem-estar e qualidade de vida, se revelam cruciais para poderem viver nestes locais. Os problemas decorrentes de situações que podem gerar insegurança nos residentes acontecem normalmente a horas da noite em que muitos residentes já estão nas suas casas a dormir, ou a tentar dormir.

Deste modo, as questões da segurança urbana constituem um fenómeno multiforme, uma vez que engloba uma complexidade de conflitos e comportamentos. Por sua vez os fenómenos de insegurança tornaram-se atualmente um problema, associado às suas causas predominantemente sociais, que tem vindo a assumir contornos e dimensões preocupantes na sociedade contemporânea, acabando por impactar fortemente na qualidade de vida e no bem-estar das populações citadinas.

5.3.4. *Problemas sociais*

A subcategoria problemas sociais foi classificada em função de duas situações que são mais recorrentes nestes territórios lúdicos e que se prendem precisamente mais com as questões de índole social do que com as questões de insegurança. No entanto, foi referido por alguns moradores que estas duas situações acabam por gerar sentimento de insegurança em quem vive nestes territórios, pelas consequências que estas acarretam.

Quadro 8. Indicadores sobre problemas sociais

Categoria de análise	Subcategoria de análise	Indicadores	N.º de registos
Cidade que dorme	Problemas sociais	Prostituição	3
		Sem-abrigo	30

Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2016

A prostituição não tem expressividade no conjunto de queixas apresentadas e as que foram feitas, encontram-se associadas às questões da insegurança e consumo de drogas. Apesar de não ter grande expressividade face às subcategorias de bem-estar e incividades, o problema dos sem-abrigo é uma das preocupações dos moradores que reportam as ocorrências no espaço público. Esta preocupação prende-se acima de tudo com a permanência de pessoas estranhas junto aos edifícios onde estes acabam por fazer as suas necessidades e deixar os seus detritos (lixo, garrafas, cartão). Para além disso, é referido o sentimento de insegurança que causam nos moradores, uma vez que alguns são agressivos e se encontram muitas vezes embriagados. As ruas assinaladas com maior número de problemas relacionados com a permanência de sem-abrigos e de prostituição foram a Avenida D. Carlos I, Rua do Alecrim, Cais do Sodré, Rua Fresca, Travessa de Santa Catarina e Travessa do Corpo Santo.

5.3.5. A noturnidade nos discursos

A subcategoria *noturnidade*, que diz respeito à atividade que se desenvolve durante o horário noturno, relacionada com a laboração de estabelecimentos de diversão, foi descascada em vários indicadores, sustentados pelos discursos dos moradores.

Quadro 9. Indicadores sobre *noturnidade*

Categoria de análise	Subcategoria de análise	Indicadores	N.º de registos
Cidade que dorme	<i>Noturnidade</i>	Noite/madrugada/hora	149
		Álcool/bebidas	38
		Bares	335
		Música	67

Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2016

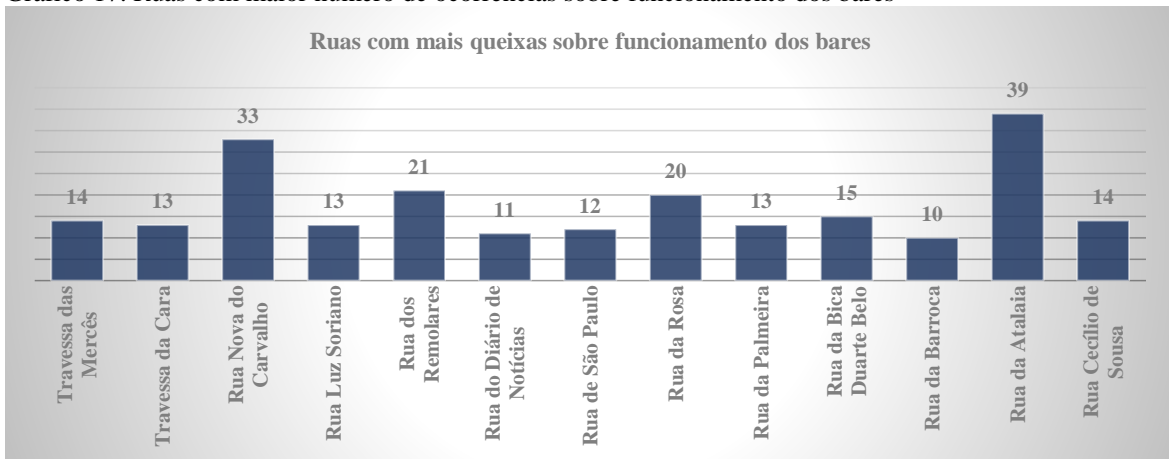
A *noturnidade* é abordada pelos moradores que reportam os problemas existentes nestas duas zonas da cidade, normalmente associada aos estabelecimentos que laboram como bares e que não respeitam os horários estipulados por Lei, e a vida noturna que é permanente ao longo de todo o ano, dificultando o descanso da cidade que dorme. As palavras *noite*, *madrugada*, *horário noturno*, *horas tardias*, aparecem muitas vezes referidas pelos moradores como sustentando um incómodo para a vida das famílias residentes. As bebidas alcoólicas fornecidas pelos estabelecimentos são aqui reportadas como um foco de ruído, uma vez que estes vendem as bebidas para fora dos estabelecimentos facilitando a permanência de pessoas na via pública, que, por sua vez, são igualmente uma fonte de ruído. Para além disso é abordada a questão de alguns estabelecimentos praticarem preços mais baratos do que a média, para além de terem pouco espaço no seu interior, o que determina a concentração de mais pessoas à porta destes estabelecimentos ou na rua. A existência de bares e o ruído provocado pela atividade destes é uma fonte generalizada de preocupação para os moradores que reportam os problemas que mais os afetam.

As queixas incidem na laboração dos bares fora dos horários legalmente estipulados, os níveis da música acima dos limites aceitáveis, as portas que se mantêm abertas, permitindo que a música ecoe pelas ruas, a falta de isolamento acústico, a falta

de licença para laborarem, a ocupação da via pública com esplanadas, o que permite a permanência das pessoas no espaço público até de madrugada e o ajuntamento de pessoas e de carros, junto às portas dos bares. Inclusivamente é relatada a existência de estabelecimentos comerciais como galerias, cabeleireiros, livrarias e outros similares que laboram como bares durante o período noturno. A palavra – música – é também muitas vezes mencionada pelos moradores, normalmente associada a níveis de ruído muito elevados, música ao vivo proveniente dos bares e via pública (eventos estes que são promovidos ocasionalmente). A música, por sua vez, acaba por incentivar os frequentadores a cantarem alto e gritarem ao som da mesma.

No gráfico 17, observa-se que a Rua da Atalaia aparece novamente reportada como a rua que tem uma maior concentração de bares e, conseqüentemente, problemas adstritos à sua laboração. Sendo assim, é o *spot* mais quente, em termos da vida noturna, seguido da Rua Nova do Carvalho e em menor número da Rua dos Remolares e da Rua da Rosa.

Gráfico 17. Ruas com maior número de ocorrências sobre funcionamento dos bares



Fonte: naminharualx.cm-lisboa.pt – mai 2012 a dez 2016

5.4.Desconfiando da regulação

Alguns testemunhos deixados pelos moradores são a evidência do seu descontentamento relativamente às situações que ocorrem, assim como revelam a sua

insatisfação relativamente à ação dos agentes de controlo formal, como também dos órgãos de decisão política, para fazer face às situações que incomodam os residentes.

O caos e o descontrolo são crescentes, o lixo aumenta a cada dia. Impossível viver nesta zona. As autoridades dizem não poder fazer nada pois têm instruções da CML para não perturbar os frequentadores das ruas e bares. Os moradores são ignorados (Resposta ao questionário aplicado em fevereiro de 2017).

O grande problema é a ineficaz ação e completa ausência da Polícia ou da Câmara Municipal/Junta de Freguesia. Todos os dias urinam à frente do meu edifício. Todos os dias estão lá ciganos a vender droga. Todos os dias passam bêbedos aos gritos na rua. Acho ótimo o aumento de turismo e ter pessoas na rua, mas tem de haver regras e alguém que as faça cumprir. Dezenas de vezes tive de ser eu a entrar em discussões com quem me perturba. Isso cansa (Resposta ao questionário aplicado em fevereiro de 2017).

Estes testemunhos revelam que os moradores têm feito esforços contínuos para que os problemas que os afetam sejam resolvidos pelas entidades competentes, uma vez que, e apesar de todas as regras que têm vindo a ser impostas pelos vários despachos e regulamentos, adotados ao longo dos últimos anos, os problemas persistem. No entanto, e como refere Alves (2009), a classe política já percebeu que a noite deixou de ser um espaço-tempo privilegiado dos grupos sociais marginais, passando a desenvolver e a apostar em estratégias de vivificação da cidade durante os períodos noturnos, através das festas da cidade ou programas de regeneração urbana baseados no estímulo às atividades económicas noturnas. Mas, do ponto de vista de quem mora e dorme na cidade o que está a acontecer não passa de um fenómeno de *híper-turistificação*, promovida pelo governo local, que permite que a cidade seja transformada num autêntico parque temático, considerando que esta *híper-turistificação* da cidade, e sob a perspetiva sociodemográfica, acontece quando o número de visitantes excede o número de pessoas residentes (Hoffman *et al.*, 2003). Face às mudanças que se operaram nas cidades contemporâneas, cujos problemas emergentes são o fruto da globalização, os cidadãos passaram a ser mais exigentes com os seus eleitos representantes eleitos que têm a tarefa de encontrar soluções locais para contradições globais (Bauman, 2001).

Numa entrevista a uma interlocutora da Associação de Moradores *Aqui Mora Gente*, e quando questionada sobre o que pensa sobre a vida noturna nesta zona da cidade, esta desabafou: *Olhe! O que acontece é que nós somos invadidos por selvagens*. Em jeito de desespero, a mesma referiu que mesmo o novo regulamento dos horários de funcionamento dos estabelecimentos de venda de bebidas e restauração, não veio resolver nada, e que este problema tem de ser resolvido, *até lá, a gente vai-se entrincheirando em casa!* Segundo esta interlocutora, a maior parte das famílias foi embora nos últimos dois anos e só ficaram as pessoas de idade que sempre viveram aqui. Muitas pessoas vieram viver para o Cais do Sodré, assim como a entrevistada, movidas pela centralidade da zona, a facilidade dos transportes, por ser um uma zona histórica e por se encontrar junto ao rio. Todos estes fatores seriam suficientes para que se sentissem privilegiadas por morar no Cais do Sodré, mas a nova dinâmica económica e de ocupação do espaço público, fruto da intensificação de novas tipologias de oferta de equipamentos lúdicos e recreativos e da renovação de outros, que renasceu em 2011, está a produzir efeitos colaterais na qualidade de vida destas pessoas que pensavam ter encontrado o local ideal para viver.

É revoltante! Muito revoltante! Muitos perguntam porque não vamos viver para outro lado. Mas nós não queremos ir embora, nós cumprimos os nossos deveres de cidadãos. Quem não está a cumprir a sua parte são as autoridades municipais quando permitem este descalabro (Testemunho na página de Facebook *Aqui Mora Gente*, 15 de julho de 2017).

Este último excerto leva a questionar sobre os interesses nos processos de gentrificação dos territórios urbanos, com base no desenvolvimento de espaços de diversão noturna vocacionados para o entretenimento, lazer e cultura, em prejuízo dos residentes. Voltando à baila a velha questão:

O Bairro Alto e o Cais do Sodré, como Santos, são lugares específicos para pessoas puderem beber e divertirem-se. A maioria das pessoas frequentam estes lugares para beberem uns copos com amigos e estão à vontade e sentem-se seguros. Agora há certos problemas, como o vandalismo e urinação na rua. Mas este problema não pode ser resolvido com a abolição de bares e de discotecas destas zonas. Deve-se implementar mais wc públicos para que as pessoas possam utilizar porque muitas vezes as pessoas

querem ir aos restaurantes, bares etc., para ir a casa de banho, mas só podem se comprarem uma bebida ou assim. Isso faz com que as pessoas (nomeadamente homens) urinem nas ruas, num canto escuro o que não é difícil encontrar. Quase que há uma norma no pensamento seguinte; " ir sair a noite e não 'mijar' na rua é como se nunca fosse sair". Agora há certas coisas que se podem implementar, mas uma coisa é certa, não se pode remover estes lugares da noite, por várias razões tanto económicas como a mais importante, a diversão noturna (Resposta ao questionário aplicado em fevereiro de 2017).

O último testemunho revela também que a solução que deve ser tomada não passa pelo fecho dos bares, pois este tipo de medidas mataria o principal centro nevrálgico da vida noturna lisboeta. Neste testemunho está patente que, as questões económicas sobrepõem-se ao bem-estar e à qualidade de vida das pessoas que aqui residem.

Igualmente, as pessoas que vivem no Bairro Alto e Cais do Sodré, apesar de gostarem muito de morar nestas zonas, sentem-se acoissadas pela invasão de que são alvo quase todos os dias pelos frequentadores da vida noturna, sentindo-se pressionadas para saírem das suas casas e irem viver para outro lado. Para além disso, a fiscalização e controlo policial são muitas vezes postas em causa nos discursos dos moradores, pela ineficácia da resposta aos problemas reportados.

É vergonhoso a falta de polícia no Bairro Alto. Sempre que são chamados por excesso de ruído não aparecem. É também incompreensível que nada seja feito relativamente aos traficantes de droga. Todos os conhecemos e a polícia não atua. Também é incrível que as pessoas andem aos gritos no meio da rua a qualquer hora e não se faça nada. Mas afinal onde é que anda a polícia? Outra questão gravíssima é o aluguer de curta duração na zona. Estão a matar a vida do bairro e a tornar insustentável a vida aqui (Resposta ao questionário aplicado em fevereiro de 2017).

Todos os dias são reportadas situações à polícia sem que haja intervenção (por alegada falta de meios). Também na Câmara e na Junta são entregues vários pedidos de atuação e sempre sem resultados (Resposta ao questionário aplicado em fevereiro de 2017).

Dos testemunhos recolhidos verifica-se que, mesmo após a aplicação do novo regulamento dos horários de funcionamento dos estabelecimentos de diversão noturna, os problemas persistem. Este último testemunho mais recente é a prova disso.

São 79 dias que fazemos queixa do som do Bar-Discoteca Stupido, na rua de São Paulo 130. Nada mudou...admito que já não sei que dizer...Todos os dias (com exceção da segunda feira), a partir das 18:00h as paredes começam a vibrar...TODOS OS DIAS... Até as tantas da manhã... Uma batida que se sobrepõe aos pensamentos, às conversas e até à televisão...das 18:00 às 2:00 (até às 3:00 no fim de semana). Sempre... A responsabilidade, neste momento é claramente da Câmara Municipal de Lisboa... SÃO 79 DIAS que nos queixamos... Polícia Municipal, PSP, naminharualx, e recentemente para a CML...a nossa vida passou a ter a ansiedade da batida. Todos os dias! COMO PODEM PERMITIR QUE TAL SITUAÇÃO NÃO SE RESOLVA. VOCÊS PERMITIRIAM ISSO SE FOSSE EM VOSSA CASA? As obras foram ilegais... foram colocadas máquinas de extração de tudo e ar condicionado para o pátio comum, ato proibido pelo condomínio e contra a saúde pública (a do condomínio pelo menos). Não insonorizaram nada...e mantêm volume demasiado alto para o nosso descanso. A vivência no prédio mudou... com bêbedos e afins debaixo de casa e consequentes dejetos. EXISTE TANTA PONTA ONDE PEGAR... OU O PROPRIETÁRIO TEM MESMO CONHECIMENTOS NA CML, TAL COMO NOS ATIRARAM À CARA EM REUNIÃO DE CONDOMÍNIO? TODOS CONHECEMOS O VHILS... ACHAVA QUE PESSOAS PREMIADAS DEVESSEM TER UMA RESPONSABILIDADE CÍVICA MAIOR... PARECE QUE NÃO! Estou num comboio, que apanhei às 7:00... Ontem tive de aguardar até às 23:00 para ligar à PSP e à Policia Municipal... A música baixou só por volta da 1:00... O meu filho não consegue dormir, aqui em casa...

Todos os dias! Todos os dias! INTERVENHAM RAPIDAMENTE, POR FAVOR! Amanhã são 80 dias de queixa.... (Testemunho na página de Facebook Aqui Mora Gente, 15 de novembro de 2017).

CAPÍTULO VI. CIDADE QUE SE DIVERTE

6.1.Os donos da noite

Estamos a viver uma época onde se verifica uma...*concatenação de grupos com intencionalidades estilhaçadas, mas exigentes. É isso o que proponho chamar de reencantamento do mundo* (Maffesoli, 1998:117).

Normalmente, a vida noturna é caracterizada como sendo o mundo da juventude, porque a *cultura juvenil* aparece intimamente ligada ao lazer e é neste domínio que os seus comportamentos, costumes e hábitos adquirem expressividade e visibilidade perante a sociedade (Machado Pais, 1993). É neste sentido que Machado Pais (1993) acredita que as trajetórias dos jovens devem ser vistas como um processo, não só de socialização, isto é, a forma como a sociedade constrói a juventude, mas também de *juvenilização*, a forma como os jovens influenciam a sociedade, sendo a juventude considerada um mecanismo de mudança social, *agente revitalizador, fonte de energia renovadora da sociedade, dado o seu vigor e seu menor enredamento na ordem social vigente* (Grosso, 2015:10). Partindo deste enquadramento importa, no entanto, questionar quem são os jovens, isto é, o que é que delimita a categoria *jovem* em termos etários e o que é ser jovem na sociedade atual.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a adolescência é uma classe etária que se situa entre os 10 e os 19 anos. A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) definiu, em 2010¹⁸, que a classe etária da juventude se situa entre os 15 e os 24 anos, quer para fins estatísticos, quer para fins políticos, salvaguardando, no entanto, o facto de esta definição poder variar, de sociedade para sociedade. Em Portugal, o Instituto Nacional de Estatística (INE) avança que não existe uma definição nacional do estatuto de *criança* ou de *jovem*. O que há é uma definição concetual, para fins estatísticos, de criança: *pessoa com idade inferior a 15 anos*, não existindo uma definição concetual idêntica para *jovem*. No entanto, o Observatório Permanente da

¹⁸ http://unicrio.org.br/docs/iyy_portugues.pdf

Juventude assume, na definição metodológica dos seus indicadores demográficos, que a população jovem se insere na classe etária entre os 15 e os 29 anos.

Teoricamente, e em termos geracionais, a juventude é caracterizada como sendo uma *fase natural da vida*, em que os jovens procuram, com uma atitude irreverente e de espírito de contestação, mudar o mundo que se encontra em seu redor (Sedas Nunes, 1998), desenvolvendo *práticas culturais homogêneas*, mas *normativamente marginais em relação à cultura dominante* (Machado Pais, 1993:132-133). Os jovens expressam-se de diversas formas, enquanto consumidores de bens culturais, procurando desta forma se imporem aos valores normativos e culturais instituídos na sociedade, com o intuito de os contrariar e de modificá-los. Não é à toa que Magnani (2005; 2007:18,24) refere que *o termo culturas juvenis aponta para as formas em que as experiências juvenis se expressam de maneira coletiva por meio de estilos de vida distintos, tendo como referência o tempo livre e que a juventude é representada como uma época de transição na qual o indivíduo já adquiriu uma certa autonomia, mas que, sem as responsabilidades da idade adulta, experiencia um tempo de liberdade em que tudo é permitido*.

Na aceção sociológica de juventude, são preconizadas duas tendências antagónicas entre si, a *corrente geracional* e a *corrente classista*, para definir o que é ser jovem: se por um lado classifica a juventude como um conjunto social homogéneo, constituído por indivíduos que pertencem a uma determinada fase da vida na qual sobressaem aspetos de uma *cultura juvenil*, circunscritos a uma determinada geração ou faixa etária; por outro, define a juventude como um conjunto social diversificado, assente na reprodução das classes sociais, onde sobressaem várias culturas juvenis que se distinguem em função das diferenças que os separam, diferenças essas que vão desde a classe social de pertença, ao tipo de situação económica em que se encontram, os interesses que defendem e as oportunidades ocupacionais de que dispõem (Machado Pais, 1993:23,44). Esta última aceção é mais ao gosto de Bourdieu (1983), que defende que a juventude é apenas *uma palavra*, porque na realidade existem pelo menos duas juventudes, a juventude que pertence à classe burguesa e a juventude das classes populares, pelo que definir este conceito como um conjunto social homogéneo, com interesses em comum, associado a uma faixa etária, *é um abuso da linguagem*.

Mas Machado Pais (1993) questiona-se sobre o porquê da existência de várias culturas juvenis, apostando, numa primeira abordagem, classificar a juventude como um

problema social face às dificuldades que afetam a sua trajetória de vida: problemas de inserção laboral, de consumo de drogas e de delinquência. No entanto, este autor acaba por desmitificar as narrativas sobre a juventude, enquanto conjunto social homogéneo, corroborando com a corrente sociológica que fundamenta a existência de várias culturas juvenis, e que estas, em especial no domínio do lazer, diferem entre si de acordo com as práticas culturais desenvolvidas. Nesta linha de pensamento, os jovens não vivem nem desenvolvem as mesmas práticas culturais no domínio do lazer e estas diferentes práticas culturais são o resultado de diferentes culturas juvenis. Este autor refere ainda, que a forma como os jovens socializam no domínio do lazer, originam por sua vez diferentes culturas juvenis, porque as práticas culturais desenvolvidas e as formas de sociabilização distinguem os jovens, ou grupos de jovens, uns dos outros.

Schwanen *et al.* (2012), procuraram aprofundar a literatura existente sobre desigualdades e exclusão social na economia noturna, através de uma análise rítmica da presença de visitantes em áreas de animação noturna das cidades de Rotterdam, Utrecht e Groningen. Nesta análise, estes autores concluem que fatores como a etnia e o género dos visitantes contribuem para uma maior segregação espaço-temporal dos indivíduos, sendo as desigualdades étnicas mais evidentes em termos espaciais, como a exclusão ou incapacidade em participarem como consumidores, e as desigualdades de género, mais acentuadas com o passar do tempo, ao longo da noite. Deste modo, os padrões rítmicos da desigualdade e da exclusão se refletem de diferentes formas, entre os homens e as mulheres e entre indivíduos de etnias diferentes.

De facto, e como refere Machado Pais (1993:188) não se pode desagregar as *culturas juvenis* da *cultura do lazer*, quer por motivos de *ordem prática*, porque a afirmação identitária dos jovens, em termos de integração geracional, é mais vincada no domínio do lazer; quer por motivos de *ordem ideológica*, porque os fenómenos do domínio do lazer e os estilos musicais são um exemplo disso e constituem normalmente um eixo que aproxima os jovens.

Seguindo este raciocínio, as práticas de sociabilidade e de lazer não podem ser dissociadas dos tempos quotidianos dos jovens e do seu enquadramento socioeconómico e cultural. Da observação realizada no âmbito deste estudo foi possível apreender a densificação de jovens que se concentram nos espaços de diversão noturna. Esta densificação permite aferir que a noite, salvo algumas exceções, é por excelência uma unidade espaço-tempo maioritariamente juvenil. O que implica afirmar que a noite

constitui um lugar propício ao desenvolvimento de atividades de consumo e de comportamentos específicos associados ao lazer, onde os jovens são os protagonistas. Protagonistas, estes, *vitimizados duplamente*. Se por um lado são vítimas de uma sociedade de consumo, que procura cativar e manipular as vontades dos seus consumidores através de uma oferta diversificada de tipologias de entretenimento, transformando a própria vida humana em objeto de consumo e produto do que acontece na modernidade líquida de Bauman. Por outro lado, e em virtude de serem os protagonistas da noite lúdica urbana, estão igualmente à mercê daqueles que se aproveitam da sua vulnerabilidade, quando se encontram nos processos de sociabilidade e diversão noturna, decorrente dos hábitos de consumo que adotam e das dinâmicas de grupo que desenvolvem, e que os distrai do meio que os envolve.

Neste capítulo será feita uma abordagem aos jovens, desde a relação que estes estabelecem com os centros urbanos, aos comportamentos que adotam quando se encontram em contexto de sociabilidade na vida noturna lisboeta.

6.2.Os jovens e as centralidades

A forma como os jovens experienciam as suas vivências e desenvolvem as suas atividades está circunscrita em *tempos e espaços* específicos, que, por sua vez, se conectam entre si. A esta conectividade, que existe entre o tempo e o espaço onde os jovens desenrolam as suas atividades, chama-se *cronotopo* (Feixa e Strecker, 2015:1). Este conceito, um poderoso instrumento analítico da realidade e experiência social, teve a sua origem nas disciplinas de física e matemática - *Teoria da Relatividade de Einstein* -, para explicar a inseparabilidade do tempo e do espaço (Feixa e Strecker, 2015; Feixa, *et al.*, 2016), tendo sido utilizado por Mikhail Bakhtin - crítico literário russo -, como um princípio organizador dos eventos narrativos de uma obra literária, autor esse que distinguiu cinco tipos de *cronotopos*: a *estrada*, como um local para encontros; o *castelo*, lugar de história; o *saloon* - bares e clubes -, lugares de diálogo, prosa, conversação; a *cidade* - ruas e praças -, lugares para a rotina da vida diária; e o *limiar*, lugar de crise e rutura - corredores, lugares de passagem. Esta última categoria, assemelhando-se à conceitualização de *não-lugares* (Augé, 1994), mostra que estes não

reúnem as características do lugar antropológico, sendo por isso não identitários, relacionais ou históricos. Sendo assim, qualquer ação é passível de acontecer num lugar qualquer, uma vez que o espaço é *abstrato*; e os acontecimentos não se encontram interligados, porque o tempo é *vazio*.

Schwanen *et al.* (2012:2066-2067) corroboram esta perspectiva *cronotópica* analisando os *ritmos da cidade* e das *rotinas coletivas*, cuja frequência, intensidade e regularidade, interagem de forma contínua, formando conjuntos *polirrítmicos* com consistência no espaço e no tempo. Estes autores insistem nas *ritmicidades* da vida quotidiana noturna, referindo inclusivamente que os ritmos institucionalmente inscritos, como os horários de funcionamento dos transportes públicos e os horários dos estabelecimentos de diversão, podem influenciar os ritmos das práticas sociais e culturais dos indivíduos.

Considerando esta *indissociação* tempo-espaço, o estudo dos jovens nas suas trajetórias territoriais de lazer noturno poderá ser feito numa perspectiva *cronotópica*, uma vez que as atividades que estes desenvolvem durante os circuitos noturnos se inscrevem necessariamente em espaços e tempos. O tempo pressupõe um espaço para ser vivido e experienciado, o espaço pressupõe um tempo que permita que essas experiências sejam vividas. Sendo assim, as vivências juvenis podem ser analisadas à luz do tempo que estes despendem nos espaços, como à luz dos espaços que estes escolhem para passar o tempo, porque a noite constitui uma unidade espaço-tempo antropológica de *relação e identidade, onde se cruzam múltiplas personagens e vidas e onde os jovens se exprimem naturalmente e sem complexos* (Sanchez e Martins, 2000:233).

Ser jovem implica uma busca permanente de pertença a coletivos juvenis e da descoberta de novas formas de *estar juntos* (Borelli *et al.*, 2008), ou de *estar juntos à toa* (Maffesoli, 1998:111), de querer simplesmente estar juntos ociosamente, através da articulação em redes de *socialidades espontâneas, sob a égide do nomadismo e do consumo, da associação grupal volátil* (Maffesoli, 1998; Magnani, 2005; 2007; Borelli *et al.*, 2008), conferindo-lhes deste modo um papel preponderante enquanto atores sociais, nos territórios em que desenvolvem as suas atividades. Entre o *gregarismo e o nomadismo* coexistentes nas suas trajetórias, os jovens oscilam entre serem *nômadas*, ao deslocarem-se territorial e geograficamente, atravessando a cidade e *ganhando a rua*,

em busca de novas formas de socialidades, e serem *gregários*, regressando para os territórios que lhes são familiares, onde se sentem protegidos (Borelli *et al.*, 2008:237).

O consumo, mas também a vontade gregária de convívio com os seus pares, são os motores destas deslocações pendulares e um importante fator que determina a definição dos seus estilos de vida e se revela estruturante das suas narrativas juvenis, cuja relação com a vivência urbana, na sua aceção simbólica, se explica através de um *cotidiano de culto* à circulação espacial e à mobilidade geográfica permanente, em busca de atividades de lazer, que nem sempre estão presentes na periferia das cidades (Borelli *et al.*, 2008:239), o que se materializa na sua relação com as centralidades da cidade. Assim sendo, a cidade e os seus centros de atratividade para consumo, constituem chamarizes para os jovens que procuram novos tipos de entretenimento cultural e novas formas de convívio e de construção identitária, jovens esses que, motivados pelo consumo e pela sociabilização com os seus pares, se sentem atraídos pela agitação que os polos de diversão noturna lhes proporcionam.

As mudanças que se operaram no mercado de trabalho, na educação e no consumo, combinadas com o aumento da individualização e da globalização, alimentaram esta variedade aparentemente complexa de estilos de vida e identidades juvenis que emergem na vida noturna dos centros das cidades (Chatterton e Hollands, 2002). O conceito de *movida noturna*, veio dinamizar esta nova forma de como os jovens se relacionam com a cidade e as suas centralidades, caracterizadas pela concentração de serviços e atividades diversas, pelas acessibilidades dos transportes públicos e melhoria das redes viárias e pela concentração de circuitos espaciais, dirigidos aos jovens, a que Fernandes (1990) chama de *concentradores juvenis* e Magnani (2005; 2007) designa de *manchas de lazer noturno*.

O Bairro Alto e o Cais do Sodré inserem-se nesta demarcação territorial a que se pode denominar de centralidades, e por isso apresentam as características atrativas destas, não só para a concentração de atividades e serviços como para a concentração de pessoas. As ruas destes dois territórios acomodam edifícios cujos estabelecimentos comerciais, na sua maioria, têm acesso direto da rua. Estas áreas comerciais conferem por sua vez uma identidade territorial específica às ruas onde se integram. São dois territórios que conseguem conjugar o bairrismo, o típico e o histórico, com a prosperidade e a modernidade.

Como já se tinha referido, o Cais do Sodré é um dos centros nevrálgicos da cidade de Lisboa, por nele se concentrarem os principais meios de transporte de acesso à cidade, desde os acessos por via fluvial como aos acessos por via terrestre. O Bairro Alto, por sua vez, e desde os anos oitenta do século XX, foi um foco de atração para a concentração de pessoas durante o período noturno e já tinha uma estrutura que potenciava a existência de vida noturna. O Cais do Sodré teve uma dinâmica de transformação diferente porque era uma zona muito pouco habitada, um bairro abandonado e esquecido, com um comércio local moribundo e praticamente fechado, que há bem pouco tempo se transformou no *ex-libris* da vida noturna da cidade, oferecendo uma tipologia de entretenimento mais alternativa, assente em novos estilos musicais, passando a ser um lugar que está na moda para estar com os amigos e desfrutar de atividades ligadas à música e à dança. A dinâmica de apropriação do espaço público por parte dos seus consumidores sofreu também alterações significativas. Os jovens passaram a desenvolverem uma representação social relativamente a estes dois polos de diversão que os impulsiona a frequentá-los, um mais cedo do que o outro.

A centralidade de ambos os territórios em estudo deve-se em grande parte à rede de transportes integrada na sua paisagem urbanística, CP, Metro e Carris, constituindo uma porta de entrada para a cidade. Na perspetiva urbanista e organicista de Constantinos Doxiadis (1960) estas redes de infraestruturas são meros instrumentos que facilitam o funcionamento das cidades e que permitem que os lugares se interconectem entre si. São estas infraestruturas que facilitam o acesso a estes territórios, a pessoas provenientes de zonas periféricas da cidade como Cascais, através da estação de comboios do Cais do Sodré, Almada, via fluvial, Amadora via comboio metropolitano com saída quer na interface do Cais do Sodré, quer na interface do Chiado, e mesmo de carro dada a facilidade em chegar ao Cais do Sodré, via Avenida 24 de julho. Esta necessidade de mobilidade das sociedades contemporâneas está intimamente associada ao fenómeno da motorização (Urry, 2002) que produziu grandes transformações no conceito de tempo e no conceito do espaço, permitindo que os indivíduos possam percorrer mais espaço num menor tempo possível, ganhando mais tempo no espaço e percorrendo mais espaço no tempo.

Um fenómeno que também intensificou a procura destes dois locais de lazer noturno da cidade de Lisboa foi o aumento dos estudantes de Erasmus, a que Malet Calvo *et al.* (2017:3) denominam de *elite migratória*. Estes autores reafirmam ainda

que, o fenómeno da *estudentificação* está associado ao processo de *gentrificação* que se operou no Bairro Alto, o qual, sincronicamente com o aumento massivo da indústria turística na cidade de Lisboa, foi um dos impulsionadores de vários processos da transformação urbana dos núcleos centrais históricos, pela pressão que exerceu não só no mercado habitacional, mas também no mercado do lazer. Estas zonas residenciais foram progressivamente ocupadas por jovens estudantes estrangeiros, que trouxeram novos estilos de vida e novos padrões de sociabilização e de consumo. Por sua vez, este fenómeno resultou na transformação da funcionalidade urbanística destes territórios, que se metamorfosearam, para fazer face à procura destes novos estilos de consumo. Chatterton (1999) sugere chamar de *geografias exclusivas*, por concentrarem um setor de serviços urbanos direcionados exclusivamente para estudantes, considerando que estes desempenharam um papel importante na modelagem dos centros urbanos.

Malet Calvo (2017), ao estudar a espacialização dos estilos de vida dos estudantes orientada para o consumo dentro das cidades, argumenta que, ao contrário das cidades britânicas, onde se registaram ocupações progressivas e massivas de bairros residenciais, junto dos campus universitários, por jovens estudantes que trouxeram novos estilos de vida e padrões de sociabilização distintos dos bairros onde se estabeleceram, em Lisboa este fenómeno não se verificou, uma vez que a acomodação dos estudantes, tanto os nacionais como os estrangeiros, está dispersa pela cidade, contrariando os fundamentos teóricos que enfatizam a proximidade com os campus universitários, como principal força motriz da zona de residência dos estudantes. Esta dispersão deve-se em parte pelo facto de Lisboa ser uma cidade de dimensão média, cujo sistema de transporte e estrutura urbanística tornam as distâncias de casa para a universidade irrelevantes, permitindo que estes se instalem na sua maioria por uma área vasta que vai de Campolide ao Saldanha e de Santos a Santa Apolónia (Malet Calvo, 2017:6). Este facto permite aferir que, dada a dimensão média da cidade de Lisboa, os Estudantes de Erasmus se concentram em áreas dispersas da cidade, desde que estas lhes possibilitem um melhor acesso aos estabelecimentos de ensino superior que frequentam, e ao mesmo tempo o estarem mais próximos dos centros urbanos onde se desenvolve e se concentra um maior número de atividades destinadas ao lazer, em especial o lazer noturno.

Neste contexto, importa enquadrar as práticas culturais juvenis num ambiente de lazer, uma vez que é neste ambiente que se tem a possibilidade de observar como é que

estes jovens desenvolvem as suas atividades. No entanto, permite salvaguardar que, apesar da vida noturna ter desde sempre sido estigmatizada, como sendo um palco de fenómenos de exclusão cultural e social e objeto de repressão pelas entidades reguladoras, por outro lado, as novas culturas juvenis que emergiram, trouxeram novas formas de consumo cultural e de vivências alternativas, as quais vieram moldar a imagem tradicional que sempre foi produzida sobre a noite urbana (Sanchez e Martins, 2000:218).

6.3. Entre a *Coutada* e o *Rio Cinza*

The city, especially at night, is shown to be contradictory, simultaneously conflictual and segregated, commodified and sanitized, saturated by both emotion (enhanced through alcohol, drugs, dance, sex, encounter) and rational elements (planning, surveillance and policing) – and that such tensions are not always easy to understand and reconcile (Jayne et al., 2006:459).

Logo à partida, o subtítulo desta secção sugere alguma surpresa e suscita várias interrogações. A escolha deste subtítulo foi inspirada na obra de José Machado Pais, *Culturas Juvenis*, em que este, numa abordagem etnográfica, estuda o sentido e significado das práticas quotidianas juvenis e explora as *espacialidades* e *temporalidades* dessas práticas, em três comunidades residenciais, socialmente distintas, da cidade de Lisboa. A estas três comunidades atribuiu três nomes distintos consoante a condição social dos seus residentes: *Rio Cinza* para a comunidade típica de classes operárias ou populares; *Dorninha* para a comunidade típica de classes médias; e *Coutada* para a comunidade típica de classes médias/altas (Machado Pais, 1993:67). O objetivo principal deste estudo seria o de aferir as práticas de sociabilidade dos jovens nos seus tempos de lazer, com base em duas variáveis distintas, por um lado a variável *condição social* e por outro lado a variável *fase da vida* ou *condição geracional* (Machado Pais, 1990:593).

São, portanto, estas três categorias, conjugadas as variáveis analisadas, que permitem enquadrar algumas observações de campo feitas no âmbito deste estudo, uma vez que, um dos objetivos da observação é o de analisar as práticas sociais que os

jovens desenvolvem quando se encontram em contexto noturno, na medida em que estas impactam no bem-estar das pessoas que residem nestes espaços urbanos, e compreender as convergências e divergências entre estas mesmas práticas.

Na Rua da Atalaia reúne-se uma grande quantidade de jovens, a maior parte são estudantes, Estudantes de Erasmus, estrangeiros, mas também há portugueses. Enquanto os estudantes estrangeiros se divertem e brincam, estão de facto mais exaltados, talvez, por não se encontrarem no seu contexto habitual, o seu comportamento acaba por ser mais extravagante e enérgico. Em contraponto, os jovens portugueses observam, bebem, conversam uns com os outros, encostados à parede. Hoje é um dia em que este espaço é frequentado essencialmente por pessoas muito mais jovens do que o habitual (Diário de campo de 27 de fevereiro de 2017).

Nesta observação é possível confirmar a teoria das diferentes culturas juvenis, uma vez que os jovens, tendencialmente, vivenciam o lazer de forma diversificada. Isto quer dizer que os jovens se distinguem uns dos outros considerando a diversidade das interações que estabelecem, sendo por isso considerados como um conjunto social heterogéneo, cuja existência é caracterizada pela pluralidade de trajetórias de vida, condicionadas pela origem social e cultural e pelo seu *habitat* natural. Estas formas diversificadas de apreensão e vivência da realidade noturna, desempenham um papel importante na reprodução cultural e social de novos estilos de vida e consequentemente constituem uma alavanca para a mudança social, quer dos habitantes da cidade, quer dos próprios jovens que se divertem, os de cá e os de *fora*.

Na Travessa da Ribeira Nova está um carro estacionado com as portas todas abertas. Do seu interior sai o som de uma música com o volume demasiado elevado. Normalmente são carros equipados com colunas de som precisamente para esse efeito. É uma música do estilo afrohouse, um estilo musical que se está a transformar num fenómeno a nível mundial. Proveniente do Kuduro, mistura a batida do tambor típico do folclore tradicional africano, com a batida eletrónica ou elementos eletrónicos. Os ocupantes do carro, três rapazes afrodescendentes e uma rapariga que aparenta ser europeia, dançam de forma tribal à volta deste. Vão bebendo cerveja através de garrafas de vidro. Este detalhe salta-me à vista, uma vez que os bares estão proibidos de vender bebidas em recipientes de vidro. Torna-se claro que compraram as bebidas

em estabelecimentos de venda a retalho, ou terão trazido de casa, por ser mais barato, vindo para este local para se divertirem, para estarem perto dos outros que também se divertem, mas noutras circunstâncias. Na esquina desta Travessa encontra-se um outro grupo de jovens em frente ao Bar Quero-te no Cais. Estes trazem bebidas em copos de plástico do interior do bar. Conversam e divertem-se (Diário de Campo de 7 de maio de 2017).

Esta narrativa representa a diversidade das atividades desenvolvidas pelos jovens durante os momentos de diversão noturna, que se distinguem nas várias formas de interação desenvolvidas quando se divertem, na sua relação com o espaço público. Não querendo aprofundar a análise sobre este fenómeno, uma vez que este não é o objeto de estudo, foi interessante verificar que, sendo os jovens os *donos da noite*, há uma fronteira que divide os vários grupos de jovens que se divertem. Esta distinção está patente não só nas *práticas sociais e simbólicas* que estes desenvolvem no decorrer da sua vivência noturna, característica das *culturas juvenis* (Machado Pais, 1993:91), mas também nas *espacialidades* criadas por estes quando se divertem, abalando o mito da *juventude homogénea* (Machado Pais, 1990:640).

No caso concreto observado durante esta investigação, verifica-se que, para além da maneira como se vestem e como interagem com os espaços, os hábitos de consumo e os gostos musicais, constituem elementos de autoexclusão destes grupos, para além de que existe também uma forma subliminar de demarcar territorialmente esta autoexclusão, demarcação esta ostentada pelos eixos urbanísticos vocacionados para o consumo. Isto é, a falta de poder económico de alguns grupos juvenis afasta-os do usufruto de um lazer mais comercial (Machado Pais, 1993:95), optando por permanecerem em locais à margem dos restantes locais onde os outros grupos de jovens de classes sociais, média e média/alta, se divertem. Por outro lado, os autoexcluídos estão sujeitos a um controlo mais apertado por parte dos indivíduos que fazem a segurança de alguns estabelecimentos de diversão noturna.

May (2014) estuda a vida noturna sob a perspetiva da classe, género, raça e cultura, e de como estes elementos distinguem os indivíduos, na forma como se relacionam com o espaço público noturno, concluindo que os grupos de jovens utilizam estratégias específicas durante os seus encontros no sentido de fazer ou estabelecer a diferença. Na sua análise, e sob a lente concetual de *segregação integrada*, explora

como é que os vários utilizadores da vida noturna navegam, negociam e reclamam a utilização do espaço público urbano, contribuindo para a definição dos espaços através da forma como os utilizam, e que o modo como utilizam estes espaços é determinado pelo tipo de expectativas que estes mesmos utilizadores levam para a vida noturna.

A construção social do espaço público é suportada pelo aumento dos espaços comerciais que, conseqüentemente, contribuem para a exclusão de indivíduos não consumidores, intensificando e aprofundando as divisões sociais, sendo estes espaços estruturantes da imagem da vida social da cidade e das práticas culturais *aceitáveis* (Jayne *et al.*, 2006:461), estigmatizando grupos de jovens menos favorecidos economicamente. Na verdade, os espaços públicos, assim como os espaços privados formam a imagem da cidade, encontrando-se, no entanto, pouco definidos os limites existentes entre ambos pois, por vezes, os espaços públicos são tão ou mais privatizados que alguns dos espaços privados que hospedam a vida pública (Lopes, 2014). A Rua Nova do Carvalho, recém-intitulada de Rua Cor-de-Rosa, é um exemplo desta delimitação territorial que rivaliza os empoderados e os depauperados, estes últimos estigmatizados socialmente. A Praça de São Paulo caminha para o mesmo registo. Não existindo uma delimitação estanque entre uma artéria e outra, os estabelecimentos que vão brotando nesta Praça seguem a mesma linha de mercantilização da vida noturna, excluindo, subliminarmente, os grupos com menor poder económico.

Se por um lado, a segregação destes grupos juvenis induz à segregação da forma como estes interagem com o espaço público, por outro lado, a forma como interagem com o espaço público induz à segregação destes grupos juvenis. A forma como os jovens se vestem, sendo um dos aspetos com maior visibilidade que permite prever os seus atributos económicos, consubstanciada na sua *identidade social*, sugerida por Goffman (1988), étnica e cultural, conjugada com outros elementos de referência, tal como a interação que estabelecem com os espaços, a interação entre si dentro dos seus grupos e como interagem ou não com os outros, contribui para a construção da sua própria identidade enquanto grupo, um meio através do qual estabelecem *similitudes e diferenças em relação aos outros* (Machado Pais, 1993:94).

Desta forma, as culturas juvenis da noite definem-se a partir dos locais que escolhem para se encontrarem, para se divertirem e para as práticas de sociabilidade (Sanchez e Martins, 2000). Escolha essa que é feita de acordo com o tipo de equipamentos disponíveis nesses espaços, os quais se destacam aqueles que vendem

bebidas mais baratas, e uma mais fraca ou quase ausência de controlo por parte dos seguranças.

São 3h30 da madrugada e chega um grupo de jovens afrodescendentes, com um aspeto carenciado, dado o tipo de roupas que vestem. Trazem uma aparelhagem de som portátil. São cerca de sete ou oito. A música que provém do aparelho é idêntica à música que vinha do carro que estava estacionado na Travessa da Ribeira Nova. Estes também dançam de uma forma tribal exibindo-se para a multidão à medida que caminham. Não saem da Rua dos Remolares. Sinto que eles sabem qual o território que lhes será mais confortável, como se houvesse uma barreira entre a Travessa dos Remolares e a Praça de São Paulo. A Praça de São Paulo e a Rua Nova do Carvalho são normalmente povoadas por jovens com maior capacidade económica, sendo que muitos destes chegam ao local de Uber, Táxi ou são os pais que os levam. Consomem indiscriminadamente à volta dos bares que estão instalados nestas ruas (Diário de Campo de 7 de maio de 2017).

Sanchez e Martins (2000) estudaram a apreensão dos modos de vida juvenis, com base na apropriação física e simbólica dos espaços centrais da cidade de Lisboa vocacionados para determinados consumos culturais noturnos, de forma a melhor compreenderem como é que essas práticas são facilitadas pelos contextos noturnos. Estes autores entendem que, não só as práticas juvenis conferem um valor cultural e simbólico aos diferentes contextos noturnos, mas também que os contextos noturnos, traduzidos sob a forma de práticas, organizam os espaços de cultura e de convivialidade. Deste modo, o espaço surge como um *mediador simbólico* entre as atividades e as estruturas culturais e sociais (Sanchez e Martins, 2000:232).

Chega um outro grupo de jovens afrodescendentes, mas com um aspeto andrajoso. São cerca de quatro da manhã. As calças caem-lhes pelo quadril abaixo e vê-se a roupa interior. Trazem uma aparelhagem portátil, pequena, parece uma aparelhagem de brinquedo. O som que emite é pouco audível, mas percebe-se o estilo musical da sua preferência: o rap americano. Passam, mas não permanecem no local. Vão-se embora a dançar (Rua dos Remolares, Diário de Campo de 7 de maio de 2017).

Magnani (2005; 2007:19) já tinha proposto a denominação de *circuitos de jovens* para abordar o tema dos comportamentos dos jovens nos grandes centros urbanos através de uma etnografia dos espaços por onde circulam, na sua interação com a cidade, pontos de encontro e de conflito e como interagem com os seus pares. Normalmente os locais mais procurados pelos jovens constituem pontos de concentração de bares e discotecas.

Nas observações sobre os percursos noturnos é possível identificar este padrão. A Rua da Atalaia, a Travessa da Cara, onde se situa o *Erasmus Corner*, a Rua dos Remolares, a Rua da Ribeira Nova, a Rua Nova do Carvalho e a Praça de São Paulo, são um exemplo disso. O que distingue a forma de ocupação destes territórios são os vários grupos que os colonizam. No Bairro Alto esta distinção não é tão visível como no Cais do Sodré, não obstante a concentração de jovens estudantes estrangeiros em alguns pontos nevrálgicos, como o *Erasmus Corner* e a Rua da Atalaia, no espaço intermediário entre o Bar Copacabana, e os Bares Portas Estreitas, Portas Largas e Maria Lisboa. O fenómeno da concentração de jovens estudantes estrangeiros no *Erasmus Corner*, por exemplo, é explicado por Malet Calvo et al. (2017) como sendo o resultado de um processo de gentrificação da vida noturna do Bairro Alto, que foi intensificado com a deslocação destas instalações para um novo local, no intuito de sanear os problemas até então existentes, como a degradação do espaço urbano e a falta de segurança, que levou a que as autoridades locais tivessem iniciado um processo de intensificação dos mecanismos de segregação e de controlo socioespacial para higienizar a vida noturna e transformá-la num lugar mais seguro. Estes estudantes de *Erasmus* transformaram o Bairro Alto, e mais concretamente o *Erasmus Corner*, num dos pontos mais visitados pelos consumidores, nomeadamente estrangeiros, mas também estudantes portugueses, e um dos pontos mais importantes da vida noturna de Lisboa.

Enquanto no Bairro Alto a diversidade de pessoas que frequentam este espaço se baseia mais na faixa etária, isto é, apesar da grande maioria serem jovens, existe uma grande parte de pessoas de outras idades que saem para se divertir, sobretudo nas noites de sexta-feira e de sábado. No Cais do Sodré esta diversidade etária diminui substancialmente. A maioria são jovens e estudantes e a faixa etária destes não ultrapassa os 25 anos. O contraste mais acentuado na zona do Cais do Sodré situa-se nas diferenças grupais. Entre os *empoderados* e os *depauperados*, os que frequentam a

Coutada, delimitada pela Praça de São Paulo e Rua Nova do Carvalho, e os que frequentam o *Rio Cinza*, circunscrito na Rua dos Remolares, Travessa da Ribeira Nova e Rua da Ribeira Nova, que se distinguem dos outros pelas suas características socioeconómicas, culturais, e por vezes étnicas. Estas ruas, apesar de serem espaços fisicamente integrados, não obstante os cortes interseccionais entre ruas e cruzamentos, apresentam socialmente uma forma clara de *segregação integrada*, evidenciando um mosaico de *cápsulas sociais* distribuídas no espaço público (May, 2014:18-19). No limiar que divide estes espaços, os grupos de jovens *tribalmente estigmatizados* ou envolvidos numa espécie de negação coletiva da ordem social (Goffman, 1988) procuram adaptar-se de forma criativa e inovadora às características simbolicamente diferenciadoras destes espaços.

Considerando os vários eixos de diferenciação social, o tipo de entretenimento noturno, conjugado com a paisagem urbana oferecida, no caso da Rua da Ribeira Nova e da Rua dos Remolares, estas duas artérias apresentam sinais visíveis de degradação do espaço público que concorrem para acentuar o esquema de exclusão espacial e consequentemente social dos grupos que colonizam estes espaços. É neste sentido que Goffman (1988:18) sugere que o indivíduo *visivelmente estigmatizado* tem motivos mais do que suficientes para sentir que as situações sociais mistas podem originar situações de *interação angustiada*. Os grupos mais estigmatizados socialmente não se sentem à vontade para entrar em espaços que subtilmente os segregam, sendo estes também vítimas da própria sociedade de consumo que, se por um lado marginaliza estes grupos, por outro *elitiza* os grupos de jovens que pertencem a classes sociais mais elevadas.

6.4. *Les Enfants Terribles* e a vida loka

Como já se havia mencionado, a noite assume-se como um contexto aberto a múltiplas possibilidades, constituindo uma fonte de surpresas e potenciando fenómenos interditos ao dia. Nestas múltiplas possibilidades emergem novas culturas urbanas da noite que se apropriam dos espaços e desenvolvem um jogo de relações sociais muito peculiar (Sanchez e Martins, 2000:217-218), algumas das quais assumem em certas

ocasiões cambiantes transgressivos. Neste sentido, a dimensão noite tem vindo a ganhar importância no cenário da vida urbana contemporânea associada às crescentes preocupações sociais sobre insegurança, pequena criminalidade, acidentes rodoviários, consequência de comportamentos associados ao consumo excessivo de álcool e de substâncias psicotrópicas, toxicod dependência, consumo de álcool, poluição sonora, que marcam os percursos noturnos onde os jovens são em simultâneo vítimas e coprodutores.

A senda para a construção social da noite tende para um campo conflitual, oscilando entre uma *imagem positiva*, construída pelos produtores e consumidores que vivem a economia noturna mais intensamente, os operadores económicos e os frequentadores dos espaços de entretenimento em especial; e uma *imagem negativa* construída não só pelos moradores que vivem nas áreas residenciais onde se concentram os estabelecimentos de diversão noturna, mas também pelas autoridades locais, que se vêm obrigadas a um jogo permanente de regulação e controlo das práticas de lazer noturno que põem em causa a ordem pública da cidade (Sanchez e Martins, 2000:221).

Esta imagem negativa, construída pelos moradores em geral, é o resultado não só da própria dinâmica da noite, que se consubstancia nos barulhos proveniente da via pública, quando os clientes acedem aos bares e discotecas, mas também do ruído que estes produzem quando se encontram na rua, conjugado com os comportamentos que desenvolvem. Se por um lado, as mudanças registadas na configuração da vida noturna originaram problemas relacionados com a ingestão excessiva de álcool e de comportamentos associados ao seu consumo, por outro lado o consumo de álcool é identificado como uma componente importante da economia noturna (Chatterton, 2002b). Este novo estilo de consumo tornou-se numa peça chave nas estratégias de regeneração urbana, através da economia de entretenimento, permitindo o estudo dos estilos de vida nas cidades pós-industriais e, simultaneamente, constituindo-se como acelerador chave da ilegalidade, da violência, do medo do crime, o que leva, em resposta, à adoção de estratégias de policiamento assentes em tolerância zero (Jayne *et al.*, 2006).

Se por um lado, a vida noturna continua fortemente influenciada pelas preocupações fordistas que se manifestam através de uma regulação mais apertada, pelo controlo social e pela *zonificação* do processo de licenciamento, em parte devido ao persistente pânico coletivo e medo de desordem desenvolvido pelas comunidades locais,

estimulados pela concentração excessiva de jovens *foliões* que desfrutam de uma economia de prazer e diversão (Jayne *et al.*, 2006).

Por outro lado, a densificação de pessoas no espaço público, alcoolizadas e não alcoolizadas, interagindo entre si, em especial após os horários de encerramento dos bares, é uma evidência que caracteriza os padrões comportamentais associados ao consumo de álcool (Jayne *et al.*, 2006). Os jovens que saem à noite são cada vez mais retratados como problemáticos, em discursos que envolvem significados negativos, como beber em excesso, fazer barulho, atos de vandalismo, transformando as noites urbanas num espaço-tempo de comportamentos transgressivos e antissociais que precisam de ser regulados (Liemp *et al.*, 2014). As áreas de vida noturna com bares e clubes são muitas vezes espaços com muita carga emocional, que oferecem oportunidades de transgressão às normas sociais que são tomadas como garantidas durante o dia (Liemp *et al.*, 2014). Portanto, não é surpreendente que certas formas de crimes violentos, danos criminais e comportamentos antissociais se concentrem em torno das áreas da vida noturna. A mudança de hábitos de consumo, em especial de bebidas alcoólicas, passou a estar associada ao lazer urbano e a representar uma ameaça para a ordem pública. Este tipo de comportamentos associados a atividades de diversão noturna tem impactos nos bairros onde se desenrolam, principalmente quando estes agrupam estruturas urbanísticas residenciais com estruturas urbanísticas comerciais.

A propósito destes comportamentos pode-se avançar com uma série de observações feitas que corroboram este mal-estar que se instalou nos moradores.

Muita gente jovem, principalmente turistas ou estudantes. Alguns levam garrafas, bebem pela garrafa, não se percebendo se será uma bebida alcoólica. Outras raparigas levam copos de cerveja na mão, copos de vinho e de sangria (Rua da Atalaia: Diário de campo de 27 de fevereiro de 2017).

Nesta observação e noutras realizadas ao longo deste estudo, foi possível confirmar que o consumo de álcool é uma prática generalizada desenvolvida por indivíduos de ambos os sexos. As mulheres já não se sentem inibidas quando consomem bebidas alcoólicas em público e em momentos de diversão, na medida em não se preocupam com as representações, socialmente valorizadas, sobre o que as mulheres e os homens devem ser e fazer, o que significa que têm plena consciência do

desenvolvimento das suas capacidades, para coletiva e individualmente controlarem as suas vidas e as suas opções.

Na Rua da Atalaia é impossível passar de carro. Cada vez que passa um carro os jovens fazem uma barricada, gritam, olham, gozam, acenam, sentam-se em cima, empurram. É de facto assustador, porque cada vez que passa um carro começam a bater no carro com a palma da mão quer sejam rapazes, quer sejam raparigas, o comportamento é idêntico. A maior parte dos carros que passam aqui são taxistas, portanto já são pessoas que conhecem bem a cidade e já devem estar habituados a serem acossados pelas pessoas que frequentam os bares. Quando passa um táxi verifica-se alguma provocação por parte dos jovens que já nem querem saber, querem dar nas vistas, querem algazarra, querem divertir-se, mas de certo modo a fazer alguma palhaçada para o restante grupo olhar e rir-se. Existe uma espécie de exibicionismo nesta forma de estar dos jovens. Após mais uma das manifestações efusivas, desta vez tiveram menos sorte porque o taxista saiu dentro do carro e ameaçou-os. Os jovens acalmaram-se face à ameaça de que foram alvo e o taxista acabou por regressar ao carro e seguir o seu caminho (Diário de Campo de 27 de fevereiro de 2017).

A observação anterior remete para uma situação em que os frequentadores comprometem as regras de interação com o próximo, através de comportamentos intrusivos que colocam em causa o bem-estar de quem é acossado por estes. Esta situação é repetitiva e recorrente. Trata-se de mais um dos comportamentos desenvolvidos pelos frequentadores destes espaços de diversão, que se pode associar a comportamentos de invivibilidade, na medida em que não respeitam os hábitos e costumes comumente adotados em sociedade. Duneier e Molotch (1999) sugerem o conceito de *vandalismo na interação* para explicar comportamentos nas quais as pessoas quebram as regras tácitas na interação social quotidiana e que afetam o bem-estar e a qualidade de vida dos habitantes das cidades. A interação social caracteriza-se pelo processo de ação e reação relativamente *ao outro*, dentro das normas moralmente instituídas pela sociedade, o *vandalismo na interação* significa a violação desse processo. Apesar destes autores correlacionarem este tipo de vandalismo com elementos como a condição social, o estatuto, o género e as estruturas raciais dos protagonistas envolvidos, quando aplicam as técnicas de análise de conversação no estudo sobre o

assédio verbal praticado por grupos de homens direcionado às mulheres que caminham na rua, o *vandalismo na interação* pode ser igualmente associado aos comportamentos de interação que são desenvolvidos na via pública, de forma constrangedora e ameaçadora, não estando associado a qualquer um dos elementos evidenciados.

No exemplo que foi narrado, trata-se de um comportamento majoritariamente desenvolvido por estudantes estrangeiros. Este tipo de situações tem repercussões não só nos residentes, mas também nas pessoas que trabalham à noite, principalmente nos taxistas, que já se habituaram a serem acoçados, sempre que passam em determinadas ruas do Bairro Alto. Por outro lado, estes procuram praticar a *desatenção civil* ou a *interação desfocalizada* de Goffman (cit. Giddens, 2008) que não significa indiferença, mas sim um mecanismo utilizado pelos indivíduos, e devidamente monitorizado por estes, que lhes permite auto protegerem-se, sem se envolverem concretamente com os *outros*. Esta atitude pode igualmente ser uma forma de *astúcia urbana* (Anderson, 1998) em que os indivíduos desenvolvem códigos tácitos de interação defensiva, negociando assim a sua liberdade na utilização do espaço público urbano.

A brecha observacional da narrativa anterior levou-me a abordar os taxistas que iam passando, questionando-os *como é ser taxista no Bairro Alto?*

Quadro 10. Discursos dos taxistas

Taxista 1 – Sexo masculino	Taxista 2 – Sexo masculino
<i>É mau, é complicado, muito complicado! Epá! Tem-se de esperar que as pessoas saiam da frente. Não stressar, não stressar. Não vale a pena! Dá para lidar, dá para lidar.</i>	<i>Para mim é uma maravilha! Eu adoro! Gosto, gosto, adoro. Não troco por trabalho nenhum! Nem juiz, nem advogado, nem polícia, nem nada! Epá! Tem de se ter estômago!</i>
Taxista 3 – Sexo feminino	Taxista 4 – Sexo masculino
<i>No Bairro Alto? (risos). A esta hora, nestes dias é muito complicado, como vê! Bem, é uma questão de hábito também, e ter calma e paciência, é só isso. No meio da multidão nunca tive uma atitude mais agressiva! Não, não! É impensável! Não, não dá, não há hipótese mesmo...prefiro não entrar no Bairro Alto nestas noites assim, mas hoje teve mesmo de ser, porque eram pessoas com deficiência, tinha mesmo de entrar.” (risos).</i>	<i>Éh...tem noites, às vezes é mais complicado, outras vezes é mais fácil. Depende da sorte. Temos de aprender a controlar! Mas isso é em qualquer lado, no Bairro Alto em qualquer lado, nesta profissão temos de aprender a controlar. Às vezes, aqui dentro a gente às vezes enerva um bocado e isso, não respeitarem o nosso trabalho, mas até isso temos de nos aprender a controlar, senão não podemos vir aqui para dentro!</i>

Fonte: Entrevistas realizadas pela autora em 9 de abril de 2017

As respostas dadas por estes taxistas, permitiu-me avaliar que a maioria deles adota uma postura de resignação nos momentos em que são obrigados a furar a multidão, resignação essa que é uma forma de poderem negociar, tacitamente, o seu lugar no espaço público. Este tipo de situações em que os *foliões* acoçam os automobilistas, é repetitivo nas noites de diversão noturna, sendo mais evidentes em alguns locais do que noutros. No Bairro Alto, apesar da circulação automobilística ter sido limitada nas zonas nucleares, onde só os residentes, taxistas, serviços municipais e ambulâncias podem ter acesso, estes comportamentos intimidatórios são mais persistentes. No Cais do Sodré, estas situações acontecem menos frequentemente, muito embora as ruas sejam todas abertas à circulação automóvel, com exceção da Rua Nova do Carvalho.

Mas condutas comportamentais como colocar as bebidas em cima dos carros, transformando-os em autênticos tabuleiros de copos (ilustração 10), gritar e falar alto, ouvir música dentro do carro com as portas abertas, aparelhagens portáteis com o som elevado, atirar copos para o chão, assédio verbal, têm uma repercussão acentuadamente negativa no espaço público e são mais evidentes no Cais do Sodré, porque a permanência temporal dos frequentadores neste espaço noturno é mais prolongada do que no Bairro Alto.

Ilustração 10. Fotos do Cais do Sodré à noite



Fonte: Foto da autora de 9 de abril de 2017

Desta secção concluo também que a maioria dos jovens não tem acesso, nem conhecimento das regras estabelecidas pelas autoridades, no que diz respeito aos limites estabelecidos pela lei para a usufruição do espaço público, em especial noturno, porque não lhes é transmitida essa informação. Por sua vez, os comportamentos desenvolvidos

por estes, contribuem gradativamente para a construção de uma cidade transgressiva, para a deterioração generalizada, quer física, quer social, da imagem da cidade.

6.5. Construção *predatória* da cidade

A juventude, tantas vezes associada à transgressão, constitui o lado mais incontornável da transformação social e algumas das suas figuras têm sido alvo do pânico moral. São o desrespeito, a incivilidade no trato, a inclinação à provocação e o funcionamento grupal, os elementos que compõem as narrativas em seu torno e que reúnem um consenso notável. Ele habita uma zona de incerteza entre o ameaçador, o desordeiro e o criminal (...) e constitui um elemento ativo na construção de imagens da cidade predatória (Rego, Ximenes, 2014:266-267).

A imagem da cidade depende sempre da interação que os seus habitantes estabelecem com esta, em especial com o espaço público, palco de movimentações e de interações sociais. É na relação que estabelecemos com o espaço público e com o meio ambiente que nos envolve, que construímos a imagem que fazemos da cidade. As manifestações do sentimento de insegurança são um terreno pleno de ambiguidades (Fernandes e Rego, 2011), e nem sempre os espaços concebidos como sendo inseguros são aqueles que revelam um maior índice de fenómenos de insegurança, na medida em que existem elementos de cariz social e de cariz espacial, que contribuem para que alguns espaços da cidade provoquem sentimentos de insegurança imaginária nos cidadãos em geral, à margem dos dados criminais registados pelas autoridades policiais.

O conceito de legibilidade dos espaços, correlaciona-se com o conceito de espaços e práticas identitárias, quando se problematiza a questão dos sujeitos na sua relação identitária com os espaços da cidade. A legibilidade dos espaços dependerá sempre de uma análise subjetiva, não só de acordo com o sistema de valores e perceções de cada um, mas também da forma como apreendem as relações identitárias que os outros mantêm com determinados espaços. É neste sentido, que a análise da desordem física deve ser feita em concomitância com a análise da desordem social que qualquer

espaço apresenta. Assim, importa refletir que os vários tipos de interação que os sujeitos estabelecem com os espaços da cidade, podem-se repercutir na forma como concebem esses mesmos espaços, uma vez que a conceção que os indivíduos fazem da realidade urbana não se limita às suas características físicas ou espaciais, devendo incorporar características associadas aos aspetos sociais percebidos pelos residentes e pelos utilizadores da cidade (Fernandes e Rego, 2011). Importa ainda refletir que a construção social do risco é um processo de construção não só individual, mas também coletiva, tendo como pano de fundo territórios urbanos que são constituídos por pessoas, espaços e sociabilidades.

Neste estudo, e a propósito dos espaços menos seguros, foi-me adiantado que a zona mais insegura do Bairro Alto está localizada no lado norte da Rua da Atalaia, onde esta artéria curva para a esquerda.

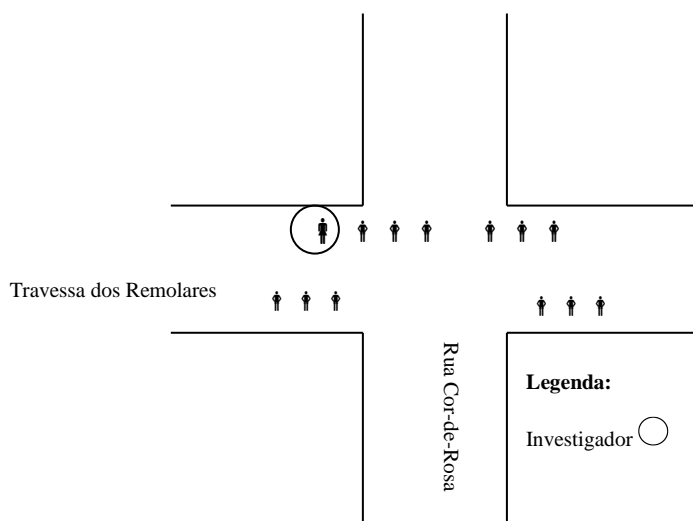
Não é fazer um estigma, mas a parte lá de cima do Bairro Alto. Sim, sim, lá mais para cima.... Não acho que é um problema. Mas habituei-me a frequentar mais aqui só isso. Não tenho mais nada assim a dizer.... (Desconfortável em falar sobre isso). *O Bairro Alto começou a ser uma zona mais iluminada, antigamente havia ruas que nem tinham sequer luz e hoje em dia pronto...* (Hugo, 29 anos, entrevista realizada a 27 de fevereiro de 2017).

De facto, o receio manifestado pelo entrevistado foi corroborado por um agente da Polícia Municipal de Lisboa que fazia patrulha num dos momentos da observação de campo, referindo que *esta zona aqui em cima é mais mal frequentada*.

A zona mais a norte da Rua da Atalaia é um local pouco apetecível para a convivialidade. Em primeiro lugar, apresenta uma menor concentração de bares; por outro lado, é frequentada por um público mais alternativo. É igualmente um lugar menos iluminado que a restante continuidade da Rua da Atalaia, facilitando o desenvolvimento de comportamentos mais transgressivos. Esta constatação fundamenta a tese de que a iluminação, em especial a iluminação pública, assume uma função estruturante da economia noturna das cidades, onde os sítios mais iluminados sinalizam locais de *passagem segura* e os sítios menos iluminados como locais de *passagem insegura* e perigosa, ou seja, de *não passagem*, e também desta forma se *manipula a escolha dos consumidores* (Sanchez e Martins, 2000:225).

Encontro-me ainda perto do arco da Rua Cor-de-Rosa e resolvo percorrê-la para me posicionar no final da rua, na interseção com a Travessa dos Remolares. Quando chego ao final do pavimento pintado a Cor-de-Rosa vejo cerca de cinco a seis homens a formar uma barreira humana, quase que impedindo as pessoas de circularem de um lado para o outro ou mesmo de sair da rua. Estranho este comportamento, porque estão todos nesta posição. Parece uma emboscada. Tento furar a barreira humana e acabo por chocar num dos homens, mas consigo atravessar a rua e posicionar-me na esquina da direita da Travessa dos Remolares virando-me de frente para a Rua Cor-de-Rosa. Os indivíduos dispersam-se e formam quatro grupos compostos por três, quatro e cinco elementos em cada um, que se posicionam em cada uma das esquinas na interseção entre a Rua Cor-de-Rosa e a Travessa dos Remolares. Neste momento percebo quem são e o que estão a fazer (Diário de Campo de 21 de julho de 2016).

Ilustração 11. Esquema da posição da investigadora em relação aos grupos de jovens



A narrativa apresentada descreve a atividade de um grupo de jovens que se dedica à comercialização de drogas ditas falsas. Este tipo de atividade é desenvolvido não só no Cais do Sodré, mas também no Bairro Alto, na interseção da Rua da Atalaia com a Travessa dos Fiéis de Deus, onde o comportamento destes indivíduos segue o mesmo *modus operandi*. Há já algum tempo que estas pessoas se dedicam à venda de louro prensado na Baixa de Lisboa, enganando os turistas e os visitantes que circulam pela cidade, abordando-as insistentemente para comprarem haxixe, que afinal não é mais do que louro prensado, vendido como bolota a setenta euros cada. Como não

consubstancia crime vender louro prensado, a polícia não pode fazer nada, pelo que normalmente remetem estas situações para a competência da Autoridade de Segurança Económica e Alimentar (ASAE), uma vez que podem enquadrar esta atividade na fiscalização da venda ambulante, que por sua vez remete para a responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa, que informa não haver enquadramento legal para definir este tipo de venda como venda ambulante¹⁹. Esta é uma situação que já se arrasta há alguns anos causando desconforto em quem vive e trabalha na cidade de Lisboa, mas também nas pessoas que a visitam. Estes indivíduos posicionam-se especialmente em locais onde se verifica uma maior densidade de pessoas a circular.

A verificação deste facto desperta a minha curiosidade pelo que decido permanecer mais tempo nesta esquina. Falam alto, riem e gesticulam. Alguns simulam que se agridem fisicamente, pontapeando no vazio por diversas vezes. Fingem interagir espontaneamente uns com os outros, para poderem interpelar quem vai passando, de forma discreta. Não dá para perceber o que dizem porque falam muito depressa. Os indivíduos do grupo que se encontra na esquina onde eu estou posicionada começam a olhar diversas vezes na minha direção. Reparo que estão a ficar desconfortáveis com a minha presença, pois olham desconfiados. Um dos elementos do grupo dirige-se a mim e pergunta-me se eu preciso de alguma coisa. Eu respondo que não. De seguida pergunta-me se eu estou à espera de alguém. Eu respondo que sim. Não me quero alongar em justificações e as minhas respostas são sempre monocórdicas. Depois desta abordagem os jovens dispersam-se em várias direções. Um deles, passa por mim e pergunta-me: “Do you smoke?” Mostrando-me qualquer coisa que tinha no bolso das calças. Eu respondo que não. Resolvo sair daquela esquina e regressar à Rua Corde-Rosa (Diário de Campo de 21 de julho de 2016).

A problemática da insegurança e dos riscos a que os jovens notívagos estão sujeitos durante os momentos em que vivenciam o clima de diversão noturna é uma preocupação constante durante este estudo. A vida noturna propicia estes riscos, perante os quais, os jovens estão mais vulneráveis. Os lugares escolhidos para a prática de comportamentos transgressivos assumem um papel preponderante.

De acordo com um estudo feito por Eck e Weisburd (1995) três perspetivas sugerem a importância dos lugares para a compreensão da transgressão: a teoria da

¹⁹ <http://observador.pt/2015/05/25/droga-vendida-na-baixa-lisboa-na-verdade-louro-prensado/>

escolha racional; a teoria da atividade de rotina; e a teoria dos padrões do crime. Destas três perspectivas, a teoria da atividade de rotina e a teoria dos padrões do crime fornecem diferentes explicações para que o crime ocorra em diferentes lugares. A teoria da atividade de rotina explica que, em primeiro lugar, deve haver um agressor motivado; em segundo lugar, deve haver um alvo desejável; e em terceiro lugar, o alvo e o infrator devem estar no mesmo local, ao mesmo tempo.

Esta teoria fundamenta a ideia de que os crimes se concentram em, ou junto de zonas de lazer, onde há mais concentração de bares, *pubs* e discotecas, que por sua vez funcionam como ímanes para os infratores, deitando por terra a teoria desenvolvida por Jacobs (2000:38 (1961)) que, numa visão mais planificadora no que se refere às questões da segurança, menciona que *a presença de pessoas atrai outras pessoas* e é uma forma de garantir a segurança das ruas das cidades. Para Jacobs (2000 (1961)) uma rua citadina com infraestrutura para receber desconhecidos e garantir tanto a segurança deles, quanto dos moradores, precisa de apresentar três características fundamentais: a existência nítida de uma separação entre o espaço público e o espaço privado; os edifícios têm de estar voltados para a rua para garantir que os seus proprietários têm os olhos postos na rua; as calçadas devem ter utilizadores a transitar ininterruptamente, não só para aumentar o número de olhos atentos, como para induzir um número de pessoas, dentro dos edifícios, que possam observar a rua.

No entanto, e das observações efetuadas no âmbito deste estudo, a presença dos três elementos descritos por Jacobs não garante a segurança das pessoas em locais onde a economia noturna vibra com mais intensidade. Tal como sugerem Eck e Weisburd (1995), as pessoas mais apetecíveis, para serem alvos de crime, influenciam a distribuição dos eventos criminais no tempo e no espaço, e isso ocorre porque os infratores se envolvem em atividades rotineiras. Deste modo, as pessoas apetecíveis que se encontram concentradas em determinados locais, chamam a atenção dos infratores e correm um risco maior de se tornarem alvos de crime. Isto quer dizer que a teoria da atividade rotineira, conjugada com a teoria dos padrões do crime, relaciona lugares com metas desejáveis e o contexto dentro do qual eles são encontrados. A propósito desta premissa:

Vejo um grupo de estudantes italianos, um rapaz rodeado de raparigas, elas acariciam o rapaz, ele sente-se um rei, o centro das atenções. O rapaz está completamente

alcoolizado e elas procuram acalmá-lo. Ele fala alto e gesticula muito. Entretanto surge mais um grupo de jovens que também fazem parte deste grupo e tentam também acalmar o rapaz e ajudá-lo a sentar. Chega mais outro grupo de rapazes e dão de beber ao rapaz que já está alcoolizado. Ele já não está bem..., portanto continuam a embebedá-lo e ele sente-se o maior. De repente reparo que nas imediações se encontra um grupo de indivíduos que vende as “supostas drogas” e começam a observar o rapaz italiano. Um deles não tira os olhos do rapaz italiano ao perceber que este está vulnerável, ficando a aguardar pelo melhor momento para abordá-lo. Entretanto o grupo de amigos que rodeia o rapaz alcoolizado forma uma barreira, mesmo que inconscientemente, não se apercebendo que este estaria a ser alvo de observação. Após cerca de cinco minutos o indivíduo que observa o rapaz italiano em situação vulnerável, abandona o local porque percebe que não consegue fazer nada, pois o seu alvo de atenção está demasiado protegido pelo seu grupo de amigos (Diário de Campo de 8 de abril de 2017).

O rapaz italiano é um alvo apetecível para o suposto infrator, pois encontra-se numa situação vulnerável, demasiado alcoolizado. Numa entrevista ao Presidente do *Erasmus Life*, este explica que os estudantes italianos são alvos apetecíveis, uma vez que andam sempre com muito dinheiro na carteira. E este tem essa perceção porque quando a pessoa que é alvo de roubo é polaca, o montante roubado não ultrapassa os dez euros, mas sempre que é um estudante italiano e perguntam quanto dinheiro foi roubado, estes dizem *entre quinhentos e seiscentos euros*. André não percebe *se é o sistema bancário italiano que não funciona ou se estes estudantes preferem andar com este montante de dinheiro no bolso*, apesar de já terem sido alertados que devem abrir uma conta bancária e pagar com cartão ao invés de andarem carregados de notas.

Outro tipo de situação que é frequente nos locais de diversão noturna são as ofensas à integridade física, que tive a oportunidade de presenciar pelo menos duas vezes, durante esta incursão noturna. Uma delas, descrita na narração seguinte:

Estou a descer pela Rua do Alecrim e apercebo-me que um grupo de jovens rapazes afrodescendentes, um dos quais em tronco nu, troca umas palavras, com um rapaz que subia esta artéria. O grupo desce a Rua do Alecrim em direção ao Cais do Sodré. Não percebo o que se passa a seguir, mas foi tão rápido que só tenho tempo de dar um grito. O rapaz que está em tronco nu agarra no pescoço do outro jovem que sobe a rua

com um braço, e fecha-o em redor do seu pescoço ao mesmo tempo que puxa a sua cabeça para o chão. Assim, que este fica imobilizado o agressor começa a esmurrar violentamente a cabeça da vítima, enquanto os outros jovens do grupo agressor o pontapeiam. Dou outro grito, quando de repente aparecem três raparigas que puxam o rapaz que estava a ser agredido para fora do grupo agressor. Elas também começam a gritar para que estes parem com a agressão. O grupo de jovens agressores hesita em ir atrás do rapaz que, entretanto, foi puxado pelas raparigas, mas um dos elementos do grupo tenta acalmar a situação. Eu não consigo prosseguir a minha caminhada pela rua abaixo pois estes ocupavam todo o caminho do passeio. Grito novamente e pergunto se ao menos eu posso passar. Entretanto consigo reiniciar a minha marcha descendente pela Rua do Alecrim, mas já um pouco assustada com a situação que havia presenciado. Chego à ponte que se encontra sobre a Rua Nova do Carvalho e vejo uma série de seguranças de algumas discotecas desta zona do Cais do Sodré a subir a Rua do Alecrim. Penso que provavelmente ouviram os gritos e foram ver o que se estava a passar. Entretanto o grupo agressor já rumava para a zona da estação do Cais do Sodré (Diário de Campo de 8 de abril de 2017).

Como refere Fernandes (2003:54) *a crise do urbano reatualiza-se hoje, em torno das figuras do toxicodependente de rua, do sem-abrigo, da deriva juvenil; dos novos assentos territoriais como as zonas de mercado de drogas duras* (idem, ibidem: 56). A hipótese predatória de Fernandes (2003:58-59) funciona como *um esquema interpretativo das interações com desconhecidos e condiciona a liberdade de circulação no habitat urbano, pois o que amedronta a cidade é a presença do estranho.*

Esta situação remete para a construção predatória de uma cidade. Uma cidade que está refém da atuação de pessoas que permitem esta construção imaginária nos seus residentes. Depois desta construção predatória da cidade, através dos exemplos que foram apresentados e que resultam das observações de campo, apresenta-se no capítulo seguinte como é que é a cidade predatória, nestas duas zonas da cidade, com base em dados criminais.

CAPÍTULO VII. CIDADE PREDATÓRIA

7.1. *Hot spots* da desordem

A representatividade populacional, a produção económica, política e cultural das cidades fomentou nestas grandes alterações no que respeita ao espaço-tempo da noite. A dimensão noturna dos espaços públicos passou a estar presente, quer por razões associadas à segurança e à criminalidade, quer pela disponibilidade da sociedade e da economia para o surgimento de vários segmentos de atividades de lazer que acontecem à noite (Almeida et al., 2011:44).

Considerando que a oferta de condições de segurança pública eficazes pode constituir um dos pilares do bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos, estas devem apresentar-se como uma extensão dos serviços garantidos não só às pessoas que vivem nas cidades, mas também aos seus visitantes. Neste sentido, e de acordo com a primeira perspetiva anunciada por Almeida *et al.* (2011), na qual se refere o facto de a criminalidade e a segurança estarem associados aos espaços públicos noturnos, tentei perceber em que medida os espaços noturnos do Bairro Alto e Cais do Sodré evidenciam esta associação.

Vários são os autores que já analisaram a relação que existe entre o crime e a desordem e o espaço-tempo em que estes fenómenos ocorrem, definindo estes espaços e tempos como *hotspots* da criminalidade (Eck e Weisburd, 1995; Sherman, 1995; Brantingham e Brantingham, 1995; Buerger *et al.*, 1995; Block e Block, 1995; Taylor, 1998). Partindo da premissa que o crime e a desordem se conjugam em certos lugares, estes autores procuram compreender não só como é que os equipamentos instalados em determinados espaços urbanos influenciam o crime, mas também como é que as características físicas e sociais dos lugares criam as oportunidades para os infratores cometerem ou não crimes. Alguns lugares, porque têm grandes volumes de tráfego pedestre, são os chamados *clusters geradores de crime*, na medida em que congregam uma quantidade de pessoas que estão potencialmente vulneráveis a serem alvo de crime, outros lugares, chamados *clusters atratores do crime*, atraem muitos infratores porque são lugares com reputação, isto é, normalmente onde param as pessoas que têm posses

económicas (Taylor, 1998). Em lugares de diversão noturna, estas duas variações podem convergir no mesmo espaço. A cidade noturna é densa em pessoas na rua e densa em pessoas com capacidade económica. A aliança entre estes dois fatores transforma os espaços noturnos, num caldeirão de oportunidades para o crime (Taylor, 1998).

Eck e Weisburd (1995), analisam os lugares do crime na teoria criminal e sugerem que há uma variedade de características físicas e sociais dos lugares que melhoram a sua atratividade para os infratores. Esses recursos incluem a ausência de controlo, o fácil acesso ao lugar e a presença de objetos de valor facilmente alcançáveis, sendo que os lugares que não dispõem desses recursos têm menos probabilidade de ocorrências criminais. Também Sherman (1995) refere que um crime predatório exige muito mais do que um *indivíduo criminoso*. Sherman (1995), baseando-se na teoria do *triângulo do crime* de Cohen e Felson (1979), argumenta que a proteção das vítimas, o controlo dos infratores e a gestão do lugar devem convergir no espaço e no tempo, para evitar que o crime ocorra. E que uma mudança na densidade de qualquer um dos lados do triângulo, no que diz respeito aos *guardiões/defensores*, pode contribuir para que o crime aconteça. O aumento no grau de controlo social formal, consistente ao longo do tempo, seria o suficiente para mudar o perfil ecológico de um determinado lugar, reduzindo a incidência de crime e da desordem (Buerger, 1995). A ilustração 13 representa o triângulo do crime em analogia ao triângulo do fogo. Para que possa ocorrer uma combustão/crime, devem coexistir três fatores: uma fonte de ignição, corporalizada por um ofensor motivado, combustível, materializado numa vítima potencial e comburente, representado pelo espaço-tempo. O crime implica a convergência do ofensor no mesmo espaço e tempo que a vítima. O espaço funciona como o oxigénio. Não havendo oxigénio a combustão não acontece. Para evitar que o crime ocorra, os ofensores devem ser controlados, a vítima protegida e deve haver uma boa gestão do espaço. Na retirada de um destes três elementos, a probabilidade de ocorrer um crime aumenta exponencialmente.

Ilustração 12. Triângulo do crime



Fonte: Sherman, Lawrence (1995), "Hot spots of crime and criminal careers of place", Ronald Clarke (Ed.), *Crime Prevention Studies*, New York, Willow Tree Press Inc, pp. 35-52.

No que diz respeito aos crimes que ocorrem em lugares onde subsistem atividades ligadas à vida noturna, Sherman (1995) desenvolve quatro hipóteses com base na teoria criminal sobre a *atividade rotineira* (Cohen e Felson, 1979; Eck e Weisburd, 1995): a hipótese baseada nos clientes que frequentam a vida noturna; a hipótese baseada na gestão dos equipamentos vocacionados para a vida noturna; a hipótese do comportamento desenvolvido pelas pessoas no decorrer dos momentos de diversão; e a hipótese do território onde estão instalados os bares e as discotecas.

A primeira hipótese insiste que a probabilidade de ocorrência de crime e desordem aumenta onde existe uma maior concentração de pessoas, uma vez que a taxa criminal está associada não só ao número de infratores que se encontram num determinado espaço, mas também ao número de alvos apetecíveis que se encontram nesse mesmo espaço. A segunda hipótese reafirma que uma boa gestão de um determinado equipamento de diversão pode influenciar quem são os clientes que frequentam esse mesmo espaço e como eles se comportam, determinando a diminuição da desordem e reduzindo os riscos de crime. A terceira hipótese consiste na configuração comportamental das pessoas, nas regras informais e nos espaços associados a mais ou menos violência. Portanto, durante a atividade rotineira, quer dos infratores, quer das vítimas potenciais, a probabilidade de ocorrer um crime aumenta com a concentração de pessoas num determinado lugar, nos estabelecimentos e consequentemente nos espaços públicos que circundam esses mesmos estabelecimentos e com a falta de vigilância e de controlo associado aos comportamentos desenvolvidos durante os períodos de diversão. A quarta hipótese, que se baseia no território onde estão inseridos os equipamentos vocacionados para a vida noturna, prediz que a probabilidade de se ser alvo de crime aumenta quando os bares e discotecas estão

integrados em territórios onde impera a violência e a desordem e que essa probabilidade diminui, se estes equipamentos estiverem integrados em territórios onde a violência e a desordem são acontecimentos residuais.

Outros fatores, no entanto, contribuem para o aumento da criminalidade em determinadas áreas dos centros urbanos e mais concretamente em espaços de diversão noturna. Eck e Weisburd (1995), na análise perspetiva que fazem sobre a teoria criminal com base no lugar, identificam que existe uma relação entre o local de residência dos infratores e o local onde estes cometem os crimes, argumentando que normalmente os infratores movem-se de áreas residenciais com alvos menos apetecíveis, para áreas com alvos mais atrativos. A respeito desta constatação Wikstrom (1995) também descreve que normalmente os jovens que vivem fora dos centros das cidades usam o transporte público para se deslocarem para esses centros urbanos para entretenimento e fazerem compras, e que a concentração de atividades diversificadas e atraentes para os jovens cria um ambiente propício para que estes desenvolvam atividades delituosas.

Este enquadramento teórico sobre os *hotspots* criminais permite balizar uma análise mais aprofundada sobre a criminalidade nos dois territórios em estudo. Como já foi referido no capítulo III deste estudo, a rua noturna foi a principal janela de observação para a realização deste estudo, pelo que nesta análise só serão considerados os crimes que, à partida, ocorrem no espaço público.

7.2.A noite e o crime

A análise da criminalidade a seguir apresentada foi feita com base nos registos criminais da Polícia de Segurança Pública, entre 2011 e 2016, na freguesia da Misericórdia, que abrange as zonas do Bairro Alto e Cais do Sodré. Destes registos a que se teve acesso, no total de 8629, foram extraídos os crimes que supostamente não foram cometidos na via pública, 1671 registos, uma vez estes crimes não tinham qualquer pertinência para o estudo que se pretende fazer. Deste modo, a análise incidiu num total de 6958 registos de crimes que poderão ter ocorrido na via pública. É de salientar, no entanto, que estes registos compreendem não só as vítimas de crime, mas

também os suspeitos envolvidos, pelo que no registo de uma queixa feita pelas vítimas nem sempre são identificados os suspeitos. Esta análise remete-nos para a questão das cifras negras, isto é, é pouco provável que se obtenha uma estimativa precisa dos crimes cometidos, uma vez que nem todos os lesados/ofendidos têm consciência que são alvo de crime. Por outro lado, nem todos os crimes descobertos são reportados às entidades policiais e nem todos os crimes reportados às entidades policiais são registados, porque há um número de crimes reportados considerados sem fundamento ou considerados como não constituindo matéria criminal. Portanto, é deste modo que alguns autores como Hagan (1997) defendem que existe uma relação de incerteza entre os crimes registados e aqueles que são cometidos na realidade. Porque o que se assiste de facto, e enquanto investigadora que esteve no terreno e observou situações que por vezes fogem à realidade da estatística criminal, é que muitas vezes acontecem situações que começam e acabam no próprio momento, sem que as vítimas se apercebam da gravidade da situação, de forma a reportá-la às autoridades competentes.

Assim, para os 6958 registos criminais, existem 1334 suspeitos e 5589 vítimas, o que significa que, para algumas tipologias criminais a dificuldade em identificar os suspeitos é maior do que para outras tipologias criminais, como mais à frente irei analisar. O quadro 11 apresenta o número de crimes registados de acordo com a tipologia e respetiva subtipologia preconizadas no Código Penal Português (2009) e com os dados enviados pela PSP. Os crimes contra as pessoas estão previstos no Título I da Parte Especial do Código Penal (idem, ibidem:100) e abrangem a pessoa humana em toda a sua complexidade física e moral. São crimes que colocam em risco a vida dos indivíduos, a sua integridade física, a sua liberdade e autodeterminação sexual, de realizar suas escolhas sem intervenção ou coação externa. Os crimes contra o património, previstos no Título II da Parte Especial do Código Penal (Idem, ibidem:125), pressupõem a usurpação ou danificação, quer de propriedade pública ou privada, por meio de roubo, furto, burla e outras práticas criminosas. Os crimes contra a vida em sociedade preconizados no Título da IV da Parte Especial do Código Penal (Idem, ibidem:142), nos casos circunscritos ao estudo em causa dizem respeito aos crimes contra a segurança das comunicações (idem, ibidem:158) consubstanciando-se na condução perigosa de veículo rodoviário, em estado de embriaguez ou sob influência de estupefacientes ou substâncias psicotrópicas. Os crimes previstos em legislação avulsa são aqueles que preconizam o tráfico e consumo de estupefacientes e de

substâncias psicotrópicas, previstos no Decreto-Lei n.º 15/93, de 22 de janeiro. Os crimes apresentados a seguir serão posteriormente trabalhados de acordo com o tipo de classificação estatística fornecido pela PSP.

Quadro 11. Crimes cometidos no espaço público entre 2011 e 2016 segundo posição processual dos envolvidos

<i>Tipos e Subtipos de crimes</i>	<i>Posição Processual</i>		<i>Sem</i>	<i>Total</i>
	Suspeito	Vítima	<i>Informação</i>	
Crimes contra as pessoas				
Crimes contra a vida	2	2	-	4
Crimes contra a integridade física	341	431	2	774
Crimes contra a liberdade pessoal	50	74	-	124
Crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual	13	22	-	35
Crimes com a identidade cultural e integridade pessoal				
Tortura e outros tratamentos cruéis, degradantes ou desumanos	-	1	-	1
Crimes contra o património				
Crimes contra a propriedade	527	5050	29	5606
Crimes contra a vida em sociedade				
Crimes contra a segurança das comunicações	203	8	3	214
Crimes previstos em legislação avulsa				
Estupefaciente	198	1	1	200
Total	1334	5589	35	6958

Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

Destas tipologias criminais destaca-se a tipologia de crimes contra o património na subtipologia de crimes contra a propriedade, com um total de 5606 registos, em que 5050 incidem nas vítimas e 527 nos suspeitos, sendo que em 29 registos criminais, os envolvidos (suspeito e vítima) não foram identificados. A diferença entre o número de vítimas e o número de suspeitos envolvidos, isto é, os suspeitos equivalem a 10,4% do total das vítimas, deve-se em grande parte à dificuldade em identificar os suspeitos neste tipo de crimes, cuja maior fatia recai nos furtos por carteirista, furtos de oportunidade (art.º 203.º e art.º 204.º, Código Penal, 2009) e roubos a pessoas na via pública (art.º 210.º, Código Penal, 2009), como se pode ver no quadro 12.

Quadro 12. Classificação estatística dos crimes contra a propriedade por posição processual

<i>Classificação estatística dos crimes contra a propriedade</i>	<i>Suspeitos</i>	<i>Vítimas</i>
Furto de oportunidade/objetos não guardados	44	778
Furto de veículo motorizado	5	83
Furto em veículo motorizado	20	581
Furto por carteirista	114	2522
Roubo a pessoas na via pública (exceto esticção)	269	721
Roubo de viatura	1	1
Roubo em transportes públicos	19	46
Roubo por esticção	55	318
Total	527	5050

Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

A seguir aos crimes contra o património, os crimes contra as pessoas são os que têm maior expressividade, com um total de 937 registos, dos quais 774 incidem nos crimes contra a integridade física (ver quadro 11). A diferença entre estas duas grandes tipologias criminais (crimes contra o património e crimes contra as pessoas) reside no facto de nestes últimos a taxa de identificação dos suspeitos ser maior do que nos primeiros, com 76,7% de suspeitos identificados, o que perfaz um total de 406 suspeitos, para 529 vítimas. Na tipologia criminal dos crimes contra as pessoas, os órgãos de polícia criminal têm mais facilidade em identificar os suspeitos porque é também mais fácil para a vítima fazer essa identificação, uma vez que há um envolvimento físico entre suspeito e a vítima. Deste modo, nos crimes contra as pessoas, sobressaem os crimes contra a integridade física, com 774 registos na sua totalidade, onde se destacam as seguintes classificações estatísticas.

Quadro 13. Classificação estatística dos crimes contra a a integridade física por posição processual

<i>Classificação estatística dos crimes contra a integridade física</i>	<i>Suspeitos</i>	<i>Vítimas</i>
Maus tratos ou sobrecarga de menores	8	6
Ofensa à integridade física por negligência em acidente de viação	4	5
Ofensa à integridade física por negligência em outras circunstâncias	1	1
Ofensa à integridade física grave	24	22
Ofensa à integridade física simples	267	367
Outros crimes contra a integridade física	15	9
Outros crimes de violência doméstica	22	21
Total	341	431

Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

Como se pode verificar no quadro 13, os crimes de ofensa à integridade física simples sobressaem em relação às restantes classificações porque se reportam normalmente a situações de agressão física entre os envolvidos (art.º 143.º, Código Penal). Nestes crimes destacam-se igualmente as ofensas à integridade física grave (art.º 144.º, Código Penal) que dizem respeito a crimes de ofensa à integridade física que podem provocar perigo de vida para a vítima (privação de membros ou órgãos importantes; desfiguração grave ou permanente; retirada da capacidade de trabalho ou de capacidades intelectuais; capacidade de procriação ou fruição sexual; provocar doença permanente ou anomalia física).

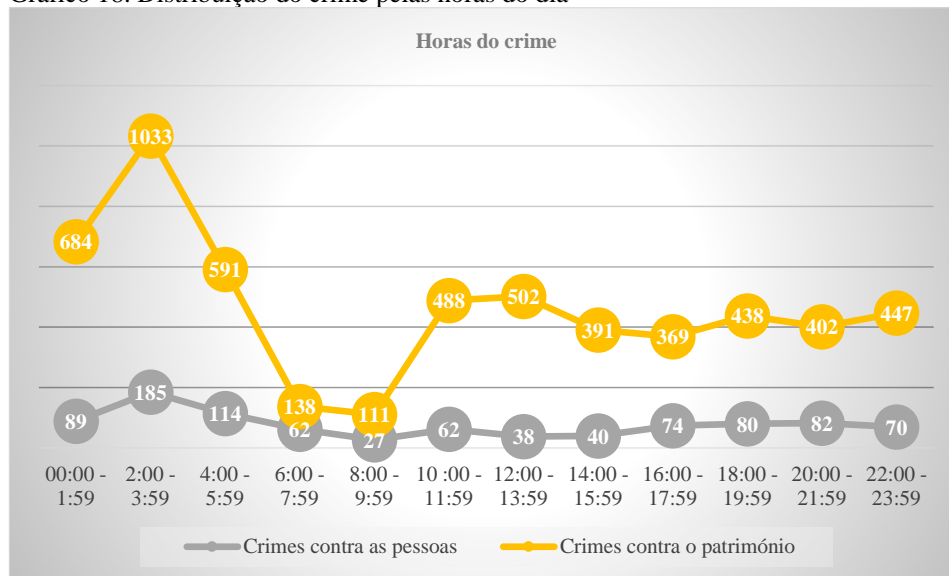
Nos crimes contra a vida em sociedade (ver quadro 11), que incidem nos crimes contra a segurança nas comunicações, a taxa de identificação dos suspeitos é elevada por se tratar de situações que dizem respeito à condução perigosa com taxa de alcoolémia acima do permitido. (art.º 292.º, Código Penal). Nos crimes previstos em legislação avulsa, que contemplam os estupefacientes, a taxa de identificação dos suspeitos é de quase 100% por se tratar normalmente de situações de tráfico de estupefacientes em que os seus perpetradores são apanhados em flagrante delito, sendo aqui as vítimas quase inexistentes.

7.3. *Crhonos do crime*

Para melhor compreender a relação que a criminalidade pode ter com a intensidade da vida noturna nas duas zonas da cidade em observação e toda a dinâmica que lhe está subjacente, senti necessidade de verificar as horas do dia em que o número de crimes tende a aumentar e as horas do dia em que os crimes têm tendência para diminuir. No gráfico 18, é feita a distribuição das tipologias criminais pelas horas do dia em que estes ocorrem, numa escala que varia de duas em duas horas. Neste gráfico é possível verificar que, relativamente às restantes horas do dia, o crime intensifica-se substancialmente entre a meia-noite e as 6 horas da manhã, atingindo o seu pico máximo entre as 2 e as 4 horas da manhã. De facto, e reportando às observações de campo que se foi fazendo ao longo deste processo de investigação, o período da noite onde se registava maior concentração de pessoas nas ruas, maior número de pessoas alcoolizadas e um aumento da animosidade entre estas, situava-se precisamente entre as

2 e as 4 da manhã, o que leva a constatar que existe uma correlação acentuada entre o índice de criminalidade e a vida noturna, em especial nestas duas zonas da cidade. Por outro lado, e a partir das 6 horas da manhã, momento em que muitos notívagos abandonam os espaços de diversão noturna, a criminalidade diminui acentuadamente.

Gráfico 18. Distribuição do crime pelas horas do dia



Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

Os crimes contra o património, sendo aqueles com maior expressividade na totalidade dos registos, são também aqueles que mais ocorrem durante o período noturno, seguidos dos crimes contra as pessoas, com especial acentuação no horário compreendido entre as 2 e as 4 da manhã. A linha tendencial dos crimes noturnos segue a mesma linha da totalidade dos crimes registados. No entanto, os crimes contra a sociedade, apesar de não estarem identificados no gráfico 18, pela pouca expressividade, e que contemplam a condução de veículos sobre o efeito do álcool, começam a ter maior expressão às 4 da manhã, período em que, muitos dos frequentadores da vida noturna, regressam a casa de automóvel. Já os crimes previstos em legislação avulsa têm o seu pico entre a meia-noite e as 2 da manhã, momento em que se intensifica o tráfico de estupefacientes, sendo quase inexpressivo durante o dia e voltando a aumentar ligeiramente a partir das 4 da tarde. É de realçar que estes crimes

dependem sempre da deteção por parte dos órgãos de polícia criminal, sendo a sua expressividade pouco significativa.

A análise da distribuição temporal da criminalidade, no Bairro Alto e no Cais do Sodré, revela também que esta se concentra mais nos meses de verão do que nos meses de inverno, sendo mais predominante entre os meses de abril e outubro, atingindo o seu pico máximo no mês de julho, como se pode ver no gráfico 19.

Gráfico 19. Distribuição do crime pelos meses do ano



Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP
– jan 2011 a out 2016

Esta correlação entre as horas do dia e os meses do ano em que os crimes mais se pronunciam é um indicador de que a vida noturna é impulsionadora da desordem e da ilegalidade, sendo os espaços noturnos mais convidativos nos períodos do ano mais apazíveis para se desfrutar destes.

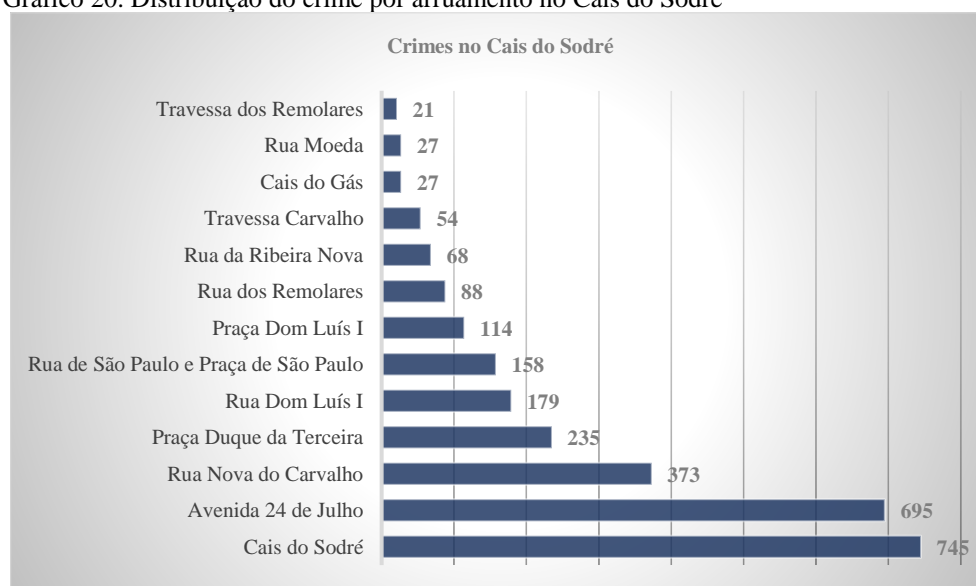
7.4.Os lugares do crime

Na análise da criminalidade é importante a identificação dos lugares quentes ou *hot spots* onde esta ocorre com maior frequência. Deste modo, foram identificados os arruamentos onde há maior incidência de crimes nas zonas do Bairro Alto e Cais do Sodré, tendo sido selecionados os arruamentos com maior expressividade, ou aqueles que, mesmo sem muita expressão, são contíguos aos arruamentos onde a criminalidade

é bastante significativa, tendo sido excluídos os arruamentos pouco significativos e bastante dispersos dos locais de observação. Para além disso, do total de crimes registados, 358 não têm qualquer informação sobre a localização.

A primeira zona delimitada foi o Cais do Sodré, por ser a área de estudo com maior incidência de registos criminais, com 40, % de crimes em relação ao total de registos em análise, excluídos os 358 que não têm informação. Depois da zona do Cais do Sodré (ver gráfico 20) onde, aquando do registo dos crimes não foi especificado a localização exata dos crimes, podendo estes terem ocorrido em arruamentos diversos desta zona da cidade, o arruamento que regista maior número de crimes é a Avenida 24 de julho. Esta avenida, apesar de não ser um local de grande concentração de pessoas no espaço público, é um espaço de passagem para os frequentadores da vida noturna, quer de automóvel, quer pedonal, quando se deslocam para ir para as discotecas que aqui existem, sendo também uma artéria que liga a zona de Santos ao Cais do Sodré. Aquando da observação de campo, verificou-se que muitos dos jovens que frequentam os bares em Santos se deslocam para o Cais do Sodré, quer embora se tenha verificado que esta deslocação é muitas vezes feita pela artéria interior, através da Rua D. Luís I. No entanto, na altura em que fiz a observação, a Avenida 24 de julho estava em processo de reconversão urbanística o que muito provavelmente condicionava a deslocação das pessoas.

Gráfico 20. Distribuição do crime por arruamento no Cais do Sodré



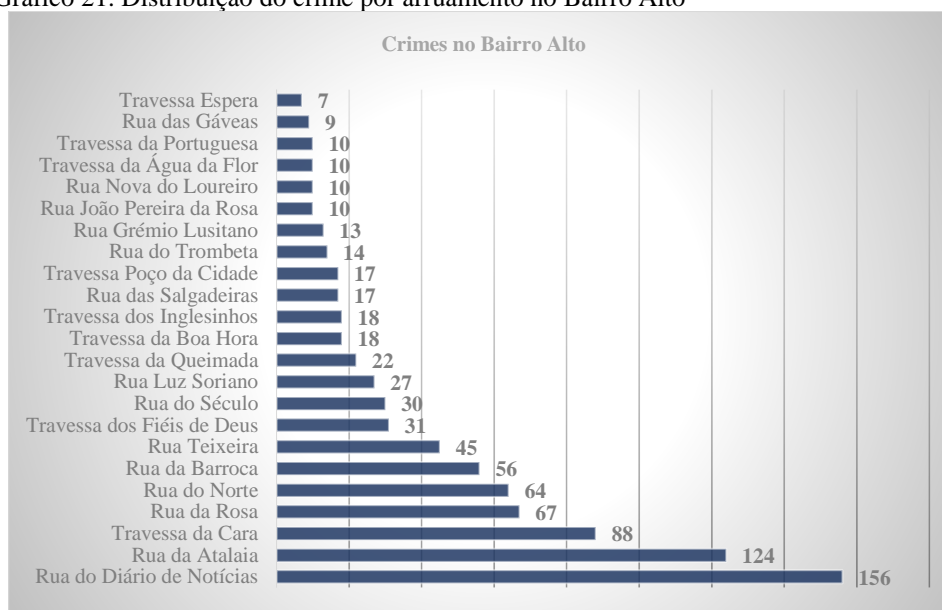
Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

A Rua Nova do Carvalho é uma das artérias com maior número de registos de criminalidade a seguir à Avenida 24 de julho. A Rua Cor-de-Rosa, nome que lhe foi atribuído informalmente após o processo de reconversão em 2011, reconversão que visou limpar a imagem de degradação que anteriormente apresentava, através da pintura da faixa de rodagem da rua, procurando consolidar um desejo de transformação deste espaço público, num lugar mais dinâmico, inclusivo e convidativo à permanência das pessoas. Durante a pesquisa de campo também foi possível observar que, por ser uma rua frequentada por pessoas de classe média e média alta, acaba por atrair pessoas que se dedicam a atividades ilícitas, tais como a venda ilegal de estupefacientes.

Da observação que foi feita, é possível extrair que, a par com os resultados obtidos da análise aos crimes cometidos nesta zona da cidade, incidindo nos horários em que estes crimes aumentam, a concentração de pessoas, num determinado espaço público de diversão noturna, pode ser determinante para o aumento da criminalidade. Os espaços públicos de diversão noturna são espaços facilitadores da criminalidade porque a concentração de pessoas num mesmo local, conjugado com os hábitos de consumo excessivo de álcool e de outras substâncias, dão origem a comportamentos mais violentos por parte dos seus frequentadores, o que por sua vez coloca-os em situação de vulnerabilidade. Por outro lado, a concentração de pessoas num espaço público, onde não exista qualquer mecanismo de controlo, como os que são praticados nos espaços privados, uma vez que a rua é de todos, facilita a perpetração das atividades ilícitas que mais se pronunciam nos registos criminais em análise, nomeadamente furtos de objetos e furtos por carteirista.

Já a criminalidade no Bairro Alto é menos pronunciada do que no Cais do Sodré (ver gráfico 21), uma vez que na sua totalidade o Bairro Alto apresenta 914 registos de crimes, sendo a Rua do Diário de Notícias, a Rua da Atalaia e a Travessa da Cara, os locais onde estes são mais expressivos.

Gráfico 21. Distribuição do crime por arruamento no Bairro Alto



Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

Das observações feitas foi possível verificar que a Rua do Diário de Notícias difere da Rua da Atalaia em termos de frequentadores, e que essa diferença assenta na diversidade dos usos de urbanísticos de cada uma das artérias. A Rua do Diário de Notícias é mais residencial do que a Rua da Atalaia. Apesar de ambas terem muitos estabelecimentos comerciais, o tipo de exploração que é feito destes equipamentos é igualmente diferente. Enquanto a Rua do Diário de Notícias é composta na sua maioria por restaurantes com esplanadas e casas de fado, salpicando um ou outro bar, a Rua da Atalaia é na sua maioria composta por bares, salpicando alguns restaurantes, muitos deles funcionando como bares, a partir de determinada hora da noite.

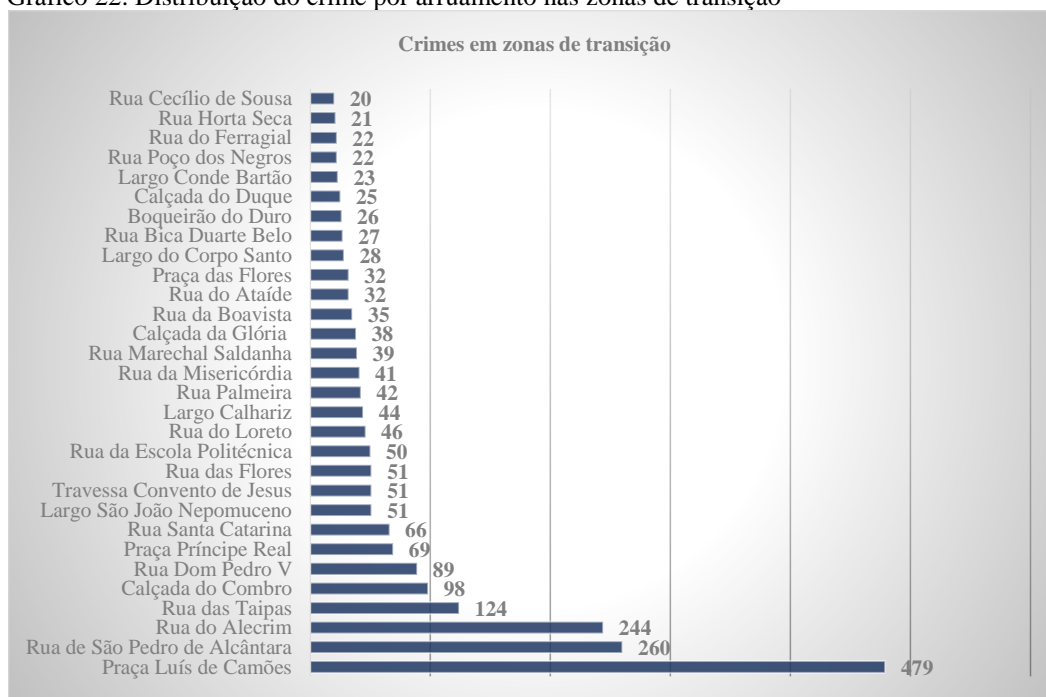
Deste modo, a frequência e permanência de pessoas nestas duas ruas diferem, pois quem frequenta os restaurantes encontra-se sentado nas esplanadas e quem frequenta os bares permanece em pé no espaço público.

Chego à Rua da Atalaia perto das 23:00. A vida noturna ainda se apresenta calma para a hora. Como tal decido fazer uma ronda por outras ruas. Passo pela Rua do Diário de Notícias e pela Rua da Barroca e verifico que muita gente ainda se encontra nas esplanadas a jantar. Estas duas ruas são compostas essencialmente por restaurantes e por isso são mais calmas que a Rua da Atalaia. Também a clientela é diferente sendo composta por famílias e grupos de pessoas com idades mais avançadas. Para além destas ruas a Travessa da Queimada e a Travessa da Cara já

apresentam vários aglomerados de jovens que permanecem à entrada dos bares (Diário de Campo, 10 de março de 2017).

Foi igualmente muito importante observar em paralelo outras artérias que não pertencem aos limites geográficos dos territórios em análise. Isto porque se tratam de arruamentos que servem de ponto de transição ou de circulação dos frequentadores da vida noturna, entre o Bairro Alto e o Cais do Sodré e entre o Cais do Sodré e Santos. Deste modo, no gráfico 22 pode ver-se que a Praça Luís de Camões concentra o maior índice de criminalidade nas zonas de transição. Como disse o presidente da *Erasmus Corner*, a *Praça Luís de Camões é o epicentro dos problemas*. Depois deste epicentro segue-se a Rua de São Pedro de Alcântara e a Rua do Alecrim. De facto, foi na Rua do Alecrim o local onde senti maior insegurança, no trajeto entre o Bairro Alto e o Cais do Sodré e cuja situação foi descrita no capítulo VI. Neste gráfico foram selecionados os arruamentos com 20 ou mais registos criminais.

Gráfico 22. Distribuição do crime por arruamento nas zonas de transição



Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

Desta análise *spotiana* pode-se inferir que a criminalidade é mais evidente no Cais do Sodré do que no Bairro Alto. Esta evidência é demonstrativa de que a colocação do sistema de vídeo vigilância no Bairro Alto teve o seu impacto na redução do índice de criminalidade nesta zona. O Cais do Sodré é uma zona mais instável e potencialmente mais insegura, na medida em que, para além de ser um local de diversão noturna recentemente emergente, não reúne as mesmas condições de segurança que já foram adquiridas pelo Bairro Alto. O controlo social exercido pelos seus residentes, desde os moradores, às pessoas que trabalham nos espaços noturnos e até aos seus frequentadores habituais, transforma o Bairro Alto mais seguro para os seus visitantes.

7.5. Vítimas e suspeitos da noite

Como já havia identificado, a maioria dos crimes registados foram cometidos entre a meia-noite e as 6 horas da manhã, pelo que importa identificar o perfil dos suspeitos e das vítimas que frequentam estes espaços de diversão noturna. Assim, ao fazer o cruzamento entre o subtipo e a hora do crime e o sexo e a idade dos envolvidos, o resultado indica que cerca de 65% dos crimes foram cometidos no horário privilegiado da atividade noturna. Assim, no quadro 14, que mostra a totalidade das vítimas de crime (5540 com identificação do sexo da vítima e do suspeito), pode-se verificar que nos crimes contra a propriedade, não existe uma grande diferença relativamente ao sexo das vítimas, o que significa que tanto os indivíduos do sexo masculino como os indivíduos do sexo feminino são suscetíveis de serem alvo deste tipo de crimes.

Quadro 14. Distribuição dos crimes de acordo com o sexo da vítima

<i>Tipos de Crime</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>
Crimes contra a vida	1	1
Crimes contra a integridade física	283	145
Crimes contra a liberdade pessoal	41	33
Crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual	1	20
Crimes contra a propriedade	2592	2415
Crimes contra a identidade cultural e integridade pessoal	-	1
Crimes contra a segurança das comunicações	4	2

Estupefacientes	1	
Total	2923	2617

Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

No entanto, as diferenças saltam à vista quando analisamos os crimes contra a integridade física, que normalmente consubstanciam as ofensas à integridade física, em que as vítimas do sexo masculino são o dobro das vítimas do sexo feminino. Isto é devido ao facto de que, em regra, os homens estarão mais predispostos a envolverem-se em disputas físicas do que as mulheres. Por outro lado, quando analisamos os crimes contra a liberdade e a autodeterminação sexual esta situação inverte-se, observando-se que a vítima do sexo feminino é esmagadoramente predominante em relação à vítima do sexo masculino, uma vez que as mulheres estão mais suscetíveis de serem alvo de crimes de coação sexual, violação, lenocínio e importunação sexual (art.º 163.º, art.º 164.º, art.º 169.º e art.º 170.º, Código Penal, 2009).

Quadro 15. Distribuição dos crimes de acordo com o sexo do suspeito

<i>Tipos de Crime</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>
Crimes contra a vida	1	1
Crimes contra a integridade física	268	65
Crimes contra a liberdade pessoal	35	15
Crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual	10	2
Crimes contra a propriedade	448	78
Crimes contra a segurança das comunicações	155	46
Estupefacientes	195	3
Total	1112	210

Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

Já o quadro 15, que mostra a distribuição dos crimes de acordo com o sexo do suspeito, revela que a maioria dos crimes foi cometida por indivíduos do sexo masculino, constituindo os indivíduos do sexo feminino somente 18,8% do total dos suspeitos identificados. No entanto, nos crimes cometidos contra a vida, que consubstanciam os crimes de homicídio, infanticídio, incitamento ao suicídio e exposição ou abandono (art.º 131.º, 132.º, 133.º, 134.º, 135.º, 136.º, 137.º e 138.º,

Código Penal, 2009) há um equilíbrio entre os indivíduos do sexo masculino e os indivíduos do sexo feminino, muito embora a taxa deste tipo de crime, relativamente aos restantes, seja residual. Nos crimes de tráfico de estupefacientes, o número de sujeitos do sexo masculino é maioritariamente superior, o que revela que existem mais indivíduos do sexo masculino a se dedicarem ao tráfico de estupefacientes. Assim, os resultados evidenciam que não existe grande diferença entre as vítimas do sexo masculino e do sexo feminino no que diz respeito à totalidade dos crimes cometidos, mas que estas diferenças se acentuam quando se trata dos suspeitos de perpetração.

Quadro 16. Escalão etário das vítimas por tipo de crime

<i>Tipos de Crime</i>	<i>0 - 14</i>	<i>15 - 29</i>	<i>30 - 44</i>	<i>45 - 59</i>	<i>> 60</i>
Crimes contra a vida	1		1		
Crimes contra a integridade física	8	181	153	64	23
Crimes contra a liberdade pessoal	5	13	28	18	
Crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual		16	5	1	10
Crimes contra a propriedade	35	2223	1188	874	715
Crimes contra a identidade cultural e integridade pessoal			1		
Crimes contra a segurança das comunicações		3	1	1	1
Estupefacientes		1			
Total	49	2437	1377	958	749

Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

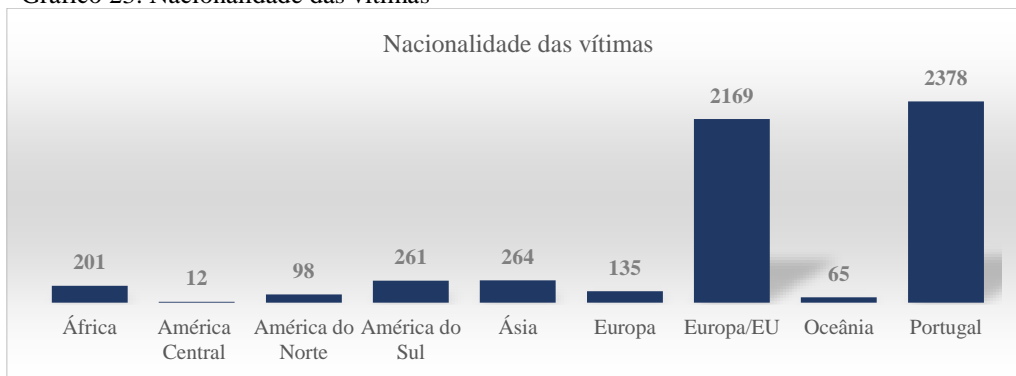
O quadro 16 ilustra o escalão etário das vítimas envolvidas nos vários crimes registados. Conforme se pode ver, a maioria das vítimas são jovens e têm idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, e a frequência deste padrão vai diminuindo à medida que aumenta a idade das vítimas. No entanto, nos crimes contra a integridade física, a diferença entre as vítimas do escalão etário entre os 15 e os 29 anos e o escalão etário entre os 30 e os 44 anos não é tão significativa como a diferença existente nos crimes contra a propriedade, o que indica que os indivíduos com idades compreendidas entre os 30 e os 44 anos estão ainda sujeitos a envolverem-se em situações de agressão física. Esta diferença acentua-se, para menos, à medida que estes estão mais perto dos 40 anos. As vítimas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos apresentam valores residuais relativamente aos restantes escalões etários, quer embora a maioria das

vítimas que foram alvo dos crimes contra a propriedade tenham idades mais próximas dos 14 anos.

Os dados evidenciam que a camada jovem da sociedade, que se insere no escalão etário entre os 15 e os 29 anos, é mais suscetível de ser alvo de crimes durante os momentos em que se encontra em processo de sociabilidade.

Relativamente à nacionalidade, e das 5583 vítimas com esta variável identificada (ver gráfico 23), constata-se que a maioria destas é de nacionalidade portuguesa, mas existem igualmente muitas vítimas oriundas de países europeus que pertencem à União Europeia. Destas destacam-se por ordem decrescente as vítimas de nacionalidade francesa (555), alemã (355), espanhola (238), ingleses (177), holandeses (171), belgas (110) e polacos (60). Quanto às vítimas europeias que não pertencem a países da União Europeia destacam-se os suíços e os noruegueses.

Gráfico 23. Nacionalidade das vítimas



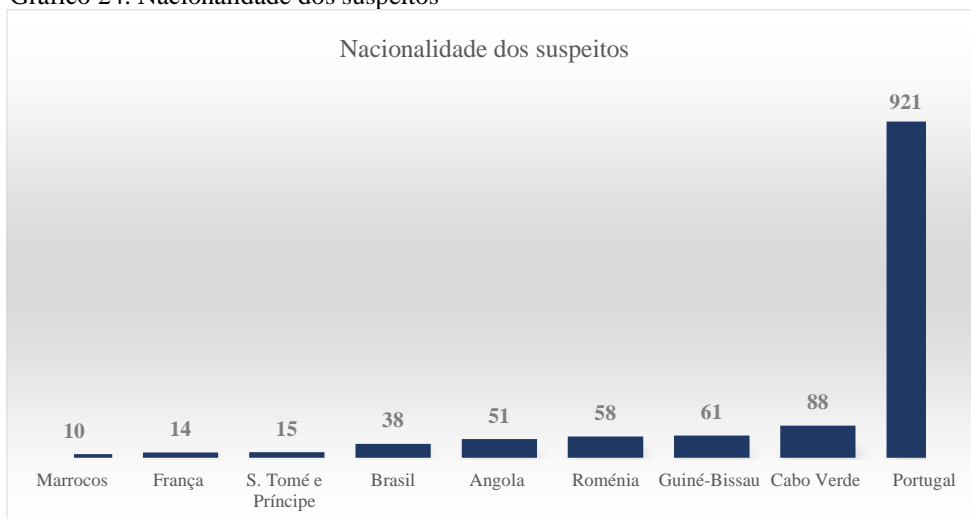
Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

A seguir às vítimas oriundas de países europeus, destacam-se as vítimas cuja nacionalidade é oriunda de países asiáticos. Destas, a maioria são, por ordem decrescente, do Japão, da Coreia do Sul, da China e da Índia. Já as vítimas da América do Sul são na sua quase maioria de nacionalidade brasileira, estando os indivíduos de nacionalidade venezuelana e argentina logo a seguir. Das vítimas oriundas do continente africano, destacam-se em primeiro lugar os de nacionalidade angolana, em segundo lugar as vítimas cabo verdianas, seguidos das moçambicanas e guineenses, respetivamente. As vítimas europeias provenientes de países que pertencem à União

Europeia e as vítimas portuguesas, estão em hegemonia relativamente às restantes vítimas de outras nacionalidades.

Já no que diz respeito à nacionalidade dos suspeitos, e por serem em menor número do que as vítimas, foi possível apresentar gráficamente os países, tendo sido excluídos os suspeitos com menos de 10 registos, de forma a evidenciar as nacionalidades mais relevantes. Assim, no gráfico 24 é possível observar que os indivíduos de nacionalidade portuguesa são os que se evidenciam largamente das restantes nacionalidades, com mais de 900 suspeitos. Em segundo lugar estão os suspeitos de nacionalidade cabo verdiana, seguidos dos guineenses, romenos, angolanos e brasileiros. Os são-tomenses, franceses e marroquinos têm menor expressividade.

Gráfico 24. Nacionalidade dos suspeitos



Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

7.5.1. *Special victims*

Quando iniciei o capítulo de análise dos registos criminais, a ideia fundamental e subjacente assentava essencialmente em fundamentar o estudo da vida noturna e os impactos que as atividades desenvolvidas pelos seus frequentadores têm, não só nos espaços, mas também nas pessoas que habitam estes mesmos espaços. Para além disso, pretendia afinar esta análise em arruamentos específicos das duas zonas em estudo,

nomeadamente a Rua dos Remolares, a Rua da Ribeira Nova, a Rua da Atalaia, por terem sido os meus recortes de observação privilegiada, e a Rua do Alecrim por ser uma zona de transição por excelência das pessoas que circulam entre as duas áreas de diversão noturna: Bairro Alto e Cais do Sodré. No entanto, e após a apresentação dos resultados gerais da criminalidade nestas duas zonas da cidade, constatou-se que mesmo estreitando para os contextos de observação, a análise seguiria a mesma linha tendencial da análise já iniciada. Ou seja, proporcionalmente à totalidade dos crimes registados nas várias artérias identificadas nos gráficos 20, 21 e 22, as subtipologias criminais mais relevantes também sobressaem nas artérias específicas, com exceção dos crimes contra a segurança na circulação automóvel, que se distinguem na Rua do Alecrim e na Avenida 24 de Julho por estas serem ruas de trânsito automobilístico por excelência. Da mesma forma, existe alguma conexão entre as horas e meses em que os crimes mais ocorrem em todas as artérias com as horas e meses em que mais ocorrem nas artérias observadas.

Com base nestas constatações senti necessidade de fazer uma análise mais fina dos crimes que menos se destacaram nesta análise, mas que podem ter alguma importância, por se destacarem dos crimes que mais ocorrem no espaço público. Trata-se dos crimes contra as pessoas, com exceção da subtipologia criminal contra a integridade física, e que se consubstanciam nos crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual e contra a vida (dentro dos quais se retiraram os crimes contra a liberdade pessoal, crimes de ameaça e de coação), dos quais se destacam 39 registos, incluindo suspeitos e vítimas.

Da análise feita ao quadro seguinte, que contém os crimes contra a vida, contra a liberdade pessoal e contra a autodeterminação sexual, remete-nos para a tese de que, a maioria das vítimas destes subtipos de crimes são do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 15 e os 30 anos, são cometidos durante o horário noturno e que na sua maioria os suspeitos envolvidos não foram identificados. Este último dado, implica aferir que, sendo crimes que envolvem o contacto corporal entre a vítima e o seu agressor, que os agressores são normalmente desconhecidos da vítima.

Quadro 17. Vítimas especiais

<i>Ano</i>	<i>Mês</i>	<i>Hora</i>	<i>Artéria</i>	<i>Crime</i>	<i>Sexo vítima</i>	<i>Idade</i>	<i>Nacionalidade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Dados do (s) agressor (es)</i>
2014	abril	6:00	Rua de São Paulo	Contra a liberdade sexual	Feminino	23	Portuguesa	Estudante	Não há dados
2014	julho	3:00	Rua Nova do Carvalho	Violação	Feminino	24	Portuguesa	Estudante	Não há dados
2014	julho	11:30	Rua de São Paulo	Contra a liberdade sexual	Feminino	49	Sueca	-	Não há dados
2014	agosto	3:30	Rua dos Remolares	Homicídio	Masculino	30	Portuguesa	Desempregado	Suspeito do sexo masculino com 28 anos
2014	agosto	19:00	Calçada Salvador Correia de Sá	Violação	Feminino	36	Portuguesa	Desempregada	Não há dados
2014	setembro	5:00	Rua Nova do Carvalho	Liberdade sexual	Feminino	26	Não há dados	Não há dados	Dois suspeitos do sexo feminino e dois do sexo masculino com idades entre os 26 e os 39 anos
2014	setembro	5:00	Rua Nova do Carvalho	Liberdade sexual	Feminino	27	Portuguesa	Não há dados	Dois suspeitos do sexo feminino e dois do sexo masculino com idades entre os 26 e os 39 anos
2015	janeiro	1:00	Rua dos Mouros	Exposição e abandono	Feminino	13	Portuguesa	Estudante	Suspeita do sexo feminino de 68 anos e nacionalidade cabo verdiana
2015	abril	6:20	Praça Duque da Terceira	Violação	Feminino	24	Espanhola	Não há dados	Não há dados
2015	maio	1:00	Rua da Atalaia	Liberdade sexual	Feminino	29	Brasileira	Não há dados	Dois suspeitos do sexo masculino com 19 e 20 anos
2015	outubro	23:00	Rua Vítor Cordon	Liberdade sexual	Feminino	30	Húngara	Não há dados	Não há dados
2015	dezembro	6:00	Beco do Forno a São Paulo	Violação	Feminino	20	Portuguesa	Estudante	Não há dados

2016	março	5:30	Av. 24 de julho	Liberdade sexual	Não há dados	24	Portuguesa	Não há dados	Não há dados
2016	março	6:45	Rua do Jasmim	Liberdade sexual	Feminino	27	Não há dados	Não há dados	Não há dados
2016	maio	2:30	Calçada Salvador Correia Sá	Liberdade sexual	Feminino	38	Portuguesa	Desempregada	Não há dados
2016	maio	8:00	Av. 24 de julho	Liberdade sexual	Feminino	18	Não há dados	Estudante	Não há dados
2016	maio	20:30	Praça Duque da Terceira	Liberdade sexual	Feminino	19	Não há dados	Estudante	Não há dados
2016	junho	7:40	Rua Bernardino Costa	Liberdade sexual	Feminino	23	Canadiana	Estudante	Não há dados
2016	julho	2:00	Rua dos Remolares	Liberdade sexual	Feminino	22	Norte americana	Não há dados	Suspeito masculino de nacionalidade usbequistanesa
2016	julho	2:00	Rua dos Remolares	Liberdade sexual	Feminino	40	Norte americana	Não há dados	Suspeito masculino de nacionalidade usbequistanesa
2016	julho	3:45	Rua Fernandes Tomás	Liberdade sexual	Feminino	29	Não há dados	Não há dados	Não há dados
2016	julho	22:15	Av. 24 de julho	Liberdade sexual	Feminino	25	Norte americana	Não há dados	Não há dados
2016	outubro	12:10	Travessa do Convento de Jesus	Liberdade sexual	Masculino	23	Não há dados	Não há dados	Não há dados
2016	outubro	22:00	Rua do Norte	Liberdade sexual	Feminino	35	Canadiana	Não há dados	Não há dados

Fonte: SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP – jan 2011 a out 2016

NOTAS FINAIS

O fenómeno urbano na sua multiplicidade de sinapses, causas, consequências e implicações, compõem o cerne de uma preocupada atenção que - enquanto devota estudiosa do que ousarei intitular de *urbanologia*²⁰ - merecidamente clama uma reflexão e análise sobre os efeitos que podem produzir nos espaços urbanos noturnos, desempenhando um papel determinante nas sinergias dos lugares, e no vasto espectro da qualidade de vida dos seus habitantes residentes, passantes ou visitantes.

A cidade surge como um espaço privilegiado de análise por ser um lugar ocupado por várias personagens, cada qual desempenhando um papel diferente, tanto na esfera pública como na esfera privada. Assim sendo, a cidade é o cenário essencial para uma produção polirrítmica de ações e interações, de usos dos espaços, e de percepção das imagens que os indivíduos fazem dos espaços. A forma como cada ator, dentro da sua esfera individual, peculiar e característica de se relacionar com o ambiente envolvente, desenvolve diferentes formas de interatividade com a cidade, reafirma uma dinâmica *multi-coexistencial* profundamente enriquecedora e peculiar. Cada personagem que habita a cidade tem as suas necessidades sociais, que operacionaliza de acordo com a relação que estabelece, ou que quer estabelecer com o espaço urbano. O modo como cada personagem se relaciona com o espaço urbano, influencia a sua capacidade de resiliência, plasticidade, maleabilidade e flexibilidade para se moldar às *multiplicidades* e *polirritmicidades* da urbe.

A cidade, e os centros urbanos, são compostos por multiplicidades, na medida em que, assumem várias tipologias de centros urbanos (centros residenciais, centros comerciais e centros mistos destas duas valências). Dentro das suas multiplicidades, a cidade vive ao som de vários ritmos, que, sendo diferentes, entram em conflito entre si, e por vezes antagonizam-se.

Neste estudo a cidade é o palco dessas *multiplicidades*, *misticidades* e *polirritmicidades*. Ao serem abordadas três dimensões da cidade dentro da cidade, foi feita uma abordagem diferenciada em cada uma das dimensões, mas cada uma com implicância nas outras. Na medida em que estas se interrelacionam entre si.

²⁰ Aproveitando a terminologia de Joan Pujadas (2003), “Territórios, redes e formas de sociabilidade: novos horizontes nos estudos urbanos portugueses”, Graça Índias, Luís Baptista e António Firmino da Costa (Orgs.), *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta Editora, pp. 211-218.

A cidade que dorme sente-se acossada pela cidade que se diverte, de forma direta, e pela cidade predatória de forma indireta. A cidade que se diverte, é vítima indireta de uma sociedade de consumo e vítima direta de uma cidade predatória. Por outro lado, estes que se divertem, contribuem para a construção de uma cidade predatória, fruto dos comportamentos que adotam quando se encontram em momentos de lazer noturno.

A cidade predatória é, por sua vez, vítima, de uma sociedade segregatória, que elitiza uns e estigmatiza outros, em função das suas condições sociais e económicas. Sociedade esta que acaba por criar criminosos, onde uns são vitimizados e outros são vitimizadores. Estamos perante uma arena urbana de conflitos, em especial em horário noturno, em que vários atores sociais, cada qual com os seus interesses, procuram encontrar um consenso, nem sempre passível de encontrar. Porque os ritmos da cidade e das rotinas coletivas, cuja frequência, intensidade e regularidade, articulam-se de forma contínua, no tempo e no espaço, formando, deste modo, conjuntos polirrítmicos.

No contexto da cidade de Lisboa emerge o fenómeno noturno como um acontecimento urbano, na medida em que se situa numa *faixa de comportamentos urbanizados*, podendo ser considerado um *analizador de urbanidade* (Fernandes, 1999:23). Os acontecimentos festivos definem o tempo de qualquer cidade. As cidades vivem da economia em geral e a economia noturna traz valor acrescentado às cidades na medida em que atrai os visitantes, que por sua vez, imprimem vida e agitação aos espaços urbanos centrais. As cidades precisam da vida noturna, pois esta componente é uma peça fundamental que joga a favor do desenvolvimento e regeneração dos centros urbanos. O espaço público passou assim a ser o espaço de encontro privilegiado para os jovens que se querem divertir e consumir, pelo que as cidades contemporâneas enfrentam perseverantes desafios. Estes desafios prendem-se sobretudo em equilibrar da melhor maneira os diversos usos que são dados aos espaços públicos de forma a prevenir os conflitos de interesse entre quem dorme e quem se diverte na cidade.

O fenómeno da *noturnidade*, como fruto de uma sociedade neoliberal e pós-modernista, aponta para uma nova cultura urbana, onde espaço, tempo e atividades merecem uma atenção especial por parte de quem planeia, regula e delibera sobre a cidade. Interessam-se, esforçam-se por modificar e debruçam-se sobre os problemas, mas dificilmente conseguem erradicá-los, porque isso implicaria acabar com a vida noturna, o que por sua vez vaticinaria a *morte da cidade*. A cidade é como uma *pedra-pomes*,

simultaneamente porosa, espumosa e dura. Fácil de penetrar e de invadir, mas difícil de moldar, ajustar e harmonizar. A cidade polirrítmica é simultaneamente dividida e indivisível. Espacialmente indivisível, mas socialmente fragmentada, porque a cidade é um espaço singular, dividida segundo os vários ritmos circadianos dos seus habitantes, e cuja relação entre si é demasiado complexa.

A conceção que fazemos da vida noturna não se encontra distanciada da ideia de que as cidades devem fornecer os meios apropriados para que os indivíduos se possam servir deles enquanto bens recreativos para consumo. Esses equipamentos disponibilizados - discotecas, bares, *pubs*, teatros, cafés, restaurantes, casas de espetáculo e eventos culturais, como os festivais de música e concertos, que mobilizam as pessoas para os centros urbanos, são determinantes para a eclosão e perpetuação da *noturnidade*, uma vez que, constituindo lugares de atração, toda a agitação da noite gravita em torno destes. Este fenómeno, por sua vez, resulta no surgimento de novas centralidades ou novas geografias urbanas noturnas que se distinguem das centralidades diurnas, quer pela atração que estes novos territórios exercem nas pessoas, quer pelo fruto da existência de equipamentos que brotam desenfreadamente em busca de satisfazer as necessidades e tendências perçecionadas, latentes e manifestadas pelas suas diversas *tribos* noturnas.

Os conflitos que se instalam nos centros urbanos, são o resultado de um processo de *liquidez* do quotidiano urbano, que acabou por transformar os bairros em destinos exclusivos para visitantes e turistas, atraindo uma forma de consumo elitista, em detrimento dos seus residentes (Ocejo, 2014). No entanto, a questão dos conflitos que se instalam entre os habitantes das cidades remete para a reflexão sobre quem tem o direito à cidade. E na *Carta Mundial para o Direito à Cidade* (Fórum Social Mundial de 2005), *os habitantes da cidade são todos os que nela habitem de forma permanente ou transitória*. Nesta carta mundial, o direito à cidade é o usufruto equitativo das cidades, incluindo todos os direitos que as pessoas devem ter e que já se encontram regulamentados nos tratados internacionais dos direitos humanos: civis, políticos, económicos, sociais, culturais e ambientais, incluindo também o direito à segurança pública e à convivência pacífica, uma vez que a cidade é um espaço coletivo que pertence a todos os seus habitantes. Deste modo, o foco do direito à cidade centra-se na melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes.

O que acontece é que determinados espaços físicos das cidades passaram a ser de pertença de toda a coletividade, incluindo pessoas que não residem nesses próprios bairros. Quando isso começou a acontecer, os bairros deixaram de ser propriedade exclusiva de quem neles vive, na medida em que os outros moradores da cidade, mesmo que transitórios, passaram também a apropriar os espaços como se fossem deles, ao usufruir destes como espaços de cultura, consumo, lazer e prazer.

A polirritmia de uma cidade centra-se nas atividades da vida consciente dos indivíduos e na relação que estes estabelecem com o espaço. Espaço, indivíduos e atividades entrelaçam-se numa relação polirrítmica. Relação difícil de destringir, mais complicado ainda de gerir. Neste estudo procurou-se, através de uma exposição tríplice, abordar o espectro da cidade noturna em Lisboa. A tradução da polirritmia desta noturnidade foi analisada através dos ângulos das personagens que habitam esta cidade também noturna: os que querem dormir, os que se querem divertir e os que deambulam por entre os interstícios predatórios da cidade.

As personagens que dormem entram em conflito permanente com a economia noturna, conflito esse que se manifesta nos seus anseios, nos seus medos, nas suas preocupações e manifestamente nos seus discursos. Desde o bem-estar e qualidade de vida, aos comportamentos dos frequentadores que são denunciados, ao medo da cidade transgressiva e predatória, à preocupação com os problemas sociais que se manifestam nos territórios até à discursividade da *noturnidade* por excelência. Todas estas questões são prementes, urgentes, angustiantes e angustiadoras.

Aqueles que se divertem permitem-se desfrutar desse gozo de forma criativa, independente da sua condição social. Os jovens relacionam-se com os espaços urbanos de maneiras diferentes, são imaginativos, engenhosos, criadores, férteis em ideias e mais pungentes em ideais. A vida é para ser vivida até ao limite que a vida lhes permite viver. O amanhã não existe. *Hoje* é uma dimensão inadiável, imprescindível, obrigatória, que tem de ser vivida com sofreguidão. É uma necessidade indispensável. Estes jovens são reféns de uma sociedade de produção que controla os seus consumidores, transformando os espaços urbanos noturnos em *consumicidades*. O álcool e as drogas recreacionais são a sua fonte de ignição. Quanto mais depressa estiverem inebriados melhor a noite será usufruída, gozada, desfrutada e possuída. Os jovens reclamam a noite como sendo posse deles

próprios. E assumem-se, pelas dinâmicas de apropriação dos espaços urbanos públicos noturnos, de forma visualmente ostensiva, como os *donos* da noite.

Aqueles que se querem *safar* na noite e que transformam os centros urbanos noturnos em espaços de transgressão, aproveitando-se da vulnerabilidade de uma cidade predominantemente ébria, são igualmente jovens. A própria criminalidade aumenta com o cair da noite, com a *noturnidade*, em lugares de grande densidade ocupacional do espaço público, as chamadas *crowded spaces*. A noite é sedutora à criminalidade, é o espaço-tempo privilegiado desta. E a criminalidade gosta da noite. A noite convida à transgressão e a transgressão sente-se à vontade no palco noturno. A noite inebria quem quer desfrutar da *consumicidade* e atrai quem sabe que a cidade noturna é vulnerável, frágil, indefesa, desprotegida e, conseqüentemente, atacável. E a criminalidade afirma-se encoberta pelo manto protetor da escuridão e pelos comportamentos ausentes de discernimento ou de razão. A noite amanha-se ao inevitável abraço da transgressão que assume no palco noturno, o máximo fulgor da sua essência. A noite metamorfoseia-se numa sereia cujo canto encanta e seduz quem nos seus mares navega, revelando uma fragilidade e vulnerabilidade capazes de atrair predadores e parasitas vários cuja escuridão parece alimentar.

Explorou-se o papel da regulação, que, por um lado privilegia o desenvolvimento de atividades relacionadas com o entretenimento noturno como forma de revitalizar os seus centros urbanos, capitalizar a economia da cidade e impulsionar o turismo, promovendo-a como uma cidade global na hierarquia de importância do sistema global comercial; por outro lado, - e pressionados pelos atores que exercem um papel mediador nas questões dos problemas que assolam os habitantes permanentes da cidade -, experimentam sistematicamente e sucessivamente fórmulas diversas para aplicação de medidas coercivas e disciplinadoras de forma a regular a própria atividade noturna. A fórmula ideal não foi, no entanto, descoberta. Concentram-se nos espaços fechados, esquecem-se dos espaços abertos. A rua é o foco de todos os conflitos. E por isso a rua foi a minha janela de observação para este estudo.

Termino esta minha digressão sobre a noite, dizendo que, tal como o dia, a noite é um espaço-tempo de vivências, onde o ser humano se procura concretizar enquanto pessoa, sendo também um espaço-tempo para cada um, dentro dos seus pressupostos de vida atingir, ou procurar atingir os seus objetivos. Ao contrário do que as pessoas pensam, as

idades nunca dormem, e por isso a *noturnidade*, paulatinamente se tem vindo a sobrepor à urbanidade. Os problemas relacionados com a noite impõem dinâmicas que a própria urbanidade dificilmente vai conseguir combater. Afinal, as conceções existentes sobre o dia e a noite são contraditórias com a realidade, porque a luz e o brilho não se extinguem com o aflorar da noite.

Ilustração 13. Lisboa à noite



Fonte: Foto de Carlos Fernandes publicada no Facebook em 2 de dezembro de 2017

EPÍLOGO. CARPE NOCTEM

“*What hath night to do with sleep?*”

John Milton, *Paradise Lost* (1667)

A noite enquanto reino absoluto de Kómos²¹, comprova o paradoxo de Olbers²², já anteriormente afirmado e defendido por Kepler em 1596²³, bem como por Halley²⁴ e Cheseaux²⁵, nos séculos XVII e XVIII, respetivamente. O paralelismo estabelecido com este postulado da astrofísica serve, neste contexto, para argumentar que o manto escuro da noite, revela um universo dinâmico de vida e interações, cuja luz só é observável no contraste destes dois planos e provando a existência uma constelação de atores imbricados num cenário permanente de não *estaticidade*. Não se pense, porém, que este contraste pressupõe uma divisória estanque e moral entre o que Santo Agostinho apelou de *Civitas Dei*, a cidade celeste e de *Civitas Diaboli*, a cidade terrena²⁶. Se na obra de Santo Agostinho, as duas cidades não se distinguem por uma linha de fronteira, mas por uma subtilidade atinente à maneira de ser dos homens, ao espírito e finalidades com que atuam, e à sua forma de vida, onde quer e quando atuem (Amaral, 2011); a urbe contemporânea – filha inequívoca da *modernidade líquida* de Bauman (2001) – também ela se torna *líquida* no esmaecimento de referências e padrões tradicionais, face a uma complexidade crescente de globalização social, económica e cultural.

O meio das cidades passou a ser caracterizado por uma cosmopolitização ubíqua e omnipresente na vida quotidiana (Beck, 2017), enfraquecendo as solidariedades comunitárias e as suas capacidades reguladoras. A *liquidez* volta a manifestar-se no conjunto das relações sociais, reduzindo-se a uma circunscrição tradicional baseada na proximidade, em prol de uma fragmentação e especialização resultante desta modernidade:

²¹ Divindade grega, filho de Baco e de Circe, preside a todos os prazeres da mesa, libações, festividades noturnas e folia associada à dança e bebida (Schmidt, 2011).

²² Paradoxo da noite escura que argumenta que a escuridão do céu está em contradição com a hipótese de um universo infinito e estático. A escuridão do céu é uma das evidências do não estaticidade do universo.

²³ https://en.wikipedia.org/wiki/Olbers%27_paradox

²⁴ https://en.wikipedia.org/wiki/Johannes_Kepler

²⁵ https://en.wikipedia.org/wiki/Edmond_Halley

²⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Philippe_de_Ch%C3%A9seaux

²⁶ De Civitate Dei (A Cidade de Deus) obra de Santo Agostinho, onde descreve o mundo, dividido entre o dos homens (o mundo terreno) e o dos céus (o mundo espiritual).

trabalhamos com uns, coabitamos com outros e é ainda com outros que nos distraímos (Cusson, 2006).

A fragmentação da sociabilidade em torno das várias redes que a cidade impõe, fragiliza os valores e a noção de normatividade comunitária, impondo uma normatividade indireta de maior regulação dos comportamentos - menos globais e, portanto, menos exigentes, em função da tipologia e modo de relação produzidas em cada vetor de sociabilidade: aqui de lazer, ali profissional e acolá de coabitação (Cusson, 2006). Esta especialização dos espaços ou *zonificação*, assume uma análoga atribuição de significados e comportamentos, cujo entrecruzamento e proximidade física se torna menos relevante que a natureza de relações sociais aí geradas (Cusson, 2006).

A noção simplista de uma comunidade, baseada na socialização e interação no seu ambiente local, é revogada pela osmose, absorção, difusão ou colisão com outras fontes de significado, construção e reconhecimento social, resultante da interseção dos diferentes fluxos urbanos migratórios ou residentes num determinado espaço (Castells, 2007). A tensão gerada no espaço urbano assume, desta forma, uma natureza *tríbia* resultante das percepções e expectativas dos seus diferentes protagonistas, o *morador*, o *hedonista* e o *perpetrador*, face a um presente em expansão e que resulta do que foi, do que é e do que poderá vir a ser *tempo tríbio*²⁷. Nesta tensão, podemos constatar a existência de um *realpolitik* cosmopolita (Beck, 2005) na qual as relações de poder tendem a basear-se em considerações práticas e profundamente impactadas pelos efeitos económicos do neocapitalismo liberal na esfera urbana, nomeadamente na crescente atenção dada a uma economia cultural e boémia, potenciada por uma acentuada inflação e especulação imobiliária.

A rarefação da noite enquanto fronteira metafórica tradicional no estudo sociológico, tem resultado da constante expansão do *dia* urbano capitalista para um contexto de *afterhours*, no qual é patente uma crescente multiplicidade e complexidade de estruturas, experiências, atores e vivências exclusivamente noturnas (Shaw, 2015). Enquanto começa a maturar uma *ciência social noturna*, a fragmentação da fronteira dia/noite sugere o começo da adoção da expressão *vida urbana*, em detrimento de qualquer outra categorização que divida ou restrinja as dinâmicas em função de horários solares ou

²⁷ Conceito de tempo tríbio, conforme apresentado por Freyre, Gilberto. *Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

laborais. A cidade de hoje em dia dorme, diverte-se e trabalha num movimento interativo e perpétuo, quer se trate de dia ou de noite. Como resultado, a noite sujeita-se a uma cada vez maior atenção e regulação pela *governance*, verificando-se uma constrição do tradicional modo noturno de resistência e *exterioridade* ao poder institucional (Shaw, 2015), num contrabalanço evidente através das redes digitais sociais e de informação.

Contudo, o desvanecimento da fronteira tradicional dia/noite não significa a sua fusão ou esbatimento num plano só. Bem pelo contrário, afirma um período de vida noturno tão fulgurante e dinâmico quanto o diurno, e revela uma espaço-temporalidade com os seus próprios atores e significados sociais. Apesar de uma crescente globalização e crescimento da economia noturna, bem como de uma maior regulação e intervenção institucionais existem e continuarão a existir momentos de diferença, alteridade e vivência informal noturna (Shaw, 2015b). A noite é mais do que um mero conceito associado a um período de escuridão. A noite é, claramente, resultado de uma construção a partir de hábitos e práticas, mais do que a que resulta dos ritmos circadianos de luz e escuridão. A noite é, ela própria, um pulsar de diferentes *ritmos* (Shaw, 2012).

Das várias tradições que procuraram uma compreensão do ritmo, a ritmanálise de Lefebvre (2008 (1992)), descreve da melhor forma o potencial que os ritmos oferecem, desde os padrões de som e cheiro, luz e escuridão, calor e frio, movimento e silêncio, todos estes sincronizados e padronizados, numa estrutura espaço-temporal e, portanto, agrupadas funcionalmente.

A identificação e estudo destes diferentes *ritmos* suscitam o interesse na forma como os diferentes espaços e experiências são orquestradas em autênticas *sinfonias urbanas* através da interação dos diferentes e múltiplos ritmos. Os ritmos urbanos sincronizam-se criando os seus padrões de menor ou maior atividade, espaço para que outros ritmos surjam e se afirmem, não numa perspetiva de causalidade, mas de implicância mútua e na qual – a noite em particular – é palco de uma renegociação contínua de coexistências e redefinição de significados (Shaw, 2014).

A Ode a Leucónoe de Horácio (65 a.C.- 8 a.C.), nomeadamente a ode nº11 do Livro 1 das Odes, é universalmente conhecida pelo seu último verso: *carpe diem, quam minimum credula postero* é dirigida a uma mulher, Leucónoe, e pretende afirmar que não sabemos que vida nos espera, para além da morte, os deuses sabem o que nos convém, ainda que o não entendamos, por isso, aproveita o dia que passa (Mourão Ferreira, 2003).

A cultura popular contemporânea notabilizou igualmente a expressão *carpe diem*, através do filme de 1989 intitulado *O Clube dos Poetas Mortos*, no qual um professor de literatura incitava os seus alunos a *viverem o dia*, fazendo de tudo para tornarem as suas vidas extraordinárias. Os diferentes ritmos constantes numa polirritmicidade expõem os efeitos de uma vivência *exigente* e de uma *cultura de urgência*, na qual tudo tem de ser experimentado, sentido, vivido, conquistado, antes que seja tarde demais, pois o amanhã poderá não existir (Castells, 2007; Sanchez & Pedrazzini, 1996). Os jovens e os comportamentos que estes adotam durante os momentos que experienciam a vida noturna, são a materialização desta expressão.

Então é a noite que se assume como *Carpe Noctem*. E esta complexa existência urbana, quase nos remete para a emergência de uma nova ciência social, uma *urbanosofia*, aproximação entre duas áreas ainda estranhas entre si, estudos urbanos e a filosofia (Netto, 2013) focada nas questões gerais e fundamentais relacionadas com a existência urbana, as suas linguagens, valores, conceitos e processos.

Convém, no entanto, aludir que uma *urbanosofia* implica uma ponderada reflexão sobre o que poderemos considerar de *existencialismo urbano*. Se Sartre considera que para a realidade humana, a existência precede a essência, mais exatamente, *como o seu ser (do homem) é fonte e condição de toda a possibilidade, é a sua existência que implica a sua essência* (Sartre, 1943, cit. Paisana, 1991:145) será o *ser urbano* a essência implicada da existência do ser humano, ou será o *ser humano* atual uma essência implicada de uma existência urbana?

Estes dilemas são intrínsecos à natureza humana e são transversais a todas as épocas da própria existência humana. A expressão *What hath night to do with sleep?* de John Milton, pretende exatamente dizer que a noite não é necessariamente apenas só para dormir. A sociabilidade, ou a capacidade de viver, sobreviver e existir em coletividade parece ser uma das melhores causas do ser humano. E porque não fazê-lo também ao longo da noite?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia

- Agier, Michel (2011), *Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos*, São Paulo, Editora Terceiro Nome.
- Agostinho, Santo (2006 ()) *Cidade de Deus*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, Diana, João Fumega e Teresa Alves (2011), “A noite como produto turístico a integrar no planeamento urbano”, *Finisterra*, XLVI, 92, pp. 43-64.
- Alves, Teresa e António Ramos (1997), “Lisboa Ribeirinha: do trabalho ao lazer”, *Lisboa Ribeirinha II, Colóquio Temático – Atas das Sessões*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Alves, Teresa (2009), *Geografia da noite: conhecer, compreender e repensar os territórios*, Relatório de programa para provas de agregação, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Alves, Teresa (2011), “Gestão da noite e oportunidades de desenvolvimento dos territórios”, *Perspetivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, (1), 2, pp. 4-42.
- Amaral, Diogo (2011), *História do Pensamento Político Ocidental*, Coimbra, Almedina.
- Anderson, Elijah (1978), *A place on the corner*, Chicago e London, The University of Chicago Press.
- Anderson, Elijah (1998), “The Social Ecology of Youth Violence, Crime and Justice”, *Youth Violence* (24), pp. 65-104.
- Andrade, Luciana, Joana Lucas e Luís Baptista (2015), “Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos” *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (XXIX), pp. 129-146.
- Augé, Marc (1994), *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Campinas, Papirus.
- Balula, Luís (2010), “Espaço Público e Criatividade Urbana: A dinâmica dos lugares em três bairros culturais”, *Cidades – Comunidades e Territórios*, 20/21, pp. 43-58.
- Baptista, Luís (2003), “Territórios, imagens e poder”, Graça Cordeiro, Luís Baptista e António Firmino da Costa (Orgs.), *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta Editora, pp. 35-42.
- Barel, Yves (1982), *La Marginalité sociale*, Paris, Presses Universitaires de France, pp. 7.
- Baudrillard, Jean (1969), “The ideological genesis of needs”, Juliet Schor e Douglas Holt (2000), *The Consumer Society Reader*, New York, The New Press, pp. 57-80.
- Bauer, Franz (2006), “The Chirico as architect: space and void in conceptions of the city between the world wars”, Christian Emden, Catherine Keen e David Midgley (Eds.), *Imagining the city*, Bern, Peter Lang, pp. 171-189.

- Bauman, Zigmunt (2001), *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Beaud, Stéphane e Florence Weber, (2007 (1998)), *Guia para pesquisa de campo. Produzir e Analisar dados etnográficos*, Rio de Janeiro, Edição Vozes.
- Beauregard, Robert (1986), “The chaos and complexity of gentrification”, Loretta Lees, Tom Slater e Elvin Wyly (2010) (orgs.), *The gentrification reader*, New York, Routledge, pp. 11-23.
- Beck, Ulrich (2005), *Power in the global age: A new global political economy*, Cambridge, Polity Press.
- Beck, Ulrich (2017), *A Metamorfose do Mundo*, Lisboa, Edições 70.
- Block, Richard e Carolyn Block (1995), “Space, place and crime: hot spot areas and hot places of liquor-related crime”, Ronald Clarke (Ed.), *Crime Prevention Studies*, New York, Willow Tree Press Inc, pp. 145-183.
- Bole-Richard, Aymeric, (2008), *Pedonalidade no Largo do Rato: micro-poderes*, Lisboa, Associação de Cidadãos Automobilizados.
- Borelli, Silvia, Rita Oliveira e Rose Rocha (2008), “Jovens urbanos: trajetórias partilhadas de pesquisa (2002/2008)”, *ponto-e-vírgula*, 4, pp. 231-253.
- Bourdin, Alain, (2005), *La métropole des individus*, France, L'aube essai.
- Bourdieu, Pierre (1983), “A 'juventude' é apenas uma palavra”, Pierre Bourdieu, *Questões de sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero, pp. 112-121.
- Brantingham, Patrícia e Paul Brantingham (1995), “Mapping crime for analytic purposes: location quotients, counts, and rates”, Ronald Clarke (Ed.), *Crime Prevention Studies*, New York, Willow Tree Press Inc, pp. 263-288.
- Buerger, Michael, Ellen Conn e Anthony Petrosino (1995), “Defining the *hot spots of crime*: operationalizing theoretical concepts for field Research”, Ronald Clarke (Ed.), *Crime Prevention Studies*, New York, Willow Tree Press Inc, pp. 237-257.
- Calafat et al (2003), *Enjoying the nightlife in Europe. The role of moderation*, Palma de Mallorca, IREFREA ESPAÑA.
- Carita, Hélder (1994), *Bairro Alto tipologias e modos arquitetónicos*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Castells, Manuel (1999), *A sociedade em rede*, São Paulo, Paz e Terra.
- Castells, Manuel (2007), *O Poder da Identidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castilho, Júlio (1893), *A Ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre de Deus até Santos-o-Velho*, XXII, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Chatterton, Paul (1999), “Exclusive geographies: university students in the city”, *Geoforum*, 30, 117-133.

- Chatterton, Paul (2002), “Governing Nightlife: Profit, Fun and (Dis) Order in the Contemporary City”, *Entertainment Law*, (1), 2, pp.23–49.
- Chatterton, Paul (2002b), “Divisions in the Dark: Youth Cultures, Transitions and Segmented Consumption Spaces in the Night-time Economy”, *Journal of Youth Studies*, (5), 2, pp. 153-171.
- Chatterton, Paul e Robert Hollands (2002), “Theorizing Urban Playscapes: Producing, Regulating and Consuming Youthful Nightlife City Spaces”, *Urban Studies*, (39), 1, pp. 95–116.
- Chaves, Miguel (2000), “Dar à fuga: comunidade e sujeito num contexto de narcotráfico”, *Análise Social*, vol. XXXIV (153), pp. 893-932.
- Clemente, Pedro (2012), “Políticas de Segurança – Desafios e Rumos”, António Lara (coord.), *Caos Urbano*, Lisboa, Edições Pactor, pp. 91-117.
- Clifford, Edward (1963), “Social visibility”, *Children development*, (34), 3, pp. 799-808. <http://www.jstor.org/pss/1126773>.
- Cohen, Lawrence e Marcus Felson (1979), “Social Change and Crime Rate Trends: A Routine Activity Approach”, *American Sociological Review*, (44), 4, pp. 588-608.
- Compans, Rose (2004), *O empreendedorismo urbano: entre o discurso e a prática*, São Paulo, ENESP
- Cordeiro, Graça (1997), *Um lugar na cidade: quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*, Dom Quixote, Lisboa.
- Cordeiro, Graça (2001), “Territórios e identidade sobre escalas de organização sócio espacial num bairro de Lisboa”, *Estudos Históricos*, 28, Rio de Janeiro, pp. 125-142.
- Cordeiro, Graça (2003), “Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca”, *Sociologia, Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, (3), pp. 185-199.
- Cordeiro, Graça (2003b), “A antropologia urbana entre a tradição e a prática”, Graça Cordeiro, Luís Baptista e António Firmino da Costa (Orgs.), *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta Editora, pp. 3-34.
- Cordeiro, Graça (2010), “As cidades fazem-se por dentro: desafios de etnografia urbana”, *Cidades, Comunidades e Territórios*, (20/21), pp. 111-121.
- Costa, Pedro (2009), *Bairro Alto-Chiado: Efeitos de meio e desenvolvimento sustentável de um bairro cultural*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Costa, Pedro (2013), “Bairro Alto revisited: reputation and symbolic assets as drivers for sustainable innovation in the city”, *Dinamiacet*. DOI: 10.7749/dinamiacet-iul.wp.2013.14.
- Costa, Pedro e Ricardo Lopes (2012), “Urban design, public space and the dynamics of creative milieus: a photographic approach to Bairro Alto (Lisboa), Gracia (Barcelona) and Vila Madalena (São Paulo)”, *Dinamiacet*.

- Costa, Pedro e Ricardo Lopes (2016), “Dos dois lados do espelho: diálogos com um bairro cultural através da intervenção urbana”, *Dinamiacet*. DOI: 10.15847/dinamiacet-iul.wp.2016.04.
- Craveiro, João (1994), “Ambiente urbano: desigualdades e constrangimentos na cidade de Lisboa”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, 15, pp. 113-122.
- Crivello, Silvia (2011), “Spatial dynamics in the urban playscape: Turin by night”, *TPR*, (6), 82, pp. 709-731.
- Cusson, Maurice (2006), *Criminologia*, Cruz Quebrada, Casa das Letras.
- Da Matta, Roberto (1974), “O ofício de Etnólogo ou como ter Anthropological Blues”, *Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, Rio de Janeiro.
- Da Matta, Roberto (1997), *A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil*, (5ª ed.) Rio de Janeiro, Rocco.
- Doxiadis, Constantino (1960), “The Death of Our Cities”, *5th Working Conference on Urban Renewal*, North Carolina, U.S.A., NAHRO, pp. 1-12.
- Dumazedier, Joffre (1979), *Sociologia empírica do lazer*, São Paulo, Perspetiva.
- Dumazedier, Joffre (1988), *Revolution Culturelle du temps libre 1968-1988*, Paris, Méridiens Klincksieck.
- Duneier, Mitchell e Harvey Molotch (1999), “Talking City Trouble: Interactional Vandalism, Social Inequality, and the Urban Interaction Problem” *The American Journal of Sociology*, Vol. 104, No. 5 (March 1999), pp. 1263-1524.
- Durão, Susana (2008), *Patrulha e Proximidade. Uma Etnografia da Polícia em Lisboa*, Lisboa, Almedina.
- Eck, John e David Weisburd (1995), “Crime Place in Theory”, Ronald Clarke (ed.), *Crime Prevention Studies*, New York, Willow Tree Press Inc, pp. 1-34.
- Elias, Norbert e Eric Dunning (1992), *A busca da excitação*, Lisboa, Difel.
- European Forum for Urban Security (2013), *Safer Drinking Scenes: Alcohol, City and Nightlife*, Paris, EFUS.
- Feixa, Carles e Tanja Strecker (2015), “Juvenile Chronotopes: space, time and youth”, Johanna Wyn e Helen Cahill (Eds.), *Handbook of children and youth studies*, Singapore, Springer Science + Business Media, pp. 735-748.
- Feixa, Carles, Carmen Leccardi e Pam Nilan (2016), “Introduction: chronotopes of youth,” Carles Feixa et al. (Eds.), *Youth, Space and Time*, Boston, Brill, pp. 1-18.
- Fernandes, Luís (1990), *Os pós-modernos ou a cidade, o sector Juvenil e as drogas – Estudo teórico metodológico e pesquisa de terreno*, Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Fernandes, Luís (1999), *O Sítio das drogas*, 3ª ed., Lisboa, Editorial Notícias.

- Fernandes, Luís (2003), “A imagem predatória da cidade”, Graça Cordeiro, Luís Baptista e António Firmino da Costa (Orgs.), *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta Editora, pp. 53-61.
- Fernandes, Luís e Ximenes Rego (2011), “Por onde anda o sentimento de insegurança? Problematizações sociais e científicas do medo à cidade”, *etnográfica*, 15 (1), 167-181.
- Firmino da Costa, António (2008 (1999)), *Sociedade de Bairro, Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural* (2ª Ed.), Lisboa, Celta Editora.
- Firmino da Costa, António (1986), “A Pesquisa de terreno em sociologia”, Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (Orgs), *Metodologia das ciências sociais*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 129-148.
- Freyre, Gilberto (1973), *Além do Apenas Moderno. Sugestões em torno de Possíveis Futuros do Homem, em geral e do Homem Brasileiro, em particular*, Rio de Janeiro, José Olympio.
- Frúgoli Jr., Heitor (2013), “Relações entre múltiplas redes no Bairro Alto (Lisboa)”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, (28), 82, 17-30.
- Frúgoli Jr., Heitor (2014), “Festas populares em Lisboa: uma etnografia a partir do Bairro Alto”, *etnográfica*, (18), 1, pp. 77-98.
- Gama, Elisabete e Ilda Miranda (1997),” Lisboa Ribeirinha e as suas Estações – Síntese Histórica”, *Lisboa Ribeirinha, II Colóquio Temático – Atas das Sessões*, Câmara Municipal de Lisboa.
- Gato, Maria Assunção, Filipa Ramalheite e Nuno Soares (2011), “A Multipli (cidade) do Bairro”, *Second International Conference of Young Urban Researcher*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Instituto Universitário de Lisboa.
- Giddens, Anthony (2008), *Sociologia*, (6ª ed.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Glass, Ruth (1964), “London: aspects of change”, Loretta Lees, Tom Slater e Elvin Wyly (2010) (Orgs.), *The gentrification reader*, New York, Routledge, pp. 7-8.
- Glass, David e Jerome Singer (1972), *Urban Stress. Experiments on Noise and Social Stressors*, xiv, New York.
- Goffman, Erving (1988), *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Brasil, Livros Técnicos e Científicos Editora.
- Goheen, Peter (1998), “Public space and the geography of the modern city” *Progress in Human Geography*, 22, 4, pp. 479-496.
- Gomes, Bruno (2013), “A rua e o bairro na construção da imagem da cidade. Turismo e transformação num bairro de Lisboa”, *SICYurb – Proceedings of the Second International Conference of Young Urban Researchers, Building and Living the Urban Space Housing, Tourism and Segregation*, vol. VI.
- Gottlieb, Alma (2006), “Ethnography: Theory and Methods”, Ellen Perreman e Sara Curren (Eds.), *A Handbook for Social Science Field Research, Essays & Bibliographic Sources on Research Design and Methods*, USA, SAGE Publications, pp. 47-68.

- Grosso, Luís (2015), “Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis”, *Em Tese*, (12), 1, pp. 1-33.
- Gwiazdzinski, Luc (2005), *La nuit, dernière frontière de la ville*, Paris, Éditions de l’Aube.
- Hae, Lam (2011), “Dilemmas of the Nightlife Fix: Post-industrialization and the Gentrification of Nightlife in New York City”, *Urban Studies*, (16), 48, pp. 3449-3465.
- Hae, Lam (2011b), “Gentrification and Politicization of Nightlife in New York City”, *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, (3), 11, pp. 564-584.
- Hagan, Frank (1997), *Research Methods in Criminal Justice and Criminology*, London, Allyn and Bacon.
- Harvey, David (1989), *The condition of postmodernity: an inquiry into the origins of cultural change*, Cambridge, Blackwell.
- Hoffman, Lily, Susan Fainstein e Denis Judd (2003), *Cities and visitors: regulating people, markets and city places, USA*, Blackwell Publishing.
- Hollands, Robert e Paul Chatterton (2002), “Changing time for an old industrial city: hard times, hedonism and corporate power in Newcastle’s nightlife”, *City*, (6), 3, pp. 291-315.
- Jacobs, Jane (2000 (1961)), *Morte e Vida de Grandes Cidades*, São Paulo, wmf Martins Fontes.
- Jayne, Mark (2006), *Citys and consumption*, London e New York, Routledge.
- Jayne, Mark, Sarah Holloway e Gil Valentine (2006), “Drunk and disorderly: alcohol, urban life and public space”, *Progress in Human Geography*, (4), 30, pp. 451-468.
- Krupat, Edward (1985), *People in Cities: The Urban Environment and Its Effects*, New York, Cambridge University Press.
- Lefebvre, Henri (1974), *La production de l’espace*, Paris, Ed Anthropos.
- Lefebvre, Henri (1999), *A Revolução Urbana*, Belo Horizonte, EDUFMG.
- Lefebvre, Henri (2001), *O direito à cidade*, São Paulo: Centauro Editora.
- Lefebvre, Henri (2008 (1992)), “Elements of Rhythmanalysis: na introduction to understanding of rhythms”, Henri Lefebvre, *Rhythmanalysis. Space, Time and Everyday Life*, Londres, Continuum, pp. 1-70.
- Liemp, Ilse, Irina Aalst and Tim Schwanen (2014), “Geographies of the urban night”, *Urban Studies*, pp. 1-15.
- Lopes, Ricardo (2014), “Do Bairro Alto ao Cais do Sodré. Criatividade, informalidade e recomposição física, social, funcional e económica”, *Rossio.estudos de Lisboa*, 4, 80-93.
- Loukil, Besma (2009), *Pour une meilleure viabilité des parcs publics urbains tunisiens : une géographie des incivilités et des délits dans les parcs publics des villes de la Tunisie du nord*. Paris, École doctorale ABIÉS.

- Lourenço, Nelson, (2012), “Violência Urbana e Sentimento de Insegurança”, Jorge Gouveia (Coord.), *Estudos de Direito e Segurança*, vol. II, Coimbra, Almedina, pp. 347-366.
- Lovatt, Andy e Justin O’Connor (1995), “Cities and the night-time economy”, *Planning practice of research*, (10), 2, pp. 127-133.
- Lynch, Kevin (1982 (1960)), *A Imagem da Cidade*, Edições 70, Lisboa.
- Machado Pais, José (1990), “Lazeres e sociabilidades juvenis — um ensaio de análise etnográfica”, *Análise Social*, vol. XXV (108-109), 4. ° e 5. °, pp. 591-644.
- Machado Pais, José (1993), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Maffesoli, Michel (1998) *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária.
- Magnani, José (1993), “Rua, símbolo e suporte da experiência urbana”, *Cadernos de História de São Paulo*, (2), São Paulo, Museu Paulista – USP.
- Magnani, José (2002), “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, (17), 49, pp. 11-30.
- Magnani, José (2005), “Os circuitos dos jovens urbanos”, *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 17 (2), 173-205.
- Magnani, José (2007), “Introdução: Circuitos de Jovens”, José Magnani e Bruna de Souza (Org.), *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*, São Paulo, Editora Terceiro Nome, pp. 15-22.
- Malet, Calvo (2017), “Understanding international students beyond studentification: A new class of transnational urban consumers. The example of Erasmus students in Lisbon (Portugal)”, *Urban Studies*, pp. 1-17.
- Malet Calvo, Daniel, Jordi Nofre e Miguel Geraldés (2017), “The Erasmus Corner: place-making of a sanitised nightlife spot in the Bairro Alto (Lisbon, Portugal)”.
- Mangorinha, Jorge (1997), “Termalismo na Lisboa Ribeirinha: Séculos XVIII-XX”, *Lisboa Ribeirinha, II Colóquio Temático – Atas das Sessões*, Câmara Municipal de Lisboa.
- May, Reuben (2014), *Urban Nightlife: Entertaining race, class and culture in public space*, New Jersey e London, Rutgers University Press.
- Mendes, Luís (2008), *Nobilitação urbana no Bairro Alto: análise de um processo de recomposição sócio espacial*, Dissertação de Mestrado em Geografia – Estudos Urbanos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mendes, Luís (2013) “Marginal Gentrification as Emancipatory Practice: An Alternative to the Hegemonic Discourse of the Creative City?” *RCCS Annual Review*, 5.
Disponível em: <http://rccsar.revues.org/513#tocfrom1n1>.
- Milton, John (1667), *Paradise Lost*, England, Dover Publications.

- Mourão-Ferreira, David (2003), "Horácio - Carpe diem. Ode a Leucónoe" *Revista Colóquio/Letras*, Tradução de Poesia, 163, pp. 103.
- Neto, Theodomiro (2006), "Em busca de um conceito de nova prevenção", *Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas*, REJ.03.01/06 1.
- Netto, Vinicius (2013), "A urbanidade como devir do urbano", *EURE (Santiago)*, (39), 118, <http://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612013000300010>.
- Nofre, Jordi (2013), "Vintage Nightlife": Gentrifying Lisbon downtown, *Fennia*, (191), 2, pp. 106-121. ISSN 1798-5617.
- Nofre, Jordi (2013), "De lo sórdido a lo vintage, de la marginalización a la distincion. Gentrification y ocio nocturno, em Cais do Sodré, Lisboa", *Fórum Sociológico*, Série II, 23, pp. 1-14.
- Noschis, Kaj (2011), *Signification affective du quartier*, (2^a ed.), Lausanne, Comportements.
- OCDE (2011), *How's life*, OCDE.
- Ocejo, Richard (2014), *Upscaling Downtown: From Bowery Saloons to Cocktail Bars in New York City*, Oxford, Princeton University Press.
- Paisana, João (1991), Existencialismo, Manuel Maia Carrilho e João Sá Água (Dirs.), *Dicionário do Pensamento Contemporâneo*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- Park, Ezra, Ernest Burgess and Roderick McKenzie (1967 (1925)), *The City*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Pavel, Fabiana (2011), "Bairro Alto: Renovação e Reabilitação, Identidade e risco de Gentrification", *VIII Congresso Ibérico de Urbanismo*, Lisboa, FAUTL, CIAUD, pp. 1-11.
- Pereira, Patrícia e Jordi Nofre (2011), "Rebuilding urban morphology: new centralities and urban inequalities in Southern European cities", *Sociologia On Line*, 2, pp. 655-684.
- Pike, Kenneth (1954), *Emic and etic standpoints for the description of behaviour*, Glendale, IL, Summer Institute of Linguistics.
- Pujadas, Joan (2003), "Territórios, redes e formas de sociabilidade: novos horizontes nos estudos urbanos portugueses", Graça Cordeiro, Luís Baptista e António Firmino da Costa (Orgs.), *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta Editora, pp. 211-218.
- Rego, Ximenes (2014), *A Imagem Predatória da Cidade. Uma Etnografia Urbana do Medo*, Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Antropologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa.
- Roché, Sébastien (1995), "Le sentiment d'insécurité — Insécurité et libertés", *Revue française de science politique*, 45, 2 pp. 336-340.
- Rodrigues, Cláudia (2016), *A Cidade Noctívaga: Ritmografia Urbana de um party district na cidade do Porto*, Tese de submetida como requisito para obtenção do grau de Doutor em Cidades e Culturas Urbanas, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

- Rodrigues, Walter (1992), “Urbanidade e novos estilos de vida”, *Sociologia - Problemáticas e Práticas*, 12, pp. 91-107.
- Rolim, Liz Cintra (1989), *Educação e lazer: a aprendizagem permanente*, São Paulo, Editora Ática.
- Rose, Damaris (1984), “Rethinking gentrification: beyond the uneven development of Marxist Urban Theory”, Loretta Lees, Tom Slater e Elvin Wyly (2010) (Orgs.), *The gentrification reader*, New York, Routledge, pp. 195-219.
- Samuel, Nicole, e Madeleine Romer (1984), *Le temps libre : Un temps social*, Paris, Librairie des Meridiens.
- Sanchez, Magaly e Yves Pedrazzini (1996), *Los Malandros: la culture de l'urgence chez les jeunes des quartiers populaires de Caraca*, Paris, Fondation Humanisme et Development.
- Sanchez, Maria do Carmo e Humberto Martins (2000), “Traços Noturnos (Percurso juvenis na noite do Bairro Alto)”, José Machado Pais (Coord.), *Traços e Riscos de Vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenil*, 2ª Edição, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 217-260.
- Santos, Alexandre (2004), “A importância da ética na investigação”, *Revista Portuguesa de Cardiologia*, 23 (4), Lisboa, pp. 627-644.
- Schmidt, Joel (2011), *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Lisboa, Lexis 70.
- Schwanen, Tim, Irina Van Aalst, Jelle Brands e Tjerk Timan (2012), “Rhythms of the Night: Spatiotemporal Inequalities in the Night-time Economy”, *Environment and Planning A*, 44, pp. 2064-2085.
- Sedas Nunes, João (1998), “Perfis Sociais Juvenis”, Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (Coords.), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta Editora, pp. 1-50.
- Shaw, Robert (2012), *Practising the Urban Night in Newcastle-upon Tyne: Rhythms, Frames, Affects, Assemblages and Subjectivities*, Durham theses, Durham University. Available at Durham E-Theses Online: <http://etheses.dur.ac.uk/3536/>.
- Shaw, Robert (2014), “Controlling darkness: self, dark and the domestic night”, *Cultural Geographies*, <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1474474014539250>.
- Shaw, Robert (2015), “Night as Fragmenting Frontier: Understanding the Night that Remains in an era of 24/7”, *Geography Compass Journal*, 9, pp. 637–647.
- Shaw, Robert (2015b), “Alive after five: Constructing the neoliberal night in Newcastle upon Tyne”, *Urban Studies*, Durham University, Durham, 52 (3), pp. 456-470.
- Sherman, Lawrence (1995), “Hot spots of crime and criminal careers of place”, Ronald Clarke (Ed.), *Crime Prevention Studies*, New York, Willow Tree Press Inc, pp. 35-52.
- Sieber, Tim (2008), “Ruas da cidade e sociabilidade pública: um olhar a partir de Lisboa”, Graça Cordeiro e Frédéric Vidal (Orgs.), *A rua: espaço, tempo, sociabilidade*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 47-64.

- Silva, Augusto Santos (1986), “A ruptura com o senso comum nas ciências sociais”, Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs), *Metodologia das ciências sociais*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 29-53.
- Silva, Augusto Vieira (1930), *Os bairros de Lisboa*, Lisboa, Imprensa Lucas.
- Simmel, Georg (2009 (1903)), *As grandes cidades e a vida do espírito*, Covilhã, LusoSofia.
- Smith, Andrew e Stephen Stansfield (1986), “Aircraft noise exposure, noise sensitivity, and everyday errors”, *Environment and Behavior*, 18, pp. 214-226.
- Smith, Andrew (1990), “Noise, performance efficiency and safety”, *International Archives of Occupational and Environmental Health*, 62, 1, pp. 1-5.
- Smith, Neil (1979), “Toward a theory of gentrification: a back to the city movement by capital, not people”, Loretta Lees, Tom Slater e Elvin Wyly (2010) (Orgs.), *The gentrification reader*, New York, Routledge, pp. 85-97.
- Smith, Neil (1984), “Commentary: Gentrification and the rent Gap”, Loretta Lees, Tom Slater e Elvin Wyly (2010) (Orgs.), *The gentrification reader*, New York, Routledge, pp. 99-102.
- Smith, Neil e Peter Williams (1986), “Alternatives to orthodoxy: invitation to a debate”, Loretta Lees, Tom Slater e Elvin Wyly (2010) (Orgs.), *The gentrification reader*, New York, Routledge, pp. 9-10.
- Smith, Neil (1987), “Commentary: Gentrification and rent gap” Loretta Lees, Tom Slater e Elvin Wyly (2010) (Orgs.), *The gentrification reader*, New York, Routledge, pp. 99-102.
- Soares, Luís (1999), “Por uma genealogia da noite na cultura ocidental”, *História: fronteiras. Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História*, São Paulo, Humanitas-FFLCH-USP/ANPUH, pp. 935-948.
- Talbot, Deborah (2007), *Regulating the Night: Race, Culture and Exclusion in the Making of the Night-Time Economy*, United Kingdom, Taylor & Francis Ltd.
- Taylor, Ralph (1998), “Crime and Small-Scale Places: What We Know, What We Can Prevent, and What Else We Need to Know”, Jeremy Travis (Dir.), *Crime and Place: Plenary Papers of the 1997 Conference on Criminal Justice Research and Evaluation*, U.S. Department of Justice Office of Justice Programs, National Institute of Justice, pp. 1-22.
- Tomás, Júlia (2010), *La notion d'invisibilité sociale*, Université Paul-Valéry Montpellier III. https://www.academia.edu/8762434/La_notion_dinvisibilit%C3%A9_sociale.
- Touraine, Alain (2003), *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*, Petrópolis, Vozes.
- Urban Villages Group e Tony Aldous (1992), *Urban villages: A concept for creating mixed-use urban developments on a sustainable scale*, London? Urban Villages Group.
- Urry, John (2002), “Mobility and proximity”, *Sociology*, 36, pp. 255-274.
- Whyte, William (1943), *Street Corner Society: The Social Structure of an Italian Slum*, Chicago, University of Chicago Press

- Wikström, Per-Olof (1995), "Preventing City Center Street Crimes", Michael Tonry e David Farrington (Eds.), *Building a Safer Society: Strategic Approaches to Crime Prevention*, *Crime and Justice Annual* (19), Chicago, University of Chicago Press.
- Wilson, James e George Kelling (1982), *Broken windows: The police and neighbourhood safety*, Boston, The Atlantic Monthly.
- Wirth, Louis (2008, (1938)), "Urbanism as a Way of Life", *The American Journal of Sociology*, (44), 1, pp. 1-24.
- World Health Organization (1946), *Constitution of the World Health Organization*, Basic Documents, Genebra.
- World Health Organization (1980), "Environmental Health Criteria 12. Noise", *American Journal of Industrial Medicine*, 1, 229-232.
- World Health Organization (2004), "The World Health Organization's WHOQOL-BREF quality of life assessment: Psychometric properties and results of the international field trial, A Report from the WHOQOL Group", *Quality of Life Research*, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 13, 299–310.
- Wyne, Derek (1998), *Leisure, lifestyle and the new middle class*, London and New York, Routledge.
- Vanderschueren, Franz (1994), "Prevencion de la criminalidad", *Temas Sociales* 32, pp. 1-11.
- Velho, Gilberto e Eduardo Viveiros de Castro (1978), "O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas: uma perspectiva antropológica", *Artefacto: Jornal de Cultura*, 1, Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura.
- Velho, Gilberto (2000), "Individualismo, anonimato e violência na metrópole", *Horizontes antropológicos*, (6), 13, Porto Alegre, pp. 15-29.
- Zukin, Sharon (1987), "Gentrification: culture and capital in the urban core" Loretta Lees, Tom Slater e Elvin Wyly (2010) (Orgs.), *The gentrification reader*, New York, Routledge, pp. 220-222.

Fontes de consulta

Artigos de jornal

- Belanciano, Vítor (27 de fevereiro de 2009), "As sete vidas do Bairro Alto", *Público*.
- Sobral, Cláudia (4 de abril de 2012), *O Cais do Sodré mudou e os moradores não estão a gostar*, *Público*.

Documentos oficiais

Agência Piaget para o Desenvolvimento (2015), *Programa BIP/ZIP Lisboa – parcerias locais Lisboa 2015*, Habitação e Desenvolvimento Local, Câmara Municipal de Lisboa.

Assembleia Municipal de Lisboa (2014), *Debate sobre o Estado da Cidade*, ata n.º 44, Lisboa

Assembleia Municipal de Lisboa (2015), *Debate sobre o Estado da Cidade*, ata n.º 84, Lisboa.

Assembleia Municipal de Lisboa (2016), *Debate sobre o Estado da Cidade*, ata n.º 122, Lisboa.

Associação de Moradores do Bairro Alto (2012), *Moção Bairro Alto 2012 - Por um Bairro Habitável*, Lisboa.

Comissão para a Promoção de Boas Práticas (2013), *Recomendação sobre a zona do Cais do Sodré, REC/7/CPBP/GAT-CPBP/13*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

Comissão Permanente de Economia e Turismo (2014), *Visita ao Cais do Sodré e Bairro Alto*, Lisboa, Assembleia Municipal de Lisboa.

Fórum Social Mundial (2005), “Carta Mundial para o Direito à Cidade”, *V Fórum Social Mundial*, Porto Alegre.

Provedor de Justiça (2010), *Relatório à Assembleia da República*, Lisboa, Provedoria de Justiça.

Provedor de Justiça (2011), *Relatório à Assembleia da República*, Lisboa, Provedoria de Justiça.

Provedor de Justiça (2012), *Relatório à Assembleia da República*, Lisboa, Provedoria de Justiça.

Provedor de Justiça (2013), *Relatório à Assembleia da República*, Lisboa, Provedoria de Justiça.

Provedor de Justiça (2014), *Relatório à Assembleia da República*, Lisboa, Provedoria de Justiça.

Provedor de Justiça (2015), *Relatório à Assembleia da República*, Lisboa, Provedoria de Justiça.

Provedor de Justiça (2016), *Relatório à Assembleia da República*, Lisboa, Provedoria de Justiça.

Legislação

Aviso n.º 5508/2014, de 30 de abril, *Diário da República*, n.º 83/2014 - *Série II*, Município de Lisboa.

Aviso n.º 13367/2016, de 28 de outubro, *Diário da República*, n.º 208/2016 - *Série II*, Município de Lisboa.

Código Penal (2009), Coimbra, Edições Almedina S.A, 12ª edição.

Decreto-Lei n.º 9/2007, de 17 de janeiro, *Diário da República n.º 12/2007 - Série I*, Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional.

Decreto-Lei n.º 15/93 de 22 de janeiro, *Diário da República n.º 18/1993 – Série I-A*, Ministério da Justiça, Lisboa.

Decreto-Lei n.º 48/96 de 15 de maio, *Diário da República n.º 113/1996 - Série I A*, Ministério da Economia, Lisboa.

Decreto-Lei n.º 10/2015 de 16 de janeiro, *Diário da República n.º 11/2015 - Série I*, Ministério da Economia, Lisboa.

Deliberação n.º 87/AM/97 de 14 de outubro, *Boletim Municipal n.º 191/1997*, Município de Lisboa.

Deliberação n.º 96/CM/2015 de 27 de fevereiro, *Boletim Municipal n.º 1097/2015 - 4º Suplemento*, Município de Lisboa.

Despacho n.º 151/P/2008 de 16 de outubro, *Boletim Municipal n.º 765/2008 - 2º Suplemento*, Município de Lisboa.

Despacho n.º 165/P/2008 de 6 de novembro, *Boletim Municipal n.º 768/2008 – 2º Suplemento*, Município de Lisboa.

Despacho n.º 113/P/2009 de 6 de agosto, *Boletim Municipal n.º 807/2009 – 1º Suplemento*, Município de Lisboa.

Despacho n.º 138/P/2011 de 17 de novembro, *Boletim Municipal n.º 926/2011 – 1º Suplemento*, Município de Lisboa.

Despacho n.º 100/P/2012 de 3 de janeiro, *Boletim Municipal n.º 985/2012*, Município de Lisboa.

Despacho n.º 140/P/2014 de 18 de dezembro, *Boletim Municipal n.º 1087/2014 – 2º Suplemento*, Município de Lisboa.

Despacho n.º 142/P/2014 de 31 de dezembro, *Boletim Municipal n.º 1089/2014*, Município de Lisboa.

Despacho n.º 9/P/2015 de 5 de fevereiro, *Boletim Municipal n.º 1094/2015 – 1º Suplemento*, Município de Lisboa.

Lei n.º 37/2007 de 2 de agosto, *Diário da República n.º 156/2007 – Série I*, Assembleia da República, Lisboa.

Lei n.º 56/2012 de 8 de novembro, *Diário da República n.º 216/2012 – Série I*, Assembleia da República, Lisboa.

Recolha de dados

<https://naminharualx.cm-lisboa.pt>

SEI - Sistema Estratégico de Informação, Gestão e Controlo Operacional da PSP

Sites consultados

www.ine.pt - Consultado em 15 de dezembro de 2015.

www.igeo.pt - Consultado em 15 de dezembro de 2015.

<http://www.apdes.pt/servi%C3%A7os/saude-reducao-riscos-direitos-humanos/checkIn.html>
Consultado em 28 de fevereiro de 2017.

<http://observador.pt/2015/05/25/droga-vendida-na-baixa-lisboa-na-verdade-louro-prensado/>
Consultado em 20 de abril de 2017.

<https://www.facebook.com/AquiMoraGente/> - Consultado em 20 de julho de 2017.

<https://www.facebook.com/AssociacaoCaisDoSodre/posts/240555909410810> - Consultado em 20 de julho de 2017.

http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2003/17/pdfs/ukpga_20030017_en.pdf - Consultado em 30 de setembro de 2017.

<https://www.scribd.com/document/350580016/Over-Saturation-of-Nightlife-is-Toxic-to-the-LES> -
Consultado em 1 de outubro de 2017.

<http://joseadriao.com/portfolio/rua-cor-de-rosa> - Consultado em 9 de outubro de 2017.

www.agendalx.pt/evento/rua-cor-de-rosa - Consultado em 9 de outubro de 2017.

<http://ocorvo.pt/inseguranca-e-trafico-de-droga-continuam-a-marcar-o-quotidiano-do-bairro-alto/> -
Consultado em 11 de outubro de 2017.

<http://lxi2.cm-lisboa.pt> - Consultado em 11 de outubro de 2017.

<https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/youth/Jovens-3.pdf> - Consultado em 24 de outubro de 2017

<http://www.opj.ics.ul.pt/> - Consultado em 24 de outubro de 2017.

http://unicrio.org.br/docs/ivy_portugues.pdf - Consultado em 24 de outubro de 2017.

<http://www.provedor-jus.pt/> - Consultado em 6 de novembro de 2017.

<http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/ruido/mapas-de-ruido> - Consultado em 6 de novembro de 2017.

<http://www.am-lisboa.pt/> - Consultado em 5 e 12 de dezembro de 2017.

<https://www.ucityguides.com/lisbon/> - Consultado em 15 de dezembro de 2017.

<http://xnights.hypotheses.org/> - Consultado em 15 de dezembro de 2017.

<https://www.timeout.pt/lisboa/pt/blog/time-out-city-index-lisboa-eleita-a-cidade-mais-vibrante-da-europa-112616> - Consultado em 18 de dezembro de 2017.

<https://www.homehunting.pt/> - Consultado em 18 de dezembro de 2017.

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/12/estacao-do-cais-do-sodre.html> - Consultado em 18 de dezembro de 2017.

https://en.wikipedia.org/wiki/Olbers%27_paradox - Consultado em 18 de dezembro de 2017.

https://en.wikipedia.org/wiki/Johannes_Kepler - Consultado em 18 de dezembro de 2017.

https://en.wikipedia.org/wiki/Edmond_Halley - Consultado em 18 de dezembro de 2017.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Philippe_de_Ch%C3%A9seaux - Consultado em 18 de dezembro de 2017.

<https://www.google.com/search?q=o+musico+enraivecido&hl=su&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiHybzW0qbbAhWGWCwKHfANA98QsAQIIw&biw=1366&bih=618#imgrc=ah-4cufloRKVmM>: - Consultado em 27 de maio de 2018.

Aplicações tecnológicas

Google forms

Google maps

MAXQDA Qualitative Data Analysis Software

SPSS for Statistical Analysis 24

LISTA DE ILUSTRAÇÕES, GRÁFICOS E QUADROS

Ilustrações

Ilustração 1. Delimitação das antigas freguesias da Encarnação e Santa Catarina	48
Ilustração 2. Delimitação da antiga freguesia de São Paulo.....	48
Ilustração 3. Mapa do Bairro Alto de acordo com Carita (1994).....	51
Ilustração 4. Mapa do Cais do Sodré – designação <i>emic</i> pelo alargamento da vida noturna	56
Ilustração 5. Sistema de videovigilância do Bairro Alto.....	65
Ilustração 6. Rua dos Remolares depois da noite.....	73
Ilustração 7. Mapa de Ruído Global para o período noturno	109
Ilustração 8. Mapa da distribuição das ocorrências no território.....	118
Ilustração 9. Imagens das incivildades denunciadas	129
Ilustração 10. Fotos do Cais do Sodré à noite	160
Ilustração 11. Esquema da posição da investigadora em relação aos grupos de jovens..	163
Ilustração 12. Triângulo do crime	171
Ilustração 13. Lisboa à noite	196

Gráficos

Gráfico 1. Escalão etário da população residente no Bairro Alto e Cais do Sodré	49
Gráfico 2. Número de pessoas por agregado familiar no Bairro Alto e Cais do Sodré.....	49
Gráfico 3. Grau de escolaridade da população residente no Bairro Alto	50
Gráfico 4. Grau de escolaridade da população residente no Cais do Sodré.....	50
Gráfico 5. Queixas à Provedoria de Justiça.....	106
Gráfico 6. Sexo dos inquiridos.....	112
Gráfico 7. Escalão etário dos inquiridos	113
Gráfico 8. Tempo de residência	114
Gráfico 9. Distribuição mensal das queixas	116
Gráfico 10. Ruas com maior número de ocorrências reportadas das ocorrências reportadas	117
Gráfico 11. Dimensão “sensação de bem-estar” - situações que acontecem frequentemente	119
Gráfico 12. Dimensão “sensação de bem-estar” - situações que afetam o bem-estar	120
Gráfico 13. Ruas com maior número de ocorrências que afetam bem-estar dos moradores	121
Gráfico 14. Ruas com maior número de ocorrências sobre incivildades	128
Gráfico 15. Dimensão “sentimento de segurança” - situações que acontecem frequentemente	130
Gráfico 16. Dimensão “sentimento de segurança” - situações que afetam o sentimento de	130
segurança.....	130
Gráfico 17. Ruas com maior número de ocorrências sobre funcionamento dos bares....	136
Gráfico 18. Distribuição do crime pelas horas do dia	177
Gráfico 19. Distribuição do crime pelos meses do ano	178
Gráfico 20. Distribuição do crime por arruamento no Cais do Sodré.....	179
Gráfico 21. Distribuição do crime por arruamento no Bairro Alto	181
.....	181
Gráfico 22. Distribuição do crime por arruamento nas zonas de transição.....	182
Gráfico 23. Nacionalidade das vítimas	186
Gráfico 24. Nacionalidade dos suspeitos	187

Quadros

Quadro 1. Evolução histórica da regulamentação da vida noturna em Nova Iorque	36
Quadro 2. Domínios de avaliação da qualidade de vida	105
Quadro 3. Efeitos do ruído nas pessoas.....	108
Quadro 4. Categorias de análise de Bem-Estar e Sentimento de Segurança.....	115
Quadro 5. Indicadores sobre bem-estar (afetam)	121
Quadro 6. Indicadores sobre incivildades	126
Quadro 7. Indicadores sobre insegurança.....	131
Quadro 8. Indicadores sobre problemas sociais	134
Quadro 9. Indicadores sobre <i>noturnidade</i>	135
Quadro 10. Discursos dos taxistas.....	159
Quadro 11. Crimes cometidos no espaço público entre 2011 e 2016 segundo posição processual dos envolvidos	174
Quadro 12. Classificação estatística dos crimes contra a propriedade por posição processual..	175
Quadro 13. Classificação estatística dos crimes contra a a integridade física por posição processual	175
Quadro 14. Distribuição dos crimes de acordo com o sexo da vítima	183
Quadro 15. Distribuição dos crimes de acordo com o sexo do suspeito	184
Quadro 16. Escalão etário das vítimas por tipo de crime	185
Quadro 17. Vítimas especiais	189

ANEXO I. Ilustração “La strada entra nella casa”

Umberto Boccioni (1911), *La strada entra nella casa*, Hanover, Sprengel-Museum.



Bauer, Franz (2006), “The Chirico as architect: space and void in conceptions of the city between the world wars”, Christian Emden, Catherine Keen e David Midgley (eds.), *Imagining the city*, Bern, Peter Lang, pp. 171-189.

ANEXO II. Ilustração “O músico enraivecido”

william Hogarth (1741), *O músico enraivecido*



<https://www.alamy.pt/foto-imagem-gravura-pelo-artista-britanico-engravador-william-hogarth-1697-1764-musico-enraivecida-1741-84972196.html>

ANEXO III. Questionário aplicado aos moradores do Bairro Alto e Cais do Sodré

QUESTIONÁRIO

ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA VIDA NOTURNA NA QUALIDADE DE VIDA DOS RESIDENTES

Este estudo tem como objetivo compreender em que medida a vida noturna no Bairro Alto e no Cais do Sodré afeta a qualidade de vida dos seus residentes, a partir de duas perspetivas/dimensões de análise: "sensação de bem-estar" e "sentimento de segurança" em relação à sua zona residencial.

1. Caracterização sociodemográfica

1.1.Sexo

<input type="checkbox"/>	Masculino
<input type="checkbox"/>	Feminino

1.2.Local de residência

<input type="checkbox"/>	Bairro Alto
<input type="checkbox"/>	Cais do Sodré
<input type="checkbox"/>	Outro: _____

1.3.Há quanto tempo reside nesta zona da cidade de Lisboa?

<input type="checkbox"/>	Há menos de 5 anos
<input type="checkbox"/>	Entre 5 a 10 anos
<input type="checkbox"/>	Entre 11 a 20 anos
<input type="checkbox"/>	Entre 20 a 30 anos
<input type="checkbox"/>	Há mais de 30 anos
<input type="checkbox"/>	Nasci aqui
<input type="checkbox"/>	Outro: _____

2. Dimensão Sensação de Bem-Estar

2.1. Com que frequência acontecem os seguintes aspetos na sua zona residencial?

	Nunca	Raramente	Algumas vezes (1 vez por mês)	Muitas vezes (todas as semanas)	Sempre (todos os dias)	Não sabe
Atividade comercial noturna	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Música/Karaoke	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tráfego automóvel/buzinas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ruído noturno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Presença de frequentadores do lazer noturno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Odores desagradáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cheiro de comida dos restaurantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lixo no espaço público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fumo de cigarro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consumo de bebidas alcoólicas no espaço público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consumo de drogas no espaço público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Permanência de pessoas nas esplanadas e varandas dos estabelecimentos comerciais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.2. Em que medida a presença dos seguintes aspetos na sua zona residencial podem afetar a sua sensação de bem-estar? (fazem-no/a sentir-se mal)

	Não afeta nada	Afeta pouco	É indiferente	Afeta	Afeta muito	Não sabe
Atividade comercial noturna	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Música/Karaoke	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Tráfego automóvel/buzinas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ruído noturno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Presença de frequentadores do lazer noturno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Odores desagradáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cheiro de comida dos restaurantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lixo no espaço público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fumo de cigarro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consumo de bebidas alcoólicas no espaço público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consumo de drogas no espaço público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Permanência de pessoas nas esplanadas e varandas dos estabelecimentos comerciais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. Dimensão Sentimento de Segurança

3.1. Com que frequência acontecem os seguintes aspetos na sua zona residencial?

	Nunca	Raramente	Algumas vezes (1 vez por mês)	Muitas vezes (todas as semanas)	Sempre (todos os dias)	Não sabe
Estacionamento caótico/em 2ª fila	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atividades suspeitas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Presença de pessoas suspeitas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Roubos; arrombamentos de portas e janelas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Furtos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Venda de substâncias ilícitas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Violações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Presença de pessoas em situação de sem-abrigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vandalismo (danos no património público e privado)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lutas e rixas; distúrbios na via pública	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pessoas alcoolizadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pessoas sob a influência de estupefacientes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prostituição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Permanência de pessoas em frente a prédios residenciais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Patrulhamento policial	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.2. Em que medida a presença dos seguintes aspetos na sua zona residencial, podem afetar o seu sentimento de segurança? (fazem-no/a sentir-se inseguro/a).

	Não afeta nada	Afeta pouco	É indiferente	Afeta	Afeta muito	Não sabe
Estacionamento caótico/em 2ª fila	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atividades suspeitas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Presença de pessoas suspeitas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Roubos; arrombamentos de portas e janelas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Furtos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Venda de substâncias ilícitas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Violações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Presença de pessoas em situação de sem-abrigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vandalismo (danos no património público e privado)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Quando a rua entra em casa

Lutas e rixas; distúrbios na via pública	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pessoas alcoolizadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pessoas sob a influência de estupefacientes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prostituição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Permanência de pessoas em frente a prédios residenciais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Patrulhamento policial	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ANEXO IV. Observações diretas em contexto natural

N.º da observação: 1
Tipo de observação: Exploratória
Data: 03-07-2016
Hora de Chegada: 09:30
Hora de Saída: 11:30
Período do dia: Manhã
Dia da semana: 1º Domingo do Mês
Estação do ano: Verão
Condições climatéricas: Céu limpo, sol, com previsão de 33 graus de temperatura
Palavras-Chave: <i>Cidade de contrastes, cidade-atração, cidade-destruição, cidade-caixa-de-surpresas, cidade-movimento, cidade agradável.</i>
Artérias percorridas: Rua Nova do Carvalho; Travessa dos Remolares; Rua dos Remolares; Travessa de São Paulo; Rua de São Paulo; Rua das Flores; Praça Luís de Camões; Rua do Norte; Travessa da Espera; Rua das Gáveas; Travessa dos Fies de Deus; Rua da Atalaia; Travessa Água da Flor (cruzamento); Travessa da Cara; Rua São Pedro de Alcântara; Largo trindade Coelho; Travessa do Poço da Cidade; Rua do Diário de Notícias; Rua das Salgadeiras; Rua da Atalaia; Travessa das Mercês; Rua da Rosa; Calçada do Combro; Rua do Século; Calçada do Tijolo; Rua Nova do Loureiro; Rua João Pereira da Rosa; Travessa dos Inglesinhos; Rua da Rosa; Largo do calhariz; Largo Luís de Camões; Rua do Alecrim; Rua Nova do Carvalho.

N.º da observação: 2
Tipo de observação: Exploratória
Data: 14-07-2016
Hora de Chegada: 14:30
Hora de Saída: 16:30
Período do dia: Tarde
Dia da semana: Quinta-Feira
Estação do ano: Verão
Condições climatéricas: Céu limpo, sol, com previsão de 35 graus de temperatura
Palavras-Chave: <i>Cidade de contrastes, cidade-atração, cidade-destruição, cidade-caixa-de-surpresas, cidade-movimento, cidade agradável.</i>
Artérias percorridas: Rua do Carmo; Rua Garrett; Rua da Anchieta; Rua Serpa Pinto; Rua Garrett; Praça Luís de Camões; Rua das Gáveas; Travessa dos Fiéis de Deus; Rua da Rosa; Rua da Emenda; Rua de São Paulo; Rua Nova do Carvalho.

N.º da observação: 3
Tipo de observação: Deambulante
Data: 21-07-2016
Hora de Chegada: 23:10
Hora de partida: 2:30
Período do dia: Noite e madrugada
Dia da semana: Quinta-feira
Estação do ano: Verão
Condições climatéricas: Calor
Artérias percorridas: Rua Nova do Carvalho (Rua Cor de Rosa); Travessa dos Remolares; Rua de São Paulo; Rua do Alecrim; Praça Luís de Camões; Rua do Norte; Rua do Diário de Notícias; Rua das Salgadeiras; Rua da Trombeta; Travessa dos Fies de Deus; Rua da Atalaia; Rua da Rosa; Calçada do Combro; Largo Luís de Camões; Rua do Alecrim; Cais do Sodré.

N.º da observação: 4
Tipo de observação: deambulante
Data: 15-02-2017
Hora de Chegada: 23:10
Hora de partida: 1:30

Período do dia: Noite e madrugada
Dia da semana: Quinta-feira
Estação do ano: Inverno
Condições climáticas: Frio e chuvoso
Artérias percorridas: Rua Nova do Carvalho (Rua Cor de Rosa); Rua do Alecrim; Praça Luís de Camões; Rua do Norte; Rua do Diário de Notícias; Rua das Salgadeiras; Rua da Trombeta; Travessa dos Fies de Deus; Rua da Atalaia; Rua da Rosa; Calçada do Combro; Largo Luís de Camões; Rua do Alecrim; Cais do Sodré.

N.º da observação: 5
Tipo de observação: estacionária
Data: 27-02-2017
Hora de Chegada: 23:00
Hora de partida: 1:30
Período do dia: Noite e madrugada
Dia da semana: segunda-feira (Véspera de carnaval)
Estação do ano: Inverno
Condições climáticas: Frio e húmido
Artérias analisadas: Rua Nova do Carvalho (Rua Cor de Rosa); Rua dos Remolares; Rua da Atalaia.

N.º da observação: 6
Tipo de observação: Estacionária
Data: 10-03-2017
Hora de Chegada: 22:30
Hora de partida: 2:30
Período do dia: Noite e madrugada
Dia da semana: Sexta-feira
Estação do ano: Inverno
Condições climáticas: Temperatura amena
Artérias analisadas: Rua da Atalaia; Rua do Diário de Notícias; Rua da Barroca; Travessa da Queimada; Travessa da Cara; Rua dos Remolares e Rua da Ribeira Nova.

N.º da observação: 7
Tipo de observação: estacionária
Data: 08-04-2017
Hora de Chegada: 22:30
Hora de partida: 3:00
Período do dia: Noite e madrugada
Dia da semana: Sábado
Estação do ano: Primavera
Condições climáticas: Temperatura muito agradável para o mês de abril, 22 graus
Artérias analisadas: Rua da Atalaia; Rua do Alecrim; Rua dos Remolares e Rua da Ribeira Nova.

N.º da observação: 8
Tipo de observação: estacionária
Data: 22-04-2017
Hora de Chegada: 22:30
Hora de partida: 3:30
Período do dia: Noite e madrugada
Dia da semana: Sábado
Estação do ano: Primavera
Condições climáticas: Temperatura muito agradável para o mês de abril, 20 graus
Artérias analisadas: Rua da Atalaia; Rua do Alecrim; Rua dos Remolares e Rua da Ribeira Nova.

N.º da observação: 9
Tipo de observação: estacionária

Data: 07-05-2017
Hora de Chegada: 3:00
Hora de partida: 5:00
Período do dia: Madrugada
Dia da semana: Domingo
Estação do ano: Primavera
Condições climatéricas: Temperatura agradável, ligeiramente húmido
Artérias analisadas: Rua dos Remolares; Travessa dos Remolares; Travessa da Ribeira Nova